

J. MARQUESI

AUTORA BEST-SELLER

ONDA *azul*

3022
editora



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © JU MARQUESI, 2019
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Editor Patrícia Azevedo

Assistente Editorial Larissa Araújo Mafra

Revisão Milena Assis

Ilustração Layce Design

Imagem www.adobestock/777129562

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



*A todos aqueles que superam cada obstáculo para ser
feliz e aos que lutam por um mundo sem preconceitos,
igualitário, empático e justo.*

J. Marquesi



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

A Deus, sempre!

A minha família pelo apoio incondicional, pelas horas loucas em trabalhei nesse livro, pela compreensão aos convites negados e ausências.

A Wilka Andrade (minha Kika) por ser essa amiga tão presente (mesmo longe) em todos os momentos, participativa, aconselhadora e por segurar as pontas quando precisei me concentrar só em Bernardo, Helena e Heitor. Muito obrigada, Xuxu!

A Analine Borges Cirne, amiga querida que sempre cobrou um livro para o Bernardo e quase me matou quando contei como ele viria, mas depois se encantou com o enredo. Ana, espero que goste dessa história! Obrigada pela amizade, Pretinha!

A Adriana Correia por me auxiliar

compartilhando comigo relatos, experiências e ajudando-me com material sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista). Você é uma guerreira, Dri, obrigada!

Às minhas Jujubetes, todas unidas no potinho das Jujubas, nosso grupo especial que se tornou uma família, um lugar de encontro para dividirmos nosso amor pelos livros, nossa vivência e tudo o mais que nossa liberdade nos permita! Amo cada uma de vocês! Obrigada pelo apoio!

Aos queridos leitores do Wattpad que queriam muito conhecer a história inédita da família Villazza. Espero que tenham gostado, muito obrigada pelo incentivo!

A toda equipe da 3DEA Editora que cuidou desse livro e o deixou lindo para que você pudesse conhecer mais essa história! Muito obrigada!

E, claro, a você que leu e se emocionou com essa linda história de amor (em várias formas) e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

superação!

#GratidãoSempre

J. Marquesi

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Bernardo

Sardenha, Itália, dois anos antes.

Se existe um momento em que guardarei para sempre na memória, é este! Penso ao ver Giovanna vestida de noiva, conversando entre suas madrinhas, Mia — minha sobrinha — e nossos pais.

Nossos pais!

É, meu amigo, minha família virou um imbróglio só, mas nada no mundo pode me deixar mais feliz do que todo esse *mix* de irmãos, que são meus cunhados também, que ganhei. Ah, você não conhece a história?! Vou resumir!

Giovanna Villazza, essa linda loira com enormes olhos azuis que está terminando de se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aprontar para casar-se com Nicholas Smythe-Fox, é minha irmã consanguínea. Nós temos o mesmo pai, embora só tenha tomado conhecimento disso há alguns anos, quando ela apareceu em nossas vidas para destruir minha família. Parece mau isso, não é? Pois é, foi!

O desejo de vingança cobrou seu preço, não só do meu pai que quase morreu mas também do meu outro irmão, esse por parte de mãe, Nicholas. Os dois acabaram se envolvendo durante a execução da vingança de Gio e se apaixonaram. Acho que, de todos, eles foram os que mais sofreram.

Ficaram três anos separados, mas voltaram a se unir quando meu irmão descobriu a existência de Mia — minha sobrinha —, depois que ela e a mãe foram sequestradas por um homem disposto a tudo para fazer com que as duas famílias — Villazza e Novak — o tornassem um homem rico.

PERIGOSAS ACHERON

Sinceramente, não sei se este momento que estou presenciando aconteceria caso não houvesse a intervenção do Hans Baden, gostaria de pensar que sim, embora reconheça que Gio e Nick são teimosos e orgulhosos.

Meu telefone acusa o recebimento de mensagem e confiro ser mais uma de meu irmão, isolado no outro canto da enorme mansão familiar dos Villazzas, pedindo que eu confirme com o pessoal do cerimonial se sua surpresa à noiva está pronta. Bufo, tomo o resto do uísque e saio da sala a fim de procurar alguém do serviço.

Não quero participar disso, mas como negar o pedido do meu irmão que quer fazer uma surpresa para minha irmã? *Ai, caralho, preciso dar um jeito de falar nisso sem parecer incesto!* Vou até o meu quarto olhar novamente a cifra e a letra que ele me deu e que ignorei achando que ele ia esquecer essa merda.

Eu não gosto de sertanejo, não mesmo! Juro que tentei convencê-lo a deixar a *marcha nupcial* tocar como tradição na entrada da Gio, mas ele infernizou minha vida com a ideia da surpresa e, por medo de se emocionar demais e não conseguir cantar, pediu que eu desse cobertura a ele.

Pego a impressão com as cifras e vou balbuciando a letra pelo corredor, sem olhar muito bem onde aquele enorme corredor ia dar. Obviamente, bati com a cara numa porta dupla, e ela se abriu, revelando o interior de uma enorme suíte decorada para os recém-casados.

Fico um tempo parado, olhando cada detalhe que o cerimonial preparou. O chão coberto com pétalas de rosas, a cama muito bem ornamentada toda em branco também com algumas flores salpicadas sobre a colcha. Uma mesa romântica com balde para champanhe, taças e doces finos — provavelmente os mesmo que

PERIGOSAS ACHERON

seriam servidos aos convidados.

Vou confessar uma coisa a vocês, tenho um ponto fraco: chocolate! Desde criança, sou um chocólatra assumido, tanto que já tive muita dor de barriga de tanto comer. O cheiro dos doces faz meu estômago roncar e minha boca enche d'água. Sei que é uma tremenda babaquice roubar um bombom da mesa romântica da lua-de-mel dos noivos, mas quem irá saber? Um só não vai matar Gio e Nick de fome, não é?

Fico um tempo decidindo qual irei pegar e, no exato momento em que pego um bem escuro — provavelmente de chocolate amargo como gosto —, escuto alguém pigarrear.

Viro-me assustado como uma criança pega em flagrante delito e o bombom é lançado longe, caindo exatamente no decote do terninho de uma das cerimonialistas.

Putá que pariu!

Como não falo italiano e — até onde eu sei — o bufê foi contratado pela dona Silvia Villazza, terei que me desculpar com a moça em inglês e torcer para que ela entenda.

— *My apologies!* — Sorrio, jogando meu charme para ela, que, por sinal, é bem bonita. — I was...

— Eu falo português, senhor Toledo. — Ela soa séria e contrariada. — Ninguém pode entrar nesse quarto e... — Tenta resgatar o bombom de seu decote, mas não consegue. — Os doces são para a degustação dos noivos, então, se fizer a gentileza de sair, eu vou fingir que não o encontrei aqui bisbilhotando.

Ergo as sobrancelhas para ela admirado com sua bronca, falando comigo como se eu fosse uma criança em apuros. Cruzo os braços sobre o peito e mantenho meus olhos fixos nos dela.

— Não estou bisbilhotando, senhorita...

— Helena Santorini.

— Como dizia, senhorita Santorini, não estava bisbilhotando. — Caminho até ela. — Eu estava mesmo precisando falar com alguém do serviço do cerimonial, se a senhorita puder fazer a gentileza de me indicar a pessoa responsável, eu...

— Sou eu a pessoa responsável! — Ela me encara, e eu, já bem perto dela, percebo seu rosto perfeito.

Apesar do terninho creme, Helena Santorini, é uma sereia, com certeza. Pele bronzeada, os olhos grandes e levemente puxados nas extremidades, com longos cílios — embora hoje em dia a maioria seja falso — e uma boca carnuda e vermelha que só me faz pensar em beijos muito molhados.

Ela me parece jovem demais para ser a responsável por organizar um casamento do porte e com o orçamento como é o da minha irmã.

— Hum, você é a responsável... — Ela franze o cenho. — Tem certeza?

Ela bufa impaciente.

— O que o senhor deseja afinal?

Brou, imagina uma mulher como acabei de descrever — linda — te perguntando uma coisa dessas! O que é ela acha que eu vou pensar? Olho-a detalhadamente dessa vez, tentando ver além do ridículo uniforme e lembro-me que ela está em posse de algo que eu quero muito!

Sem pensar direito, levo minha mão até seu decote a fim de pegar o bombom, porém, antes que eu sequer encoste no tecido de blazer, ela desfere um tapa — extremamente forte para uma mulher miúda como ela — em meu rosto e cambaleio para trás surpreso.

— Que porra é essa?! — Pergunto, sentindo minha face esquerda arder.

— Nunca mais tente me tocar de novo! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Fala entredentes, visivelmente nervosa.

— Eu não ia fazer nada, só ia ajudar a pegar o bombom e...

— Isso é assédio, seu surfista mauricinho!

Eu rolo os olhos achando essa parada de assédio o maior *mi-mi-mi* que eu conheço. Porra, isso está ficando chato!

— Assédio é o caralho! Para de ser tão “modinha”.

Helena arregala os olhos.

— Modinha?! É sério o que ouvi? —
Balança a cabeça. — Eu devia processar você depois dessa, me tocar sem meu consentimento é assédio, sim! É por pensamentos como esse seu que tem tanto homem por aí achando que o corpo de uma mulher é área livre para seu prazer, independente de consentimento ou não.

— Não tentei te estuprar, sua louca!
Feministas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha, já vi que você entender que agiu errado é impossível e, sinceramente, tenho trabalho a fazer, então, façamos o seguinte: você finge que nunca me viu, e eu tento esquecer o grande machista que você é, ok?

— Você só pode ser louca! — Ela aponta a saída do quarto. — Com prazer!

Caminho para fora, mas vejo a folha com a música que Nick quer cantar no chão. *Merda!*

— Antes... — Escuto-a respirar fundo. — Meu irmão quer fazer uma surpresa para a noiva. — Helena me olha. — Então, ao invés da marcha nupcial, ele quer cantar e tocar para ela...

— Isso deveria ter sido comunicado antes! — Replica. — Como você espera que os músicos aprendam a tocar uma música fora do repertório deles? Sem contar em toda nossa programação de tempo e na logística de ter um instrumento, microfone e pedestal para seu irmão no altar!

PERIGOSAS ACHERON

A mulher é bonita, mas é um porre, verdade seja dita!

— *Meu*, é o desejo do *noivo*, você entende a importância que essa música tem para eles? — Vejo-a titubear. — Você não deve fazer ideia do que eles já passaram para estarem juntos nesse momento, então não fode o dia dele!

Ela estende a mão apontando a folha, e eu a entrego.

— Hum, conheço a música. — Devolve-me a folha. — Vou reunir os musicistas na sala de música, e você irá ensaiar com eles enquanto eu mudo a programação e faço os ajustes necessários.

— Você é bem mandona, né? — Mais uma vez, ganho um rolar de olhos.

— Não é o desejo do noivo? Então você, como padrinho e irmão, deve fazer de tudo para realizá-lo. — Ela pega o celular. — Você tem 10 minutos para encontrá-los na sala de música, no PERIGOSAS ACHERON

térreo.

Põe o celular contra a orelha e dispara uma conversa em italiano enquanto olha o quarto de núpcias. A voz dela, melodiosa e ainda mais sexy naquele idioma, deixa-me hipnotizado e eu fico paralisado no lugar.

— Ei, surfista, tem água nos seus ouvidos?

— Ela grita para mim. — *Andare via!*

Saio de lá o mais rápido que posso, impulsionado pela voz de comando daquela mulher. Balanço a cabeça ao pensar no encontro e um arrepio cruza meu corpo ao imaginar que ele é um prenúncio do que será a surpresa do Nick para a Gio.

Desastrosa!

Encontro a sala de música e, como para provar a competência da morena mandona, todos os músicos já estão a postos, e uma outra moça, usando o mesmo uniforme do cerimonial, entrega a

PERIGOSAS ACHERON

eles partituras da música que o Nick vai cantar.

— Como foi que ela fez isso? — Inquiro bem surpreso.

— Impressão remota! — Um dos músicos, também brasileiro, responde. — Ela deve ter mandado do celular dela para a impressora que trouxe. Helena faz tudo com aquele celular!

Ainda aturdido com o expediente e a rapidez dela, balanço a cabeça lembrando do tapa que me deu e do desprezo em sua voz. Ela me chamou de que, mesmo? Ah, sim, *surfista mauricinho!*

Tenho vontade de rir do xingamento dela, mas é só então que percebo que ela sabia quem eu era desde o começo, não precisei me apresentar, além disso, conhecia minha profissão.

Sento-me ao piano decidido a deixar essa história de lado e começo minha tortura sonora, tocando sertanejo com um quarteto de cordas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo pela felicidade dos meus irmãos!

PERIGOSAS ACHERON

Um

Bernardo

São Paulo, tempos atuais

O despertador berra ao meu lado, o som estridente vai se elevando à medida em que o tempo passa, e eu não o paro; apenas ignoro o alarme, os olhos já abertos há muitas horas e a mente viajando em cenas que nunca poderei compreender.

Balanço a cabeça e, por fim, respiro fundo, resgatando o aparelho celular na mesinha de cabeceira e encerrando o alarme. Fecho os olhos e mentalizo um agradecimento à vida, à oportunidade que recebi mesmo em meio a tantas dores, ao prazer que é continuar a fazer o que amo, independentemente da situação. Sorrio ao pensar no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mar, na viagem que farei a alguns minutos, descendo a serra em direção ao Guarujá, onde verei novamente a esperança se transformar em realização.

Afasto o lençol que me cobre e sento-me na beirada da cama, olhando meu quarto — tão diferente do que o que eu tinha na casa dos meus pais — mais adulto, porém ainda conservando o meu amor pelo esporte em forma de fotos tirada pelo meu irmão e emolduradas pela minha irmã, coisa que eu percebi que a família dela ama fazer.

A última colocada na parede é do campeonato mundial de surfe adaptado, no qual fui campeão individual e por equipe. A foto que Nick tirou do exato momento em que eu fiz um *grab rail*^[1] é impressionante, mas não é minha favorita. Ao seu lado, há uma, a única que eu pedi a eles que deixassem colorida, da equipe que representou o país no campeonato.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração se enche de orgulho e saudade de cada um ali, com um enorme sorriso no rosto, mas trazendo consigo mesmo a marca de cada obstáculo e superação vencido para chegar até aquele momento.

Estico meu corpo espreguiçando-me, massageando minhas pernas, relaxando meus ombros para então buscar meu *liner* e calçá-lo ao coto de minha perna direita. Eu optei por não dormir com a prótese, pois já fico a maioria do tempo com ela fixa em mim, então, toda manhã ao acordar, preciso ter esse tempo para colocá-la no local com conforto e segurança.

Assim que termino de colocar o *liner*, que é uma proteção de silicone que protege e ajuda a fixar prótese, eu pego o borrifador com água e umedeço levemente os anéis de contato, para só então encaixar a prótese. Feito isso, levanto com toda confiança e sigo para o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

Nem sempre foi assim, confesso, mas faço uso da prótese desde que tive que amputar parte da perna, há exatos dois anos hoje.

Olho-me no espelho, meus cabelos revoltos e o rosto ainda amassado do travesseiro. Esses dois anos até aqui não foram nem um pouco fáceis, mas ajudaram a construir o homem que me tornei. O acidente mudou minha vida, transformou minhas certezas arrogantes, modificou o jeito que eu enxergo a vida.

Primeiramente, eu tive que *me* aceitar. Assim que acordei no hospital, na UTI, eu soube que minha vida havia dado uma guinada. Eu não me lembro do acidente, só sei que era madrugada e eu estava vindo de uma festa, tinha bebido pouco exatamente porque iria pegar estrada, pois o evento fora em Guarulhos. Só lembro de estar chegando em São Paulo, o farol de um cruzamento abrir e tudo se apagar. Segundo o relatório da polícia, meu

PERIGOSAS ACHERON

carro foi atingido por um modelo grande no lado do motorista, e ele fugiu após o acidente. Foi feito o levantamento de todas as câmeras do local, mas tudo o que conseguiram ver foi uma caminhonete avariada saindo a toda velocidade.

Eu quebrei o fêmur da perna esquerda, mas a direita ficou presa entre as ferragens, o que danificou ligamentos e ossos, tendo que ser feita uma amputação transfibial, abaixo do joelho.

Naquele primeiro dia internado, cheio de platina em uma perna e sem parte da outra, eu pensei que minha vida tinha acabado. Pratico esportes desde que me reconheço por gente e tudo o que eu pensei foi que nunca mais poderia estar sobre uma prancha de surfe ou um skate.

Se não fosse todo o apoio da minha família, dos meus amigos, eu teria entregado os pontos e mergulhado na mais profunda depressão. Tive acompanhamento psicológico, além de

PERIGOSAS ACHERON

profissionais de fisioterapia e ortopedia. Tudo o que eu quis no primeiro ano foi saber se eu voltaria a surfar, mesmo sem ter começado a andar.

A vontade de voltar para o mar era o que movia a cada dor, a cada etapa e obstáculo que vencida. Não foi fácil, ainda não o é, mas eu persisti por um sonho, mesmo achando-o impossível.

Depois que tirei todos os pinos da perna esquerda, foi que efetivamente comecei a reabilitação. Já havia preparado o coto direito, com muita fisioterapia, fortalecendo o local da cirurgia para aguentar a prótese. Esperei que a outra perna estivesse apta a dar os primeiros passos e calcei minha prótese pela primeira vez.

Caminhei com dificuldade, segurando ainda nas barras paralelas em passos contados, sem efetivamente me pôr em marcha. A dor era lancinante, mesmo a prótese sendo leve, toda em fibra de carbono, e com pé biônico, parecia que eu

PERIGOSAS ACHERON

arrastava uma bola de ferro.

Lembro de ter chorado muito aquele dia, desesperado, pensando que, se eu mal conseguia me manter de pé e caminhar, quiçá conseguiria surfar. Mais uma vez, o apoio da família foi primordial, e Nick me aconselhou a buscar um grupo de apoio, a falar com quem teve as mesmas experiências que eu e isso foi um divisor de águas para mim.

No grupo, conheci o François Gillen, um francês casado com uma brasileira, surfista como eu, cujo braço esquerdo havia sido amputado após um ataque de tubarão. Ele foi meu suporte e apoio, assim como Joana, sua esposa, que estava se especializando em psicologia esportiva para poder trabalhar com atletas que sofreram algum tipo de mudança que afetou o desempenho ou mesmo o modo de executar o esporte.

Foi com eles que voltei até a praia, ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

inseguro, depois de deixar as muletas e começar a caminhar sozinho. Viajei com Fran para fora do país, para a Áustria, e trouxemos de lá as melhores próteses esportivas disponíveis e foi usando uma que eu pisei na areia da praia no Guarujá e chorei feito um menino por estar de volta ao meu lar.

Eu teria que começar do zero, afinal minha carreira como surfista de ondas gigantes acabara, mas o amor pelo mar ainda estava intacto dentro de mim.

Em pouco tempo, eu estava na água, em cima de uma prancha, mesmo ainda deitado sobre ela, mas flutuando, sentindo o balanço das ondas, me reintegrando ao mar. Foi naquele momento que eu pensei em quanto eu era sortudo por poder estar de volta e nas pessoas que nunca puderam voltar por falta de grana ou naquelas que nunca conheceram a maravilha de surfar por ter algum tipo de deficiência que os impedia.

PERIGOSAS ACHERON

A deficiência não limitou meu amor ao surfe e, por isso, quis mostrar a todos que o esporte é um meio de inclusão, compartilhando o que sabia com quem achava que nunca estaria sobre uma prancha.

No mesmo dia, falei com François e com a Joana e os dois toparam bolar um projeto comigo que desse acessibilidade ao mar e ao esporte. Voltando para São Paulo, conversei com meu pai, ainda na diretoria executiva da Novak, e com minha mãe, presidente da Fundação Ivan Novak, e os dois prontamente toparam em investir no projeto.

Eu não preciso nem dizer que meu irmão — um reconhecido engenheiro filantropo — ficou com um enorme sorriso no rosto ao perceber que, enfim, o *malandro* dos Novak, estava pensando no próximo. Isso me fez ver quão frívola a minha vida era e que a empatia que o Nick possuía, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

sem estar na mesma condição que as outras pessoas que ajudava, só se despertou em mim quando fui atingido por uma situação que me equiparou.

Há um ano, depois de muito planejamento, vários parceiros, voluntários e apoiadores, nasceu a WaveAccess, uma fundação sem fins lucrativos cujo objetivo é a inclusão de portadores de necessidades especiais no universo do surfe, através de aulas, competições e, principalmente, a consciência ambiental e corporal que o esporte proporciona.

Esse é o motivo pelo qual levanto ainda na madrugada às sextas-feiras, pego a estrada para o litoral e fico todos os finais de semana na casa da minha família no Guarujá. Pode parecer muito trabalhoso ficar indo e voltando, porém é necessário por causa do meu trabalho. Sou formado em comunicação social, mas só exerci durante um breve período em que trabalhei na FIN —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fundação Ivan Novak — com minha mãe. No entanto, ainda quando estava concebendo o projeto do surfe inclusivo, recebi uma proposta de um canal por assinatura para trabalhar na redação de um programa sobre esportes radicais, exatamente por conta da minha experiência com as ondas gigantes.

Minha vida realmente recomeçou e, por mais estranho que possa parecer essa afirmação, eu sinto como se estivesse começando a viver de verdade agora.

Chego ao Guarujá bem cedo, satisfeito ao ver o sol brilhando em um céu quase sem nenhuma nuvem. Primeiro, vou direto até a sede do Projeto, onde François já deve estar separando todo equipamento, pondo na caminhonete, para irmos

PERIGOSAS ACHERON

até a praia.

Meu amigo, mais de uma década mais velho que eu, acena quando eu me aproximo com o carro. Junto com ele estão os outros dois funcionários de suporte, que ajudam com o transporte e montagem de todo o material, e alguns dos voluntários que toda semana aparecem para contribuir com a causa.

Desde que começamos, os voluntários vêm aparecendo cada dia mais. Alguns estão conosco desde a primeira semana, mas tem também os que aparecem em temporadas e os que só vêm algumas semanas e depois desistem.

Há, no projeto, uma diversidade de pessoas que se voluntariam para nos ajudar. De várias áreas, uma mistura de profissões como: professores de educação física, fisioterapeutas, terapeutas, advogados, pedreiros e donas de casa. Todos unindo esforços e acreditando que a prática esportiva motiva e ajuda cada um a seguir em

PERIGOSAS ACHERON

frente, mesmo diante da dificuldade que é ser portador de necessidades especiais nesse país.

— Bom dia! — Cumprimento a cada pessoa por quem eu passo até encontrar com Fran na entrada da sede. — Bom dia! O clima está perfeito hoje!

— Começo de verão, Bê! — Ele responde animado, arrastando o “erre” com seu sotaque carregado. — Hoje temos um bom número de voluntários. — Aponta para as pessoas recebendo orientação de Olavo, um dos nossos funcionários.

— A tendência é essa! Quanto mais o tempo esquentar e o pessoal começar a descer nos finais de semana, mais voluntários teremos.

Joana, a esposa do Fran e uma das organizadoras do projeto, chega com um copo de chá na mão.

— Bom dia! Aceita chá de hortelã? — Nego fazendo careta, e ela dá de ombros. — O café

também está pronto.

— Abençoados Etíopes! — Brinco. — Jo, você não convenceu nem seu marido a consumir seus chás. — Fran geme ao perceber que virei a bazuca “anticafeína” em sua direção. — Eu prefiro bebidas mais fortes e, como está muito cedo para tomar uma gelada, vou de café!

Entro na WA — modo que todos se referem à fundação — e vou direto até a cafeteira. Enquanto bebo o café, olho com orgulho o local que compramos há pouco mais de um ano. O local era um bar numa ruela estreita no caminho da praia. Estava caindo aos pedaços, precisou ser todo reformado, mas hoje conta com a sala administrativa — onde Fran e Olavo trabalham todos os dias, além de um depósito de equipamentos e a sala azul, onde são revezados os atendimentos em psicologia — área de Joana — e em fisioterapia — área da Mara, outra funcionária.

Nossa equipe conta com 5 funcionários fixos: François, Joana, Olavo, Mara e Cássio, cada um exerce várias funções dentro da fundação, dentro de suas áreas de formação e se voluntariando em outra. François é professor de educação física, mas como Presidente também faz trabalho administrativo. Joana é psicóloga esportiva e, além dos atendimentos, ajuda na promoção de eventos e na angariação de fundos. Olavo é administrador de empresas e cuida — junto com Fran — de toda parte financeira da fundação. Mara é fisioterapeuta e ajuda nas aulas, pois também é surfista. E, por fim, temos o Cássio, que é o nosso faz-tudo, encarrega-se de desde trabalhos pesados até a mobilização dos voluntários.

Eu, embora seja da diretoria, abri mão de qualquer remuneração e cuido das aulas, torneios e competições, onde funciono também como uma espécie de olheiro para aqueles que têm alto nível

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para integrar a equipe brasileira que disputa fora do país. Além disso, ajudo a promover a imagem da WA, embora nossa conta seja gerenciada — gratuitamente — pela agência Ello, cujos donos são amigos queridos e ex-sócios da minha irmã.

Termino o café e respiro fundo, agradecendo mentalmente à vida por mais um final de semana de realizações e muitos sorrisos. Eu tenho consciência de que a luta pela acessibilidade está longe terminar, no entanto creio que, a cada conquista, ela vai ficando mais leve e as pessoas tomando consciência de que o diferente também deve ser visto e respeitado.

PERIGOSAS ACHERON

Dois

Bernardo

O mar é minha casa!

Deitado sobre a prancha, remando calmante contando as ondas, eu sinto todo meu corpo tomar conhecimento do que os meus olhos já veem. Há um frisson que toma conta de mim toda vez que entro na água, como se estivéssemos em sintonia, a natureza e eu. Não posso dizer que isso seja novidade, pois, desde pequeno, quando vinha ainda em fraldas para cá, o mar sempre me chamou para ele; no entanto, ter quase perdido a possibilidade de senti-lo em mim de novo tornou tudo ainda mais forte.

É uma sintonia, eu assumo. O mar, para mim, tem cheiro de amor, de prazer e de entrega. O

sal agarrado na pele, o aroma da maresia, a leveza da água, tudo isso exerce um enorme deslumbramento.

Depois de passar pela arrebentação, sento-me sobre a prancha, uma perna para cada lado dela, e olho para o horizonte. Respiro fundo e fecho os olhos, deixando os raios do sol aquecerem minha pele e acordarem todos os meus sentidos. Os sons, das ondas quebrando na praia, das aves e das pessoas, fazem parte do momento de reflexão que sempre tiro antes de surfar.

Eu respeito o mar.

Amo o mar!

Por muitos anos, estive desafiando-o, buscando quebrar recordes, caçando a onda gigante perfeita. Ainda assim, mesmo com essa nossa pequena disputa, eu sempre soube que não era nada diante da magnitude dele. O mar me permitia realizar todas as coisas que fiz, e eu o entendia

PERIGOSAS NACIONAIS

quando essa permissão não era dada.

Guio a prancha para estar de frente para a praia e aguardo a chegada da primeira onda na qual irei pegar a minha carona do dia. Fico vigiando, olhos vidrados em cada movimento do mar e, quando percebo que ela finalmente chega, sorrio alegre, voltando a me deitar e já iniciando a remada mais forte.

Quando sou atingido, minha prancha fica leve, e eu, imediatamente, levanto-me, mantendo o equilíbrio e aproveitando cada instante daquela onda perfeita, a primeira do meu dia.

Não faço grandes manobras, apenas aquelas que qualquer surfista iniciante consegue executar e deixo a espuma da arrebentação me levar, mansamente, até a areia.

— *Bora* começar os trabalhos! — Grito animado para a equipe, saindo da água com a prancha debaixo do braço.

PERIGOSAS ACHERON

— Temos crianças novas hoje. — Joana aponta. — Nem preciso dizer o quanto Fran e o Olavo estão felizes com isso.

Concordo com ela, vendo meu amigo colocando etiquetas com nomes nos menores enquanto Olavo conversa com alguns pais e responsáveis.

É impossível não notar a alegria de um pequeno quando se encontra com o mar, principalmente aqueles que eu percebo que não tiveram essa oportunidade antes. Uma menina passa por mim gargalhando na cadeira anfíbio, sendo guiada por uma das voluntárias enquanto sua mãe tem um celular filmando e olhos marejados.

Retenho o fôlego ao assisti-la tendo contato com a espuma das ondas pela primeira vez, seus sons traduzindo toda a excitação e surpresa. Nem preciso dizer o quanto isso mexe comigo! É vida, é o que o mar representa para mim, é o que eu amo

PERIGOSAS ACHERON

compartilhar.

O surfe e esse projeto visam muito mais do que apenas aulas para deficientes. A ideia sempre foi repassar o que aprendemos com o mar, a consciência ambiental e a saúde, não só do corpo mas também da mente. A cada criança ou jovem que chega até nós, isso o que tentamos deixar marcado em suas vidas: o respeito pela natureza.

O número de cadeiras anfíbios na praia aumenta, todas elas tendo acesso melhor por causa da passarela compactada que fizemos assim que chegamos. Deixar a areia o mais plana e compacta possível facilita não só o acesso das cadeiras, como também de quem usa próteses, muletas ou mesmo tem qualquer dificuldade de equilíbrio.

— Separei os grupos — Fran anuncia ao se aproximar. — Bernardo, você vai ficar com os iniciantes, hoje e amanhã. — Eu concordo. — Eu fico com a galerinha com mais experiência, e a

PERIGOSAS ACHERON

Mara e o Olavo, com os cadeirantes.

— Temos novos membros na turma de iniciantes? — Pergunto curioso.

— Sim! — Ele parece exultante. — Um garoto amputado de oito anos e um outro com autismo que virá amanhã, mas a mãe ligou para saber do projeto.

— Está certo.

Vou até o local onde as pranchas estão na areia, todas umas do lado das outras. É sempre assim que qualquer surfista começa, em terra. É engraçado, mas aprendemos as posições, ponto de equilíbrio e as técnicas básicas na areia, depois entramos no mar. No surfe adaptado, esse momento é ainda mais importante, pois temos que estudar a limitação de cada um e entender como o movimento se dará para que consiga ficar sobre a prancha.

Cumprimento meus alunos, alguns já

conhecidos da semana passada, e me pego satisfeito em saber que, durante aquela hora de treino, eles esquecerão de tudo e só se concentrarão em aprender o esporte, como qualquer outra criança.

O sol já está se pondo quando saio da sede da WA. O dia foi muito produtivo, os alunos iniciantes de quem fiquei a cargo eram dedicados e estavam realmente ansiosos para aprender, o que supera qualquer dificuldade.

A vontade, a gana de querer fazer, é o que move o atleta, seja ele profissional ou amador. Eu vi esse sentimento, esse desejo, em cada rostinho ali naquela praia. Claro que, em alguns momentos, via desânimo e dificuldade também, afinal o início não é fácil para ninguém, mas o que importava era que, a cada problema, via que eles me olhavam

PERIGOSAS ACHERON

como exemplo e isso foi incrível.

É uma viagem metafísica o prazer que tenho de servir de exemplo aos pequenos que fazem parte da minha turma. Nunca poderia imaginar estar nesse lugar, nem mesmo gostar de ser exemplo de algo, entretanto sou e me orgulho disso. Não por me achar perfeito, mas por saber que eles veem em mim um igual e isso os motiva a dar o melhor de si mesmos.

— Chopinho no bar? — Fran pergunta-me.

— Partiu! — Respondo animado, pondo minha prancha na caçamba do meu carro. — Vou em casa tirar um pouco do sal e nos encontramos lá.

Ele acena em concordância e me despeço de todo o pessoal, mesmo sabendo que os irei encontrar em breve no barzinho que sempre confraternizamos.

Dirijo até o condomínio onde fica a casa

PERIGOSAS ACHERON

dos meus pais, uma enorme construção que guarda tantas lembranças boas que vêm à tona toda vez que retorno. O local é todo cheio de fotos, a maioria tiradas pelo Nick, revestindo as paredes dos corredores, emolduradas ou mesmo em retratos sobre os móveis.

Contudo, não são as imagens ali que despertam em mim as lembranças da infância e da adolescência, são os aromas!

Eu sou louco pelos cheiros daquela casa. O cheiro gostoso da grama recém-cortada na entrada e no jardim dos fundos; o cheiro da lenha do fogão na área gourmet ou mesmo do carvão da churrasqueira; o cheiro da essência de eucalipto da sauna que vovô sempre fazia quando acordava; das flores com as quais mamãe fazia seus arranjos na sala de jantar.

São tantos aromas que cada memória me desperta que é como se eu estivesse realmente os

PERIGOSAS ACHERON

sentindo. Se um dia alguém me perguntasse como eu resumiria minha infância, certamente descreveria esses cheiros.

Estaciono o carro na garagem e sigo para o meu quarto, no andar superior da construção, entrando direto na ducha. Há uma funcionária na casa, Elenice, que trabalha duas vezes na semana, limpando e ajeitando as coisas por aqui, ela sempre abastece a geladeira semanalmente para mim, sabendo que fico aqui todos os finais de semana.

Além disso, minha roupa de cama está sempre limpa e cheirosa, bem como as toalhas de rosto e de banho. No começo, quis argumentar que não havia a necessidade de ela fazer isso, porém, após protestos, acabei cedendo e, confesso, acostumando-me à mordomia de chegar aqui e estar tudo limpo e organizado.

Durante alguns anos da minha vida, eu me hospedei em qualquer lugar que tivesse um canto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para cair e dormir, sem me importar com mais nada além das ondas gigantes as quais perseguia. Nunca fiz questão de luxo e conforto, só precisava ficar o mais perto possível do mar, esse era meu único requisito.

Saio do banho, coloco uma bermuda e uma *t-shirt* e ligo para casa.

— Bê! — Minha mãe, Cecília, atende. — Como foi hoje?

— Oi, mãe! — Rio. — Foi ótimo! O tempo apenas começou a esquentar e a praia já estava cheia de alunos e voluntários, muito foda!

— Ah, Bê... — Ri do meu palavrão. — Nicholas me disse que vai descer contigo semana que vem, está sabendo dessa novidade?

— Sim, ele comentou comigo que viria, só não havia dito quando. — Respiro fundo. — Como ele está se saindo na empresa agora que papai decidiu sair de vez?

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe suspira também, e eu já imagino não está sendo fácil para meu irmão reassumir a função de diretor executivo da Novak.

Nick nunca gostou desse trabalho burocrático, sempre preferindo cuidar das obras e projetos a lidar com a papelada. Há anos, quando papai decidiu ser candidato a governador de São Paulo, meu irmão teve a experiência de ficar à frente da *holding*, mas saiu assim que o escândalo do passado de meu pai foi revelado.

Agora, com o haras se consolidando, eu tenho certeza de que ele não queria essa função de volta, ainda que entenda que, como o neto mais velho de Ivan Novak, isso faz parte de seu legado.

Nunca o invejei nesse aspecto! Não há nenhum interesse de minha parte para exercer qualquer função na empresa, apenas participo de reuniões de acionistas e algumas decisões do conselho, é a minha contribuição como um dos

PERIGOSAS ACHERON

herdeiros e acho que está de bom tamanho.

Redescobri-me como jornalista, gosto de escrever opiniões sobre os atletas, estar sempre comentando os campeonatos e, inclusive, comecei a desenvolver o desejo de escrever um livro sobre a experiência que acumulei ao longo dos anos.

— Gio tem tentado cuidar do haras sozinha, mas agora...

— O que tem agora? — Fico preocupado.

— Mãe, o que tem minha irmã?

Dona Cecília, como é conhecida, gargalha.

— Você vai ser titio de novo. — Eu retenho o fôlego. — E, dessa vez, poderemos acompanhar todos os momentos dessa criança que está vindo.

— Ah, mãe, que notícia da porra! Como Nick está?

— Exultante!

Eu assinto sem falar nada, emocionado pelo meu irmão. Posso imaginar que ele esteja realmente

muito feliz, afinal não acompanhou — e nem soube — a primeira gravidez de Giovanna. Mia, minha sobrinha, e ele só se conheceram anos depois.

Nick é um pai dedicado, assim como Gio é uma ótima mãe, e tenho certeza de que esse bebê a caminho será uma criança de muita sorte por ter pais tão amorosos.

Converso mais alguns instantes com minha mãe, contando sobre as perspectivas que tenho para o projeto ao longo de todo o verão, ouvindo-a relatar sobre as conquistas do meu pai no golfe e de eventos que a fundação que ela preside fará no final desse ano.

Já é noite quando chego no barzinho onde meus amigos me esperam. Sou recebido com festa por Olavo e Mara, que dançam ao som de um

PERIGOSAS ACHERON

reggae muito gostoso. Logo uma caneca de chope aparece na badeja de um garçom e, de bom grado, tomo o primeiro gole.

— Estava aqui contando para a Luana que, além de surfista e galã, você é um ótimo músico. — Joana aponta para a linda mulher de cabelos descoloridos ao seu lado. — Ela entrou para a nossa equipe hoje, é estudante de educação física e uma ótima surfista.

Vou até a moça e cumprimento com um beijo no rosto.

— Que bom saber disso! — Sorrio. — Bem-vinda à WA!

A risada dela é rouca e gostosa de se ouvir.

— Eu estou tentando vir trabalhar nesse projeto desde quando vocês iniciaram, no ano passado, mas não consegui vir. — Dá de ombros. — Eu moro em São Paulo e ano passado estava apertada de grana para poder descer.

— Ah, nós podemos ajudá-la com o transporte! — Joana disse entusiasmada. — Não é grande coisa, mas já alivia um pouco os gastos.

— Seria ótimo! — Luana responde. — Eu realmente quero muito ficar com você o verão todo!

Nesse exato momento, ela me encarou e, ao sentir o interesse, imediatamente fiquei excitado. Respirei fundo tentando pensar em outra coisa, pois tento não misturar as coisas entre mim e o pessoal do trabalho, seja voluntário ou não.

No entanto, descobri que ignorar seria impossível!

Luana era divertida, inteligente e muito gostosa. Sentamos todos à mesa, ela ao meu lado, bebemos, comemos alguns petiscos de camarão, e, cada vez mais, ela despertava meu interesse.

Acabamos dançando juntos, curtindo o momento, e eu acabei por esquecer que ela estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ali, inserida no meu grupo de amigos, porque estava trabalhando como voluntária na WA e deixei o tesão falar mais alto.

Saímos do bar juntos, e eu a levei até a pousada onde estava hospedada, ainda com a intenção de tentar frear as coisas, sem sucesso, devo dizer.

Passamos a noite inteira trepando como loucos e somente quando ela dormiu é que voltei para o carro e dirigi até em casa, já com o sol despontando no horizonte.

Merda!

Uma dor de cabeça chata, pela falta de sono e excesso de álcool, se anunciava e eu ri de mim mesmo ao pensar que certas coisas não mudavam. Posso até ter adquirido mais consciência e maturidade ao longo desses anos, principalmente após o acidente, mas ainda não consigo resistir ao canto de uma sereia!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Três

Helena

A todo minuto, meus olhos são atraídos pelo relógio digital em cima da minha mesa. Tiro a atenção do computador e dou uma pequena olhada nele — maior e mais legível que o relógio do monitor — e volto a me concentrar no trabalho. É uma loucura, eu sei, afinal já programei o despertador para tocar, inclusive com mais dois alarmes programados minutos depois, para que eu não corra o risco de perder a hora.

Respiro fundo e continuo a fazer o memorial descritivo da festa de casamento que iremos realizar daqui a um ano, mas cujo orçamento teremos que apresentar ao casal esse final de semana. Essa é a parte mais chata e

burocrática do meu trabalho, mas completamente essencial para fecharmos a planilha de custo total — dos gastos com fornecedores e nossa mão de obra — e conseguirmos apresentar um orçamento perfeito.

O *briefing* preenchido pelo casal com seus sonhos, desejos e gostos estava fixado junto ao limite de gastos que a família da noiva estava disposta a ter com o enlace. Meu trabalho é o de conseguir realizar as estimativas de custos dentro do projeto de decoração feito pela minha chefe, Kyra Karamanlis; e do bufê organizado pela chef Andreia Soares e de toda doceria e confeitaria idealizada pela chef pâtisserie Marília Soares.

Elas são as gênias desse negócio, e eu, a executora de sua genialidade!

Por vezes, temos sérias discussões entre nós, principalmente quando preciso adequar o projeto delas à realidade do orçamento. Claro que

PERIGOSAS ACHERON

sempre querem mostrar o melhor serviço, mas precisam entender que nosso negócio é capitalista e é necessário lucro para mantê-lo aberto e garantir nossos salários.

Salário!

A pequena palavra consegue tirar minha concentração novamente e, como de costume, confiro as horas. Eu gostaria de ter mais tempo, que o dia tivesse, no mínimo, 36 horas para que eu conseguisse trabalhar as oito, como faço normalmente, cuidar da minha casa, do meu filho e ainda ter tempo de ganhar uma grana extra.

Eu tento! Há alguns meses, comecei a costurar à noite enquanto Heitor dormia, fazendo alguns artesanatos e vendendo-os pela internet. Sempre gostei de costurar, aprendi com mamãe, uma exímia costureira que trabalhou em muitas confecções ao longo da vida, só que nunca me vi seguindo esse caminho, era somente um hobby, o

que sempre me fascinou foi a organização de eventos.

Sou muito disciplinada, organizada e meticulosa. Uma virginiana nata, como ressalta minha chefe, e me orgulho disso. Consigo planejar e executar um casamento, aniversário ou mesmo um evento corporativo sem sustos, tudo devidamente planejado e executado conforme o que previ.

Assim que me interessei pela área, minha tia, casada com um italiano desde que eu nasci, convidou-me a aprender com ela, em Roma. Foi lá que comecei a me inteirar, a frequentar o meio, ir em feiras, eventos e fazer cursos. Morei três anos na Itália e voltei de lá apenas para me casar com o único namorado que tive, com quem estava desde os 15 anos de idade.

Aos 21 anos, descobri que, muito embora pensasse que conhecia o Rubem, ele nunca se

PERIGOSAS ACHERON

mostrou realmente. A primeira coisa que fez, assim que deslizou a aliança pelo meu anelar, foi me proibir de trabalhar.

Claro que tomei um susto com isso, afinal tínhamos combinado que ele passaria um tempo comigo em Roma para que eu terminasse o curso que estava fazendo, mas percebi que ele apenas disse o que eu queria ouvir, que nunca fora sua intenção ir comigo a lugar algum. Os primeiros anos de casada foram amargos, pensei em deixá-lo tantas vezes, mas sempre recuava quando ele voltava a ser o homem pelo qual eu me apaixonara.

Quando descobri a gravidez, fiquei um tempo sem saber o que fazer, não tinha coragem nem mesmo de contar isso a ele. As coisas já não iam bem. Rubem era ciumento, possessivo, ele me oprimia, reclamava de tudo o que eu fazia, principalmente como esposa e dona de casa.

Nunca imaginei que viveria assim!

Lia histórias ou mesmo assistia em noticiários na televisão sobre casos semelhantes, em que o homem faz o que quer com a esposa, e achava que a mulher não tinha orgulho, que isso nunca aconteceria comigo. Aconteceu, e eu percebi que esse tipo de relacionamento é como uma roda que se dá para um hamster, por mais que eu corresse ou tentasse sair só me desgastava, pois estava presa.

Quando revelei que esperava um bebê, ele se modificou. Passou a tratar-me como uma rainha, mas eu tinha medo a cada vez que ele me tocava, pois ficava à espera de um ataque ou um surto inesperado. Não teve.

Heitor nasceu e encheu minha vida de alegria, preenchendo meus dias solitários dentro do apartamento que se tornara minha prisão. Começamos a sair mais juntos, íamos ao parque, frequentávamos o playground do condomínio onde

PERIGOSAS ACHERON

morávamos e chegamos até a viajar para a praia, ainda quando meu filho tinha um ano de idade.

Eu já havia baixado a guarda para Rubem mais uma vez, ele parecia feliz e satisfeito por ter uma família, por eu ter lhe dado um filho. Por vezes, deixava os negócios de lado, sua família tinha uma rede de supermercados — antiga e consolidada —, e ficava conosco ou nos levava para passear.

O relacionamento como casal, pelo menos da minha parte, era feito por obrigação. O toque dele já não me excitava, não sentia mais nenhum tipo de admiração, apenas respeitava-o como marido e queria que meu filho crescesse dentro de uma família tradicional, com pai e mãe casados e presentes.

Os problemas voltaram quando Heitor completou dois anos sem dizer uma só palavra. Nem mesmo papai, ou mamãe, ou qualquer tipo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

balbucio que um bebê faz tentando se comunicar. A princípio, levei em vários médicos especialistas em fala, desde fonoaudiólogos — que sempre me pediram para aguardar, pois a fala ainda estava em formação — até médicos otorrinos, confirmando que ele escutava normalmente.

Um dia, sentada na sala de espera do pediatra dele, li uma reportagem sobre apraxia da fala, um distúrbio neurológico que impede a criança de articular palavras por não conseguir executar os movimentos necessários para a produção dos sons, perguntei ao médico sobre ela, mas ele pouco sabia.

Pesquisei na internet e achei uma fonoaudióloga, que também era terapeuta, e marquei uma consulta com ela. Assim que ela viu o Heitor, começou a questionar algumas das reações dele. Era um teste, eu sabia, só não fazia ideia do motivo.

PERIGOSAS ACHERON

O diagnóstico do autismo veio meses depois, após terem sido descartadas todas as outras síndromes cujos sintomas são parecidos.

Não era algo berrante como vemos nos filmes, ele não ficava gritando ou se recusava a se olhar no espelho. Foi apenas analisando todos os conjuntos de ações que puderam chegar a esse resultado: movimentos repetitivos com brinquedos, nervosismo com falta de ordem ou lógica nas coisas, impaciência para executar tarefas simples e a falta de interação com o mundo exterior.

Eu só conseguia a atenção do meu filho caso fosse algo que *ele* quisesse se dedicar, do contrário, era sumariamente ignorada.

Não foi nada fácil, mas, como mãe, apenas quis saber o que podia fazer para que ele fosse feliz, para que se desenvolvesse com todas as oportunidades que qualquer outra criança teria. Comecei a ler e pesquisar o assunto, interagi com PERIGOSAS ACHERON

outras mães, procurei por tratamentos alternativos.

Rubem, no entanto, foi se afastando da criança como se ela tivesse a peste. Tinha vergonha do nosso filho, de sair com ele, de levá-lo para o playground. Alegava que nada o interessava, então que ficasse preso no quarto.

A cada dia, eu o via deixando Heitor para trás como se fora um brinquedo quebrado que já não mais servia para alegrá-lo. Isso me machucava, mais do que as agressões verbais que ele voltara a praticar contra mim. Eu torcia para que meu filho não entendesse o que acontecia ao seu redor, mas entendia que aquele tipo de ambiente só causaria seu mal.

Por incrível que pareça, quando eu pedi a Rubem que fosse embora, ele foi sem questionar.

Simplesmente foi!

Encontrei forças dentro de mim por causa do meu pequeno, mas a decepção, não pelo
PERIGOSAS ACHERON

casamento já falido desde que começou, mas pelo modo com que ele tratara seu próprio filho, foi tremenda. A partir daquele momento, eu passei a viver pelo Heitor, para fazê-lo feliz, para que tivesse o respeito e a dignidade que seu próprio pai achava que não merecia.

Minha mãe, que morava no interior, mudou-se para a capital para estar perto de nós. Eu voltei ao mercado de trabalho aos poucos, como *freelancer*, recepcionista de eventos, garçonne ou qualquer outra coisa que me pusesse de volta ao meio que eu amava.

Quando, há pouco mais de dois anos, minha tia convidou-me para auxiliá-la, aqui do Brasil, em um casamento de uma das famílias mais ricas da Itália, eu soube que era o momento de fazer meu currículo. Esforcei-me ao máximo, dei tudo de mim naquele evento e foi perfeito, mesmo diante da impertinência do irmão dos noivos e das surpresas

do próprio noivo que bagunçaram minha programação.

Quando retornei ao Brasil, recebi algumas propostas de emprego em cerimoniais, porém o que me fez decidir ficar com a empresa recém-criada de Kyra Karamanlis foi a possibilidade de trabalhar com todos os tipos de eventos, não só com casamentos.

Foi assim que, durante dois intensos anos de muito trabalho, eu tenho me dedicado a fazer toda parte organizacional da *Αγάπη*^[2] *Produções e Eventos*.

O despertador toca, e eu, mesmo estando esperando por isso, dou um pequeno pulo de susto na minha cadeira. Salvo o arquivo e desligo o computador, calculando o tempo que levaria até a porta do prédio em que moro, onde devo estar esperando Heitor chegar da escola. Isso é uma das coisas que ele não aceita que outras pessoas façam

PERIGOSAS ACHERON

em meu lugar, recebê-lo quando volta da aula, por isso, mesmo com minha mãe por lá, minha presença é imprescindível.

Kyra, com quem criei laços de amizade além dos de trabalho, acena para mim, e eu digo um até logo de volta. Sim! Até logo, porque meu expediente não terminou, eu apenas preciso receber meu filho em casa, beijar seus cabelos e voltar para cá.

Vou no carro da Αγάπη, deixando o que uso — não é meu, porque é um veículo cedido pelo meu ex-marido — estacionado na frente do prédio do meu trabalho, pois, na volta, precisarei visitar um fornecedor. Como cerimonialista, fico encarregada de muito mais do que somente os orçamentos da festa, mas também de ajudar os noivos em cada etapa, desde as festas e chás, escolha de roupas, listas de presentes e qualquer outra coisa que eles desejem e que esteja incluída

PERIGOSAS NACIONAIS

no nosso preço, por isso visitar fornecedores e conhecer o que oferecem de novo faz o meu trabalho ser meticuloso e perfeito.

Confesso que fico mais feliz quando fechamos festas corporativas, pois sempre são as mais tranquilas de trabalhar, montamos os projetos, apresentamos aos clientes e *voilà*, só a execução.

Minutos depois, paro em frente ao prédio onde moro, uma construção de alto padrão no bairro Jardim Europa, bem perto do local em que eu trabalho, o que foi mais um dos motivos que me fizeram optar por trabalhar com a Kyra. Fico alguns minutos dentro do carro, usufruindo do frescor do ar condicionado, enquanto a van não chega e analiso o entorno.

Eu nunca teria condições de me manter aqui com o que ganho! Essa é a verdade. Eu vivo em uma realidade que não é a minha, tenho consciência disso, mas escolhi ser assim por causa do meu

PERIGOSAS ACHERON

filho. O bairro é tranquilo, a rua onde moramos é cheia de árvores, ele já conhece todo mundo no prédio, afinal é onde está desde que nasceu, e essa constância é muito importante para Heitor.

Meu filho tem se desenvolvido muito bem com todas as terapias e acompanhamentos que faz. Na escola, ele tem um mediador que o ajuda a acompanhar a turma, e eu o incentivo em todo o tempo livre que consigo, mesmo que seja pouco. Minha mãe fica com ele todos os dias até eu chegar do trabalho, geralmente, às nove da noite, e nos finais de semana em que estou em alguma festa.

Com a Kyra, eu combinei que, como assessoro os noivos, trabalho em todos os casamentos, mas nas festas corporativas eu não vou e, assim, tiro minhas folgas. Uma ou outra sou obrigada a ir, principalmente se for de porte muito grande, não há como evitar ajudar.

Amo demais o meu trabalho, mesmo que

PERIGOSAS ACHERON

consoma boa parte do tempo que poderia me dedicar mais ao Heitor, é a minha única realização pessoal, pois tudo o mais ficou para trás, diversão, namoro e eu mesma. Ademais, o trabalho também é uma necessidade, pois preciso manter a mim e ao meu filho.

Contudo, ainda que faça festa de casamento em todos os finais de semana do ano, nunca poderia manter esse apartamento de 150 metros quadrados, em um prédio tão chique e em uma área tão valorizada como essa. Como moro aqui? Simples! Meu ex-marido é um filho da puta esperto que nunca colocou um só bem que comprou em seu próprio nome para que eu não tivesse direito a nada caso nos separássemos, o que de fato aconteceu.

Assim que ele saiu daqui, veio negociar como seria meu futuro. Se dispôs a pagar a pensão — de 20% do seu mentiroso salário — extrajudicialmente, além de ajudar nos custos das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terapias e permitir que continuássemos a morar no apartamento — comprado no curso do nosso casamento, mas colocado no nome dos pais dele — se mantivéssemos a civilidade, ou seja, se eu continuasse a obedecê-lo.

Infelizmente, não tive outra saída a não ser fechar o acordo com o diabo.

Sim, eu não teria como arcar com tudo sozinha e ainda pagar um aluguel, mas isso não quer dizer que o preço que eu pago não seja alto. É, sim, custa minha liberdade!

Interrompo meus pensamentos amargos assim que a van escolar aponta no começo da rua e vejo mamãe aparecer na calçada. Saio do carro acenando para ela, fazendo um gesto com as mãos indicando o calor e ela sorri.

O que seria de mim se não fosse ela? Penso ao abraçá-la.

— Como estão as coisas no trabalho?

PERIGOSAS ACHERON

— Planilhas e planilhas. — Rio e ela faz careta. — Conseguiu fazer suas compras mais cedo?

— Sim! — Sorri. — Prefiro comprar presente de Natal com muita antecedência, porque ninguém aguenta a 25 com tumulto e calor! — Olha a van que acaba de estacionar. — Comprei um presente lindo para o meu príncipe!

Beijo sua bochecha rechonchuda alegre, satisfeita e agradecida pelo carinho enorme que ela tem com o Heitor. Não é fácil, mesmo para mim que sou mãe, e sei que para ela também não é. Mamãe nunca teve nenhuma obrigação de cuidar dele, mas logo se prontificou a vir, assim que soube da separação.

Heitor desce da van já olhando fixamente para mim, alívio em seu rostinho, alegria em seu olhar. Isso faz com que meu coração se agite, orgulhosa por ser a mãe desse menino lindo que

PERIGOSAS ACHERON

encanta a todos com sua inteligência.

— Olá, filho! — Eu beijo os cabelos dele enquanto minha mãe pega sua mochila e suas coisas. — Vovó veio ficar um pouquinho com você!

— Vovó! — Ele faz festa. — Apreendi coisa nova!

O orgulho que me invade, assim como a vontade de ficar com ele para saber tudo o que aconteceu na escola — o que ele estiver disposto a contar — mesmo que saiba que ele pode repetir tudo mais à noite. Eu realmente preciso voltar ao trabalho.

— Daqui a pouco tempo, mamãe volta! — Despeço-me, enviando um olhar de gratidão para minha mãe.

— Água, mamãe! — Ele me estende um panfleto. — Água!

Pego o anúncio, pois não há nada no mundo

que Heitor goste mais do que ficar na água, seja ela doce ou salgada. Ele adora nadar, é seu esporte favorito, e é muito bom nisso. Vejo algo sobre aulas de surfe para pessoas com deficiência e isso me interessa por ser mais um tipo de esporte aquático para ele praticar.

Guardo o panfleto na bolsa e volto pro carro, enfrentando o trânsito novamente, indo até a maravilhosa design de flores, antes de voltar para a Αγάπη.

Já no escritório, perco-me entre planilhas e agendamentos, esquecendo por completo a ideia do surfe, atolada demais com todas as coisas que tenho que deixar prontas para esse final de semana, pois, graças aos céus, ganhei os sábados e domingos livres durante esse mês de dezembro. Confiro se a campainha do telefone está alta, caso mamãe me ligue, e me concentro no trabalho.

Só lembro do panfleto quando já estou

PERIGOSAS ACHERON

deitada na cama, pronta para dormir e tento fazer uma anotação mental — mesmo já totalmente sonolenta — sobre pesquisar o tal projeto para ver se Heitor se encaixa nele.

Quatro

Helena

— O pessoal da rede Villazza ligou, Helena
— Kyra anuncia. — Querem saber se já acertamos os últimos detalhes do Baile Branco & Preto.

Paro o que estou fazendo, respiro fundo e abro a planilha da rede Villazza. O tal baile era nosso último grande evento desse ano, uma festa em plena virada de Ano Novo. Confiro item por item do que ficou pendente na nossa última reunião com o CEO e mantenedor da fundação que organiza o fundo para o baile e confirmo.

— Vou verificar. — Abro a planilha do evento e vejo uma anotação no rodapé que me chama a atenção. — WaveAccess?

Kyra para o que está fazendo,

provavelmente algum desenho de decoração, e me encara.

— O que tem a WA?

— É uma das beneficiadas desse ano... —
Tento puxar da memória onde vi esse nome. — Eu não me lembro do que se trata, mas sei que já ouvi falar.

— É um projeto de surfe adaptado lá no Guarujá.

Sim! Estalo os dedos lembrando-me do panfleto e da animação do Heitor com a “água”. Eu fiquei de pesquisar sobre, mas simplesmente esqueci, absorvida apenas nas coisas do trabalho.

Cheguei em casa tão cansada ontem que só consegui ler os bilhetes que mamãe deixou sobre o que ela e Heitor fizeram, incluindo o dever de casa e um bilhete na caderneta dele que eu tinha que assinar, engoli um pedaço de pizza fria que eles guardaram para mim, tomei banho e apaguei.

Pela manhã, com a correria de sempre entre preparar o lanche e arrumar meu filho para a escola, eu acabei não lembrando de pegar o panfleto, nem mesmo quando cheguei aqui. Para não correr o risco do esquecimento novamente, pego um *Post-it* e escrevo o nome do projeto e colo o papel fluorescente no monitor do computador.

— Heitor chegou em casa com um panfleto desse projeto. — Kyra sorri ao me ouvir contar. — Sabe como ele adora nadar! — Ela assente. — Então, estou pensando se o surfe também pode ser bom para ele.

— Tenho certeza que será, Helena! Heitor é um verdadeiro peixinho e o esporte pode ajudá-lo em muitas coisas, você devia tentar.

— Eu só não sei se tenho como levá-lo todo o final de semana... — Assim que disse isso, fiz uma careta, pois me imaginar descendo sábado e domingo para Guarujá depois de uma semana

exaustiva de trabalho é desanimador.

— É, é uma viagem desgastante mesmo! — Ela suspira, me surpreendendo, aparentando cansaço. — Sabe, eu estive pensando em tentar organizar melhor nossas férias e folgas a partir do ano que vem, todas nós estamos ficando muito cansadas com essa rotina louca que temos. — Kyra se inclina para o lado a fim de me olhar. — Já estamos com a agenda quase completa para o ano que vem, não é?

Sorrio concordando.

O negócio está ficando famoso, e ela sabe que isso demanda aumento de pessoal, porém conheço sua resistência com relação a isso. Kyra é incrível, amiga, companheira e muito talentosa, mas tem sérios problemas com confiança. Lembro-me de quando cheguei aqui e como foi difícil quebrar o gelo com ela. Não me entendam mal, ela sempre me tratou bem, muito educada, contudo

distante.

Acho que nos tornamos amigas depois que ela soube de Heitor e de toda minha luta pela felicidade do meu filho. De alguma forma, isso enterneceu o coração dela e, a partir daí, tornamos amigas a ponto de ela se intitular madrinha do Heitor e vestir a camisa contra o preconceito e melhores condições para tratamento do autismo.

Kyra tem uma relação complicada com a família que, por sinal, era nossa maior cliente, até os Villazzas. Só que percebi que, quando temos evento para a Karamanlis — empresa do ramo imobiliário gerida por seus irmãos —, ela faz questão de ser eu a intermediária, pois mal fala com eles.

— Nossa última festa é o baile dos Villazzas, depois disso, temos evento apenas no final de janeiro. Eu deixei uns finais de semana livres no começo do ano para planejarmos

PERIGOSAS ACHERON

estratégias e descansarmos.

— Você é uma gênio, Helena! — Ela me manda um beijo. — As meninas estão a ponto de cozinhar meu fígado querendo um tempinho para viajarem.

Gargalho, pois sei que é verdade. Andreia e Marília estão pressionando por um momento de folga, mesmo sendo elas as únicas a contarem com uma pequena equipe em seus trabalhos, precisam supervisionar tudo e, por isso mesmo, estão muito sobrecarregadas. Não dá mais para sermos uma empresa pequenina, não com o fluxo de trabalho que temos.

Entendo o jeito da minha chefe, mas ela vai precisar se adequar e confiar em outras pessoas, mesmo porque quase não tem dado conta das decorações sozinha. É muita coisa, fazer projetos e ainda executar, o certo seria ela ter uma assistente e colaboradores, nós não estamos conseguindo

PERIGOSAS NACIONAIS

realizar as festas — cada vez maiores e mais elaboradas — sozinhas.

— Seus fornecedores estão cumprindo os prazos? — Pergunto a ela. — Aqui na planilha tem um em aberto e é justamente sobre o baile dos Villazzas.

Kyra bufa, e eu seguro o fôlego, esperando a bomba.

— É do pessoal do teatro. — Paro de digitar e me inclino, desviando do monitor para olhar em sua direção. — O baile terá como tema o circo, pedi a eles que me apresentassem propostas, mas achei todas muito infantis. Eu quero algo requintado, ao estilo *Cirque Du Soleil*.

— Então deixo a pendência? — Ela assente. — Certo. Já tentou falar com aquele pessoal que a gente contratou para a festa de final de ano da Karamanlis?

Kyra bufa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava tentando não fazer isso. — Ri. — Tivemos dois grandes percalços nessa festa, a doida da Malu que desmaiou e um dos atores atracados com a mulher de um dos gerentes da empresa.

Gargalho lembrando-me dos dois incidentes. O da Malu, embora preocupante, foi rápido, mas o do ator... Tivemos que contornar a situação com o homem que pegou sua esposa com a boca na botija — em sentido literal, se vocês me entendem — e Kyra fez de tudo para abafar o escândalo, principalmente de seu irmão mais velho.

— Você acha que devo arriscar? Eles são muito bons, realmente, mas, depois daquilo, jurei que não trabalharia mais com nenhum deles.

— Eu acho que você deve sondar, sim, mas continuar procurando outros. Já definiu toda a decoração?

— Já, só falta isso! O resto está tudo em dia e até já dei baixa no programa de prazos.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu ainda não posso dar baixa no meu prazo porque você ainda não fechou esse orçamento para mim. — Ela assente. — Vou te ajudar assim que eu terminar de ver os detalhes do orçamento do casamento Santos/Olimpyo.

Salvo a planilha dos Villazzas com a ressalva da apresentação artística e abro o arquivo do tal casamento. Eu sempre organizo pelos sobrenomes dos noivos e dentro de pastas com datas, mas a verdade é que sem nosso sistema de prazos eu ficaria perdida. O evento dos Santos/Olimpyo é um casamento ao ar livre, daqui a dois anos, em um sítio no interior de São Paulo.

Mando imprimir as propostas com todos os orçamentos, bem como os esboços dos projetos de decoração e do bolo de mesa. A família da noiva, os Olympyos, estarão em nosso *showroom*, no andar de baixo, daqui a alguns minutos para a apresentação geral e degustação dos quitutes, doces

e bolo do cardápio que as meninas programaram.

É claro que, como ainda há muito tempo até o casamento, algumas coisas podem ser ajustadas, mas o essencial para se fechar o orçamento e o pagamento começar a ser feito já está pronto.

Quando Marília e Andreia entram na nossa sala, eu vejo em seus rostos a satisfação de quem já tem tudo sob controle e isso é muito bom. As duas cumprimentam minha chefe, mas não param para falar com ela, ainda muito concentrada em seus projetos de decoração, vindo diretamente até onde estou.

— Lena, minha flor, você não quer nos dar uma mãozinha lá embaixo, não?

Tiro os óculos de leitura que uso e as encaro preocupada.

— Temos algum problema?

— Não, não, mas queremos sua opinião em algo.

Marília, a mais engraçada das duas, já começa a segurar o riso, e eu sei, do fundo do meu coração, que elas aprontaram alguma. Confiro as horas, menos de dez minutos para nosso cliente chegar, e levanto-me.

— Kyra, já estarei lá embaixo aguardando.
— Ela apenas assente, ainda com toda sua atenção no programa do computador. — O que vocês duas aprontaram? — Cochicho com as *chefs*.

— Nós?! — Andreia faz cara de paisagem, mas Marília está cada vez mais vermelha. — Que coisa feia, Lena, só queremos sua opinião!

Sei! Ergo uma das minhas sobrancelhas, igualzinho faço com Heitor, demonstrando que não acredito nada em sua fingida inocência. Rapidamente, Deia fica quieta e a Marília olha para o lado.

O *showroom* parece um sonho, todo cheio de flores — coisa que sempre fazemos questão de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ter, principalmente ao receber clientes — e com um cheiro delicioso no ar. Na mesa de degustação, vejo as redomas de vidro que cobrem as amostras de bolo, cada uma com uma plaquinha com o sabor da massa e do recheio, e as bandejas com poucas unidades dos doces finos para a mesa. Na outra ponta, há uma estufa grande com salgadinhos e bandejas com canapés.

— Está tudo arrumado! — Ponho a mão na cintura. — Para o que vocês precisam da minha ajuda?

— Preciso que você feche os olhos. — Deia vem com um lenço em minha direção, e eu imediatamente nego. — Vamos lá, Lena, quero saber o que acha da nossa invenção!

— Invenção?! Vocês ficaram loucas? Apresentar um produto novo sem antes ter passado pelo crivo de todo o pessoal e — confiro o relógio — minutos antes do cliente chegar?

PERIGOSAS ACHERON

Ela bufa sem paciência e me estende o lenço. Resignada, coloco a venda.

— Agora abra a boca!

Confesso estar preocupada com elas, mas, como confio em suas habilidades, faço o que Deia me manda e sinto algo, com uma casca leve e crocante quebrar em minha boca para, em seguida, o gosto de chocolate, com textura de mousse, se misturar com outro sabor que não reconheço imediatamente.

Mastigo devagar, analisando as texturas, o sabor harmonioso, até uma leve ardência tomar conta da minha boca e potencializar meu paladar.

— Puta que pariu! — Continuo mastigando.
— A casca crocante é feita de chocolate branco com algum tipo de noz. O recheio é uma mousse de chocolate preto, meio amargo, e ainda há uma outra mousse dentro dessa... — Engulo devagar, sentindo minha boca cheia de água — E, com certeza, há
PERIGOSAS ACHERON

pimenta.

A venda é retirada, e eu vejo Marília com uma das bandejas espelhadas com arabescos em ferro fundido e cristais cheia com um tipo de bombom delicioso.

— Bombom Helênico, é o nome que minha esposa deu ao doce. — Deia sorri, mas depois balança a cabeça. — Eu deveria estar com ciúmes!

— Mari, isso é... — Eu não consigo falar, pois não paro de salivar. — Incrível!

— Nada... — ela diz sem jeito. — Você tem bom paladar! Casca fininha de chocolate branco com macadâmia, mousse de chocolate belga recheada com creme de macadâmia e licor de pimenta dedo de moça.

— Jesus! — Pego um dos bombons. Lindas pérolas — por causa do pó nacarado — crespas que parecem verdadeiras joias! — Você é uma fada da doceria!

— Começou... — Deia revira os olhos, mas está morrendo de orgulho da esposa. — Ela deu seu nome ao doce, agora não sei o motivo!

— Helena de Troia, Andreia! — Marília explicou. — Não sei, eu queria um nome majestoso que combinasse com a apresentação dele. Esse bombom engana, é doce, delicado, mas, por dentro, tem uma surpresa, uma força, a picância necessária para equilibrar todos os sabores.

— Eu adorei! Ficou divino! — Elogio, colocando mais um bocado na boca. — Um sonho!

— O que é um sonho? — Kyra interrompe minha degustação, e eu apenas aponto a bandeja na mão de Marília. Assisto minha chefe provar um dos bombons e, como eu, ela revira os olhos. — O que é isso?!

Conversamos mais alguns momentos sobre o doce, principalmente sobre os custos dele, pois, além de utilizarem materiais caros com a noz

PERIGOSAS ACHERON

macadâmia e chocolates belgas, era muito trabalhoso fazer, todo executado por etapas.

Quando o cliente chegou, nos concentramos na apresentação do orçamento, fechando as escolhas sobre o bufê, a doceria, bolos e flores, e eu pegando outra assessoria, pois a noiva era uma promotora substituta e não tinha tempo, muito menos folga para que pudesse cumprir com a agenda de casamento.

Só lembrei de ligar para a WaveAccess tarde da noite, apenas para desencargo de consciência, pois achava que não haveria mais ninguém por lá. Estava enganada, percebi assim que uma senhora muito simpática me atendeu e passou todas as informações sobre o projeto.

— Eu não posso descer no sábado —
informei. — Posso levá-lo apenas no domingo?

— Claro que sim, será um prazer para nós!

Quando me despedi, senti algo estranho no

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração, quase como se fosse um alerta ou mesmo uma premonição. Olhei a fotinho do Heitor e sorri emocionada, pensando em como seria a reação do meu filho ao surfe.

O celular toca, e eu paro de criar expectativas sobre domingo e confiro as horas. Ainda não estava no horário combinado com minha mãe para que eu fosse para casa, então não devia ser ela. Confiro na tela do telefone e bufo ao ver o nome do meu ex-marido.

— Oi, Rubem!

— Helena, que demora! — Reclama. — Já está em casa?

Respiro fundo.

— Ainda no trabalho. O que você quer?

— Você não acha que deveria já estar em casa com nosso filho? Não precisa trabalhar tanto assim, afinal dou uma bela grana para você cuidar dele...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu engulo as verdades que eu tenho na ponta da língua, porque não adianta nada gastar meu latim com Rubem. O homem sempre dá um jeito de virar a mesa e se passar de vítima, de o grande pai que cuida de seu filho, embora ignore que nunca o levou para passear, nunca sentou para brincar com ele, ou mesmo tentou qualquer tipo de interação com Heitor. A desculpa dele, claro, é que o menino é autista, vive em seu próprio mundo e tentar estabelecer qualquer conexão com ele é perda de tempo.

— O que você quer, Rubem? — Repito a pergunta já exasperada.

— Eu tenho um jantar de negócios importante e gostaria de pedir a você que me acompanhe. — Fecho os olhos assim que ouço o que ele diz e encosto-me na cadeira. — A mulher com quem estou saindo é gostosa, mas não é adequada a estar entre pessoas de alto nível.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sou mais sua mulher, Rubem!
Além do mais, estou muito ocupada com...

— Você é a mãe do meu filho, mora no apartamento da minha família, usufrui do carro da minha empresa, além de todas as regalias que eu lhe dou. — Como sempre acontece quando o contrario, ele se exalta. — Não pode ser grata e me fazer a porra de um favor?

— Você não me dá regalias! — Explodo. — Eu trabalho e...

— Não me faça rir! Com o que você ganha não conseguiria sustentar a si mesma! — Debocha. — Você mora numa das áreas mais nobres da cidade, leva uma vida que não condiz com sua realidade e tudo isso porque eu quero. Agora, se você começar a me irritar e a não colaborar comigo...

— Nada disso que você faz é para mim!
Acha mesmo que eu preciso morar num
PERIGOSAS ACHERON

apartamento de luxo? Mas é onde Heitor cresceu, é o local que ele conhece, as pessoas que ele reconhece e o dinheiro que você manda não é para mim, e sim para o tratamento dele.

— Você sabe muito bem que eu não sou obrigado a dar mais do que a pensão! Não dificulte as coisas ainda mais, pense no menino! — A ameaça velada me faz reter o fôlego, dói que ele não pense em Heitor em nenhum momento, apenas em si mesmo. — Vai comigo ou não?

— Quando é? — Sinto-me derrotada por estar aceitando tão facilmente.

— Amanhã à noite! Pego você às 20 horas, não se atrase!

Desligo o telefone e penso em passar o dia todo trabalhando, sair com ele à noite e, no outro dia, ainda ter que descer para o Guarujá. Talvez a aula de surfe não tenha sido uma ideia muito prática.

Encosto minha cabeça no tampo da mesa recriminando-me por ser tão medrosa, por não tomar as rédeas da minha vida, por ainda permitir que ele, mesmo após o divórcio, ainda mande e desmande em mim.

Velhos hábitos, Helena. Você se deixou dominar uma vez e agora está sendo difícil se libertar das amarras que você mesma se impôs.

Cinco

Bernardo

Mesmo com a ressaca provocada pela noite anterior, sou um dos primeiros a chegar na sede da WA no domingo. Preparo um café enquanto leio notícias pelo telefone, aguardando a chegada das outras pessoas da equipe. Eu não dormi, estou virado, e meu corpo já começa a sentir os efeitos da falta de descanso.

Há muito tempo que não faço isso, provavelmente desde o acidente, desacostumei com esse ritmo, mas me sinto bem, embora cansado. Eu precisava desse tempo para extrapolar, faz parte da vida de qualquer pessoa. Antes, principalmente por causa da pouca idade, eu vivia ao extremo, achando-me invencível, agora já pondero mais.

Não virei um santo, pelo contrário, tem certas coisas que nunca deixei de fazer — trepar é um exemplo disso —, só me tornei um pouco mais seletivo. Ter perdido parte da perna mexeu muito com a minha autoestima e foi difícil me relacionar com uma mulher após isso. Eu ficava imaginando qual seria a reação dela, por exemplo, quando eu tirasse a prótese, se sentiria nojo ao ver o coto, se ficaria com pena.

Minhas primeiras transas foram todas ainda usando-a, e eu evitava ao máximo dormir com a parceira. Não vou enganar ninguém dizendo que é uma maravilha, que é tranquilo e que nada mudou. Muda, sim, principalmente a percepção do meu próprio corpo. Não havia inibição alguma em mim e para voltar a me sentir solto a ponto de não ligar para a insegurança sobre a reação à minha perna — ou o que sobrou dela — foi preciso que eu trabalhasse isso com o psicólogo que me

PERIGOSAS ACHERON

acompanhava.

O fato de um homem não andar ou não possuir algum membro não diminui sua libido, e a sintonia com a parceira vai muito além da estética, é química, pele, tesão e por isso digo que estou mais seletivo hoje em dia. A beleza já não é mais o ponto principal para mim, mas a reação do meu corpo à pessoa.

Com a Luana, eu senti isso, essa química deliciosa e, mesmo sendo ela uma voluntária no projeto que eu ajudo a manter, não quis dizer não a vontade de ter umas horas de prazer ao seu lado. Trepamos a noite inteira, boa parte dela eu nem me dei ao trabalho de estar com a prótese, apenas quando era necessário é que eu a colocava.

Esse fato pareceu não a incomodar em absoluto, por isso desfrutamos de momentos bem gostosos.

Deixo o celular de lado e encho a xícara de
PERIGOSAS ACHERON

cerâmica até a borda, sorvendo o café devagar enquanto olhava alguns avisos afixados no quadro de cortiça. Pegou o convite para o baile Preto e Branco promovido pelos Villazzas todo final de ano, sempre com o propósito de angariar fundos para alguma instituição. Esse ano, eles nos escolheram, entre outras fundações e associações que trabalham com crianças.

Foi com surpresa que recebi a comunicação do Frank Villazza, o CEO da rede e representante no Brasil da fundação presidida por dona Silvia Villazza, na Itália, que seríamos uma das instituições a receber os fundos conseguidos no evento.

Além do dinheiro da compra dos convites, receberíamos também os valores provenientes do leilão que ocorre no meio do baile. Com essa ajuda, a ideia é expandir a atuação da fundação e alcançar a cidade de Santos.

— Bom dia, garanhão! — Fran já chega me zoando. — Achei que ia demorar a te ver hoje!

Faço careta.

— Não, nem tentei dormir, senão ia ser pior. — Ofereço o café, e ele aceita de bom grado. — A que horas o pessoal vai começar a aparecer?

— Geralmente, às oito. Quer adiantar algumas coisas?

Assinto.

— Vou pegar a caminhonete e carregar as pranchas e cadeiras. — Pego a chave do veículo. — No meu carro, colocamos os outros materiais. Cadê a Jo?

— Vindo aí. — Sorri. — Não foi só você que se deu bem noite passada!

Saio da sala rindo, achando o máximo que, mesmo depois de tantos anos juntos, ele e a esposa ainda tenham esse ânimo todo. Eu nunca pensei em casamento, mesmo porque sempre achei que era

PERIGOSAS ACHERON

jovem demais para isso, tenho só 33 anos. Já estive apaixonado, passei por dores de cotovelo, mas realmente nunca encontrei alguém que me fizesse considerar ser amarrado para sempre.

Paro de pensar nisso assim que avisto a mulher com quem passei a noite, Luana, vindo em minha direção com um sorriso enorme e dois copos descartáveis com café. *Ah, porra!*

— Oi, Bê! — Ela estende um deles para mim. — Saiu sem tomar café e pensei mesmo que você viria para cá. — Ri. — Não tínhamos mais tempo para dormir.

Respiro fundo.

— Acabei de tomar café lá dentro com o Fran. — Ela fica sem jeito, mas eu não sou um cara que gosta de ficar enrolando as pessoas. — Mesmo assim, obrigado. Vou carregar a caminhonete...

— Posso ajudar! — Imediatamente, joga os dois copos de plástico no lixo, sem nem ao menos

PERIGOSAS ACHERON

ter provado a bebida.

— Claro, mas antes vá até a sede para saber se o Fran já não tem um trabalho separado para você. — Ela fica séria, mas assente. — Há pranchetas, etiquetas, crachás e outras coisas para quando os alunos chegarem que precisam ser colocados no carro também.

— Ok... — Bufa. — O clima vai ficar estranho entre a gente mesmo?

Eu, que já havia começado a andar na direção do carro, paro assim que escuto sua pergunta direta.

— Não, nem há motivos para isso. — Encaro-a. — Fiz alguma coisa que demonstrasse estranheza?

— Não, mas...

— Olha só, Luana — aproximo-me —, você se voluntariou para ajudar a WA, o que aconteceu entre nós nessa noite não muda nada por

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui. Agora, por exemplo, é hora do trabalho. Se você não se sentir confortável com isso, eu peço desculpas, mas não vim para cá para namorar, entendeu?

— Certo. Vou lá ajudar o François.

— Obrigado.

Observo-a andando tensa até a sede e balanço a cabeça para mim mesmo. Ficamos juntos porque ambos queríamos naquele momento, se rolar de novo, ótimo, mas não vou enrolar a moça, é só sexo e diversão, eu não estou querendo relacionamento. Não tem por que ficarmos estranhos, a não ser que ela tenha criado expectativas a partir da noite passada.

Fico um tempo no galpão carregando a caminhonete, concentrado contando cada prancha, cada estilo, além de levantar as anfíbios, pesadas à beça. Somente quando estou quase terminando é que o Olavo aparece e me ajuda com o material.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seguimos direto para a praia e lá já encontramos o restante dos voluntários, os que ajudam na organização e montagem. Foi com um imenso sorriso que notei a nossa pista — de areia compactada — ainda lá e já totalmente lisa, pronta para receber as cadeiras sem nenhum atoleiro.

Ajudo a descarregar nosso material de sinalização e montar as duas tendas de suporte. Bandeiras com nossa logo já estão enfincadas na areia e flamulam ao vento, dando boas-vindas aos visitantes e alunos. Joana está com alguns ajudantes, inclusive a Luana, dentro de uma das tendas, distribuindo pranchetas com as fichas de inscrições e pulseiras de identificação. Todos os voluntários já estão com a blusa do projeto e portando crachás com seus nomes. Só então é que colocamos as pranchas na areia, separadas por grupos e estilos, e deixamos as anfíbios na segunda tenda.

PERIGOSAS ACHERON

Às nove da manhã, começam a chegar nossos primeiros alunos do dia e eu, já molhado de um bom mergulho no mar, sinto-me disposto como se tivesse dormido as oito horas recomendadas. O mar me energiza sempre, é melhor do que qualquer remédio!

— Bom dia! — Cumprimento meus primeiros alunos. — Eu sou Bernardo, mas vocês podem me chamar de Bê para facilitar. — Sorrio. — Eu uso prótese na perna direita, ela é de metal e tem o pé articulado que está calçado em um tênis azul com cinza. — O menino com problemas de visão sorri, e eu me congratulo por ter conseguido fazer com que ele me enxergasse. — Isso não me impede de surfar, pelo contrário, me sinto cada vez mais motivado a conseguir uma manobra perfeita.

Um menino vem correndo, sorrindo, para a direção do nosso grupo. Sua expressão de fascínio chama minha atenção para ele, pois eu a reconheço.

O garoto é apaixonado pelo mar e isso é visível, grita em todos os seus gestos. Ao invés de parar no grupo, ele avança para a água e logo fico alerta.

Vejo uma mulher correndo também, junto com Joana e percebo que, sim, é um problema o garoto não ter parado. Olho para os dois voluntários que estão comigo, e eles logo entendem o meu pedido e, sem dizer uma só palavra, saio na busca do fujão.

Pego-o já na arrebentação, e ele se debate em meus braços.

— Ei, amigão! — Chamo-o, defendendo-me de seus tapas. — Calma!

— A água! — Ele diz eufórico, olhando o movimento do mar embevecido. — A água, minha água!

— Ei! — Chamo-o mais alto. — Nós já vamos para sua água! Você não quer aprender a surfar? — O menino me encara, seus olhos escuros

dentro dos meus. — Isso aí, amigão, você vai aprender a estar em cima da água e se sentir parte dela.

— Minha água... — repete, e eu ouço a súplica em sua voz.

— Sim, sua água! — Ele sorri. — Eu amo o mar, sabia? — Aponto para as ondas. — Minha água também!

O menino sorri e se acalma.

Ergo-me, minhas mãos ainda em seus ombros miúdos e vejo a mulher que saiu correndo atrás dele e Joana paradas perto de nós. Jo tem um enorme sorriso no rosto e a mulher, uma morena magrinha e de longos cabelos negros, parece em choque.

— Bê, esse amiguinho aí é o Heitor Marino, é sua primeira vez aqui conosco.

O sobrenome do moleque não podia ser outro! Apaixonado pelo mar como é, só podia ter

PERIGOSAS ACHERON

uma ligação dessas. Marino, aquele que veio do mar!

— Heitor? — A voz da mulher está trêmula.
— Está tudo bem?

O menino não responde, mas ela relaxa.

— Helena, vamos lá terminar de preencher a ficha. — Jo aponta para nós dois. — Heitor parece ter gostado do Bê.

Helena...

Olho a mulher com mais cuidado, notando todos os detalhes de seu rosto parcialmente coberto por um par de óculos de sol enorme e só quando foco em sua boca é que a lembrança vem.

A assessora de casamentos! Tento lembrar do sobrenome dela, era alguma coisa em italiano, mas não consigo. Não tiro meus olhos dela enquanto vai com a Jo de volta para tenda, lembrando do terninho creme sem graça, do absurdo coque apertado que aprisionou aqueles

PERIGOSAS ACHERON

lindos cabelos.

Olho para o menininho ao meu lado, percebendo as semelhanças com sua mãe. Heitor é autista, percebi isso enquanto ainda tentava acalmá-lo e, com certeza, é filho da Helena. Muitas questões, curiosidades na verdade, pipocam em minha mente, mas deixo-as de lado, pois tenho algo muito mais importante a fazer.

— Vamos começar a aprender a brincar na sua água?

Ele não me encara, mas vejo um pequeno sorriso que demonstra que entendeu. Devagarzinho, pego sua mãozinha, já preparado para uma rejeição, o que não ocorre, pelo contrário. Heitor segura firme a minha mão e se deixa conduzir por mim até as outras crianças que, com os voluntários, já começaram os exercícios.

Eu ainda não conheço esse rapazinho, mas algo me diz que aceitar pegar na minha mão foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma enorme prova de confiança. A mesma sensação que tenho ao entrar no mar me invade e, com esse simples toque, sinto que ganhei um amigo.

PERIGOSAS ACHERON

Seis

Helena

O tal jantar o qual Rubem praticamente me obrigou a ir foi um total porre! Chegamos lá juntos, pois ele fizera questão de ir me buscar em casa para que fôssemos em um só carro, e fomos recebidos como um casal. Aparentemente, ele esquecera de informar aos anfitriões que não era um homem casado e, por isso, acabaram me tomando como sua esposa.

Tive que suportar horas de toques “carinhosos” no meu braço, seu braço em meus ombros e cintura, seu sorriso falso para o meu lado quando falava da família. Tudo o que eu queria era gritar que ele era um filho da puta manipulador, que não dava a mínima para seu próprio filho desde

que descobriu que o garoto viera com *defeito de fábrica*, como ele mesmo jogara em minha cara quando nos separamos.

Mas, claro, não fiz nada disso. Fiquei lá, adestrada, com um sorriso congelado na cara e a mente flutuando. Pensava nos eventos que faríamos nesse final de ano, fiquei avaliando o do dia seguinte, conferindo mentalmente item por item, lembrando-me das aulas e terapias do Heitor, de que ele precisava de uma sunga nova e uma bermuda bem descolada para a aula de surfe.

Contudo, por mais que eu tentasse me distrair com as coisas — das mais instigantes às mais aborrecidas —, não ajudaram o tempo a passar mais rápido. Ainda tive que ouvir muita piadinha, responder a perguntas sobre questões que não queria falar — nossa família, por exemplo — e a escutar assuntos que não me diziam respeito, acerca da vida de pessoas que nem mesmo

conhecia.

Quando aquele jantar torturante finalmente acabou, achei que o pior tinha passado, mas estava redondamente enganada. Rubem, já bêbado, quis subir para o apartamento — o que eu neguei com veemência — e então me beijou à força. Empurrei-o para longe e, sem me despedir, saí do carro.

— Oh, Leninha, não faz jogo duro, vai! — Ele gritou apoiado no teto do carro, do lado do motorista. Sua voz soava embolada e lenta por causa da bebida. — Eu sei que você não tem feito sexo por aí... Deixa eu tirar seu atraso, você vai gostar!

Nem mesmo parei para responder, sentindo-me nauseada apenas por ele ter me beijado. Era muito difícil aguentar seus toques e beijos quando estávamos casados, mas eu suportava para manter uma família para meu filho. Há muito já não sentia nada por ele, nem mesmo respeito ou amizade,

PERIGOSAS ACHERON

nunca sequer cogitei a ideia de fazer sexo.

Rubem tinha razão que, infelizmente, ele fora o último homem com quem dormira e, somente por isso, eu pensava em pegar o primeiro que me acendesse alguma paixão, mas como iria conseguir uma transa trabalhando como louca a maioria do tempo e no restante cuidando do meu filho? Isso ficava relegado a coisas de menor importância.

Eu nunca deixaria o pouco de tempo que tenho para acompanhar o desenvolvimento do Heitor por causa de uma transa. Minha mãe e minhas amigas me incentivavam a encontrar alguém, engatar um namoro, ter um companheiro, contudo, além de achar impossível que alguém quisesse assumir um compromisso comigo, tendo essa correria no trabalho e ainda cuidando de um filho especial, ainda precisava encarar o fato de que, como já ameaçara fazer várias vezes, a partir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do momento que me envolvesse com alguém, Rubem tiraria toda a ajuda, inclusive o apartamento que morávamos.

Naquela noite, demorei mais tempo do que o necessário no chuveiro, lavando o meu corpo todo e qualquer vestígio e cheiro daquele homem. Demorei a conciliar o sono, pensando em todos os planos para aquele final de semana e, quando o despertador tocou no sábado de manhã, quis cobrir minha cabeça com o travesseiro, mas não podia, tinha trabalho a fazer.

— Você vai amanhã para o Guarujá? —
Kyra pergunta-me ao final da noite enquanto guardamos alguns equipamentos na van.

— Vou, liguei para lá e confirmei a aula experimental para o Heitor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha chefe e amiga sorri.

— Acho que ele vai amar, me mande fotos!

— Fecha a porta da van. — Tudo bem com você, hoje passou o dia todo quieta, pensativa?

Dou de ombros.

— O de sempre, a vida! — Sorrio triste. —

Às vezes, paro para analisar todos os planos que fiz quando ainda era uma menina e sinto a frustração bater por não ter realizado metade deles.

— Não pense nisso, Lena, você é jovem ainda!

Nego, sorrindo com sarcasmo.

— Tenho 35 anos, Kyra, já deixei de ser uma menina há muito tempo! — Respiro fundo. — Fico parecendo uma resmungona quando estou com esse humor. — Sacudo meu corpo, espantando esses sentimentos negativos. — Tenho um filho lindo, um emprego que amo, amigos, o que mais poderia querer?

PERIGOSAS ACHERON

— Um pau amigo para chamar de seu? —
Kyra ri debochada.

— Não, isso dá muito trabalho! Talvez
arranje um brinquedo...

— O quê? — Ela me interrompe. — Você
não tem um vibrador? — Nego sem jeito, e Kyra
arregala os olhos. — Menina! Precisamos dar jeito
nisso!

— Para, Kyra... — Começo a rir de
nervoso. — Eu falei de brincadeira.

— Não, mas é muito sério isso, Lena! —
Rolo os olhos, arrancando ainda mais risadas da
minha chefe. — Como você tem se virado? Com a
mão?

Meu rosto arde de constrangimento, não
quero falar desse assunto, mas, pela expressão em
seu rosto, percebo que ela não irá desistir do
assunto tão facilmente.

— Eu não costumo fazer isso sozinha. —

Minha voz sai baixinha, envergonhada, e eu consigo deixar Kyra boquiaberta.

— Há quanto tempo você...

— Nem sei mais. — Sorrio para disfarçar a solidão. — Já nem sinto falta.

Percebo que ela não sabe o que me dizer e um constrangimento se instala entre nós duas. Kyra é jovem, bonita, bem-sucedida e, apesar de alguns traumas, ela sai vez ou outra com alguém. Ela tem verdadeiro pavor a compromisso, por não acreditar neles.

Marília e Deia nos salvam do momento tenso, chegando com suas caixas — sempre com um pouquinho de tudo que foi servido no evento — e, finalmente, todas entramos na van para encerrarmos o trabalho.

Por sorte, quando chego em casa, Heitor ainda está acordado brincando com soldadinhos de chumbo que ganhou de presente da minha tia, irmã

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da minha mãe, que mora na Itália. Deito-me, ainda com a roupa com a qual trabalhei o dia todo, no tapete da sala com ele e entro na batalha.

Só depois de muito brincar — e já com meu exército dizimado pelo dele — é que ganho um daqueles seus sorrisos que representam que tudo está bem. Beijo sua cabeça com cabelos cheirosos recém-lavados e chamo-o para dormir.

Levo-o no colo, como gosta de ser colocado na cama, e conto sua história de dormir favorita, a mesma há dois anos. Canto baixinho uma canção romântica e em italiano, língua que parece acalmá-lo, e ele dorme. Fico um tempo olhando-o, tranquilo, dormindo calmamente, seguro e amado, e meus olhos marejam com todo o amor que sinto por ele.

Meu menino!

Quando saio do quarto, encontro mamãe limpando a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixe isso aí, amanhã eu limpo! —
Abraço-a pelas costas.

— Não, amanhã vocês vão pegar estrada cedo e isso aqui vai ficar fedendo na pia. — Beija minha bochecha, e eu deito a cabeça em seu ombro.
— Como foi o evento?

— Um sucesso! Foi tudo conforme o planejado e ainda fiz mais um pouco de *networking*. — Suspiro. — Estamos mesmo precisando de ajuda.

— Sua chefe é muito mão de vaca! Por que trabalharem como escravas se o negócio vai bem? Contrata mais gente!

— Não é por isso, mas eu acho que ela vai acabar contratando. — Eu torço por isso, fervorosamente. — Eu vou tomar um banho.

— Vá e aproveite para dormir e descansar. Você é uma guerreira, filha, tenho muito orgulho de você!

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, mamãe! — Abraço-a apertado, emocionada com suas palavras. — O que seria de mim sem você?

— Tenho certeza de que iria bem também, mas gosto que você pense que não! — Ela segreda em meu ouvido. — Me faz sentir importante!

Rio dela e beijo sua bochecha rechonchuda, indo para a suíte tomar banho e dormir.

Estaciono o carro perto da praia, já sentindo a agitação do meu filho no assento de elevação no banco traseiro. Heitor viu o mar e está muito empolgado. A viagem para cá foi tranquila, embora demorada. Para distraí-lo trouxe um joguinho ao estilo puzzle que ele adora e passa horas montando, ficando mais difícil a cada fase.

Antes, ele adorava brincar com cubo

PERIGOSAS NACIONAIS

mágico, mas, a pedido do terapeuta, retirei o brinquedo por causar nele muitos movimentos repetitivos, pois Heitor sempre tentava montar da mesma forma todas as vezes. Brinquedo, para ele, tinha que ter um grau de dificuldade muito grande para chamar sua atenção, mesmo com os soldadinhos de chumbo, ele tinha lógica e estratégias.

O jogo deu certo por um momento, até que ele avistou o oceano. Aí, tudo o que ele queria era *sua água*.

Desço do carro, pendurando a bolsa que trouxe com roupas extras e todo o tipo de quinquilharia que só quem é mãe entende o motivo do transporte, e caminho em direção às tendas montadas na areia.

Vejo tantas pessoas participando e fico enternecida com a possibilidade de inserção que esse projeto abriu.

PERIGOSAS ACHERON

Sou saudada por uma senhora bonita que se apresenta como Jo e me explica como funciona o projeto, levando-me até a tenda de inscrição.

— Aqui você preenche seus dados e os dados de seu filho. — Aponta para o formulário. — É pouca coisa, se quiser, posso levar o Heitor para o professor e...

Ela mal termina de falar, Heitor solta da minha mão e dispara rumo ao mar. Meu coração dispara e um frio cruza minha espinha de norte a sul, causando um arrepio de medo em meu corpo.

Deixar Heitor sozinho perto do mar é loucura! Começo a me repreender, correndo atrás do meu filho. Ele ama a água e vai ignorar qualquer aviso para se manter distante. Não devia tê-lo trazido, pode ser muito perigoso!

Um homem, com os cabelos molhados, camisa do projeto e bermuda cáqui, sai correndo atrás dele também e, mesmo usando prótese, ele é PERIGOSAS ACHERON

muito rápido na areia fofa, alcançando Heitor antes que meu filho entre, de fato, no mar.

Assisto meu menino se debater em seus braços enquanto o homem tenta conversar com ele. Só escuto sua voz quando já estou perto, com a Jo ao meu lado. Suas palavras cheias de carinho chegam aos meus ouvidos e, pasma, vejo que causam efeito no Heitor.

— Sim, sua água! — Assim que ouve a confirmação do que fala, Heitor dá seu sorriso de tudo certo. — Eu amo o mar, sabia? — O homem aponta para as ondas. — Minha água também!

A mudança que ocorre é estarrecedora! Heitor não recusa seu contato e nem tenta fugir. Eu pergunto a ele se está tudo bem e o sorriso confirmativo aparece. Olho, protegida pelas lentes dos óculos de sol, para o homem ao meu lado e seguro o fôlego ao reconhecê-lo.

— Helena, vamos lá terminar de preencher

PERIGOSAS ACHERON

a ficha. — Jo aponta para eles. — Heitor parece ter gostado do Bê.

Bernardo Novak, o surfista!

Disfarço outro olhar para a prótese que ajuda a mantê-lo de pé questionando o que lhe aconteceu. Em local algum vi o nome de um surfista famoso como ele relacionado a esse projeto, mesmo porque isso tudo aqui não combina nem um pouco com a imagem que fiz dele há 3 anos, quando nos encontramos no casamento de seus irmãos.

Volto para a tenda com a organizadora do projeto, mas, antes, jogo uma olhada para trás e a cena que vejo quase me faz cair de cara na areia!

Meu filho, meu Heitor, de mãos dadas com Bernardo. Parece uma coisa normal, mas não é! Heitor, até hoje, só andou de mãos dadas comigo!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sete

Bernardo

Termino a aula e começo a desmontar as estruturas, sempre com o pequeno surfista novato no meu encalço. Dou uma olhada de rabo de olho para a mãe do menino, que não tira os olhos de nós, e balanço a cabeça positivamente, indicando a ela que o pequeno não está me atrapalhando.

Helena ficou o tempo todo por perto, sem desgrudar os olhos de Heitor em todos os momentos em que estive sob meus cuidados. Entendo a preocupação dela, não só por causa das condições especiais de seu filho, também porque, como qualquer criança, ele ainda está se adaptando às pessoas, ao lugar e ao treino.

Penso na coincidência que é ter me

reencontrado assim com a assessora de casamentos. Depois da festa do enlace dos meus irmãos, eu nunca mais soube dela e, apesar de seu português perfeito, nunca poderia imaginar que ela morava no Brasil. Agora, ela está aqui, na praia onde desenvolvo o projeto que motiva minha vida e tudo o que aconteceu, aquela conversa estranha entre nós, há apenas dois anos, parece ter sido em outra vida.

Sinceramente, sinto-me envergonhado pelo modo em que a tratei, mas não nego que a atração que senti por ela naquela tarde ainda formiga meu corpo quando a olho. A mulher é muito gostosa!

Coloco a última prancha no pequeno carrinho, cujo Olavo espera para guiar até a caminhonete, e olho para meu aluno. Heitor não tira os olhos do mar, parecendo muito apaixonado, quase atraído, como se o som das ondas fossem uma canção, um chamado das sereias. Sorrio,

PERIGOSAS ACHERON

colocando a mão em seu ombro devagar, com medo de assustá-lo, mas não, ele não se move, aceitando meu contato, ainda hipnotizado pelas águas.

— Nosso treino acabou, campeão! — Falo com ele, mas acompanhando seu olhar, sem encará-lo. — Semana que vem, teremos mais. Posso contar com sua visita?

Um perfume suave se mistura com a maresia, e eu, mesmo não conhecendo a fragrância, sei que é o cheiro da Helena.

— Heitor, está na hora de irmos — ela o chama, mas o menino não reage. — Filho...

Mudo de posição, fico de frente para ele e agacho-me, tampando sua adorada imagem do mar.

— Ei, campeão! Sua mãe está cansada, está chamando você para voltarem para casa. — Ele solta um bufo, mas, ainda assim, não desvia os olhos, nem para olhar nos meus ou para sua mãe. — Posso te contar um segredo? O mar estará aí, à

sua espera, para a próxima vez que voltar. — Bagunço seus cabelos. — Eu não moro aqui. Moro em São Paulo, uma cidade cheia de prédios e que não tem praia, mas todo final de semana, quando venho para cá, o mar continua aqui. — Heitor me olha. — E sabe o mais legal? Ele não esquece de mim! Pego minha prancha e as ondas estão sempre lá, do jeito que eu gosto!

— Minha água... — sussurra. — Não tem minha água em casa.

— Nós moramos em São Paulo também — Helena me explica, agachando-se ao meu lado. — Viu, só, Heitor? O mar ainda estará aqui na semana que vem. Você gostaria de voltar?

O menino sorri e balança a cabeça, olhos fixos nos meus, ainda que esteja respondendo sua mãe.

Helena estende a mão, e ele a pega imediatamente, porém, surpreendendo a nós dois,
PERIGOSAS ACHERON

estende a outra para mim.

— Filho, ele não vai agora e...

— Tudo bem. — Pego a pequena mãozinha.

— Levo vocês até o carro.

Caminhamos em silêncio pela areia, em direção à calçada. Passo perto de Jo e Fran e faço sinal para eles, avisando que já estarei de volta, e olho para a bela morena de olhos amendoados ao meu lado. Helena também me olha, sorri contida e balbucia um agradecimento.

O sorriso dela é lindo!

Respiro fundo, desviando o pensamento, mesmo que me sinta atraído por ela da mesma maneira como me senti anos atrás, eu não conheço nada da vida dela. Provavelmente, ela é casada, tem uma vida feliz e me acha ainda um moleque arrogante. Seguro a vontade de sorrir tentando lembrar de como ela me chamou naquele dia.

Ah! Surfista mauricinho! Finalmente,

lembro, abrindo um sorriso.

É, ela não estava errada.

— Chegamos! — Ela aponta para um *Voyage* prata estacionado numa das transversais da avenida da praia. — Heitor, troque a bermuda antes de entrar no carro.

Ela abre o veículo e puxa uma peça limpa e seca, balançando-a na frente do menino. Heitor pega a peça, retira a molhada e se veste antes de entrar no carro e sentar-se sobre o assento de elevação disposto no banco de trás.

— Ei, campeão! — Chamo-o. — Não vai se despedir?

Heitor acena para mim, sorrindo, mas logo volta a olhar fixamente para uma pequena tela no encosto do banco da frente. Helena liga o aparelho e um vídeo infantil começa a tocar.

— Isso ajuda a mantê-lo no lugar por algum tempo — explica-me. — Depois, ele pega o tablet e

PERIGOSAS ACHERON

joga um pouco.

— Como toda criança da idade dele — completo. — Eu lembro o inferno que fazia quando viajava com meus pais. Não tinha toda essa tecnologia, então, enquanto Nick ia lendo algum gibi ou livro, eu ia brincando com meus bonecos de ação, mas cansava logo e começa a perguntar, de minuto a minuto, se já estávamos chegando.

— É, eu também não era paciente. — Sorri, mas logo fica séria. — Obrigada por hoje. — Fez sinal com a cabeça para o menino dentro do carro. — Eu nunca o vi se abrir tanto para alguém como o que aconteceu entre vocês.

— Temos uma paixão em comum. — Pisco para ela, referindo-me ao mar. — Isso facilita a comunicação.

Helena sorri emocionada, e eu vejo covinhas se formando em suas bochechas.

— Deve ter sido isso, mas, ainda assim,
PERIGOSAS ACHERON

obrigada pela atenção e pela paciência.

— Não precisa me agradecer. Faço com prazer, de verdade. — Cruzo os braços, pois a vontade que eu tenho de tocar em seus cabelos negros e brilhantes é enorme. — Vocês voltam semana que vem?

— Sim — diz animada. — Heitor se divertiu muito aqui hoje e, embora seja uma viagem cansativa, eu faço de tudo para vê-lo integrado e feliz.

Uma ideia passa pela minha cabeça, mas ignoro, achando improvável que ela aceite. *Mesmo porque, seu idiota, você não sabe nada sobre ela! Mal lembrava o sobrenome até uns minutos atrás!*

— Foi um prazer ter vocês aqui. — Estendo a mão para ela como um babaca, querendo muito sentir o toque de sua mão, testando se a atração realmente existe ou se é fruto do reencontro e da surpresa de revê-la. — Volte semana que vem!

Ela me cumprimenta, e eu sinto algo diferente. Não é a mesma atração que senti há anos, na Itália, é algo que ainda não sei explicar, quase como um reconhecimento, uma conexão.

— Voltaremos!

Ela fecha a porta de trás, onde Heitor está, dá a volta no carro e senta-se no banco do motorista, dando a partida em seguida. Fico um tempo olhando-a indo embora, ainda sem entender o que diabo aconteceu comigo. Há dois anos, eu olhei para ela, senti atração e, se ela tivesse me querido, teríamos tido uma longa noite trepando. No entanto, hoje, ao revê-la, sim, ainda sinto a atração, mas a vontade de saber dela, de conhecê-la, é ainda mais forte que o desejo sexual.

Quem é Helena Santorini?

Fran e Jo acompanham-me até a casa dos meus pais assim que terminamos de guardar tudo na sede. Está entardecendo e, em breve, vou pegar estrada voltando para casa, em São Paulo, porém, antes, Jo resolveu fazer um lanche para nós, e eu ofereci a estrutura da mansão dos Novak.

Enquanto tomei banho, ela preparou os hambúrgueres de carne e de soja. Assim, quando vou ao encontro deles, deparo-me com Fran de avental tomando conta da churrasqueira.

— O cheiro está delicioso! —
Cumprimento-a. — Só não queime nenhum, Fran!

Ele ri.

— Eu, com uma só mão, sou melhor que você nisso! Quem foi que deixou queimar da última vez que fizemos?

Jo ri e concorda, e eu finjo-me de morto, desviando o assunto. Sim, eu sou um desastre na cozinha, distraio-me muito fácil e, naquela ocasião,
PERIGOSAS ACHERON

engatei uma conversa no aplicativo de mensagens com uma jornalista gostosa que conheci na redação de onde trabalho e acabei por deixar os hambúrgueres tostados.

— A mãe do garotinho novo, Heitor, só faltou chorar hoje durante sua aula — Jo comenta comigo. — Ela estava muito emocionada com a interação dele contigo.

— Pois é, isso também me surpreendeu. — Sorri, sentando-me na baqueta do outro lado do balcão, onde ela prepara uma salada verde. — Eu gostei do moleque!

— Ele é uma graça! E a mãe dela é muito bonita também! — Ela ri. — Perguntei se era modelo ou artista.

Gargalho ao imaginar a cena, pois sei que a Jo é muito direta e sempre fala tudo o que pensa.

— Aposto que Helena ficou constrangida!

— Helena? — Ela me encara. — Fala dela

como se a conhecesse...

— Eu aposto que ele quer, o safado! —
Fran grita da churrasqueira, sem desviar os olhos
dos hambúrgueres.

Balanço a cabeça, negando.

— A mulher deve ser casada! Eu não me
meto com mulheres casadas, nunca fui desse tipo!

— Divorciada — Jo dispara. — Está na
ficha que ela preencheu hoje. — Olho-a
desconfiado. — O que foi? Eu leio todas as fichas!

— Lê nada! — O marido a desmente. —
Ela deve estar é querendo bancar o cupido pra cima
da moça! Cuidado, Bê!

— Esse galinha é o último homem com
quem eu pensaria em juntar a pobre moça! A
coitada da Larissa estava toda tristonha hoje porque
ele mal lhe deu atenção, depois de ter passado a
noite inteira se divertindo com ela.

— Não, não, nem comece! — Aponto para
PERIGOSAS ACHERON

ela. — Nós passamos a noite inteira nos divertindo juntos! Posso te garantir que ela se divertiu bastante também. Além do mais, como expliquei, na WA é trabalho, não vou lá para ficar de namoro com ninguém. O que aconteceu entre nós foi depois do expediente, ela concordou com tudo, e nós dois nos divertimos. Poxa, cadê a liberdade sexual da mulher nessas horas? Parece que eu abusei da moça!

— Eu sei que você não abusou, mas ela talvez tenha esperado...

— Jo, nós não combinamos nada, além disso, apenas disse a ela que durante os trabalhos na WA não era para ficarmos de namorico. Isso não quer dizer que dei um passa-fora na mulher!

— Ele tem razão! — Fran me defendeu, e eu agradeci.

— Enfim, acho que perdemos a voluntária.
— Dá de ombros. — Paciência! Quanto a Helena...

— *Tá fodido, Bê!* — Fran gargalha.

Jo apenas rola os olhos, como se a interrupção não tivesse acontecido.

— Ela é uma mulher experiente, já foi casada, tem um filho, não vai querer nada com um garotão que não leva ninguém a sério!

Arqueio a sobrancelha, entendendo o joguinho dela. Jo está querendo mexer com meu lado competitivo, lançando-me um desafio. Ela me conhece bem, sabe que eu adoro essas coisas, bem como apostas, mas não vou fazer isso sobre esse assunto.

— Não vou cair nessa, Jo.

Fran gargalha.

— Não sei do que você está falando! — Vai até a pia e lava as mãos. — Acho mesmo que ela é madura demais para você e não se encantaria com esses seus cabelos rebeldes e nem como esse corpão sarado. Mulheres como Helena preferem

conteúdo a embalagens!

— Ouch, agora ela partiu para ofensa! —
Fran vem até nós carregando os hambúrgueres de
soja já assados. — Artilharia pesada, Bê, você já
era!

Sorrio arrogante.

— Nós já nos conhecíamos — revelo e os
dois ficam surpresos. — Ela trabalhou no
casamento do Nick e da Gio na Itália. Tivemos um
pequeno... mal-entendido e depois não nos vimos
mais.

— Hoje foi um reencontro? — Os olhos
esotéricos de Jo chegam a brilhar quando ela me
pergunta isso.

— Jo, não comece. — Olho para o Fran
desesperado por ajuda.

— Já era, *brou!* Xeque-mate para você
nesse jogo. — Mastiga um pedaço do hambúrguer
fazendo careta. — Agora ela vai fazer o mapa astral

de vocês dois e descobrir que são almas gêmeas!

— Cala a boca, seu idiota! — Ela dá um tapa no marido, rindo, e ele a beija. — Vai queimar os hambúrgueres sangrentos lá. — Aponta para a churrasqueira com os hambúrgueres de carne ainda na grelha, e ele volta correndo.

Ela não fala mais nada, o que acho estranho. Observo-a fazer seu hambúrguer vegetariano — pão integral, hambúrguer de soja e salada — e posso ouvir as engrenagens de sua cabeça funcionando, maquinando, planejando friamente algo para meu futuro. *Merda!*

— Jo, não faça nada! — Ela me encara. — Sério! Você tem razão sobre ela e eu sermos diferentes, nós nem nos conhecemos, não vai ficar bancando a filha de Afrodite nessa situação.

Jo respira fundo e assente.

— Eu gostaria de te ver com alguém — diz com sinceridade. — Eu sei que você fica dizendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que é muito novo, que tem que se divertir, mas vejo suas “diversões” cada vez mais tristes e vazias. Você mudou, Bernardo Novak, não sei por que ainda insiste em manter esse aspecto da sua velha vida.

As palavras dela calam fundo dentro de mim.

Sim, eu mudei! Já não vejo graça em muita coisa que era importante antes. Não curto mais uma balada como antes, tenho tido preguiça de ficar indo à caça, deixando mais que a coisa aconteça naturalmente do que indo atrás e, principalmente, as noites de sexo por sexo, embora gostosas pra caralho, estão cada vez mais sem sentido para mim.

Somos amigos há tão pouco tempo, mas essa psicóloga mística e meio doida me conhece mais do que qualquer outra pessoa já conheceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Oito

Helena

A viagem de volta para São Paulo pareceu demorar menos do que a de ida ao Guarujá. Não, eu não acelerei mais ou o trânsito estava melhor, foi apenas porque minha cabeça estava cheia de perguntas e curiosidades que não caí na monotonia que sempre sinto quando faço uma viagem mais longa.

Bernardo Novak!

Sim, ele esteve em minha mente durante todo o percurso de volta. Nunca mais pensei nele depois daquele triste e irritante encontro na Itália há alguns anos, simplesmente continuei minha vida e rotina sem desviar os pensamentos uma vez sequer para o filho mais novo de dona Cecília Novak.

Confesso que ele sempre chamou minha atenção. No dia em que chegou a Sardenha, eu estava com uma equipe tirando medidas do local em que iríamos montar o pequeno tablado onde ficaria a orquestra do baile de casamento. Parei um momento para vê-lo passar, de camiseta e bermuda, braços fortes de fora, pele bronzeada e aqueles cabelos rebeldes e levemente descoloridos pelo sol.

Claro que sabia quem era, afinal, mesmo sem acompanhar o esporte, já tinha ouvido falar no surfista que desceu o paredão de onda mais temido do mundo, ficando, assim, no rol de poucos na terra.

Quando passou onde eu estava, cumprimentou a todos com um aceno de cabeça e um sorriso enorme, fazendo aparecer covinhas em sua bochecha parcialmente coberta por uma barba sem fazer. Uma brisa gostosa soprava naquele momento, e eu nunca mais pude esquecer o cheiro

de Bernardo Novak.

O mesmo que senti hoje!

Foi lamentável descobrir, dias depois, que, além de já ter levado duas garotas do nosso serviço para a cama, ele ainda era um babaca machista que se achava no direito de tocar uma mulher sem sua permissão. O encontro na suíte do casal foi desastroso e acabou de matar todo e qualquer encanto que eu senti por ele.

É verdade que a homenagem que ele e o irmão fizeram para a noiva me trouxe lágrimas aos olhos. Quando Nick desmoronou no altar, emocionado, e Bernardo assumiu a música — mesmo eu sabendo que ele não queria estar ali de jeito nenhum, pois reclamou o tempo todo no ensaio com os músicos —, eu percebi que apesar do jeito meio moleque, ele amava seus irmãos e faria qualquer coisa para vê-los felizes.

Bernardo era um bom músico, tocando

PERIGOSAS ACHERON

piano com uma facilidade de dar inveja a quem — como eu — sabia o básico do básico, além de possuir uma belíssima voz rouca e sexy.

Aquele gesto me deixou mais maleável com relação ao que achava dele, porém demorou pouco para eu voltar a classificá-lo como um belo filho da puta. Durante a festa, ele dançou com a única prima da noiva, uma moça italiana nova e muito bonita. Era óbvio que a menina estava encantada por ele, e Bernardo não perdeu tempo. Sumiu com ela para baixo do pequeno píer que ligava a propriedade ao mar, mas, felizmente, antes de seduzir a moça, tomou umas boas porradas do irmão mais velho dela.

Foi um trabalho lidar com a situação e ainda esconder dos noivos e dos convidados, a sorte é que, entre um olho roxo e um lábio inchado, salvaram-se todos.

No dia seguinte à festa, organizamos o café-

PERIGOSAS ACHERON

da-manhã para a família antes de os noivos partirem para a viagem que iriam fazer. Eu não vi mais o Bernardo aquele dia, mesmo quando me despedi de todos para ir até Roma, onde titia morava, para ficar uns dias antes do meu retorno ao Brasil.

Foi através desse trabalho que eu pude voltar a trabalhar na área novamente, mas foi duro ficar quase uma semana longe do meu Heitor, por isso, nunca mais aceitei nenhum outro evento que me obrigasse a me ausentar por tantos dias. Meu filho vai ser sempre minha prioridade.

Sorrio ao pensar no milagre que eu vi acontecer hoje! A imagem da mãozinha do meu filho na enorme mão de Bernardo Novak aquece meu coração de novo. Heitor fez um amigo e não só aceitou seu toque, mas o tocou.

Beijo sua cabecinha cheirosa — assim que chegamos, dei banho e lavei seus cabelos — e o

PERIGOSAS ACHERON

coloco na cama ainda com essa deliciosa sensação no peito fazendo-me suspirar. Valeu a pena cada quilômetro percorrido, o calor que senti debaixo daquela tenda o dia todo, para ver meu pequeno interagindo da forma que fez.

Não sei como eu vou fazer, mas quero levá-lo em todos os finais de semana para fazer a aula.

— Eu prometo tentar, filho — sussurro junto com meu beijo de boa noite.

Apago a luz do quarto, deixando apenas a luminária em cima da mesa de cabeceira ligada e vou até a cozinha, onde pego um vinho e sirvo uma dose na taça. O telefone celular ao meu lado chama minha atenção e, sem perder mais tempo, busco as respostas para um monte de perguntas.

Digito Bernardo Novak e, além de lindas fotos dele aparecerem, tem toda a história de seu acidente, dos campeonatos que disputou antes e depois da amputação e a enorme lista de mulheres

com quem já foi visto em algum momento.

A notícia do acidente remota a dois anos atrás, e eu me pergunto como nunca soube disso, como nunca tive curiosidade acerca do homem que chamou tanto minha atenção naquela cerimônia. Talvez seja apenas pelo fato de eu ter, embora a atração magnética assim que ele apareceu, descoberto que Bernardo Novak era o tipo do homem de quem eu deveria me manter bem distante.

Não que eu estivesse próxima de algum!

O pouco que tentei namorar durante esses anos em que estou divorciada foi um caos. Meu tempo livre é do meu filho e o parceiro tem que entender que eu não posso sair todos os finais de semana para balada e nem fazer viagens a dois. Simplesmente, não dá.

Mamãe reclama que eu fico muito em cima do Heitor, mas como não ficar? Meu filho já sofre

PERIGOSAS ACHERON

com a rejeição do pai e dos familiares dele, eu nem consigo pensar na possibilidade de um dia passar pela cabecinha dele que me perdeu. Não dá!

Ele é muito independente graças aos tratamentos terapêuticos e o acompanhamento da escola. Heitor faz muita coisa sozinho, como qualquer menino de sua idade, mas, no começo, foi difícil. Foi sugerido que eu espalhasse fotos pela casa com as ações que fazíamos em cada cômodo. No banheiro, grudado no espelho, havia fotos dele escovando os dentes, lavando o rosto e penteando os cabelos. No vidro do boxe uma foto de quando ele tomou banho e assim por diante. Eu fotografei cada ação dele e grudei nos lugares específicos, então, cada vez que ele via um retrato, sabia o que era para ser feito no local.

Com o tempo, a rotina foi se estruturando na mente dele, até que começou a reconhecer cada local sem a necessidade das fotos. Eu ainda tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que mandar tomar banho e lavar atrás da orelha; ainda preciso mandar escovar dentes para dormir, mas qual mãe de um garoto de sete anos não o faz?

A cada progresso, a terapeuta que nos acompanha me lembra: cada criança tem seu tempo, não exija demais dele! E tento focar nisso, mesmo morrendo de orgulho quando ele resolve alguma conta que nenhuma outra criança da sua idade resolveria. Escondo o sorriso, parabenizo, mas não incentivo, para que isso não se torne uma obsessão para ele.

A questão mais difícil na criação do Heitor é a empatia. Claro que ele adora minha mãe e seus colegas de escola, mas sua demonstração é reservada, contida, sem deixar que eles lhe abracem ou abraçá-lo. Minha mãe não consegue fazer carinho no Heitor, mesmo lidando com ele todos os dias, ajudando no banho, nas refeições e brincando com ele.

PERIGOSAS ACHERON

A única pessoa, além de mim, que meu filho tomou a iniciativa de um contato foi o Bernardo Novak, sabe-se Deus lá o motivo!

Deslizo algumas fotos dele pela tela do meu celular, suspirando pelo corpo moreno e sarado, saudosa de uns braços fortes me abraçando, de um carinho e uns beijos bem gostosos. E vontade também! Louca de vontade de...

Fecho os olhos e várias imagens de sexo, protagonizadas entre mim e Bernardo, tomam meus pensamentos. Consigo sentir o gosto salgado do sal sobre sua pele, minha língua ondulando sobre os gominhos de seu abdômen, os pelos escuros e aparados aparecendo quando desço devagar a borda de sua cueca boxer branca, fazendo um contraste gostoso com sua cor bronzeada.

Bernardo Novak segura-me pelos cabelos enquanto eu liberto seu...

O telefone vibra na minha mão e eu,
PERIGOSAS ACHERON

assustada, jogo-o longe. Meus batimentos cardíacos estão frenéticos, respiração ofegante e muito, muito calor a ponto de me fazer suar. Balanço a cabeça sem entender o motivo pelo qual estava fantasiando com um homem que só vi duas vezes em minha vida.

O aparelho continua a tremer sobre o tapete da sala, onde aterrissou por sorte. Pego-o e confiro duas ligações perdidas de Rubem. Respiro fundo, notando o quanto só de ler o nome do meu ex-marido meu corpo gela e toda a excitação desaparece.

Coloco o telefone no modo “não perturbe”, deixando apenas os alarmes com volume. Jogo fora o restante do vinho, lavo a taça, colocando-a no lugar, e sigo para a suíte, onde pretendo tomar um longo e gostoso banho, passar hidratante por todo meu corpo e depois deitar sozinha na enorme cama.

Quer dizer... não totalmente só, apenas

PERIGOSAS ACHERON

preciso colocar pilha em um certo aparelho que adquirir, se é que vocês me entendem. Dou um sorriso sabendo que, nessa noite, enquanto busco sozinha pelo meu prazer, um rosto, um corpo, uma voz e um sorriso preencherão minhas fantasias.

A rotina de segunda-feira é sempre a mais louca aqui de casa. Heitor sempre está mais preguiçoso, pois se acostuma com a “moleza” do final de semana, mamãe sempre chega atrasada, porque foi em algum baile da terceira idade no domingo à noite, e eu sempre estou mais rabugenta.

Entro no trabalho por volta das nove e já vou direto para a máquina de café esperando a mágica bebida me dar energia para enfrentar o dia. Só que, hoje, a bendita não quer funcionar de jeito nenhum! Tenho vontade de dar uns murros nela,

PERIGOSAS ACHERON

mas como sei que a Kyra comprou essa coisa cara para agradar aos clientes, não parto para a agressão, pensando em economizar meu suado dinheiro e não comprar uma nova.

— Porra, máquina, facilita! — Resmungo, apertando o botão mais uma vez, esperando um milagre acontecer.

— Bom dia! — Marília cumprimenta a todos, mas eu só balanço a cabeça, não querendo ser contagiada pelo seu bom-humor, afinal, essa maldita máquina não merece meu sorriso. — Ei, Leninha, essa coisa aí pifou ontem!

Fecho os olhos querendo chorar, não posso viver sem café!

— Vou comprar! — Sigo até minha mesa para pegar minha bolsa. — Alguém mais quer?

Como ninguém responde, e eu também não quero perder tempo, saio apressada para a cafeteria mais próxima, odiando esse bairro ser tão

PERIGOSAS ACHERON

residencial a cada metro que ando sem avistar nenhuma. Finalmente, aparece a fachada de uma padaria e meu sorriso se agiganta, embora pense que deveria ter trazido a jarra de inox da nossa máquina e, assim, comprar o café no “atacado”, porque um copo, mesmo grande, não será o suficiente para essa manhã.

Eu preciso finalizar a planilha do baile dos Villazzas, de dois casamentos e iniciar um orçamento para a noiva que esteve conosco na degustação. Além disso, ainda tenho que fazer duas visitas a ateliês para saber das encomendas que fiz, visitar uma loja de decoração, porque a noiva em questão não tem tempo para marcar os produtos na lista e conseguir achar um fornecedor que tenha uma máquina de neve, porque teremos um aniversário de 15 anos um dia depois do Natal e a menina quer valsar enquanto neva sobre ela e seu príncipe (faço uma anotação mental para ligar para PERIGOSAS ACHERON

a assessoria do ator de novela *teen* que contratamos e lembrá-la do compromisso. O seguro morreu de velho!).

A padaria, mesmo a essa hora, está cheia e demoro a ser atendida. Faço meu pedido, um café duplo, forte e sem açúcar para viagem e, enquanto aguardo, vou lendo os e-mails que estão chegando.

— Ei! — Franzo o cenho achando a voz parecida. — Helena?

Encaro Bernardo Novak vestido de camisa esporte fino, calça jeans com lavagem escura e sapatos. Mais uma vez, franzo o cenho porque sempre que eu o imagino está vestindo bermuda e camiseta — a maioria das vezes, sem ela — e vê-lo assim me surpreende.

— Bom dia! — Respondo sem jeito, pois ele percebeu que eu estava reparando a forma como está vestido. — Que coincidência!

Ele ri e concorda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Moro aqui perto e sempre passo aqui para pegar um café antes de ir para o trabalho. Tudo bem? — Assinto. — Chegaram bem ontem?

— Sim. — Sorrio agradecida pela preocupação. — Heitor estava tão cansado que dei um banho e ele apagou.

A balconista me chama, e eu pego um copo de 500 ml de pura cafeína com aroma dos deuses.

— Uau! — Ele aponta meu copo. — Eu pensei que eu era o viciado em café! — Levanta seu copinho de 200 ml. — É uma quantidade assustadora.

— Nossa máquina quebrou, e eu vim andando à procura desse néctar! — Dou uma golada. — Bom, muito bom!

Ele fica sério, mesmo que eu ria pela brincadeira. Os olhos cor de mel não deixam os meus, parecendo perscrutar dentro da minha alma. Meu corpo inteiro se aquece e não é por conta do

PERIGOSAS ACHERON

café quentíssimo que acabei de ingerir. Não! É ele, é o corpo dele perto do meu, é a tal da atração magnética que senti quando o vi há dois anos.

Droga!

— Eu preciso ir! — Aponto para fora da abafada padaria. — Vim andando e tenho um longo caminho a percorrer...

— Estou de carro — interrompe-me. — Já comprei meu café, então te deixo lá.

— Não precisa, eu... — Apresso-me na negativa, pois tudo o que eu não preciso é ficar fechada com ele dentro de um carro.

— Eu faço questão! Além do mais, se seu percurso demorar, seu café vai esfriar.

Respiro fundo, mandando meu corpo se acalmar, e concordo.

Seguimos mudos para o carro estacionado praticamente em frente à padaria. Surpreendo-me ao notar a mesma caminhonete cabine dupla que

PERIGOSAS ACHERON

havia visto cheia de equipamentos na praia. Eu jurava que o carro dele era algo selvagem, potente e sexy.

— Como é que você consegue vaga para um carro desse tamanho aqui em São Paulo?

Bernardo sorri.

— Eu tenho outro, compacto, mas vou deixar a caminhonete no lava jato enquanto trabalho.

Fico tentada a perguntar qual era o modelo do outro, querendo saber se imaginei certo, mas fico sem jeito. Ontem eu vi na internet que Bernardo é formado em Comunicação Social e que trabalha para um canal esportivo, cobrindo, principalmente, esportes radicais e paralímpicos.

Ele se reinventou depois do acidente e isso me faz admirá-lo, pois muitos se entregam a autocomiseração e daí vem a depressão e a amargura. Não tenho nenhuma intimidade para

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntar a ele como foi sua superação e o que faz para se manter tão bem física e emocionalmente. Tenho vontade de saber mais dele, mas nenhuma coragem para dar o primeiro passo nesse sentido.

— Você precisa me dizer onde trabalha...

Bernardo olha-me interrogativo, e eu rio ao perceber que ele está dirigindo sem uma direção específica.

— Eu trabalho com a Kyra Karamanli, na rua...

— Ah, eu sei onde fica! Conheço a Kyra desde criança. — Ele me dá uma piscadinha. — Quando ela abriu a casa de produção de eventos, eu fui na inauguração.

— Mesmo? — FRANZO o cenho, pois não me lembro de tê-lo visto por lá.

— Sim, quer dizer... — Ri. — Cheguei, parabeneizei e saí. Tinha outro compromisso naquela noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah... Imagino que tenha tido...

Vejo-o balançar a cabeça e segurar o riso. O farol fecha, e ele me olha.

— Leiloei uma das pranchas assinadas pelo Kelly Slater naquela noite para ajudar a formar a WA. — Fecho os olhos, lamentando o comentário infeliz e fora de propósito, mas não tenho tempo de pedir desculpas, pois ele logo completa: — Ah, mas a noite terminou bem como você pensou que iria ser. — Piscou para mim. — Não precisa ficar constrangida.

Gargalha, voltando a dirigir, e eu o fuzilo com o olhar por me deixar exatamente como disse para não ficar: muito constrangida, além de uma leve curiosidade para saber como terminou a noite e um pouco de inveja da maneira solta e simples que ele encara a vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nove

Bernardo

Entro na redação onde trabalho assobiando uma música do Jack Johnson enquanto penso na sorte incrível que tive essa manhã. Todo santo dia, eu compro meu café naquela padaria antes de vir para o trabalho, geralmente, tomo-o por lá mesmo, mas hoje acordei um pouco mais tarde e o pedi para viagem.

Tudo isso pareceu ser providencial, pois, quem diria, encontrei Helena mais uma vez! Anos morando na mesma cidade e nunca nos esbarramos, de repente, nos vimos dois dias seguidos. Uma coincidência da porra, mas confesso que me animou.

Sigo até minha estação de trabalho lendo os

PERIGOSAS NACIONAIS

recados que deixei para mim mesmo sobre competições e ideias para matérias. Tenho algumas mídias, de alguns torneios e eventos que fui na semana passada, para editar antes de mandar para o editor-chefe. Checo minha agenda à procura dos compromissos dessa semana, agradecendo por ter apenas uma viagem a fazer para Floripa.

Eu gosto do meu trabalho e de poder viajar e seguir as competições que acontecem, mas, por conta do retorno da WA, eu prefiro não ter que sair de São Paulo. Em janeiro, já sei que vou ter que passar duas semanas em Noronha por conta das gravações do *reality* sobre surfe que fazemos todos os anos.

Sorrio, soltando um suspiro de satisfação ao pensar no verão e em todas as possibilidades de estar no mar. Logo depois da gravação no arquipélago, entro de férias e vou poder me dedicar integralmente ao projeto no Guarujá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensar na WA me faz lembrar de Helena e do nosso encontro casual nessa manhã. Ela estava ainda mais bonita de vestido, cabelos soltos e óculos de sol. Gosto da maneira simples que ela se movimenta, do jeito franco com que diz as coisas — como por exemplo, a insinuação sobre não ter me visto no evento — e gosto, especialmente, de como ela fica sem jeito quando eu a provoco.

Estávamos no carro conversando, a caminho da empresa da Kyra, quando ela ficou constrangida pelo o que eu disse, e eu, parado no trânsito, toquei seu rosto. Helena arregalou os olhos, e eu recuei, lembrando-me da confusão que foi quando tentei tocá-la lá na Itália — tudo bem que lá eu avancei pro decote dela, sem desculpas para essa atitude.

— Perdoe-me... — Sorri sem jeito. — Eu não deveria brincar assim com você, afinal mal nos conhecemos.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. — Deu de ombros. — Fui eu quem começou o assunto, sou eu quem pede desculpas.

— Vamos fazer o seguinte? Vamos esquecer o assunto! — Ela concordou. — Onde está aquele pequeno surfista?

Helena ainda parecia desconfortável e isso estava me deixando tenso. Eu sinto atração por ela, quero conhecê-la melhor, quebrar esse gelo para... Tento tirar essas ideias da cabeça, pois, certamente, ela não é o tipo de mulher que transa apenas por diversão.

— Heitor está na escola — respondeu por fim. — Ele estuda em período integral.

— Eu também estudava e detestava! — Ri, e ela me acompanhou, assentindo. — Vocês irão mesmo nesse final de semana?

— Eu prometi a ele, não posso voltar atrás. — Senti os olhos dela sobre mim, mas ela parecia

hesitar para falar algo mais. — Bernardo... se... ele te atrapalhar, pode...

Balanço a cabeça negativamente.

— Heitor não me atrapalhou, fique tranquila. — Dei seta para parar próximo à calçada em frente ao prédio onde funciona o bufê da Kyra. — Eu me dispus a ensinar o surfe, e ele estava ávido a aprender. Eu fiquei feliz por vocês terem ido.

Helena ficou um tempo olhando para as próprias mãos, mas sorriu.

— Eu mal consegui fazer com que ele dormisse, de tão excitado que estava. — Os olhos dela brilharam ao falar do filho e isso mexeu comigo. Senti vontade de abraçá-la, de dividir essa alegria com ela, mas não fiz nada, apenas fiquei ouvindo-a. — Ele não estava agitando, não, estava muito alegre! — Pela primeira vez, pude ver o verdadeiro sorriso dessa mulher lindíssima e

confesso que fiquei sem palavras, completamente embasbacado com ela, com sua beleza, seu charme. — Nunca vi meu filho tão feliz quanto ontem. Obrigada!

O agradecimento ao final me pegou desprevenido e balancei a cabeça.

— Sou eu quem agradece, Helena. É para isso que eu estou lá. — Peguei devagar na sua mão, prestando atenção em sua reação e relaxei quando ela tocou a minha também. — Heitor é um garoto muito especial, tenho certeza de que o surfe vai ajudá-lo a se tornar ainda mais.

Ela concordou.

— Obrigada pela carona. — Encarou-me e o ar em volta pareceu tremer.

Foi a mesma sensação que sentia quando notava que uma onda gigante se aproximava. Uma excitação, uma antecipação misturada com o prazer e com o medo. Naquele momento, eu percebi que

PERIGOSAS ACHERON

ela também sentia isso, que a atração discreta não era unilateral, mas que os dois estávamos abafando-a para que não deixássemos perceptível. Obviamente, não adiantou.

Helena rapidamente cortou o clima, puxando sua mão da minha e abrindo a porta do carro para descer. Sorriu sem jeito e acenou rapidamente da calçada antes de entrar correndo no prédio.

Não consegui nem me despedir, apenas fiquei parado, olhando para a porta de vidro, com o pensamento naquele breve instante que protagonizamos. Sim, nós dois estávamos atraídos, porém nenhum dos dois achava esse sentimento conveniente pelo mesmo motivo: somos diferentes.

Nunca tive um relacionamento de verdade, nem mesmo assumi um namoro, enquanto ela já foi casada, tem um filho pequeno que requer atenção e não parece ser dessas para quem eu possa chegar e

PERIGOSAS ACHERON

oferecer uma noite de diversão para dizer adeus na manhã seguinte.

Além disso, há o Heitor.

Gostei mesmo daquele moleque e quero muito vê-lo sobre uma prancha, surfando comigo, então, manter-me longe da gostosa da mãe dele é algo que eu preciso ter em mente para não foder com tudo.

É uma pena!

Volto a focar no trabalho, abrindo os primeiros discos com as reportagens que fiz, começando, assim, o longo e trabalhoso, porém nada tedioso, processo de edição de imagens de acordo com o texto que escrevi.

Na hora do almoço, vou encontrar com o Nick em um restaurante perto da sede da Novak.

Meu irmão mais velho voltou a assumir a diretoria executiva da empresa da nossa família, e meu pai agora tem estado mais no Haras do que o próprio dono.

Nick manteve o lugar em sigilo por alguns anos, mas, quando a família descobriu aquele pequeno paraíso, quase mudou para lá. Minha mãe se diverte com a Mia, minha sobrinha, e as duas senhoras que trabalham na casa enquanto papai anda pelo lugar com botas e chapéu de boiadeiro, se achando o rei dos equinos.

Agora, com a notícia da gravidez da minha irmã, todos estão ainda mais agarrados. Confesso ter pena do Nickito... Mentira, tenho nada!

Encontro-o já esperando por mim na mesa que sempre reserva para nós. Geralmente, Gio vem junto, mas, dessa vez, não está.

— Cadê minha irmã? — Pergunto logo após cumprimentá-lo.

— Não conseguiu sair de uma reunião na Ello. — Sentamo-nos. — Eu já ameacei o ambicioso do Tom algumas vezes com essa mania de pegar todas as contas que aparecem e sobrecarregar minha esposa, mas o filho da puta fica usando o bebê como desculpa. — Franzo a testa sem entender. — O bebê que ele e Lori encomendaram nos EUA. — Eu gargalho, pois não sabia da novidade. — Diz que precisará do dinheiro extra para alimentar os filhos.

— Filhos?

Assusto-me, pois não consigo ver o Tom como pai de ninguém, a sorte dele, com certeza, será o Lori que sempre teve mais jeito com a Mia e tem um pouco mais de noção das coisas, pois não é completamente viciado em trabalho e louco por dinheiro como seu marido.

— Ao que parece, a barriga de aluguel colocou três embriões esperando que pelo menos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um ficasse. — Nick ri, debochando. — Os três estão lá, porém o médico avisou que ainda há risco de perderem um ou outro.

— Meu Deus! — Gargalho com gosto. — Tom pai de três crianças? Ele deve estar louco!

— Pirado! — Nick me acompanha nas risadas. — Lori já começou a fazer enxoval para três e o está levando à falência.

O garçom interrompe nossa troça para anotar os pedidos. Nick, assim como eu, é um carnívoro assumido, embora minha irmã não coma nenhum tipo de proteína animal. Eu confesso que tentei entrar na linha *vegan*, como muitos amigos meus do surfe são, porém não consegui me adaptar e decidi seguir sendo quem eu sou.

Durante a refeição, conversamos sobre nossos pais, sobre a empresa, eu falei um pouco sobre o trabalho, mas foi quando o assunto se voltou para a WA que eu lembrei de comentar

PERIGOSAS ACHERON

sobre o reencontro com Helena.

— A assessora de casamentos? — Ele arregalou os olhos. — Sim, nós sabíamos que ela era daqui de São Paulo, foi nosso contato durante aquele inferno que foi esperar para o casamento. Até hoje falo para a Giovanna que deveríamos ter fugido como o Frank fez com a Isabella. — Nick dá de ombros. — Mas minha sogra sonhava com o maldito casamento na Itália, e Gio não queria decepcioná-la.

— Sim, foi um festão!

Nick fica um tempo sério, olhando-me igual quando éramos ainda garotos e ele sabia quando eu tinha mais interesse em algum assunto do que estava tentando demonstrar. Foi assim quando trepei a primeira vez. Cheguei de mansinho, fazendo perguntas aleatórias, falando dele e de como ele fazia com suas namoradas da época, mas ele logo sacou o que eu queria. Foi até sua gaveta

de meias, tirou um pacote de camisinhas e disse: “Tudo o que você precisa é ter paciência com a garota e usar isso!”

Sempre tivemos uma ligação de amizade, além do laço sanguíneo e mesmo quando nos desentendíamos, Gio foi um ponto tenso entre nós, um só queria o bem do outro. Lembro-me que, antes mesmo de pedi-la em casamento da primeira vez, ele foi até meu quarto e conversou comigo, expôs o que sentia por ela e me pediu desculpas. Nessa época, nós não sabíamos que ela era minha irmã, e eu estava um tanto apaixonado.

Eu o amo demais! Nick é uma pessoa incrível, honesto, gentil, responsável, um ótimo pai, marido e cunhado (meu cunhado, por sinal, adoro ressaltar isso!). Se há uma pessoa em quem eu posso confiar todas as minhas questões, é ele.

Nunca me deixou, esteve ao meu lado na parte mais fodida da minha recuperação, onde eu

PERIGOSAS ACHERON

chorava todos os dias de frustração, medo e dor. Meu irmão sempre esteve lá para mim, e eu me sinto o cara mais sortudo do mundo por tê-lo.

— Quando a conheci no seu casamento, fiquei louco por ela. — Ele exhibe um sorriso de quem sabia que eu não estava contando tudo. — Contudo, não estava na melhor fase da minha vida naquela época e fui um babaca.

— Pois é! Eu sei da briga com Guido, ele me contou há algum tempo. — Faço careta, sem jeito. — Chiara está morando em Londres e está namorando um jogador do Chelsea, acho que ela curte um esportista. — Ri. — Concordo com você, sua fase não era das melhores.

— Eu não sabia que ela era brasileira e revê-la na praia ontem foi uma surpresa. O filho dela tem autismo, e ela o inscreveu nas aulas de surfe.

— Hum... É casada?

— Não, divorciada. — Nick assente. — Ela me parece ser uma mulher muito dedicada ao filho, ao trabalho. Ah, ela trabalha com a Kyra. — Nick arregala os olhos, pois conhecemos a moça há muitos anos e sabemos que ela não tem um gênio muito fácil. — A verdade é que, por mais que eu esteja louco para levá-la para cama, acho que não é boa ideia.

— Por ela ter um filho com problemas?

— Claro que não! — Apresso em deixar claro. — Eu só acho que ela não é do tipo que se envolve apenas por diversão.

— Hum... Ela disse isso?

— Porra, Nick, claro que não! Nós nem falamos do assunto é só que... é inegável que ela também sente essa atração.

Ele toma sua água devagar, analisando minhas palavras e nossa conversa.

— Por que você acha que seria só diversão?

— Franzo a testa com a pergunta com resposta tão óbvia. Sou eu, ora! Só trepo por diversão! — Por que não se dá a oportunidade de conhecer alguém, de tentar um relacionamento de verdade?

— Porra, Nick... Sério esse papo?

— Por que não, Bê? Não estou falando para você propor casamento à moça, só para conhecê-la melhor, fora da cama, quero dizer.

Nego, pensando no Heitor.

— É melhor não arriscar, por causa do menino. — Nick ergue uma sobrancelha. — Se isso não der certo, ele é quem vai sair prejudicado, porque a mãe não o levará mais nas aulas, e eu tenho certeza de que o surfe irá fazer muito bem a ele.

Nick sorri e estende a mão para tocar no meu ombro.

— Você já é diferente do homem que ela conheceu no meu casamento, e eu acho que vocês

poderiam conversar sobre o assunto. Se Helena também tem interesse em você, acha que ela não deveria ser consultada antes de tomar todas as decisões como um homem das cavernas protetor?

Não respondo, mas o que ele diz me faz pensar. Nosso horário de almoço está prestes a acabar e, de verdade, não tenho uma resposta para essa pergunta — quase retórica — que ele acabou de fazer.

Rolou uma química entre nós, mas não sei se Helena costuma dar atenção a esse tipo de coisa quando acontece com ela. Além do mais, nos reencontramos ontem, nem sabemos nada da vida um do outro — não que atração necessite disso para acontecer — mas por todos os fatores envolvidos, principalmente pelo Heitor, eu preciso ser cauteloso.

Agora, se ela me quiser...

Fico excitado só de pensar na possibilidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dez

Helena

O que aconteceu?!

Respiro fundo encostada na porta do banheiro feminino, com o copo de café frio em minha mão enquanto ainda tento acalmar meus batimentos cardíacos. Não me sinto dessa forma há anos; para falar a verdade, não consigo lembrar-me quando foi que me senti como agora.

Tento raciocinar, racionalizar tudo o que estou sentindo, mas não dá. Aquele pequeno momento com Bernardo no carro mexeu comigo como nunca pensei. Um toque sutil, quase o bater de asas de uma borboleta, no meu rosto e depois um apertar de mãos foram suficientes para fazer com que os pelos do meu corpo se eriçassem, o coração disparasse, e eu retivesse o fôlego.

Claro que aquela atração estranha, com um magnetismo que parecia nos puxar um para o outro, está lá desde a primeira vez que o vi, mas senti-la na pele agora foi um frisson que não imaginava ser possível.

Bernardo Novak me olhou de um jeito tão intenso que, mesmo não dizendo nada, mesmo não agindo nessa direção, pude ler em seus olhos todas as promessas de prazer que ele não externou. Era como se ele pudesse ver dentro de mim, como se meu desejo por ele naquele momento fosse algo palpável e que ele pudesse enxergar nitidamente. E ele gostou do viu, sentiu, correspondeu.

Isso é loucura!

Repito para mim mesma enquanto lavo o rosto com a água fria do lavatório, notando minha face levemente mais corada e um brilho diferente no olhar.

Outro efeito dele sobre mim! Eu sinto uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certa dose de poder, como se meu lado feminino, sensual, tivesse sido acordado apenas com aquele olhar. Meu corpo, meu desejo, há muito, têm vindo em segundo plano — ou talvez em último — na minha vida. Nenhuma paixão tem sido despertada em mim, mas desde nosso reencontro ontem, essa consciência de que sou mulher, jovem, com necessidades e vontades, aflorou.

Noite passada, eu tirei o brinquedo sexual do esconderijo onde o coloquei desde que o comprei, procurei pilhas para reavivá-lo — tive que tirar do controle remoto do ar condicionado — e gozei algumas vezes com a imagem de Bernardo Novak na cabeça.

Obviamente, não esperava encontrar com ele há alguns minutos na padaria onde fui buscar um copo café — desesperada por um pouco do líquido precioso — o qual, nesse momento, joga pelo ralo da pia tendo apenas provado.

PERIGOSAS ACHERON

Minha manhã começou bem estranha e, com tudo o que preciso resolver ao longo do dia, espero que mais nenhuma surpresa me alcance.

Saio do banheiro voltando ao salão que divido com minha chefe. Nem preciso descrever o que sinto ao captar no ar o delicioso aroma de café recém passado. Encaro a máquina — chique e cara que Kyra comprou em uma viagem — confirmando que o maravilhoso aroma não vem dela e desvio o olhar para a mesa da dona da empresa.

— O que é isso?! — Aponto acusadoramente para a enorme caneca com café ao lado de seu mouse.

Kyra ri, dá de ombros e bebe — *sim, a desgraçada bebe!* — Um belo gole na minha frente.

— As meninas trouxeram da cozinha para mim, acabaram de fazer naquelas cafeteiras italianas que colocam em fogão.

— Elas têm um *Bialette*^[3] lá embaixo e não me disseram nada? — Kyra dá de ombros de novo. — Mesmo quando eu saí daqui e andei por duas quadras enormes até chegar na padaria mais próxima?

— Não pergunte para mim, elas apenas deixaram essa caneca aqui na minha mesa. — Mais uma vez, toma o café. — Por falar nisso, o sabor é bem melhor que o da máquina elétrica.

Marcho em direção ao subsolo — onde funciona nossa cozinha — revirando os olhos diante da descoberta óbvia que Kyra fez. Bem se vê que ela não entende nada de café, senão saberia que a cafeteira italiana faz o melhor do mundo, na minha modesta opinião de viciada.

O cheiro na cozinha não é de café, mas sim de amêndoas, sinal de que alguma massa com essa farinha está sendo preparada. Meus olhos brilham ao pensar em tomar café com macarons recheados

PERIGOSAS ACHERON

de mousse de limão, que elas fazem divinamente bem. Uma música animada, parecendo algum ritmo latino, ecoa do fundo da enorme cozinha industrial, e eu sigo-a para encontrar as duas malvadas.

Encontro apenas a Deia batendo o que parece ser merengue na batedeira profissional.

— Ei, malvada! — Grito para que me ouça.
— Quero saber por que não mereço café?

Ela ri e aponta para o outro lado, mostrando a pequena e mágica cafeteira. *Sim, acertei a marca!*

Praticamente, voo até lá, enchendo uma caneca de cerâmica que está ao lado. Por fim, conseguirei minha dose do dia. Degusto devagar, sentindo cada nuance da bebida forte e sem açúcar, sinto-me acalmando, os músculos relaxando com o aroma e o sabor, até que consigo sorrir.

— Marília desceu e procurou essa cafeteira. Eu nem sabia da existência dela. — Deia se aproxima. — Quando subiu para avisar, você já
PERIGOSAS ACHERON

tinha desaparecido feito uma louca atrás de cafeína.

— Hum, não sei se me convence essa explicação! — Brinco com ela. — Cadê a outa malvada?

— Assando macarons, ela me pediu para adiantar os suspiros.

Deus! Suspiros de limão!

Eu, simplesmente, amo doces e essas duas são as melhores do mundo!

— Macarons e suspiros? Festa infantil? — Ela assente. — Fecharam somente os doces ou a cozinha toda?

— Apenas doces decorativos. A Kyra não te passou essa informação?

Paro para pensar um momento e nego. Todo e qualquer trabalho que mexe com nosso caixa passa por mim, no entanto, quando não é preciso planejamento e a contratação de fornecedores, a Kyra costuma resolver direto e coloca apenas na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa pasta compartilhada. Contudo, tenho andado tão concentrada nas planilhas de planejamento que não tenho olhado as outras.

— Diga à traidora da sua esposa que quero macarons de limão para acompanhar o café que irei fazer agora. — Pego a cafeteira para iniciar uma segunda rodada.

— Os recheios são de chocolate, doce de leite e frutas vermelhas. — Lamento, pois adoro os de limão. — Fazemos de limão para casamentos e outras festas, crianças não curtem muito.

— Doce de leite já adoça a minha boca e talvez eu esqueça da ingratidão com o café. — Pisco para ela.

— Pode deixar que, assim que rechear, levo uns para você.

— Quero uns suspiros também! — Grito para ela que volta para perto da batedeira.

— Não força, Lena, senão não levo nada!

PERIGOSAS ACHERON

Faço careta, e ela pisca para mim. Adoro essas meninas, de verdade! Além de terem mãos de fada na cozinha, são muito simpáticas e amorosas.

Esse ano, para o aniversário do Heitor, fizeram toda a parte de cozinha da pequena festinha que organizei no prédio. Seus quitutes deixaram meus vizinhos e as professoras encantadas e foram responsáveis por mais contratos assinados para festas e eventos.

Subo de volta para minha sala, portando agora minha caneca cheia de café, sentindo-me pronta para começar o dia.

— Não achou café em lugar nenhum do bairro? — Kyra pergunta-me de repente, e eu quase engasgo com o líquido quente.

— Achei, mas quando cheguei aqui, já estava frio — respondo, tentando não demonstrar muita coisa, porque a mulher é muito observadora, mas, para minha felicidade, ela volta ao trabalho e

não questiona o motivo da demora.

Uma anotação em um Post-it chama minha atenção, e eu sorrio pela notícia boa. Finalmente, ela conseguiu contratar outra equipe de artes cênicas para o evento dos Villazzas, e eu poderei fechar a bendita planilha e passar o orçamento final para a Kênia Gartska, a gerente de produtos da rede de hotéis.

Lembrar desse baile de final de ano me faz pensar em Bernardo Novak novamente. Provavelmente, ele estará presente, pois, além de ser quase da família — por ser irmão da Giovanna —, ainda é fundador de uma das instituições que serão beneficiadas pelo evento.

Porém, antes mesmo de encontrar com o surfista vestindo um smoking, sei que irei vê-lo de bermuda, sem camisa, ou com aquele macacão de surfe que não sei o nome, mas que o deixa sexy e irresistível.

— Lena, tudo bem? Está há um tempão aí olhando pro nada... — Kyra me encara com a testa franzida, e eu saio do transe estranho em que entro ao pensar no homem.

— Tudo bem! — Bebo um pouco do café para disfarçar. — Estava fazendo contas.

Ela balança a cabeça assentindo e volta para seu trabalho.

Eu preciso tirar Bernardo Novak da cabeça!

No final da tarde, estou um caos completo. Estava do outro lado da cidade quando vi a hora e tive que sair correndo para esperar Heitor chegar da escola. Ele estava animado e mais solto, chamou minha mãe para brincar, e eu mal precisei ficar muito tempo com eles.

Estava voltando da empresa quando meu

PERIGOSAS ACHERON

telefone tocou e tive que ir até o ateliê de costuras para decidir sobre dois tipos de rendas que eles conseguiram. Tirei as fotos de cada detalhe, fiz um vídeo mostrando o caimento e o brilho e descrevi a textura, mandei tudo para a noiva e esperei alguma resposta imediata. É claro que ela não veio. Acho que o requisito número um de qualquer noiva é a indecisão natural, sem contar as mudanças de opinião ao longo do planejamento.

Cheguei de noite no escritório, mesmo com a ajuda da luminosidade extra causada pelo horário de verão. Sentia-me moída, com fome — um estado que sempre estou, mas que estava mais naquele momento — e ligeiramente mal-humorada por ter passado a tarde inteira em serviço externo.

Kyra já tinha ido embora e, pelo som da cozinha, as meninas estavam terminando as encomendas de doces. Sorri ao encontrar uma caixinha decorada que mandamos produzir para

PERIGOSAS ACHERON

que os noivos, padrinhos e pais pudessem levar para casa alguns quitutes, com meu nome e meia dúzia de pequenos macarons dentro.

Enfiei um na boca e a glicose ajudou um pouco a acalmar meu humor. Liguei o computador, joguei todas as informações que coletei nas visitas nele e relaxei, pondo fim a um longo e proveitoso dia de trabalho.

Ser assessora de casamentos é algo trabalhoso, mas é a parte do meu trabalho que mais amo, pois participo várias vezes do mágico sonho que é uma cerimônia bem planejada e executada. É o desejo de princesa da maioria das mulheres, cada uma com seu jeito e personalidade, mas que tentam transparecer seus anseios em cada detalhe da cerimônia e da festa. Tudo tem que estar perfeito para que o casal possa ter um início feliz e satisfatório.

Antes de ir embora, uma caixinha com meu

nome completo — Helena — e não a abreviação que as meninas usam, chama minha atenção. Olho para a embalagem rústica e sustentável com uma logo que não consigo decifrar e a abro. Dentro, há um pacotinho de papel muito bem fechado e, quando eu abro, o cheiro me faz fechar os olhos e suspirar.

Café recém-torrado e moído!

Encontro um envelope pequeno onde estava a caixinha e leio a curta mensagem deixada pelo meu presenteador, Bernardo Novak.

“Pensei em mandar para você assim que percebi sua paixão pela bebida. É da produção de um amigo, orgânico e especial. Espero que aprecie!”

Ele me mandou pó de café de presente?! Rio achando muito fofo, um tanto esquisito, mas, certamente, uma escolha certa para alguém

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viciada na bebida como eu. Pesquiso o nome da loja onde ele comprou e descubro que é a mais nova queridinha entre os apreciadores de café da cidade, pois, até então, eles somente exportavam o que produziam, agora vendem a granel no Brasil. Em breve, se transformará em franquia, e ler tantas avaliações positivas ao produto só aguçou minha vontade de experimentar.

Penso na cozinha ainda aberta, mas uma pitada de egoísmo me faz desistir da ideia de fazer o café agora mesmo. Quero apreciar a bebida em casa, sozinha, sorvendo lentamente cada gole, me inebriando com o cheiro e pensando no homem que mandou esse presente tão original para mim.

Abro a gaveta do armário onde guardamos materiais e pego uma embalagem de pilha, prometendo comprar outra para repor depois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Onze

Bernardo

Mandar o café para Helena foi algo que me tomou de impulso. Assim que saí do restaurante com Nick, pensei naquela manhã e na felicidade dela com aquele copão de café na mão. Quase imediatamente, pensei que ela gostaria de conhecer a loja do Matheus, um dos meus antigos colegas de faculdade que desistiu de ser assessor de imprensa de uma grande empresa para investir no seu sonho de trabalhar com cafés especiais.

Sua família já possuía as terras no interior do estado, porém há muitos anos abandonadas, sem nenhum tipo de cultivo, ele teve que ter paciência para conseguir adequar o solo, fazer todos os estudos sobre as culturas passadas e tipos de

agrotóxicos usados para que não comprometesse sua safra de orgânicos. Foram anos, troca de algumas camadas de solo, plantio e a primeira colheita para ser certificada. Quando isso aconteceu, ele abandonou o emprego e investiu todo seu conhecimento em fortalecer a marca no mercado e apresentar seu café como um produto exclusivo.

Deu certo! A primeira loja, bem na Paulista, é um sucesso, concorrendo diretamente com a outra marca internacional mais famosa. Quem experimenta um *Soluto* — o nome de seu café — vicia, e eu quis muito viciar a Helena.

Rio de mim mesmo, deitado na cama.

O que o Nick falou sobre conhecê-la melhor, dar uma oportunidade a essa atração, conversar com ela, não sai da minha cabeça. Ainda sinto receio de tocar no assunto ou de tomar alguma atitude que a afaste e acabe tirando Heitor da aula.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca estive numa situação assim, sempre saí com mulheres solteiras, sem filhos e, sinceramente, não sei como agir.

O inegável é que eu quero essa mulher!

Desde nosso reencontro na praia, essa vontade despertou dentro de mim. Helena me faz sentir muitas sensações diferentes: me faz sentir fome, mas ser cauteloso; desejar e, no entanto, querer não desejar. Eu não quero complicar a vida de ninguém, nem a minha, nem a dela, e um envolvimento, mesmo superficial, entre nós é um complicador.

Bufo frustrado, excitado como um garoto na puberdade, alimentando uma fantasia tão possível de se tornar real enquanto a parte racional do meu cérebro me pede para ficar longe, para deixar as coisas como estão.

— Não posso! — Resmungo. — Nunca fui covarde, não vai ser agora que começarei a ser.

PERIGOSAS ACHERON

Ir devagar, conhecer, fazer amizade... deixar rolar. É isso que farei, não vou me esconder com medo do que não posso prever. Se não acontecer nada entre nós, bola pra frente; se der merda, lidaremos com isso. Agora, se a atração que sinto for igualmente sentida por ela... ah, *brou*, vamos ter os momentos mais fodas do mundo juntos!

A semana foi corrida, mais do que eu esperei que fosse no início dela. Fui cobrir um campeonato regional no Sul, editei milhares de discos que tinha que entregar ao editor-chefe para o programa daquela semana, conversei com Frank sobre o baile beneficente do final do ano, almocei com meus pais na quinta-feira e, por fim, na sexta, enrolei o máximo que pude na padaria onde encontrei Helena.

Fiquei lá mordiscando um pão de queijo igual a um peixinho de aquário, olhando para a entrada a cada minuto, esperando que a mesma sorte que me acometeu no começo da semana pudesse voltar. Foram dois pães de queijo e um café, até que já não dava mais para esperar, pois estava já estava atrasado e tinha muitas coisas a fazer na redação.

Eu poderia ir até o escritório onde ela trabalha, mas não sou o tipo de homem que fica perseguindo alguém, nunca fui, então deixo rolar. Amanhã, caso desça com o Heitor, poderei conversar com ela um pouco e, quem sabe, sondar mais o terreno.

Confesso que estou um pouco perdido com esse *modus operandi* novo, mais contido, sondando o terreno antes de jogar a real e ver o que dá. Simplesmente não posso ser afoito com ela, há muito mais envolvido na situação do que apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nós dois e isso, além de algo inédito para mim, é um tanto assustador.

Quero ir devagar com Helena, fazer como o Nick sugeriu, conhecê-la e ver se a atração é apenas isso ou pode ser mais, saber como ela se sente em relação a ter um envolvimento puramente sexual ou se o que quer é compromisso. Minha intenção não é magoar alguém, por isso mesmo, estou disposto a recuar caso perceba que não posso dar tudo o que ela precisa em questão de comprometimento.

Chego na redação e começo a fazer pesquisas sobre novas matérias a serem feitas, buscando sempre ter conteúdo já programado para frente. Estou gostando muito de ter voltado a exercer a profissão na qual me formei. Claro que ainda prefiro o mar e o surfe, mas ter descoberto que poderia unir as duas coisas num trabalho só foi um alívio maravilhoso durante a minha recuperação.

PERIGOSAS ACHERON

Trabalhei durante algum tempo com minha mãe na FIN — Fundação Ivan Novak —, na área de assessoria de imprensa e odiava cada minuto que passava lá. Desde minha formatura, com 22 anos, até quando decidi me dedicar exclusivamente ao surfe de maneira profissional, eu ia trabalhar praticamente obrigado. Agora, não, sinto prazer em estar numa redação com colegas — a maioria é ex-esportista profissional — que respiram o esporte em suas mais variadas modalidades de maneira tão ou mais apaixonada do que quando competiam.

Poder falar sobre surfe, apresentar o esporte para pessoas que não conhecem, mostrar a qualidade dos nossos atletas, competições e buscar por mais reconhecimento e financiamento é algo que me impulsiona a cada dia aqui no trabalho. Sinto-me orgulhoso por poder contribuir, por expandir o horizonte das pessoas e mostrar que o surfe não é coisa de garoto à toa que fuma maconha

PERIGOSAS ACHERON

e fica de bobeira na praia, como muitos ainda pensam.

Além desse esporte, faço a cobertura dos campeonatos de skate que ocorrem no país, assim como apresento escolas, conto curiosidades e mostro a galera que manda muito bem nas pistas e rampas pelo Brasil.

Eu mesmo ainda amo tentar umas manobrar sobre rodas, é quase uma prancha no seco!

Meu telefone celular vibra em cima da mesa e uma notificação aparece no visor. Não conheço o número, mas o nome que aparece na mensagem me faz pegar o aparelho imediatamente.

É da Αγάπη, a empresa da Kyra, onde Helena trabalha.

“Bom dia! Necessitamos de algumas informações sobre a *WaveAccess* para colocarmos na programação do baile. Se puder nos enviar o

PERIGOSAS ACHERON

quanto antes, agradeceríamos.”

Sorrio tentando adivinhar quem é a pessoa no outro aparelho, digitando para mim.

“Bom dia, é o Bernardo Novak. Claro que posso mandar o material. Uso esse número?”

Fico um tempo esperando a resposta, pois a pessoa visualizou, mas está demorando a digitar. Quando aparece o aviso de que a resposta está sendo escrita, sinto que prendo o fôlego.

“Oi, Bernardo, é a Helena. Eu pensei que esse número ficasse com o pessoal do escritório lá no Guarujá. Perdoe-me por incomodar no seu telefone pessoal. Vou ligar para o fixo de lá e pedir que o material seja enviado por e-mail.”

Sinto-me, ao mesmo tempo, satisfeito por minha intuição indicar desde o começo que era Helena a pessoa me estava mandando a mensagem e insatisfeito por ela ter sido tão formal.

“Não precisa, posso fornecer tudo o que você precisa...”

Fico um tempo pensando se deixo essa mensagem assim, cheia de duplo sentido, ou se a corrijo para não parecer tão provocadora. Balanço a cabeça e volto a sorrir, enviando-a assim mesmo e aguardando a mensagem de volta que não demora a chegar.

“Certo.”

A palavra curta e fria me deixa tenso, mesmo vendo a notificação de digitação.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Eu tenho o básico que encontrei na internet sobre a fundação, mas queria algo mais pessoal, algo que fizesse despertar a empatia dos doadores e de quem irá participar do leilão.”

Não posso deixar passar essa oportunidade! A sorte não veio no café da manhã, mas chegou na hora do almoço.

“Podemos conversar sobre isso pessoalmente? Você tem horário livre para almoçar comigo?”

Mais uma vez, ela visualiza, mas não responde instantaneamente. Tento relaxar, pois fiz meu movimento na jogada, agora só preciso saber como ela irá reagir.

PERIGOSAS ACHERON

“Hoje?”

A pergunta simples me faz sorrir, mesmo que ainda não aliviado. Confiro as horas.

“Agora.”

Parece passar uma eternidade até que a mensagem dela chegue, mas, quando a leio, meu sorriso se expande e o coração acelera.

“Onde o encontro?”

Penso em um local onde gostaria de estar com ela e nenhum dos restaurantes em que costumo almoçar parece combinar. São formais demais, gostaria de vê-la mais relaxada, descontraída, mesmo em um almoço de “negócios”.

“Gosta de comida italiana?”

Arrisco, e ela responde em seguida:

“Adoro!”

Meus dedos voam sobre a tela, ansiosos pelo encontro.

“No terraço do Villazza SP tem uma cantina ótima. Conheço o chef e a vista é linda. Espero você lá.”

“Chego em 20 minutos.”

Levanto da mesa esbaforido como um garoto em seu primeiro encontro. *Bendita Sorte!* Quase não contenho minha satisfação ao pensar que irei almoçar com a sereia morena que me deixou

louco desde a primeira vez que a vi. Dois anos inteiros se passaram desde nosso primeiro, e desastroso, encontro. Eu não sou mais aquele homem, mas a mesma atração que me moveu até ela ainda arde em mim.

Mando uma mensagem urgente para o Vincenzo, o dono da cantina em cima do Hotel da família de Giovanna, que agora é meio que minha família também, pedindo a ele que reserve uma mesa.

O italiano grandão não responde, e eu decido ligar, pois não posso correr o risco de não ter lugar onde comer com Helena.

— Fala, Bê, acabei de ler sua mensagem. — Vincenzo ri. — Estou com a casa cheia hoje, mas, se não se importar, pode comer sobre o mezanino sem cobertura.

— Era exatamente onde eu queria! — Agradeço a boa sorte de novo. — Teremos pouco

tempo, Vince. Você poderia adiantar uma entrada?

Ele gargalha.

— Ah, moleque! Quem é a gostosa da vez?

Eu conheço?

Bufo, amaldiçoando-me por ter já desfilado com tantas modelos e atrizes que ele conhecia. Vincenzo, além de ser um chef italiano muito reconhecido, é também astro de um *reality* show de culinária na TV, por isso conhece a maioria das mulheres com quem eu saí, pois algumas trabalham na emissora que produz seu programa.

— Não, Vince, é um almoço de negócios.

— Sei... — Ri, não me levando a sério. —

Salada ou sopa?

— Os dois, ela escolhe depois. — Ele concorda. — Chego aí em 15 minutos.

— *Va bene!*

Termino de salvar meu trabalho, aviso meus colegas que estou saindo para o almoço e desço

PERIGOSAS NACIONAIS

para a garagem do prédio, calculando o tempo até o Villazza SP, torcendo para o trânsito ajudar.

Ô, sorte, continue sorrindo para mim!

PERIGOSAS ACHERON

Doze

Helena

Chego no trabalho me sentindo incrivelmente mais leve depois da noite deliciosa de ontem. É incrível como ter um objeto de desejo propulsiona o tesão, diferente de uma masturbação sem pensar em ninguém, sem visualizar toques, beijos. Não ter um rosto me fazia falta, percebi isso.

Cheguei em casa e tomei meu tempo com o Heitor. Olhei seu dever de casa, já feito com o auxílio de minha mãe, fiquei com ele enquanto montava seu exército de soldados de chumbo e, depois, o coloquei na cama. Mesmo cansada, mesmo quando tenho vontade de desistir de tudo, a simples presença do meu filho, um único gesto de carinho dele, é capaz de aliviar minha alma como

PERIGOSAS ACHERON

nada mais consegue.

Fiquei um tempo no quarto assistindo-o dormir, notando o quanto já estava crescendo e algumas lembranças especiais trouxeram lágrimas aos meus olhos. E, mesmo tão recente, uma das mais emocionantes foi quando ele pegou na mão do Bernardo.

Isso me tocou profundamente!

Além de todos os problemas que tenho para me relacionar novamente com outra pessoa, a maioria advinda do meu ex-marido, tenho a preocupação de saber como Heitor se sentirá e como será tratado por um futuro companheiro. Eu não suportaria viver com alguém que não amasse meu filho, que não o respeitasse e o entendesse assim como é. Sinceramente, nunca vi esse homem em lugar algum.

Rubem destruiu um pouco da minha fé nos homens. Sei que não deveria generalizar, mas vivi
PERIGOSAS ACHERON

tantas situações tensas com ele, e a rejeição para com o próprio filho foi a gota d'água para entender que, além de me amar, eu também espero alguém que ame o Heitor. Eu sei que isso é exigir demais, porém, se não for assim, prefiro ficar só.

Não é por esse motivo, no entanto, que estou na “seca” há tanto tempo. Minha falta de vida sexual é só o resultado de uma soma de fatores: a perseguição inclemente de Rubem e sua intromissão; a falta de tempo; falta de vida social e, claro, a falta de vontade.

Até reencontrar o Bernardo Novak.

Saí do quarto do Heitor e fui direto para o meu, entrando no banheiro da suíte e colocando a banheira para encher. Bernardo não parece ser o tipo de homem que assumiria um compromisso, ainda mais comigo, que sou mais velha e com uma bagagem bem mais pesada do que ele deve estar acostumado a lidar. Contudo, bastava pensar nele

para despertar minha libido, uma fome tão adormecida já dentro de mim que eu nem me lembrava dela.

Nossa interação no carro, a troca de olhares, o ar pesado e toda aquela tensão sexual só provaram que eu estou pronta novamente para estar na cama com alguém, para voltar a curtir minha sexualidade e aquela chama poderosa que é o desejo feminino quando sente que é tão fortemente correspondido.

Fui até meu armário e peguei aquela caixinha linda, de cartonagem e tecido, delicada e floral, e ri do seu conteúdo. Escolho um pequeno vibrador à prova d'água, coloco a pilha que peguei no escritório e o testo.

O brinquedo vibrou potente nas minhas mãos, levando um arrepio de prazer a todo meu corpo. Há muitos anos, não me sentia tão sensível, tão conectada com o prazer como me senti naquele

momento.

Tirei minha roupa, adicionei um pouco de espuma para banho na banheira e me entreguei ao abraço da tépida água, fechando os olhos e deixando a mente vagar pelo imaginário erótico.

Eu não estava mais sozinha, os braços de Bernardo me enlaçavam com suavidade, as pontas de seus dedos roçando levemente sobre minha pele molhada como pequenas ondas a lamberem a areia da praia. Ouvia sua voz, aquele tom tão rouco, um pouco sussurrante, dizendo o quanto eu era bonita e sexy a ponto de deixá-lo enlouquecido.

Gemi quando a mão dele vibrou pelo meu corpo, desde o pescoço, brincando com cada mamilo a fim de me fazer implorar por mais, até chegar entre minhas pernas. Ele não avançou sobre meu sexo, circundou o local sensível, ficou um tempo parado sobre minha pélvis, deslizou pelas virilhas e, quando atingiu o centro, demorando lá,

PERIGOSAS ACHERON

depois subindo lentamente em direção ao meu clitóris, eu já estava próxima do êxtase.

Na minha imaginação, naquela noite, não havia uma mulher sozinha na banheira. Éramos um casal em perfeita harmonia, com uma química incrível e uma sintonia que poucas vezes se via. Bernardo conhecia meu corpo, sabia como e onde me tocar, o que me dizer; sua pele falava com a minha sem palavras, seu cheiro se misturava ao meu de forma perfeita, criando um novo aroma, inebriante e quente, apenas de nós dois.

O orgasmo não foi produzido por um aparelho — muito provavelmente produzido na China —, e sim por um paulistano com cabelos rebeldes, olhar hipnotizante, sorriso sensual e de corpo malhado, cujos músculos podia sentir quando, imaginariamente, minha língua deslizou por seu peito. Naquela noite, como nas anteriores, eu gozei com o nome e o rosto de Bernardo Novak

misturados ao prazer, quase em uma súplica, um sussurro libertador de uma mulher que há muito não tem o toque tão desejado de um homem.

Dormi muito bem após isso, sem sonhos, relaxada e acordei tão bem-disposta que o despertador nem teve o trabalho de me tirar da cama. Heitor não havia acordado ainda, então aproveitei para preparar o café que ganhei de presente.

Não o tomei logo, pois auxiliei Heitor a se arrumar para a escola, mas o cheiro vindo da cozinha estava divino, até mesmo o meu pequeno percebeu. Sentamo-nos à mesa para o desjejum e, como sempre, Heitor preferiu o suco a qualquer tipo de bebida láctea de manhã. Meu filho é sempre igual em sua primeira refeição, variando apenas no sabor do suco e no recheio do pão.

Finalmente, provei o café e Bernardo ganhou mais um gemido meu, embora diferente dos

PERIGOSAS ACHERON

da noite passada, mas tão prazeroso quanto. Era, sem dúvidas, um dos melhores cafés que já provei, e meu *feeling* empresarial despertou ao pensar nos *coffee breaks* exclusivos que poderíamos oferecer se fechássemos com o pessoal dessa marca.

Há muitos bufês na cidade, o que faz o sucesso de um e não de outros são pequenos detalhes, como a exclusividade de um produto, o requinte de uma decoração e claro, o custo/benefício de nossos serviços. É uma equação que parece simples, mas que, por muitas vezes, não fecha resultado.

Embora tenhamos começado com o a realização de cerimonial de casamentos, eu conheço o desejo da Kyra de investir em eventos corporativos, pois são lucrativos e temos menos dores de cabeça do que lidar com noivas e mães de noivas.

Ponho minha pequena garrafa térmica com
PERIGOSAS ACHERON

o precioso líquido em cima da minha mesa e respiro fundo, pedindo energias positivas, paz, serenidade e paciência para mais um dia de trabalho. Ligo o computador, estranho a falta de Kyra em sua mesa, já que a minha chefe é sempre a primeira a chegar, mas o escritório já aberto e o som vindo do subsolo indicam que não estou sozinha.

Pego um Post-it colocado na tela do computador, reconhecendo a letra de Kyra, e sinto o coração disparar ao ler o bilhete. O pessoal que cuida do nosso material gráfico pediu mais informações sobre a WaveAccess, alegando que o site era superficial demais para constar no programa do baile dos Villazzas.

Imediatamente, ligo para o telefone fixo da sede no Guarujá e sou atendida no segundo toque:

— WA, bom dia!

A voz é levemente familiar, mas eu não

consigo me recordar o nome da senhora que esteve comigo enquanto Heitor treinava na turminha do Bê.

— Bom dia! Aqui é Helena Santorini, da Αγάπη Produções e Eventos, com quem falo?

— Helena Santorini? Não é a mãe do pequeno Heitor? — Fico surpresa por ela reconhecer o meu nome e o do meu filho e concordo. — Aqui é a Jo, tudo bem?

Isso! Eu sabia que tinha reconhecido a voz!

— Oi, Jo, tudo bem! Eu estou ligando porque a empresa em que trabalho é responsável pela produção do baile beneficente dos Villazzas, cuja WA será uma das entidades beneficiadas...

— Ah, sim! Estamos muito ansiosos e contentes por isso! — Diz animada. — Em que posso ajudar?

— Precisamos de mais informações, talvez algumas fotos e histórias sobre a WA para colocar

PERIGOSAS ACHERON

no material do programa do evento.

— Ah... entendi! — Ela fica muda um tempo. — Faz o seguinte, vou te passar um número de WhatsApp e você escreve o que precisa, pode ser? É mais fácil do que por e-mail para a gente.

Acho estranho o pedido, afinal o meio mais usado para esse tipo de assunto é o e-mail, mas entendo que o WhatsApp facilita para ela e anoto o telefone.

— Muito obrigada pela ajuda. Vou encaminhar o pedido agora mesmo.

— Sou eu quem agradece, Helena! Vejo você e seu filhinho amanhã?

Chego a reter o ar ao pensar no dia seguinte, ver Bernardo em seu habitat natural, sem camisa, aqueles músculos todos aparecendo...

— Olá? — Jo me chama, e eu pulo, percebendo que estava divagando.

— Oi! Desculpa, me distraí aqui. — Rio

PERIGOSAS ACHERON

sem jeito. — Nos vemos amanhã, sim!

— Que bom! Até lá!

Despeço-me dela e desligo, pegando o celular do escritório para mandar a mensagem.

“Bom dia! Necessitamos de algumas informações sobre a *WaveAccess* para colocarmos na programação do baile. Se puder nos enviar o quanto antes, agradeceríamos.”

Fico um tempo pensando se deveria colocar meu nome ou não ao final, pois a imagem que aparece no aplicativo é a da logo da empresa, porém, antes que eu decida, a resposta chega.

“Bom dia, é o Bernardo Novak. Claro que posso mandar o material. Uso esse número?”

Gelo e fervo ao mesmo tempo ao ler a
PERIGOSAS ACHERON

mensagem e saber que estou falando com o Bernardo. Jo me passou o número dele? Olho para o número anotado no meu caderno de anotações e confirmo que o DDD é o 13 do Guarujá, e não o 11 aqui da capital paulista.

Respiro fundo, mando-me parar de ser idiota, pois sei que não tenho por que estar nervosa apenas por falar com ele via mensagem e começo a digitar:

“Oi, Bernardo, é a ...”

Paro ainda indecisa sobre colocar meu nome ou não, no entanto, essa incerteza dura pouco, pois eu quero que ele saiba que sou eu. Continuo:

“... é a Helena. Eu pensei que esse número ficasse com o pessoal do escritório lá no Guarujá.”

Desculpo-me e encerro o assunto ou peço a ele logo o que eu quero? Imagens de sexo, da boca dele em todo meu corpo, gemidos e suor invadem minha mente, e eu escolho não dizer o que quero, preferindo sair pela tangente.

“Perdoe-me por incomodar no seu telefone pessoal. Vou ligar para o fixo de lá e pedir que o material seja enviado por e-mail.”

Bernardo imediatamente começa a digitar e, quando a resposta chega, fico paralisada.

“Não precisa, posso fornecer tudo o que você precisa...”

Putá que pariu, ele está me provocando?

Começo a sentir calor, respiro fundo

algumas vezes querendo ser uma mulher mais solta, uma que respondesse com outra provocação, que insinuasse que entendeu o duplo sentido e que concordava com ele. Sim, ele pode me fornecer tudo o que eu preciso!

Infelizmente, não sou assim e, por isso, apenas mando uma resposta vaga:

“Certo.”

Assim que envio, a acho seca e formal demais, além de estranha ali sozinha. Decido escrever o que preciso — para a empresa e não para mim — dele.

“Eu tenho o básico que encontrei na internet sobre a fundação, mas queria algo mais pessoal, algo que fizesse despertar a empatia dos doadores e de quem irá participar do leilão.”

Ele não demora a responder, e eu, juro, não esperava a proposta dele.

“Podemos conversar sobre isso pessoalmente? Você tem horário livre para almoçar comigo?”

Deixo o celular em cima da mesa, pego a garrafa térmica e sirvo uma pequena quantidade do café que trouxe — presente dele, por sinal — na xícara que sempre deixo por perto.

Eu esperava que ele me indicasse falar na sede da fundação ou mesmo me passasse um e-mail, nunca uma proposta para almoço. Não tem sentido nenhum conversarmos pessoalmente quando o que eu preciso é de um material digital para ser repassado para o pessoal da gráfica.

Ele quer me ver! Constato sentindo uma

PERIGOSAS ACHERON

satisfação e um frio na barriga.

Sondo o terreno:

“Hoje?”

Ele não demora na resposta.

“Agora.”

Olho para o relógio do celular e percebo que já estamos próximos do horário de almoço. Se eu aceitar agora, estarei abrindo uma brecha para que aquilo que sentimos no carro possa ser analisado e explorado. Eu quero isso! Mesmo sabendo que ele não é o tipo de homem que assumiria um compromisso comigo, o tesão que me faz sentir é algo único e que não posso simplesmente ignorar. Respondo:

“Onde o encontro?”

Dessa vez, ele demora a responder e isso me deixa ansiosa.

Kyra aparece, não vindo do subsolo, mas da rua e me cumprimenta apenas com um aceno de cabeça, coisa que sempre faz quando não está com o humor muito bom. Penso em puxar assunto com ela, mas a mensagem de Bernardo chega, e eu abro um enorme sorriso, sentindo o coração palpitar.

“Gosta de comida italiana?”

Não tardo a responder, já empolgada.

“Adoro!”

Levanto os olhos da tela do celular e vejo Kyra encarando-me com uma expressão de curiosidade. Eu tento ficar normal, séria, mas não

PERIGOSAS ACHERON

consigo, muito menos ao saber onde ele pretende me levar, um dos lugares que sempre quis ir.

“No terraço do Villazza SP tem uma cantina ótima. Conheço o chef e a vista é linda. Espero você lá.”

O Villazza SP é próximo daqui, então calculo mentalmente que em dez minutos chego no hotel, porém, para não parecer ansiosa demais, digito:

“Chego em 20 minutos.”

Deixo o celular de lado e confiro as coisas que comecei a fazer antes de ver o bilhete de Kyra. Salvo duas planilhas e anoto um recado no meu caderno de lembretes.

— Vai sair para almoçar agora? — Kyra

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta-me.

— Sim. — Encaro-a. — Tem algum problema?

— Não! — Respira fundo. — Está tudo tranquilo por aqui. Viu o bilhete que deixei?

Sorrio ao pensar no que aquele inocente pedaço de Post-it proporcionou.

— Sim. Já liguei para WA e devo estar com o material ainda hoje.

Resolvo não dizer que vou almoçar com o Bernardo, não quero ninguém conjecturando nada, mesmo porque ainda nem sei se vamos realmente ter alguma coisa.

Hipócrita!

Minha mente acusa-me, pois eu *sei* que, a partir desse almoço, não terá mais volta, nós dois vamos nos envolver, sim, e mesmo que não passe de uma aventura, eu quero!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Treze

Bernardo

Vincenzo é quem me recebe no restaurante que leva seu nome no terraço do Villazza Convention SP. Ainda me lembro quando o prédio estava em construção, pois foi a Novak Engenharia a empresa responsável por erguer o enorme e suntuoso hotel dos italianos Villazzas.

Na época, não foi fácil para o Nick trabalhar nessa empreitada, uma vez que tinha rompido com Giovanna, e Frank — que sempre teve uma rixa com ele — fez de sua vida um inferno. Lembro de como meu irmão o xingava e tinha vontade de desistir da obra, meu pai teve que intervir várias vezes para apaziguar o ânimo dos dois e manter o contrato.

Na inauguração, estive aqui junto com minha família e senti muito orgulho do trabalho executado pela Novak. O projeto não era nosso, mas sim de uma empresa de arquitetura famosa aqui da cidade, a Boldani. A estrutura do prédio foi toda concebida pelos engenheiros de lá, mas os detalhes da construção ficaram a cargo de um dos maiores engenheiros do Brasil, o Julio Boldani, pai de uma amiga querida, também arquiteta, Mel.

A cidade de São Paulo ganhou uma versão moderna do primeiro hotel Villazza construído em Roma. Suntuosidade e tradição mescladas com tecnologia e conceitos ambientais.

O terraço, um dos últimos pisos do hotel, ficando abaixo apenas do heliponto, foi todo aproveitado para ser a área comercial para facilitar a vida dos hóspedes e atender a clientes sofisticados que procuram por marcas exclusivas e gostam de gastronomia de alto nível. Um elevador

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próprio dá acesso a esse lugar, com caminhos ladeados por jardins, poltronas e ombrelones para que os frequentadores possam descansar entre as compras e apreciar a vista.

O restaurante que escolhi é de um famoso chef representante da cozinha italiana que conseguiu harmonizar perfeitamente as tradicionais receitas de sua avó com a sofisticação e apresentação de um prato da alta gastronomia.

O Vincenzo é nascido em São Paulo, criado no Bixiga, seus avós tinham uma pizzaria no bairro e uma cantina dentro do colégio onde Nick e eu fizemos o ensino médio. Não nos conhecemos na época por causa da nossa diferença de idade. Ele já trabalhava em um restaurante no Hotel Villazza em Curitiba, e, assim que o Villazza SP ficou pronto, Frank ofereceu a ele a oportunidade de ter seu próprio negócio.

Há três opções de restaurantes no hotel: o PERIGOSAS ACHERON

Vincenzo's, com o melhor da *cucina* italiana; Chez Ami, um famoso restaurante francês. Esses dois ficam aqui no terraço. E o restaurante da cozinha do hotel que fica no térreo, junto com o bar.

— Bernardo Novak! — O grandalhão todo tatuado me cumprimenta. — *Sii benvenuto!*

Rio da saudação em italiano.

— *Grazie!* — Respondo. — Desculpa pela correria, mas surgiu esse almoço, e eu não podia perder a oportunidade de trazê-la aqui para provar sua comida.

— Me diz quem é! Larga mão dessa conversa de almoço de negócios, moleque, eu te conheço! — Provoca. — Se for da minha emissora, prometo ficar de boca calada!

Nego.

— Não é ninguém do meio, Vince — ressalto. — É da empresa que está organizando o baile dos Villazzas aqui.

— Ah... — Ele faz uma careta. — A Kyra Karamanlis?

Gargalho, achando graça de sua expressão.

— Não. Uma funcionária dela, Helena.

Vincenzo dá de ombros.

— Não conheço, mas deve ser gostosa! —
Reviro os olhos. — Vou lhe mostrar o lugar que reservei, e você já pode ir escolhendo o vinho. —
Acompanho-o até o mezanino na beirada do terraço, um lugar lindo e com uma vista surpreendente, no entanto, longe do frescor do ar-condicionado. — Já preparei uma salada tradicional que 99% dos clientes gostam, a *capresi* com muçarela de búfala.

— Eu não sou muito entendido de vinho, prefiro cerveja ou destilado, então, deixo a harmonização por sua conta.

— *Va bene!*

Olho a mesa, de ferro fundido com tampo

de vidro e poltronas confortáveis em volta. Acima, para fazer sombra, há um ombrelone articulado e enormes ventiladores posicionados para refrescar o ambiente, embora hoje estejam desligados porque o vento está dando conta sozinho de aliviar o calor.

— Essa área é a melhor do restaurante, na minha opinião — opino. — Não entendo seus clientes preferirem ficar no salão.

Vincenzo concorda.

— Eu também prefiro comer ao ar livre. Acho que porque gostamos da natureza e de esportes que nos dão esse contato, você com o surfe, e eu com o remo. — Dá de ombros. — Mas eu compreendo que não é nada elegante ficar suando de terno e gravata durante um almoço de negócios e a maioria dos meus clientes vem para cá para isso. Só à noite que esse lugar aqui é concorrido, principalmente para aqueles que querem algo romântico, a luz de velas, para fazer

PERIGOSAS ACHERON

pedido de casamento ou namoro.

— Isso rola muito por aqui? — Acho a cena engraçada.

— Sim! Você nem tem ideia! Acho que os enamorados acham romântico ter São Paulo a seus pés, servindo de cenário para esse momento. — Ri debochado. — Se soubessem a roubada que é o casamento!

— Fala por experiência própria? — Pergunto.

— Claro! — Balança a cabeça. — Já fui jovem e burro uma vez.

Olho para a cidade pensando nas palavras dele, lembrando de quantos amigos já ouvi dizendo o mesmo e, ao mesmo tempo, de casais que se dão muito bem e que não se arrependem da escolha que fizeram.

Não há uma fórmula certa, nem um padrão sobre relacionamentos. Cabe àqueles que estão

PERIGOSAS ACHERON

envolvidos fazer durar e ser bom ou não. É o que eu tenho percebido com as experiências alheias.

— *Madonna Santa!* — Ele exclama chamando minha atenção para dentro do salão, onde olha. — Nem precisa ser artista, seu safado! — Ri e me olha de esguelha. — A mulher é linda! — Cruza os braços e balança a cabeça. — Almoço de negócios... Bernardo Novak, você nunca me enganou! Vou escolher um vinho especial!

Ele sai de perto de mim, mas nem o respondo, olhando embevecido para Helena. Ela usa um vestido comportado, de cor única, porém qualquer coisa sobre seu corpo fica bem sensual. A mulher tem peitos lindos, uma cintura marcada e quadris largos com uma bunda empinadinha, deliciosa!

Respiro fundo para não ficar de pau duro antes mesmo de ela chegar à mesa e tento não pensar no tesão que será ter Helena na minha cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminho até a porta dupla que dá acesso ao mezanino e cumprimento-a.

— Bem-vinda!

Ela sorri sem jeito e olha em volta.

— Uau! — Seus olhos brilham. — Que lugar lindo!

Fico feliz por ter acertado no local e conduzo-a até a mesa reservada para nós, afastando a poltrona estofada para que ela sente.

— Eu sempre imaginei como seria a vista daqui de cima, mas nunca vim — ela conta, ainda deslumbrada com a visão do mezanino. — Deve ser incrível à noite, com as luzes da rua todas acesas. — Sorri. — Seria como ter estrelas a nossos pés.

Sinto um calafrio ao ouvir sua voz sonhadora e seu sorriso terno. *Porra, ela não é mesmo do tipo que tem aventuras, é romântica!* Helena me encara, percebendo que divagou e balança a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Disparei a falar e nem o cumprimentei.
— Eu concordo, sorrindo. — Obrigada pelo convite, Bernardo.

Porra!

Sento-me apressado, tentando esconder a ereção que meu nome em sua boca me causou. Foi como se eu a ouvisse gemendo-o enquanto gozava, louca de prazer. Devo estar ficando maluco por causa dessa atração que sinto e nem tenho a desculpa de ser por falta de sexo, é o efeito dela em mim.

— Fico feliz que tenha gostado — digo, colocando a cabeça no lugar e controlando meus pensamentos eróticos. — A comida daqui é ainda mais magnífica que a vista.

Ela sorri, e eu quase gemo.

— Não vejo a hora de provar.

Helena diz isso com uma voz natural, mas seus olhos, encarando os meus, revelam muito mais

do que suas palavras e seu tom de voz e isso reage em mim imediatamente, fazendo minhas bolas pulsarem de dor pela ereção incômoda presa na calça.

Merda!

Contorço-me na cadeira, tentando aliviar um pouco a pressão, mas já prevendo um almoço cheio da deliciosa tortura sexual que é tê-la por perto.

— O que vocês têm em mente para a apresentação da WA? — Decido entrar no assunto de negócios, mesmo não querendo, para tentar abaixar o nível de testosterona no meu sangue.

Ela respira fundo, parecendo também estar tentando desanuviar seus pensamentos.

— Essa parte é com o pessoal do marketing que trabalha conosco quando estamos produzindo um evento do porte desse dos Villazzas. O recado que recebi era que eles precisavam de algo mais

PERIGOSAS ACHERON

profundo do que as informações que estavam no site.

— Entendo. — Encosto-me na poltrona e fico olhando-a por um momento, pensando no que especificamente poderia ser. — Poderíamos contar a história do Fran.

— Fran?

Ela pergunta, mas não posso responder de imediato, pois nossa salada chega, juntamente com o vinho e a água mineral.

— Eu pedi para adiantarem a entrada, se não se importa. — Ela assente. — Podemos fazer o pedido principal agora?

— Claro! — Helena pega o cardápio. — Hum... Eu vou experimentar o risoto de frutos do mar.

— Boa pedida! — Ela sorri para mim, empolgada, linda! — Eu vou de ravióli de pato com molho pesto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum, que diferente! — Ela olha o cardápio. — Eu nunca provei pato.

— É uma delícia, eu já comi aqui. — O jeito que ela explora o menu é muito divertido. — Você já morou na Itália, não?

— Sim. — Ela entrega o cardápio ao garçom, mantendo seu risoto. — Antes de me casar, mas as receitas daqui são bem diferentes.

— Vincenzo gosta de incrementar o tradicio...

Não termino de falar porque as palavras ficam presas em meu cérebro que parou para acompanhar o movimento da boca de Helena na taça de vinho. *Eu estou fodido!* A forma como os lábios dela se fecharam sobre a borda, a leve sucção da bebida, tudo isso foi sentido por mim como se, ao invés da taça, sua boca estivesse no meu pau.

— ... não sei quem é.

PERIGOSAS ACHERON

Fecho os olhos, chamando de volta à razão, percebendo que paralisei no tempo, e ela falou algo que eu nem ouvi.

— Desculpa, eu me distraí aqui... — Ela ri.
— Pode falar de novo?

Helena fica um tempo me olhando antes de voltar ao assunto que nos trouxe aqui, pelo menos o que usei de desculpa para fazê-la almoçar comigo.

— O tal Fran que você citou, não sei quem é.

— Ah! É o presidente da fundação, um surfista que perdeu o braço em um ataque de tubarão, mas, mesmo assim, não desistiu do esporte.

— Assim como você... — ela completa.

Assinto.

— Assim como eu. — Relaxo pela primeira vez, sentindo mais do que só a tensão sexual, uma vontade de conversar com ela. — Desistir das

ondas nunca foi opção para mim. Eu daria um jeito, mas nunca conseguiria ficar longe do mar.

— É... — Seus olhos brilham. — Heitor e você têm isso em comum.

— Temos! — Digo orgulhoso. — Como ele está?

— Bem. Empolgado para amanhã. — Ela sorri animada. — A mediadora que o acompanha na escola disse que essa semana ele estava bem mais participativo, atento, embora ansioso pela água.

— É o milagre do esporte! É para isso que estamos lutando para que mais e mais pessoas possam ter acesso.

Supreendentemente, Helena toca minha mão que está sobre a mesa. Olho para a delicada mão sobre a minha, grande e desengonçada, e mudo a posição, segurando a dela. Nos encaramos por um momento, desfrutando dessa sensação única

que fica à nossa volta quando nos tocamos. Nossas peles se comunicam, não há necessidade de palavras, o ar vibra em volta e compreendemos tudo apenas no olhar.

— Eu quero você! — Disparo sem meio termo.

Ela exala um suspiro trêmulo, como se estivesse retendo o ar até esse momento e agora já não pudesse mais.

— Eu também quero você.

Put a que pariu!

O sorriso em meu rosto deve ter assustado o garçom que para longe da nossa mesa mesmo com nossos pratos em sua bandeja. Faço um sinal para o pobre vir nos servir, e Helena recolhe sua mão, levemente corada pelo flagra.

Sinceramente, não estou nem mais com vontade de almoçar. Minha fome é outra, está sentada à minha frente, usando um vestido azul-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marinho e tem as bochechas coradas e deliciosamente *sexies*.

PERIGOSAS ACHERON

Quatorze

Bernardo

Dormi como uma pedra durante a noite inteira. Mal me movi, não lembro dos sonhos e, pela primeira vez em muito tempo, o despertador conseguiu cumprir sua função, pois não perdi o sono durante a madrugada. Efeito de Helena? Talvez! Se for, é muito bem-vindo porque, além de me sentir descansado, estava empolgado com tudo feito uma criança descobrindo o mundo.

Aquele almoço foi a melhor coisa que eu poderia ter inventado!

Não, não tivemos qualquer tipo de contato além das mãos juntas sobre a mesa. Helena se deliciou com as receitas da cozinha de Vincenzo, conversamos sobre o baile, sobre a fundação e o

trabalho de assessora de casamentos; bebemos vinho, comemos uma sobremesa com morangos muito bem elaborada e, ao final, o famoso chef do *reality* se juntou a nós.

Descemos juntos para irmos embora, eu louco para dar uns amassos nela dentro do elevador e odiando ele estar lotado. A única coisa que pude fazer foi acariciar as costas dela, mesmo sobre o tecido do vestido, e vê-la se arrepiar inteira. Que sensação deliciosa perceber o efeito que um simples toque causa em nós, porque a excitação dela estava demonstrada pelos seu pelos arrepiados, e a minha, na torturante excitação que tentava esconder a todo custo.

Foi foda!

Não nos beijamos, não trepamos e nem mesmo nos tocamos muito, mas a conexão que criamos ontem só fez confirmar que, em breve, eu poderia levar todo aquele desejo e tensão na ponta

dos dedos e vê-la deixar ir em forma de gemidos orgásticos.

Jogo a cabeça para trás, sentado sobre a prancha no meio do mar, desfrutando a sensação de liberdade e prazer que esse local me causa. A água é meu elemento, o mar é minha casa e a prancha faz parte de mim, como se integrasse meu corpo.

Não coloquei a prótese para surfar hoje, por algum motivo, não queria nada entre mim e a prancha, queria estar todo sobre ela. Surfar sem a prótese tem um grau maior de dificuldade, limita as manobras que consigo fazer, no entanto, o tato da minha perna sobre a fibra de vidro e a parafina me dão uma leveza enorme.

Quando o treino começar, vou precisar pôr a prótese de volta, necessito dela para auxiliar meus alunos e ensinar posições e pontos de equilíbrio, mas, agora, com o sol ainda a subir no céu, é um momento exclusivo meu.

Deito-me sobre a prancha, as pernas jogadas de cada lado dela enquanto remo devagar com os braços, o calor do sol a aquecer meu peito, os cheiros, os sons, a temperatura da água, tudo isso se misturando às sensações que estão dentro de mim desde o encontro com Helena.

Eu reconheço essa forte atração que sinto, mas há algo além disso. Talvez seja pelo fato de ela ser totalmente diferente das mulheres com quem saio, por já ter uma história, por inspirar além da vontade de fodê-la, mas a de abraçá-la, protegê-la e manter seu sorriso.

Nós não conversamos sobre como foi seu casamento e como tem sido depois da separação, no entanto eu consigo perceber nela que as duas coisas deixaram marcas e moldaram a mulher que vejo hoje. É espantosa essa necessidade de saber dela, do que se passa em sua cabeça, de conhecer seu passado, nunca aconteceu isso comigo.

Sento-me na prancha e, no mesmo instante, vejo as caminhonetes que transportam os materiais da WA chegarem na praia. Remo em direção à areia e ainda consigo pegar uma marola antes de chegar lá. Equilibrar-me num pé só na arrebentação, mesmo fraca como está hoje, foi um desafio a ser vencido assim que voltei a surfar, mas já havia conseguido a estabilização.

Pego a Muleta que deixei na areia e finco a prancha no chão antes de ir ao encontro de Jo e Fran.

— Bom dia! — Cumprimento-os. — Cheguei bem cedo, passei lá e vim direto para praia. Precisava tirar o cheiro de concreto da minha pele.

Fran ri.

— Ainda espero o dia que, assim como seu irmão fez, você se mude de São Paulo para estar perto do que ama. — Aponta a praia. — A semana

foi difícil?

— Não, viajei uma vez apenas, para um campeonato, de resto, foi mais trabalho na redação mesmo. — Olho para a Jo. — Ontem tive uma reunião interessante graças a você.

Ela tenta fingir que não entendeu, mas não consegue e ri, ficando vermelha.

— Falaram pessoalmente, foi?

— Almoçamos. — Fran balança a cabeça repreendendo a esposa que, claramente, tenta conter um sorriso de satisfação. — E conversamos sobre o baile e a WA. — Ela arregala os olhos sem disfarçar sua decepção, e Fran ri.

— Parece que você precisa calibrar melhor suas flechas de cupido, querida. — Ele beija a testa dela. — Vou lá ajudar o pessoal com a montagem.

— Já estou indo também, vou só me trocar. — Ele assente e pisco para Jo. — Eu entreguei todo o material que eles precisavam, mas Helena se

PERIGOSAS ACHERON

interessou pela história de vocês, seria bom se conversasse com ela enquanto Heitor está comigo.

— Pode deixar.

Sigo em direção à minha caminhonete para colocar uma bermuda por cima da sunga e a prótese e tenho a sensação dos olhos dela nas minhas costas, como se tentasse ver o que realmente aconteceu ontem.

— Jo. — Paro e a encaro. — Não force as coisas, deixe que aconteça, okay?

A mulher abre um enorme sorriso.

— Ah, então não falaram só de trabalho!

Respiro fundo.

— Não, e eu agradeço sua boa intenção, mas deixe comigo agora. — Ela assente. — *Namastê!*

Uso sua saudação preferida, ela a retorna juntando as mãos, e eu sigo em direção ao carro para poder ajudar o pessoal na montagem das PERIGOSAS ACHERON

estruturas.

Helena e Heitor foram um dos primeiros a chegar na praia, e eu fiquei tentando adivinhar a que horas os dois saíram da capital para estarem aqui tão cedo. Dessa vez, ela não deu bobeira com ele, segurando sua mão o tempo todo enquanto pegava a pulseira de identificação e a camisa do projeto.

Eu estava ajudando a descarregar as cadeiras especiais, e ela não conseguia me ver, embora eu tivesse total visão dela. Foi muito interessante ver que ela parecia procurar por algo na praia, ou por alguém, isso ajudou a melhorar ainda mais meu dia. Ela queria me ver!

Terminado o trabalho, com todos os materiais conferidos na planilha, fui até a tenda

PERIGOSAS ACHERON

principal para saudá-los.

A felicidade do garoto ao me ver encheu meu coração de alegria, pois eu carregava o medo de ele ter perdido a ligação comigo por conta desses dias sem nos vermos. Mas, não, para total surpresa de Helena, seu filho não só sorriu ao me ver, como pegou minha mão quando o saudei.

— Que bom que vocês vieram! — Ela sorriu, mas abaixou os olhos um pouco sem jeito. — Você está linda, Helena.

Ela olha para seu vestido solto e estampado e depois me encara.

— Obrigada. — Não há mais vestígios da timidez em seus olhos. — Você também fica incrível de bermuda.

Porra! A vontade de tomar aquela mulher nos meus braços e beijá-la até esquecermos onde estávamos foi quase irresistível, mas, por sorte, me contive. Cada coisa em seu lugar, ainda nem

PERIGOSAS ACHERON

conversamos direito, e eu quero esse tempo com ela, queria ir devagar para não a machucar ou ao menino.

A aula e a interação com meus alunos foram muito satisfatórias, embora tenha notado Heitor um pouco mais ansioso e impaciente do que da primeira vez. Por várias vezes, troquei olhares com Helena, que parecia haver percebido essa diferença também.

Agora, depois que todas as atividades se encerraram, a vejo secar seu filho e conversar com ele. O menino não tira os olhos do mar, mas ela continua a falar, sabendo que ele está ouvindo.

— Olavo. — Chamo um dos funcionários da WA. — Vocês têm como ajeitar as coisas sem minha ajuda?

— Claro, Bê! Temos muitos voluntários hoje, fique tranquilo.

Agradeço e sigo até Helena.

— Posso falar um instante com você? —

Ela se levanta e assente. — Vocês vêm amanhã?

Ela suspira.

— Não sei, provavelmente, não. É uma viagem um pouco cansativa para ir e voltar.

— Entendo. Eu queria testar algo com Heitor. — Ela olha para seu filho, sentado na areia e olhando o mar. — Percebi que ele ficou bem mais relaxado depois que entramos na água.

— Ele estava impaciente para esse momento — ela justifica.

— Eu sei. Imagino que chegar um pouco mais cedo na semana que vem seja difícil, não é? — Ela não responde. — Pensei em levá-lo para o mar na prancha comigo antes das aulas. Eu sempre venho antes e tiro um tempo só para mim.

— Isso não te atrapalharia?

Sorrio e nego.

— Não! Tenho certeza de que será bom

PERIGOSAS NACIONAIS

para nós dois. — Ela pensa e morde o lábio de leve. Preciso desviar os olhos para não ficar de “barraca armada” no meio da praia, pois seria impossível esconder por causa da bermuda molhada. Helena demora a responder, e eu penso que ela não tenha ainda confiança em mim para deixar seu filho sob minha responsabilidade sozinho. — Você poderia vir junto!

Ela arregala os olhos surpresa.

— Eu, no mar? — Nega. — De jeito algum!

— Por que não? Em dias com mar mais agitado é claro que não vou levá-lo. Você vai gostar!

— Não! — Ela ri de nervoso. — Eu vou pensar na sua proposta de chegarmos mais cedo, mas eu não vou junto.

Dou de ombros lamentando, pois seria uma experiência interessante ver Helena sobre uma prancha.

PERIGOSAS ACHERON

Sigo com eles novamente até o carro e o mesmo ritual da semana passada se segue: Heitor troca de roupa, senta-se na cadeira de segurança e pega o vídeo-game.

— Não querem ficar e almoçar comigo? — Arrisco o convite.

— Não, obrigada, não quero chegar tarde em São Paulo, e Heitor começará a se queixar do sal...

Eu assinto e me despeço do menino.

— Ei, campeão, te espero outro dia! — Bagunço seus cabelos escuros e lisos. — Boa viagem, seja um bom garoto!

Ele sorri, mesmo não tirando os olhos da tela do game.

Fecho a porta do carro e vou com Helena até o lado do motorista.

— Gostei muito de te ver hoje. — Prendo uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha, e ela
PERIGOSAS ACHERON

fecha os olhos. — Precisamos conversar. — Ela assente ainda de olhos fechados. — Quando, Helena?

Seus olhos encontram os meus, ela não responde imediatamente, ficamos embevecidos no clima delicioso dessa tensão sexual só nossa.

— Eu não sei... Está uma correria só na Αγάπη nesse final de ano, mas vamos nos falando ao longo da semana, pode ser?

Dou um passo para frente, encostando levemente meu corpo no dela e baixo a cabeça para ficar rosto a rosto.

— Estou à sua disposição! — Ela sorri sem jeito. — Basta me chamar.

— Está certo... E-eu... — ela aponta para o carro — tenho que ir.

— Faça boa viagem, vá com segurança.

Helena entra, põe o cinto e me dá uma olhada antes de virar a chave. O carro não pega.

Vejo-a fazer careta e tentar de novo e, novamente, ele liga, mas em seguida morre.

Ela tenta mais duas vezes, e eu, prevendo mais tentativas inúteis, bato no vidro.

— Ei! — Ela abre a janela. — Abre o capô para eu dar uma olhada.

— Entende de motores?

— Não muito, mas sei fazer uma verificação básica. — Sou sincero. — Pelo menos, saberemos o que é antes de chamar assistência.

Ela faz o que eu peço, e eu começo a verificar; olho cabos e peço para ela tentar ligar de novo para olhar o funcionamento.

— Será que é bateria? — Ela pergunta, portando-se ao meu lado.

— Não, se fosse, nem ligava. — Pego o celular. — Fran, Helena está com problema com o carro, olhei aqui, mas não consegui identificar nada. Você poderia mandar algum mecânico agora

enquanto acionamos o seguro? — Ele concorda, e eu agradeço.

— Obrigada! — Helena agradece.

— Sinto por não poder ajudar, mas não deve demorar. Você tem o cartão do seguro?

Pela careta que ela faz, já imagino a resposta.

— Estou sem seguradora. — Parece bem sem graça com isso. — Eu não renovei a apólice.

— Sem problema. — Confiro as horas. — Vamos fazer o seguinte: pegamos Heitor e vamos para minha casa enquanto olham o carro, se o problema for bobo, devem arrumar rápido. — Bufo. — Sinceramente, mesmo que arrumem, ainda prefiro que vocês não subam, ainda mais sem assistência de seguradora.

Helena concorda.

— Vou pegar o Heitor e as coisas dele.

Olho para o motor do carro e sorrio,

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando entender esse pequeno atalho que a vida acabou de nos proporcionar.

PERIGOSAS ACHERON

Quinze

Helena

Deslumbrada!

Não há outra definição para como eu me sinto agora, parada na entrada da casa da família Novak no Guarujá. A mansão, sim, porque chamar aquela construção imponente de “casa de praia” é até um sacrilégio, é uma das mais lindas que já vi até hoje e olha que vi muitas em São Paulo e na Itália.

Heitor acabou dormindo durante o curto trajeto até o condomínio onde fica a casa e, nesse momento, está no colo de Bê, que fez questão de pegá-lo alegando que era pesado. Achei graça e tive vontade de dizer que já estava acostumada, afinal sou sozinha com ele, porém não disse nada e aceitei

a oferta tão cavalheiresca.

Tudo é muito amplo e decorado com extremo bom gosto. Sigo Bernardo pelas salas, já passamos por duas, até a escada que dá acesso ao segundo andar. Os quadros nas paredes da escada me deixam fascinada. A maioria são gravuras e fotos emolduradas, mas muito bem tiradas e com um tratamento artístico lindo.

Eu adoro fotografias, embora seja péssima fotógrafa e, por isso, sou eu quem geralmente recomenda o profissional para cada tipo de evento, principalmente em casamentos, dependendo do estilo da noiva, mais clássico ou moderno. Aprendi que não há receita para boas fotos, mas que o estilo do profissional conta muito, pois, mesmo em poses parecidas, as fotos ficavam diferentes.

O fotógrafo que ganhou destaque da família Novak é muito bom e, em uma das fotos, a de um surfista parado no alto de uma rocha, contra o sol,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao longe, posso distinguir o modelo.

— É você? — Pergunto ao Bê que para de subir e olha para a foto.

— Sim. — Ri. — Essa foto foi tirada assim que voltei a surfar, por isso meus pais emolduraram.

— Ficou linda!

— Ficou, sim, o fotógrafo é bom. — Ri. — É meu irmão quem tira.

— O Nicholas? — Ele assente. — Uau! Não sabia... Tomara que tenha gostado das do casamento!

Bernardo ri.

— Ele gostou, pode ter certeza!

Continuamos caminhando por um longo corredor cheio de portas, até que ele abre uma, um quarto de hóspedes com uma enorme cama, e deposita o Heitor sobre a colcha.

— Eu deveria acordá-lo para um banho e...

PERIGOSAS ACHERON

— Deixe que ele descanse um pouco, acabou de dormir. — Ele passa a mão sobre os cabelos de Heitor. — Vamos adiantar o almoço, você me ajuda?

Bê estende a mão para mim, e eu dou uma olhada para Heitor, ainda receosa de deixá-lo.

— Tenho medo de ele acordar e não reconhecer o local e nós não o ouvirmos.

Ele balança a cabeça e, sem dizer nada, sai do quarto. Sua saída abrupta me deixa confusa, pois não sei se o chateei com isso ou se ele simplesmente foi adiantar o almoço. Realmente, não sei o que pensar, pois, com Rubem, cada vez que eu negava algo por causa de nosso filho, ele se enfurecia e ficava mais distante.

Suspiro resignada, afinal nunca colocaria Heitor em uma situação difícil, como acordar em um local estranho e sem me ver, para ir com quem quer que fosse. Meu filho vem e sempre virá em PERIGOSAS ACHERON

primeiro lugar na minha vida, se Bernardo já não puder compreender isso agora, é melhor nem...

Meus pensamentos são interrompidos com sua volta inesperada ao quarto, carregando uma caixinha nas mãos e sumindo, sem falar nada, para o que parece ser um armário com acesso ao banheiro.

— Achei pilhas! — Diz sorrindo.

De dentro da caixa, ele tira uma babá eletrônica rosa e branca, coloca as pilhas no aparelho e coloca um deles sobre o criado-mudo ao lado da cama.

— Vamos testar! Quando eu sair, você fala qualquer coisa para ver se escuto, ok? Dê-me uns três minutos para eu chegar na cozinha.

Eu só tenho tempo de balançar a cabeça e o doido desaparece, correndo porta afora. Rio, olhando para o aparelho, deslumbrada por ele ter ido buscá-lo a fim de que eu possa estar com ele,
PERIGOSAS ACHERON

mas atenta ao Heitor.

— Ele só pode ser doido! — Rio de novo e lembro do tempo que pediu. — Alô, alô, testando! — Digo a primeira coisa que me vem à cabeça e depois rio de novo.

Não me lembro de me sentir tão leve assim em muito tempo. E o engraçado disso que nem tinha me dado conta que deixei de me divertir com pequenas coisas, simplesmente incorporei uma rotina com a casa, o cuidado com meu filho e as responsabilidades com o trabalho que consumiram todo o meu tempo, até o de me divertir com uma bobagem.

— Funciona maravilhosamente bem! — Dou um pequeno pulo de susto ao vê-lo, e ele me mostra o monitor em sua mão. — A câmera liga com o movimento e o som, então, antes mesmo de ele acordar, apenas se mexer-se, nós saberemos.

— Obrigada — respondo encantada. — Eu
PERIGOSAS ACHERON

me sinto mais segura em deixá-lo sabendo que posso estar de olho.

— Nada mais compreensivo. Até eu fico confuso quando durmo em locais que não conheço, é absolutamente normal, Helena. — Estende a mão de novo. — Podemos descer? Estou morrendo de fome...

Aquele sorriso safado, com um jeitinho de moleque — que eu acho que nunca vai perder, não importa a idade —, derrete meu coração e, com um baita sorriso bobo estampado no rosto, eu pego a mão dele.

Sou puxada contra seu corpo e arrastada para fora do quarto, ainda grudada nele. Bernardo me encosta na parede e se espreme contra mim, sua testa na minha frente, seu nariz colado ao meu e sua respiração quente se misturando a minha.

Não consigo precisar quanto tempo ficamos assim, respirando juntos — um aspirando o ar do

PERIGOSAS ACHERON

outro —, corações disparados, corpos colados e olhos nos olhos. Tudo a minha volta silenciou, o ar parece ter parado, o tempo parece passar bem devagar. Estamos dentro de uma bolha de desejo, posso sentir o cheiro do tesão dele e isso desperta o meu, cada fibra do meu corpo absorve essa energia e a concentra no meu ventre.

O homem nem me beijou ainda e estou ofegante, excitada, vibrando de antecipação do prazer que será ter os lábios dele sobre os meus.

— Você tem razão. — Sua voz sussurrante acaricia minha pele e a faz arrepiar. — Eu estou louco... por você!

Sua boca encosta na minha sem nenhuma cerimônia. Bernardo invade, toma território sem pedir licença, confiante do que está fazendo e do prazer que irá me dar. Retribuo o beijo, a boca absorvendo e aceitando a impetuosidade de seus lábios se movendo sem parar sobre os meus,

PERIGOSAS NACIONAIS

complementados por suas mãos que se movem sobre meu corpo, ora deslizando, ora apertando em cada local acessível.

Quando nossas línguas se encontram, sinto como se uma descarga elétrica percorresse minha coluna e gemo em sua boca. Seguro-o pelos cabelos, com força, impedindo-o de se afastar, desejosa que essa experiência quase metafísica não acabe.

Um beijo, e eu já estou completamente molhada e pulsando.

As mãos de Bernardo seguram firme em meus quadris e me levantam levemente, pressionando meu corpo sobre o seu, a fim de me fazer sentir a grossa ereção sob a bermuda. Não penso duas vezes, movida pela densa nuvem de lascívia que nos envolve, abraço-o com as pernas enquanto ele me mantém presa contra a parede e seu corpo quente.

PERIGOSAS ACHERON

O vestido fica embolado na cintura e a calcinha — nude e sem graça — está escondida pelo corpo dele junto ao meu. Sinto seu pênis bem onde eu queria sentir, no meu sexo, roçando meu clitóris tão sensível que ignoro as camadas de tecido que ainda existem no local.

Bernardo separa a boca da minha somente para correr seus lábios pelo meu pescoço, e eu inclino levemente a cabeça para trás para dar todo o acesso que ele deseja. Sinto sua barba arranhar-me, sua língua quente e úmida deixando um rastro por onde passa e tudo o que eu faço é gemer e continuar agarrada a ele.

—Você me deixa louco, Helena — diz em meu ouvido e depois lambe a orelha. — Desde a primeira vez que a vi, eu só penso em você na minha cama. Eu preciso te provar, te comer, saborear inteira...

— Eu também quero... — respondo e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encaro. — Eu só... — respiro fundo tentando clarear as ideias e voltar a ter o mínimo de racionalidade — eu só preciso ir devagar, há muito tempo eu não tenho ninguém.

Ele assente e me aperta em um abraço gostoso.

— Nós iremos no ritmo que você quiser. — Concordo. — Eu não quero te pressionar a nada, o poder de decisão aqui é todo seu, e eu quero que tenha consciência disso. É você quem me diz quando começar e quando parar, eu quero seu tesão, dividir esse prazer contigo, mas a escolha do melhor momento é sua.

Ouvir isso, mesmo sentindo seu pau latejando contra mim, causa uma enorme sensação de prazer. Ele me pôs no comando, como eu nunca estive na minha última relação, e isso é arrebatador e novo. Não sei o que fazer ou como responder a isso, então, apenas o beijo devagar.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos preparar o almoço? — Pergunto, e ele me ajuda a descer do seu colo e a arrumar o vestido.

— Estou morrendo de fome, Helena... — Sua voz diz muito sobre qual tipo de fome está sentindo. — Ajude-me a matar essa vontade...

— Bernardo! — Repreendo-o, mas adorando a brincadeira.

Ele me abraça por trás e beija meu ombro, respirando fundo em meu pescoço como se quisesse absorver meu perfume.

— Obrigado por estar aqui comigo hoje.

— Foi inesperado, mas confesso que também estou adorando estar aqui. — Ele entrelaça sua mão na minha enquanto caminhamos para o andar inferior.

— Então fique. — Encaro-o. — Durma essa noite, passe o dia comigo amanhã, deixe-me levar Heitor na minha prancha e ter mais um tempo com

PERIGOSAS ACHERON

vocês.

Ah, meu Deus, como negar a um pedido desses? Concordo com um gesto de cabeça, e ele beija minha mão.

Heitor não acordou enquanto preparávamos a comida — entre beijos e amassos em cada canto da cozinha —, e eu tive que lutar muito para despertá-lo para o almoço. Ele estranhou o quarto, claro, mas, comigo por perto, se sentiu mais seguro e o levei para o banho.

Sempre carrego uma muda de roupa extra para ele, isso desde que era bebê, então ele pôde vestir algo limpo e sem areia ou sal. Já, quanto a mim, tudo o que eu pensava era em tomar banho, mas ter que vestir a mesma roupa. Até que, mais uma vez, Bernardo me surpreendeu com um

PERIGOSAS ACHERON

vestido de Gio.

Ao que parecia, havia um quarto na casa para a família e — além da babá eletrônica que Bernardo surrupiou do local — ficavam lá algumas peças de roupas do casal, bem como da pequena Mia.

Fiquei sem jeito de usar a roupa, mas acabei aceitando a proposta, assim pude lavar meu vestido e calcinha para usar no dia seguinte. Foi estranho saber que não usava nada por baixo do vestido durante o almoço, mesmo concentrada na conversa de Bernardo sobre sua família, sobre as festas que aconteceram nessa casa e as histórias de sua infância.

Heitor adorou a comida, bife preparado pelo Bernardo, arroz, feijão (que só tiramos do congelador e o temperamos) e batatas fritas. Fiquei admirada em como Bernardo sabia se virar sozinho na cozinha, o que deveria ter sido óbvio para mim,

PERIGOSAS ACHERON

afinal ele mora sozinho, e também como é organizado, lavando sempre os utensílios que não usaria mais.

Infelizmente, minha experiência com o sexo oposto não foi uma das melhores. Rubem nunca nem sequer lavou um copo, que dirá dividir a preparação de um almoço. O fato é que estava me sentindo cada vez mais encantada com o Bê e isso poderia se tornar um problema.

Ele era sensível com meu filho, preocupado de verdade, e não só para me agradar. Além disso, tínhamos a química que provamos ser forte e real com os beijos que trocamos ao longo do dia. Só que perceber que ele era divertido, cavalheiro, inteligente e muito observador foi um golpe na minha pouca resistência com relação a não querer me envolver emocionalmente com ele.

Não dava para separar! Se eu o recebesse em minha cama e mantivesse, além do sexo, uma

PERIGOSAS ACHERON

relação de amizade com ele, fatalmente eu iria me envolver, me apaixonar e isso seria um erro.

De tarde, enquanto eu retornava uns e-mails do trabalho, Bernardo e Heitor entraram na piscina, e eu pude comprovar o que ele me disse mais cedo sobre a água acalmar meu filho. Heitor boiava com tranquilidade enquanto Bê cantava uma música em inglês que não conheço e apoiava suas costas.

Não resisti e, mesmo com os olhos marejados, capturei o momento com a câmera do celular. Era incrível como Heitor confiava nele e como Bernardo sabia exatamente o que fazer com meu pequeno.

— Ei, sereia! — Ele me chama, e eu desperto das lembranças de mais cedo. — Vinho ou cerveja?

Olho para o alto e vejo um céu totalmente estrelado, sinto a brisa suave e os sons dos grilos cricrilando no jardim. Suspiro satisfeita, uma leve

PERIGOSAS ACHERON

maresia no ar, Heitor jogando videogame sobre um enorme *futon* no gramado, meu corpo estendido numa rede debaixo de um pergolado enquanto um homem maravilhoso prepara um churrasco e pergunta o que eu quero beber.

Pode a vida ser tão perfeita?

— Cerveja gelada, por favor! — Rio, adorando me sentir uma rainha.

— Nada menos que a mais gelada para você. — Ele me entrega uma *long neck* e senta-se entre meus pés. — Estar entretido com videogames é bom para ele? — Pergunta preocupado.

— A terapeuta liberou por alguns períodos do dia, afinal ele é uma criança e adora jogos. — Bernardo concorda. — Heitor gosta de jogos que necessitem usar algum tipo de lógica, por exemplo, seus soldados de chumbos são sempre posicionados estrategicamente, é incrível!

— Jogos de tabuleiro?

— Nunca tentei, não sei jogar muita coisa além de dama, mas acho que sim, ele gostaria de aprender. Heitor é um leitor compulsivo também. — Bernardo sorri. — Compro mais livros do que brinquedos para ele, aprendeu muito cedo a ler, sua capacidade cognitiva é surpreendente, apenas o convívio social é mais difícil.

— Eu gostaria de ter um parceiro de xadrez — comenta. — Não sou muito bom, Nick sempre foi melhor nesses jogos, pois sempre preferi atividades ao ar livre, mas sei alguma coisa e tem alguns livros na biblioteca da casa dos meus pais.

Sorrio e toco sua mão.

— Você não precisa fazer isso, sabe? — Ele franze a testa. — Se aproximar tanto assim do meu filho...

— Helena, não entenda errado. — Senta-se de frente para mim. — Eu realmente gosto dele, independente do que for acontecer entre nós. —

Sorrio. — Gostei do moleque desde a primeira vez que falei com ele, mesmo antes de saber que você era sua mãe.

— Ele também gosta muito de você.

— Eu sei e não se preocupe, assim como não vou forçar as coisas entre mim e você, não o farei com ele. Eu tenho ido até onde Heitor me deixa ir e, acredite, essa aproximação tem feito bem a mim de uma forma surpreendente. — Ele bebe um gole de sua cerveja. — Eu adoro minha sobrinha, sempre gostei de criança, e agora, com o projeto, tenho me envolvido cada vez mais com elas, aprendido e entendido sobre como elas se sentem e de que forma são afetadas por suas condições. Elas me inspiram a continuar lutando por um mundo igual para todos, sua fé, sua inocência e positividade me fazem acreditar que um dia iremos conseguir.

— Eu também acredito nisso. — Sento-me,

fico próxima dele e sinto sua mão em minha cintura. — Não tem sido fácil, eu mentiria se dissesse que não me preocupo por ele só ter a mim.

— E o pai, Helena?

Rio amarga.

— Meu ex-marido. — Dou de ombros. — Era louco para ser pai, mas só se viesse o garoto “perfeito”, aquele que ele mostraria aos amigos, levaria para ver o time no estádio e, mais tarde, ensinasse a azarar umas “minas” pela cidade. Planos frustrados, filho descartado. — Fico séria. — O casamento nunca foi um mar de rosas, mas eu só decidi me separar quando percebi que a convivência dele com o Heitor era prejudicial ao meu filho.

Bernardo me puxa para um abraço.

— Você é incrível! — Beija minha testa. — Eu fico deslumbrado com sua força.

— Não, não sou forte, tento apenas fazer o

meu melhor.

— Tem conseguido. — Esfrega o nariz no meu. — Isso me faz te querer ainda mais!

O beijo é suave, terno, e toca não só a alma da mulher que sou mas também da mãe que faz de tudo pela felicidade do seu filho.

Isso eu não esperava!

Dezesseis

Bernardo

Rolo na cama, mudando a posição pela centésima vez, tentando dormir. Não dá, simplesmente é impossível fazer meu corpo relaxar sabendo que Helena está no quarto ao lado, vestido apenas uma camiseta minha.

O dia com ela foi inesperado e delicioso.

Fiquei frustrado quando pedi que ela ficasse para almoçar comigo e rejeitou, mesmo com a promessa de nos vermos em São Paulo durante a semana. Eu estava com urgência dela, sei que disse que esperaria seu tempo e vou, mas a vontade e o tesão ficam fervilhando dentro de mim a todo o momento que penso nela.

Que sorte o carro ter dado defeito!

Um simples problema nas velas de ignição (que nunca foram trocadas, segundo Helena) garantiram sua presença e de Heitor em minha casa. Assim que terminamos de comer, o mecânico ligou para o telefone dela, que deixamos de contato, e informou que já havia substituído as peças e que já estava tudo certo com o veículo. Temi que ela me pedisse para ir buscar o carro para poderem ir embora, mas não, ela ficou.

Foi uma tarde muito especial para o menino que já conquistara de vez meu coração. Heitor tem essa ligação com a água como eu tenho, sabe? Sempre me senti melhor dentro dela do que em terra e, quando era menino, sonhava em ser uma espécie de peixe ou tritão (caso existisse) e viver no mar para sempre.

Lembro que assisti uma vez, com uma namoradinha de colégio, um filme antigo com o Kevin Costner chamado “Waterworld” e fiquei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fascinado com aquele homem que evoluiu e desenvolveu guelras e barbatanas entre os dedos dos pés e das mãos para viver em um mundo tomado pela água. *Brou, aquele era o meu sonho perfeito!*

Por isso, acho que Heitor e eu nos identificamos. Temos essa paixão em comum, compreendo a necessidade que tem de estar em contato com a água e, como eu imaginei, ele se transforma quando está nela. Eu o senti relaxado, calmo, quase que em um nirvana só dele enquanto o ensinava a boiar na piscina.

Helena me disse que ele faz natação e tem terapia aquática, o que explica muito essa associação de tranquilidade que ele teve dentro da piscina. Ele é surpreendente! Trocamos algumas palavras, para total espanto da mãe, e eu me senti muito privilegiado por isso, pois sei que ele só se comunica com quem confia muito.

PERIGOSAS ACHERON

À noite, depois que comemos o churrasco que preparei, fiquei assistindo a Helena com sua rotina de mandá-lo escovar os dentes (umas dez vezes seguidas, o que me fez lembrar de minha própria mãe também) e colocá-lo na cama após adormecer sobre um dos livros de fotografia do meu irmão. Isso foi outra surpresa para a mãe dele, pois o garoto ficou totalmente encantando com as cores e imagens de cada um dos mais de 15 livros que olhou detalhadamente.

— Que tal um vinho antes de dormir? —
Convidei-a.

— Soa como música!

Puxei-a contra meu corpo, acariciei sua face enquanto tentava entender o que ela tinha que me fazia sentir uma pressão enorme no peito e uma vontade louca de cuidar dela, de ser importante em sua vida e dividir esses momentos. Queria dizer o quanto a achava incrível e apaixonante, mas sentia

que precisava ter certeza de que não era só a empolgação do momento com uma situação tão nova nunca vivida por mim.

O que propus lá na praia, de conhecê-la melhor e ir devagar, ainda estava de pé. Preocupava-me com a possibilidade de estragar tudo, de machucá-la de alguma forma e isso acabar afetando o Heitor.

Fui até a adega buscar um vinho e, quando voltei, encontrei-a sentada na beira da piscina, com os pés dentro d'água. Helena olhava para o alto, contemplando as estrelas, com um sorriso tão solto e natural que não consegui me mover, não queria atrapalhar esse momento dela. Não sei precisar quanto tempo fiquei ali, apenas observando-a, sentindo tanta coisa ao mesmo tempo e completamente embasbacado com o jeito que ela mexia comigo sem nem mesmo se dar conta disso.

Só me aproximei quando ela abaixou a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça para olhar na direção da casa à minha procura. Mostrei-lhe o vinho escolhido, ela concordou, e então fui buscar as taças.

— Essa casa, esse lugar, é um sonho! —
Confessou assim que eu lhe entreguei sua bebida.
— Se respirar fundo, sinto o cheiro do mar, ouço o barulho das ondas ao longe e o som de cigarras e grilos aqui no jardim.

— É, eu adoro essa casa, é meu lugar favorito. — Brindamos. — Meu avô a comprou quando eu ainda era um bebê, depois, meus pais a reformaram, mas esse lugar me lembra demais a infância, as brincadeiras, um tempo que não volta mais.

— É... Eu não tenho um lugar para recordar.
— Deu de ombros. — Assim que meu pai morreu, mamãe vendeu a casa em São Paulo e se mudou para o interior. Eu fiquei um tempo com minha tia na Itália e, quando voltei, logo casei e fui morar
PERIGOSAS ACHERON

onde moro hoje.

— Sua mãe ainda está no interior?

— Não! Graças a Deus, ela voltou para São Paulo assim que me separei. Eu não sei o que faria sem ela para me auxiliar com o Heitor.

Assenti querendo saber mais, lembrando da conversa que tivemos pouco antes de o jantar ficar pronto. Não consegui resisti à curiosidade e perguntei sobre o pai de Heitor:

— Você me disse que seu ex-marido se afastou do filho, mas ele a ajuda financeiramente?

— Ela ficou tensa, e eu pensei ter passado do limite com minhas perguntas. — Desculpe-me, não deveria ter sido tão invasivo...

— Não, tudo bem! Sim, ele ajuda.

O silêncio que se seguiu só demonstrou que, embora ela tivesse respondido a pergunta, não era um assunto confortável, então decidi não questionar mais nada sobre o relacionamento passado dela, a

não ser que tocasse no assunto.

Aproximei-me dela devagar e cheirei seu pescoço, aproveitando para roçar meu nariz em sua pele e arranhá-la um pouco com minha barba.

— A noite de hoje merecia um banho na jacuzi, não acha? — Arrisquei.

Helena suspirou com uma leve estremecida e olhou de esguelha para a pequena banheira perto da piscina.

— Eu não tenho roupa de banho, Bê.

Sua voz rouca e baixinha foi o suficiente para que meu estado constante ao lado dela, de semiereção, se transformasse em um completo e doloroso pau duro. Coloquei a mão sobre sua coxa e gostei quando ouvi o gemido de prazer que ela emitiu pelo contato. Beijeí seu pescoço devagar, apenas varrendo sua pele cheirosa com os lábios, arrastando-os de cima para baixo e mordendo de leve seu ombro.

Quando passei a usar a língua, lambendo-a calmamente, chupando o lóbulo de sua orelha, aproveitei para avançar a mão para debaixo do vestido, indo em direção até sua virilha.

Não encontrar nenhum tecido, elástico ou barreira por lá foi uma surpresa que acelerou meu peito e me fez encará-la com os olhos cheios de volúpia.

— Sem calcinha?

Ela ficou levemente corada, mas, em nenhum momento, desviou os olhos. Sorriu devagarinho, deu um suspiro e se justificou:

— Não trouxe nenhuma e lavei a que estava usando para amanhã.

Deus do céu!

Afastei-me dela nervoso, sabendo que, se continuasse a beijá-la, a tocá-la, não cumpriria com o combinado de ir devagar, iria fodê-la ali mesmo, na beira da piscina, dentro da piscina e na cama a

noite inteira.

Coloquei a mão sobre a cabeça, respirando pausadamente, buscando calma. Mas ela resolveu não facilitar minha vida e tocou no meu peito, descendo a mão pelo abdômen, parando na altura do cós da bermuda.

— Caralho, Helena! — Encarei-a. — Estou tentando ser comedido e ir devagar conforme combinamos.

— Eu sei... — Sorriu. — Agradeço por isso, mas não me peça para não tocar em você e nem se afaste de mim por causa disso.

Bufei.

— Porra, assim é difícil!

Ela sorriu mais uma vez, safada, poderosa, olhando o volume aparente na minha bermuda que não me deixava mentir o quanto a queria naquele momento.

Então, ela me tocou!

Fechei os olhos e travei as mãos nos vãos da madeira do deck da piscina para não voar sobre ela, pressioná-la contra o chão e mergulhar em sua boceta desprotegida. Deliberadamente, ela estava me torturando, pois sabia que tinha dado minha palavra e que não avançaria o sinal sem que ela me desse aval para fazê-lo.

Ela me explorou quase que de forma científica, suas mãos medindo minha extensão, a largura, sentindo o calor que emanava do meu pau mesmo sob o tecido da bermuda. Helena não sabia, mas eu não usava nada por debaixo dela também..

Ainda de olhos fechados, gemi alto quando senti sua língua quente e molhada em meu abdômen. A safada desenhou cada ondulação dos músculos ali, brincou com meu umbigo e lambeu meus mamilos, sempre com a mão pressionando meu pau de forma enlouquecedora.

— Porra, Helena, se você continuar...

Ela riu, e eu a olhei para baixo, vendo suas mãos abrindo o botão e o fecho da bermuda. Respirei bem fundo em expectativa, esperando a libertação do meu pau, sua mão tocando e, quem sabe, sua boca a engoli-lo.

— Quero te ver, Bernardo. — Ela me encara. — Posso?

Que pergunta!

No desespero de que ela me tocasse, quase respondi sem pensar, mas então algo iluminou minha mente em meio a toda aquela névoa de tesão, e eu sorri malicioso.

— Eu mostro o meu se você mostrar o seu. — Pisquei.

Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás e, a partir daí, não pude mais me segurar. Segurei-a pela nuca, trazendo-a para minha boca, sugando seus lábios antes de beijá-la com tudo o que tinha. Eu estava entregue, completamente absorvido por

PERIGOSAS ACHERON

ela, pelas sensações que Helena me causava, por sua timidez misturada com uma potência sexual que nunca vi em ninguém.

Ali estava uma mulher que queria se libertar, podia sentir isso em todos os meus poros! Helena, por algum motivo, se colocou amarras, se condicionou a resignação e esqueceu o prazer que é ser livre. Sentia-me um puta sortudo por ser eu a começar a mostrar para ela do que era capaz, sim, porque o tesão e o prazer são todos dela e para ela, eu apenas sou o catalisador deles.

Nos agarramos como dois desesperados, beijando sem nenhuma contenção, explorando com os lábios, línguas e dentes cada recanto da boca do outro. Minha mão fortemente colocada em sua nuca a mantinha grudada em mim, e ela, por sua vez, segurava-me pelos cabelos, puxando-os dolorosamente gostoso.

Abaixei uma alça do vestido e, depois, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outra e senti quando o tecido cedeu e ficou embolado em sua cintura. Com a ponta dos dedos, fui traçando um caminho em direção aos seus peitos, roçando no vale entre eles até circundá-los um de cada vez.

Porra, eu queria encher a mão com eles, sentir o peso, a textura, a maciez, mas antes quis olhá-los.

Afastei-me dela, os dois ofegantes de tanto desejo, e olhei para seu corpo lindo. Sua pele perfeita, bronzeada, brilhava refletindo as luzes da piscina. Os peitos cheios, de mamilos pequenos e escuros completamente eriçados de excitação deixavam-na parecendo uma ninfa, uma deusa capaz de enlouquecer qualquer homem.

Helena não deixou de me encarar nem por um momento, mesmo diante do olhar minucioso que dei para seu corpo.

— Solta os cabelos. — Pedi.

PERIGOSAS ACHERON

Ela levou as mãos até o coque e as longas e negras madeixas se espalharam sobre seus ombros.

Deus, como ela ficou linda!

— Agora você...

Neguei, eu ainda não estava satisfeito.

— Fica em pé.

— Bê... — Ela arregalou os olhos, sabendo que, quando se erguesse, o vestido cairia aos seus pés, deixando-a exposta a minha apreciação.

Sem nem mesmo lhe responder, levantei e estendi a mão. Helena titubeou, intercalando olhares entre meus olhos e a mão que estendia para ela. Eu podia sentir a confusão, a incerteza em todo seu corpo, mas não desisti. Eu já havia visto além da mulher contida, arranhei o verniz de sua timidez e vi a criatura sensual e louca para explorar o prazer que existia ali.

Gemi quando a mão dela tocou a minha e, sem desviar os olhos dos meus, se pôs de pé,
PERIGOSAS ACHERON

deixando o vestido no chão e vencendo a curta distância entre nós. Não olhei para seu corpo, estava preso, perdido na força do seu olhar e a abracei estremecendo ao sentir a sua pele sob minhas mãos.

— Você é linda! — Declarei. — Você é espetacularmente linda!

Ela baixou os olhos como se não soubesse lidar com o elogio.

— Você não me olhou...

— Não preciso, estou fazendo melhor. — Minhas mãos se movimentam em suas costas, contornando sua cintura, seus quadris, apertando sua bunda e subindo de volta, roçando as laterais dos seios, seguindo por seus braços até pegar suas mãos e entrelaçar meus dedos aos dela. — Eu sinto você. — Fecho os olhos. — Seus tremores, seus arrepios de prazer, seu calor, seu cheiro... tudo em você é lindo!

Helena faz o mesmo comigo, explorou meu corpo com as palmas das mãos abertas, sentindo a vibração de cada músculo e parou no cócs da bermuda. Com um suspiro, ela forçou a peça para baixo, e eu só senti o tecido se embolar no meu pé. Movi-me devagar para sair de dentro da bermuda sem deixar o contato com ela se desfazer.

Que delícia! Eu podia sentir sua barriga no meu pau e tenho certeza de que ela podia sentir o mesmo. Helena se moveu, esfregando-se contra ele, gemendo e fechando os olhos.

Aproveitei para beijá-la novamente, devagar, saboreando-a.

Apertei-a mais contra mim, esmagando meu pênis contra ela e movi os quadris, sentindo minha própria lubrificação encharcando sua pele.

— Eu preciso de você... — admiti ainda com os lábios colados nos dela. — Só que não vou conseguir parar depois de estar dentro de você, vou

PERIGOSAS ACHERON

querer tudo, Helena. — Ela gemeu. — Você está pronta para isso?

Ela assentiu e então eu me afastei para olhá-la, venerá-la, comê-la com os olhos.

Lá estava ela, nua, olhando-me com curiosidade e desejo, esquecendo de todas as inibições e deixando-me desvendar um pouco do seu corpo. Sim, Helena era linda demais, sensual, tudo o que eu já havia suposto ao vê-la vestida e muito mais. Só que, naquele momento, eu percebi que não era só o corpo dela que me atraía, era além disso.

Ajoelhei-me aos seus pés e encostei minha cabeça sobre suas coxas, fui cheirando-a até estar exatamente onde sonhei estar. Gemi com o cheiro de sua excitação, absorvi-o de tal forma que ficasse impregnado durante dias em minhas narinas até que criasse uma memória olfativa dela. *Cheiro de Helena!*

Toquei-a reverente, sentindo a pele lisa e totalmente sem pelos, seguindo em direção ao ponto que ela mais apreciaria. Tive que segurar meu pau com força ao ouvir seu gemido quando estimulei seu clitóris lentamente, seguindo em direção à entrada úmida e quente de sua boceta, separando seus lábios e encontrando o local onde queria fazer morada, onde ficaria a noite inteira de bom grado.

Meus dedos ficaram úmidos e não resisti a levá-los à boca e sentir o delicioso sabor da mulher que me deixou de joelhos, sem forças, necessitado.

— Bê... — Ela gemeu quando me aproximei com o firme propósito de provar direto da fonte. — Bernardo...

Abocanhei-a, fazendo com que abrisse as pernas e se apoiasse em mim enquanto sorvia cada gota de seu desejo, chupando, lambendo, beijando como um faminto. Eu estava cheio de fome dela e

não via a hora de me saciar.

Ela gemia alto, seus sons cortando a noite, viajando no espaço e tornando tudo ainda mais excitante e saboroso. Eu estava enlouquecido, desmedido, querendo tudo o que pudesse arrancar de prazer dela naquele momento. Queria sentir suas mãos puxando meus cabelos, os movimentos dos seus quadris contra minha boca aberta enquanto a fodia com a língua, e então... Ah, então a mágica aconteceu, e ela gozou, explodiu de prazer dizendo meu nome, implorando por algo que não era lógico, sentindo-se viva e me fazendo viver com ela.

Tive que fechar os olhos e me concentrar em qualquer outra coisa para não gozar junto, para não ceder à vontade do meu corpo de compartilhar aquele momento com ela. Não queria assim, não queria sem estar dentro dela, de sua boca, de sua boceta ou de qualquer outro lugar que me deixasse estar.

Não houve tempo!

No instante seguido ao seu gozo, ainda tendo espasmos de prazer, ouvimos a voz do Heitor pela babá, e ela se afastou de mim rapidamente, indo até o aparelho para vê-lo sentado na cama.

Eu me apoiei — de quatro, infelizmente — no deck e respirei fundo, percebendo que o idílio havia acabado, porém compreendendo a necessidade de ela estar com o filho.

Helena se desculpou, e eu disse que não havia necessidade, que entendia. Era verdade, embora frustrado, nunca poderia pedir a ela que ignorasse o filho ou ficaria com raiva do menino.

— Bernardo... — chamou por mim antes de entrar na casa, e eu, já colocando minha bermuda de volta, a olhei. — Foi maravilhoso!

Sorri, um tanto adulado com isso, e respondi brincando.

— Estou à sua disposição!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu e correu para dentro da casa.

Precisei de um banho gelado — confesso que foram dois — e ainda agora estou revirando na cama, pulsando de vontade de tê-la, apressado, impaciente e desejoso de que não tenha que esperar mais.

Desisto de dormir e seguro meu pau com força, masturbando-me como há muito não fazia, sentindo na boca o gosto de sua boceta, o cheiro dela e os gemidos de Helena reverberando em meus ouvidos.

— Porra! — Falo baixo, minutos depois, enquanto meu corpo toma o prazer que lhe foi negado, gozando uma quantidade absurda de porra e lambrecando minha barriga.

Preciso dessa mulher!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dezessete

Helena

Dormi como uma pedra, um sono sem sonhos, reparador, e acordei relaxada como há muito tempo não acontecia. Um teto rebaixado com gesso foi a primeira coisa que me saudou, já despertando a consciência de que não estava em casa e de que todo o dia anterior fora real.

Passei o dia com Bernardo, escutei as risadas de Heitor brincando com ele na água e, à noite, gozei como uma louca em sua boca, de pé, e ele de joelhos aos meus pés.

Fecho os olhos ao mesmo tempo que abro um sorriso satisfeito rememorando os momentos, as conversas, os beijos... Foi tudo tão perfeito que nem nos meus sonhos mais fantasiosos poderia

imaginar que seria assim.

Sou uma mulher prestes a fazer 36 anos, não sou mais uma garota deslumbrada por sua primeira experiência sexual, por isso deveria estar agindo com mais maturidade, aceitando o que aconteceu e pensando no que fazer dali para frente, e não estar com o corpo pronto e imaginando como seria se eu invadissem o quarto do Bernardo e o acordasse com um boquete.

Deus do céu!

Seguro o riso olhando para o lado, vendo Heitor ainda dormindo. Mudo de posição na cama para acariciar seus cabelos, notando o rostinho corado e agradecendo por tê-lo comigo. O dia ontem foi cansativo para o meu pequeno, mas tenho certeza de que um dos mais felizes da vida dele.

Bernardo me pediu para ficar para assistir a aula de hoje e depois subir para São Paulo junto com ele. Mesmo com o carro já arrumado, ele ainda

PERIGOSAS ACHERON

parecia receoso de que algo pudesse acontecer na estrada, me deixando sem assistência por não ter seguro. Concordei em voltar para a capital ao mesmo tempo que ele, mas no meu próprio carro. Não podia ficar sem ele durante a semana e não queria dar trabalho a ninguém para levá-lo até mim.

Escuto uma leve batida na porta do quarto e o coração já acelera, consciente de que é Bernardo do outro lado da porta. Levanto ajeitando os cabelos, olhando para a enorme camisa que ele me emprestou que, muito embora seja larga e comprida, é branca e fina, por isso levemente transparente.

Ah, pelo amor de Deus, o homem te viu nua ontem!

Abro a porta e paro de respirar por um momento. Lá está ele, apenas de sunga, aquele corpo moreno e cheio de músculos bem trabalhados que fazem minhas mãos coçarem de vontade de

PERIGOSAS ACHERON

tocar.

— Bom dia. — Sorri de um jeito tão moleque que é impossível não corresponder. — Heitor ainda está dormindo?

— Bom dia! Ele está cansado, nem se mexeu essa noite, dormimos como pedras.

Ele enrugou a testa.

— Já eu passei uma noite do cão.

Paro de rir.

— Por quê?

Sou puxada pela cintura, atraída para seu corpo e, mal nos encostamos, já posso sentir a ereção bem dura contida pela sunga.

— Esse é o estado que fico quando você está por perto. — Beija meu pescoço. — Sempre que você está por perto! A noite foi uma tortura porque sabia que você estava no quarto ao lado e... — afasta-se para me olhar — vestindo apenas uma camisa minha.

Rio sem jeito, mas completamente deliciada com isso.

— O que aconteceu ontem... — Começo, mas ele me impede de continuar, pondo um dedo sobre meus lábios.

— Foi sensacional, uma delícia, uma viagem... — Ri. — Não vou me desculpar por ter ouvido seus gemidos de prazer, Helena.

— Nem quero isso, Bernardo. — Ele abre um enorme sorriso. — O que aconteceu ontem foi maravilhoso, mas fui um tanto egoísta.

Ele gargalha e depois faz careta, conferindo se não acordou Heitor. Relaxa quando vê meu filho ainda tranquilo e calmo dormindo.

— Temos tempo para você me compensar isso. — Esfrega o nariz no meu. — Você é uma delícia! Ter sua boceta na minha boca ontem foi o maior presente que você poderia ter me dado...

— Bê! — Repreendo-o sem jeito, e ele ri

PERIGOSAS ACHERON

malicioso.

— Fiquei a noite inteira com o sabor do seu orgasmo na boca, sentindo seu cheiro, lembrando da textura dos seus lábios na minha língua. — Dou uma risadinha nervosa, mas sinto-me totalmente excitada. — Tive que tocar uma... — Arregalo os olhos com a revelação. — Gozei com os seus gemidos ressoando em meus ouvidos de novo e de novo.

— Foi?

Minha respiração está pesada, coração acelerado e minhas coxas úmidas.

— Foi! — Bernardo pega minha mão e leva até seu pênis sob a cueca. — Eu queria saber como seria sentir sua mão em mim. Fantasiei com a quentura da sua boca e a maciez da sua boceta. — Fecho os olhos, e ele segura-me pela nuca. — Eu preciso estar dentro de você, Helena. — Sinto seu hálito quente no rosto. — É uma necessidade

mergulhar em você.

O mesmo desespero que sinto em suas palavras é demonstrado em seu beijo. Bernardo parece querer fundir seu corpo ao meu através de um contato tão profundo como é o beijo. Seus lábios se movem rapidamente sobre os meus, sua língua açoitava a minha sem parar e suas mãos mantêm minha cabeça presa à dele de forma que não consigo me afastar, ainda que quisesse.

Meu corpo inteiro vibra, sinto borboletas no estômago, minha cabeça gira e as pernas ficam bambas a ponto de eu ter que me apoiar nele. Sinto-me liquefazendo em seus braços, tomada por um desejo tão forte que não sei como vou fazer para me manter longe dele.

— Mamãe?

Damos um pulo, nos afastando assim que escuto a voz de Heitor. Olho para trás e o vejo sentado na cama, olhando tudo em volta, alheio ao

PERIGOSAS ACHERON

que estava acontecendo na porta do quarto.

Deus do céu!

Eu aqui quase saltando em cima do homem e meu filho dormindo ao lado. Preciso manter minha cabeça do lugar e controlar meus hormônios.

Bernardo parece perceber que estou sem ação e passa por mim, entrando no quarto para cumprimentar Heitor.

— Ei, campeão, bom dia! Que tal irmos mais cedo para o mar hoje? — O sorriso de Heitor é toda a resposta afirmativa que Bernardo precisa. — Então vá escovar os dentes e se aprontar que estou esperando você e sua mãe para o café da manhã, combinado?

Ele bagunça o cabelo do meu filho — eu ainda me surpreendo que Heitor aceite os toques de Bernardo e, por isso, suspiro, encantada — e vem até onde estou.

— Não demorem, senão não teremos tempo

de aproveitar antes que o pessoal da WA chegue. — Assinto. — Ah... — Ele pega uma sacola que deixou no chão do corredor. — Separei essa roupa de banho para você, está novinha.

— Da sua irmã? — Pergunto curiosa.

— Não, acho que não, mas, de qualquer forma, está ainda com a etiqueta, sinal que nem foi usada.

— Hum... — Olho a peça, um biquíni bem ousado por sinal. — Alguma namoradinha sua deixou para trás?

Bernardo ri e aponta em direção ao Heitor.

— Ele já foi. — Confiro e depois volto para encará-lo, levantando uma sobrancelha questionadora. — Não, Helena. Provavelmente, de algum hóspede que deixou para trás. Nunca trago “namoradinhas” para cá. Apressem-se, por favor, precisamos tomar café ainda.

Fico parada na entrada do quarto vendo-o se

afastar, admirando suas costas e o jeito confiante que anda, dando-me conta que nem percebo mais a prótese — essa diferente da do dia anterior — tamanha naturalidade que ele tem ao usá-la.

Olho o biquíni em minhas mãos sem saber se devo usá-lo ou não, porém bastante tentada ao ver a reação de Bernardo ao vê-lo em meu corpo.

— Terra chamando Helena! — Pulo na cadeira e focalizo Kyra sentada na beirada da minha mesa com um sorriso divertido no rosto. — Ei, bem-vinda de volta!

— O quê?

Ela gargalha.

— Você estava completamente fora do ar aí. Perguntei algo sobre o trabalho e você com um olhar fixo, aí vim até aqui, perguntei se estava bem, PERIGOSAS ACHERON

e você mal piscava, além de estar com esse sorriso estranho no rosto. — Aperta os olhos desconfiada. — O que aconteceu nesse final de semana, hein?

— Nada. — Volto a mexer no computador tentando disfarçar.

— Hum... sei! — Kyra volta para sua própria mesa. — Olhar sonhador, sorriso congelado no rosto, suspiros ocasionais e sua pele... — Eu olho para meu ombro exposto pela blusa de alça que uso hoje conferindo o lindo bronzeado. — Está com uma cor linda.

— Levei o Heitor para ter aulas de surfe! — Tento ser natural ao falar isso.

— Hum, verdade! — Olho-a de esguelha e noto um sorriso gigante. — Com o Bê Novak, não é?

Restrinjo-me a apenas balançar a cabeça positivamente, fingindo que estou concentrada na planilha de casamento aberta na tela do

PERIGOSAS ACHERON

computador. A verdade é que desde que voltei para São Paulo, imagens daquele final de semana tão maravilhoso vinham me tirando do ar.

O sábado tinha sido incrível, coroado por uma noite sensual e prazerosa, mas o domingo me surpreendeu.

Tomamos o café da manhã praticamente engolindo os alimentos, pois Bernardo queria tempo para ir com Heitor em sua prancha antes de a aula começar. Entramos na sua caminhonete e chegamos na praia praticamente deserta. Era ainda muito cedo, e o sol estava começando a esquentar.

Heitor seguia o Bernardo, atento a cada movimento dele e não titubeou quando Bê o pegou pela mão e o levou para o mar. Confesso que fiquei tensa, mesmo que Heitor soubesse se virar bem na água, pois faz natação há muitos anos, não consegui desgrudar os olhos dele.

Bê colocou-o sentado sobre a prancha e

PERIGOSAS ACHERON

nadou arrastando-a contra as ondas, indo além da arrebentação, onde mar ainda estava calmo. Quando chegaram lá, deu algumas instruções ao Heitor, que seguiu todos os seus comandos, e assisti emocionada meu filho remando, deitado de bruços sobre a prancha e o Bernardo nadando ao seu lado.

Eles ficaram um bom tempo na água, o sol já queimava minha pele, e eu tirei o vestido, ficando apenas com o minúsculo biquíni que Bê me entregou pela manhã. Passei um pouco do protetor solar do Heitor e sentei na areia, sempre acompanhando os dois.

Quando vi Bernardo subir na prancha, depois de conversar com Heitor, me levantei assustada, achando impossível que ele fosse fazer o que estava imaginando. E ele fez! Os dois se levantaram em um movimento perfeito e surfaram juntos, Heitor em pé, apoiado entre as pernas do Bê

PERIGOSAS ACHERON

e segurando em suas coxas.

Meu filho ria alto a ponto de eu ouvi-lo da praia e, emocionada, nem lembrei de filmar aquele feito, apenas fiquei lá, sentindo lágrimas escorrem em meu rosto enquanto sorria encantada.

Não tive tempo de falar com eles, pois, antes mesmo de saírem do mar, o pessoal da WA chegou e começou a montar a estrutura da aula e fui ajudar a Joana.

— Ei! — Ela me cumprimentou. — Já estão aqui! Como passou a noite?

Fiquei sem jeito com a pergunta, provavelmente porque levei na maldade e lembrei do prazer e da noite maravilhosa ao lado do Bernardo.

— Muito bem! — Apontei Bê e Heitor saindo do mar. — Bernardo quis vir surfar mais cedo.

— Ah, ele sempre faz isso! — Joana sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu filho parece estar encantado com o professor! Acho que Bê se tornou o herói do seu menino.

— É... — Suspirei preocupada com isso.

Supreendentemente, Joana pareceu sentir minha preocupação e colocou a mão na minha.

— As coisas acontecem por um motivo, Helena. Nada é por acaso. — Ela apontou os dois. — Aquele é um encontro que já estava escrito, não se preocupe.

Senti algo estranho, uma sensação paz e, ao mesmo tempo, meu coração disparou. Observei-a falar com os voluntários do dia, bem como pegar fichas e pulseiras de identificação, ainda tentando entender o motivo de o que ela falou ter mexido tanto comigo.

Nunca fui mística ou religiosa, sempre tentei entender as coisas da maneira mais racional possível, contudo nunca vi meu filho se abrir a

PERIGOSAS ACHERON

alguém tão rapidamente como fez com Bernardo.

Olhei para os dois que ajudavam Fran e outro rapaz a pegar as pranchas e dispô-las na areia. Heitor estava fascinado pelo Bê, era verdade, e isso ao mesmo tempo que me alegrava, me deixava tensa, porque uma relação além da amizade estava se formando entre mim e ele.

Se ocorrer algo e o clima ficar estranho entre nós, isso poderá afetar meu filho, deixá-lo triste e, por mais que eu queira viver essa atração com Bernardo, não quero, de maneira alguma, prejudicar a amizade dos dois.

Esse pensamento martelou minha consciência durante toda a aula, mas não conseguiu tirar a leveza e a satisfação do dia.

Bernardo tinha razão sobre ir para água com Heitor. Meu menino estava participativo, concentrado e visivelmente feliz. Por várias vezes, ao ouvir a risada dele, busquei a Joana com os

PERIGOSAS ACHERON

olhos, notando que ela os observava com um sorriso também e depois me olhava.

Quando a aula acabou, auxiliei no recolhimento do material, fui pela primeira vez até a sede da WA, conheci suas dependências e todos os projetos deles, que iam além das aulas de surfe, e, antes de pegar estrada, Heitor e eu almoçamos com o casal François e Joana e, claro, com Bernardo.

Ele ficou perto durante todo o percurso de volta, mesmo sendo sua caminhonete muito mais potente que meu carro, andou sempre atrás da gente. Nos despedimos já em frente ao meu prédio, apenas com um aceno e um sorriso.

Heitor chegou cansado, tomou banho, comeu algo e logo dormiu, e eu fiquei por um tempo sentada no sofá da sala analisando tudo o que tinha acontecido.

Meu celular notificou mensagem e corri

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para pegá-lo, sorrindo feito adolescente ao ler o boa noite do Bernardo.

“Heitor dormiu, e eu estou aqui, acordada, analisando tudo o que aconteceu nesse final de semana.”

Respondi seu cumprimento e logo outra mensagem dele entrou.

“Não consigo parar de pensar em você. No seu cheiro, no calor da sua pele, nos seus beijos. Você me enlouquece, Helena!”

Fui até meu quarto e deitei na cama, respondendo a essa declaração.

“Nem eu. Adorei cada momento que estive com você, desde as conversas até...”.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei insegura sobre escrever tudo o que senti, mas acabei achando melhor: “o enorme prazer que você me fez sentir.”

Bernardo começou a digitar, e eu já me sentia excitada de novo.

“Não fui eu. É você! É todo esse tesão que transborda do seu corpo e atinge o meu, me envolve, me fascina. Se eu pudesse, Helena, eu te ajudaria a liberá-lo todas as horas do dia.”

Sorri, safada, sentindo minha calcinha molhada, cheia de maldade na cabeça. Tentei me convencer a ir devagar, a comportar-me como alguém da minha idade, uma mulher com um filho, mas nunca pude ser realmente livre. Nunca pude explorar minhas fantasias e sexualidade.

Rubem sempre me tolheu na cama. Eu só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podia fazer aquilo que ele achava digno de uma esposa fazer. Nunca gozei em sexo oral — mal gozava quando ele estava dentro de mim — e só conheci realmente o prazer quando me separei e passei a me estimular sozinha.

Com Bernardo, eu tinha essa vontade de ser livre, de explorar, de ir além.

“Me ajude a liberá-lo agora...”

Fechei os olhos e mandei a mensagem.

“Porra, Helena!”

Ri, imaginando sua voz de desespero ao dizer isso.

“Vou te chamar em vídeo.”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arregalei os olhos ao perceber o que iríamos fazer.

Eu.

NUNCA.

Fiz.

Isso!

Suspiro novamente na frente do computador, mas logo fico séria ao ver o olhar curioso da Kyra e tento não lembrar de como foi incrível nosso sexo virtual. *Deus do céu, como eu perdi tempo!* Dou uma risadinha, e Kyra balança a cabeça, rindo também, provavelmente desconfiando de algo.

Gostava dos meu brinquedo, mas foi muito melhor usá-lo acompanhada!

Bernardo me guiou, se mostrou para mim, me deixou assistir como ele se deu prazer na noite passada enquanto eu dormia no quarto ao lado do dele. Gozamos ao mesmo tempo, ele gemeu meu
PERIGOSAS ACHERON

nome, e eu o dele e depois desatamos a rir.

— Quando, Helena? — Perguntou sério.

Eu respirei fundo, lembrando da agenda cheia essa semana.

— Preciso combinar com minha mãe para ficar com o Heitor. — Ele assentiu. — Quarta-feira é um bom dia?

— Qualquer dia é bom para eu te ver. — Piscou e eu ri. — Combine com sua mãe, vamos jantar. Boa noite, sereia gostosa!

(Vou abrir um parêntese na lembrança para dizer que adoro esse apelido que ele me deu!)

— Boa noite, Bernardo!

Desligamos, eu tomei mais um banho e vim trabalhar hoje de manhã como se tivesse visto passarinho verde!

— Você parece que viu passarinho verde nesse final de semana.

Kyra comenta, e eu só tenho como ter uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

só reação: gargalho alto, concordando com ela.

— Pode apostar nisso!

PERIGOSAS ACHERON

Dezoito

Bernardo

Meu humor está ótimo! Geralmente, ele é bom, mas hoje, está ótimo.

Cheguei na redação por volta das oito da manhã, participei de uma reunião com a equipe, apresentei minhas propostas de matéria e tomei café junto com os colegas de trabalho. Marquei duas entrevistas, fiz uma ligação internacional para conversar com um dos organizadores de um grande torneio de surfe e ajeitei os últimos detalhes do *reality* do começo do ano.

Estava tão concentrado no trabalho que quase esqueci o almoço na casa dos meus pais e tive que sair correndo do prédio e enfrentar o congestionado trânsito de São Paulo na hora do

almoço.

Estacionei na frente da casa e, mal desci do carro, dei de cara com a Marinete já me esperando na porta principal.

— Menino, você está atrasado como sempre!

Não respondo a sua repreensão, apenas agarro-a pela cintura e a ergo no ar, beijando sua bochecha enquanto ela tenta não rir. A Mari é como uma segunda mãe para mim, pois está com minha família há muitos anos. Ela já me encobriu em muitas travessuras e me denunciou em outras — as mais graves —, e eu tenho um carinho enorme por ela.

— Gata, eu estava trabalhando! — Pisco para ela, que balança a cabeça.

— Seus irmãos também e chegaram no horário. — Aponta para a direção da sala de jantar. — Estão todos te esperando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então pare de olhar para mim com esses olhos sedutores, porque senão não consigo te soltar.

Ela me dá um tapa na cabeça.

— Larga de onda e vai logo!

Jogo um beijo no ar enquanto vou ao encontro da minha família, animado por rever Mia e Giovanna, pois não as encontro há algum tempo.

Entro na sala e vejo todos já sentados, prestando atenção à Mia que tagarela sobre algo engraçado que os fazem rir. A pequena menina abre um enorme sorriso ao me ver e pula de sua cadeira, vindo correndo em minha direção com os braços abertos.

Eu a jogo para o alto e depois a abraço bem forte, deliciado ao ouvir suas risadas e sua vozinha me chamando de “tio Bê”.

— Até que enfim! — Giovanna exclama. — Eu não sei se você lembra, mas eu agora como por dois!

PERIGOSAS ACHERON

Ainda com Mia no colo, vou até minha irmã e coloco a mão sobre sua pequena barriga de alguns meses de gravidez. Beijo sua testa com carinho e recebo um sorriso cheio de afeto.

— Como vocês estão? — Pergunto.

— Muito bem, os enjoos passaram. — Ela junta as mãos em um agradecimento. — Tudo o que não senti na da Mia, estou sentindo agora.

— É porque dessa vez estou junto para ajudá-la a passar por tudo. — Nick a abraça pela cintura. — Boa tarde, Bê!

— Oi, Nick! — Cumprimento-o e depois vou até minha mãe, beijando-lhe a fronte e, em seguida, abraço meu pai. — Desculpem o atraso.

— Ah, eu já me programo para ele. — Dona Cecília Novak faz um gesto para a Mari, indicando que podem começar a servir o almoço. — Vá lavar as mãos e não demore.

Faço uma careta para a Mia, que gargalha, e

PERIGOSAS ACHERON

a coloco na cadeira.

— Vou obedecer a vovó, senão fico de castigo.

Vou até o lavabo, lavo as mãos e, quando volto, a comida já está sendo servida. Aspiro profundamente o cheiro da comida do José Mario, cozinheiro da minha mãe há anos, que evoca lembranças de várias fases da minha vida.

— Que saudade dessa comida!

— Você podia comê-la todos os dias — Mamãe comenta. — Não sei por que foi morar sozinho.

— Cecília... — Meu pai a repreende. — Bernardo não é mais criança.

— Há muito tempo! — Lembro-a. — Não me lembro de a senhora ter ficado tão contrariada quando o Nick foi morar sozinho.

Meu irmão engasga.

— Você não se lembra, mas eu sim! — Ele

ri. — Ela fez chantagem emocional durante meses, inclusive demorou a liberar a Sônia para ir trabalhar comigo por pura represália.

Giovanna ri.

— Já a minha, deu graças a Deus quando fui morar sozinha! — Revela. — O *Babbo* que ficou contrariado.

— Dona Silvia é uma mulher à frente de seu tempo — comento para provocar minha mãe, que me fuzila com os olhos.

— Voltando ao assunto da comida... — Meu pai desvia o assunto. — Bernardo sabe que a casa sempre estará aberta para ele, então pode vir comer conosco sempre que quiser.

— Obrigado, pai!

Dona Cecília emite um bufo contrariado.

— Como andam as coisas no Guarujá? — Ela me pergunta. — A Elenice me disse que o quarto de hóspedes foi usado...

Putá que pariu!

Fecho os olhos para não xingar em voz alta por ter esquecido a rede de informantes da mamãe. A Elenice é uma das faxineiras que sempre vai limpar a casa depois que eu saio e claro que ela iria notar que eu recebi visitas, afinal ficaram toalhas de banho usadas, escovas de dentes extras que utilizei e etc.

— Um dos meus alunos teve um contratempo com o carro, e eu o hospedei.

Nick ergue uma de suas sobrancelhas e contém um sorriso.

— Você está dando aula para marmanjo agora? Pensei que você se concentrasse apenas em crianças. — Eu o fuzilo com os olhos, e o filho da mãe gargalha. — *Bingo!*

— O que está acontecendo? — Mamãe questiona.

— A senhora lembra de uma das
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

organizadoras do casamento do Nick e da Gio?

— A Helena? — É Giovanna quem pergunta, acertando na mosca.

Assinto.

— O filho dela é meu aluno, e eu os hospedei.

— Mesmo? Eu nem imaginava que ela tinha um filho!

— Sim, um pouco mais velho que Mia. Heitor — informo e quase xingo ao ver a expressão da minha mãe. *Merda!* — Mãe, devagar com o andor...

— O quê? — Ela faz cara de inocente e olha para o meu pai. — Eu disse alguma coisa, Gil?

— Nada! — Ele sorri. — Eu não me lembro dessa Helena. — Olha para Gio. — É bonita?

— Pai! — Corto-o. — Vamos mudar de assunto, por favor?

Os quatro se entreolham e depois começam

PERIGOSAS ACHERON

a rir. Eu tento manter meu rosto sério, não entrar no jogo deles, mas não consigo e os acompanho na risada.

— Vocês não prestam!

Mais tarde, assim que terminamos a refeição e Nick correu de volta para a Novak, meu pai me chamou até seu escritório para conversar.

— Como estão as coisas?

Ele sempre me chama em privado para saber como estou. Acho que meu pai é quem mais se preocupa com a mudança brusca que minha vida sofreu desde o acidente. No começo, ele me ligava todos os dias, além de me acompanhar nas sessões com os psicólogos.

— Estão bem, pai. — Conforto-o. — Trabalho indo bem, a WA tendo cada vez mais

PERIGOSAS ACHERON

inscrições e um engajamento enorme de pessoas, saúde está boa...

Ele ri, mas depois fica sério, servindo-se de seu uísque e encostando na beirada da mesa.

— E sua vida pessoal? — Gargalho já sabendo onde ele quer chegar. — Não faz essa cara, Bê, eu me preocupo com esse negócio de não sossegar com ninguém! Nem um namoro sequer.

— Você está parecendo a mamãe... — Levanto a sobrancelha. — Gilberto de Toledo, dona Cecília pressionou você para essa conversa.

Ele arregala os olhos, mas depois bufa, expirando o ar e rindo.

— Você conhece bem os seus pais, garoto esperto. — Eu rio com ele. — Ela quer saber se você tem saído com alguém, me pediu para ser sutil ao perguntar.

— Você? — Gargalho. — Nada sutil! Diga a ela que... — A imagem de Helena vem em minha

PERIGOSAS ACHERON

cabeça. — Estou conhecendo melhor alguém.

Meu pai fica surpreso, muito surpreso mesmo, com o copo congelado a meio caminho da boca, que, por sinal, está aberta a ponto de eu conseguir ver sua garganta.

— Você está mesmo ou quer enrolá-la?

— Eu estou, pai. — Assumo. — Gosto dela, não sei quanto, muito menos se a coisa toda vai engrenar, mas estou disposto a descobrir.

Ele apoia o copo sobre a mesa, balança a cabeça como se ainda estivesse confuso e fecha os olhos.

— Eu achei que ia morrer e não veria esse dia...

— Ei! — Rio. — Não estou me casando, não! Só disse que estou conhecendo alguém.

— Bê, a última “quase” namorada sua que conhecemos foi sua irmã...

— Ai, pai, que mal gosto lembrar disso! —

Faço careta, pensando na Gio.

— Mas foi! Isso já tem quantos anos? —
Ele parece fazer as contas mentalmente. — Seis anos?

— Mais ou menos isso. — Dou de ombros.
— Eu só não tive interesse em ter nenhum relacionamento fixo. Antes, porque gostava de curtir a vida de solteiro; depois, porque estava focado na minha recuperação e agora...

— E agora?

Respirei fundo sem ter resposta. Não havia mais nenhuma desculpa que pudesse convencê-lo, muito menos a mim. Há algum tempo, o sexo por sexo estava ficando desinteressante, um mais do mesmo, e eu estava priorizando relações sexuais somente quando sentia uma baita conexão, não só apenas por achar alguém bonita e gostosa.

Não sei se estou pronto para assumir um namoro, um compromisso, mas estou disposto a

PERIGOSAS ACHERON

descobrir, e Helena é uma mulher pela qual vale a pena tentar.

A quarta-feira, noite em que iremos sair para jantar, será um momento em que poderemos conversar sobre cada questão que implica um envolvimento entre nós. Eu quero mesmo conhecê-la melhor, saber de sua vida, interagir com sua família e descobrir até onde essa atração que sentimos pode ir.

Se vamos nos apaixonar? Não sei. Mas, além de estar disposto a descobrir sobre ela, também estou aberto a descobrir sobre mim mesmo.

Dezenove

Helena

— É com imenso orgulho que anuncio o destaque desse ano...

Olho para o relógio, deixando de prestar atenção ao evento que estou acompanhando mais uma vez. Já perceberam o quanto o tempo é relativo? Quando você está atrasada para algo os minutos parecem segundos, mas quando você quer que a hora passe rápido, os segundos parecem horas!

Escuto a voz de Kyra no meu ponto eletrônico e olho na direção dela, do outro lado do salão. Ela bufa e fala novamente.

— Ele está na entrega do último prêmio, após isso, vamos começar a encaminhá-los para o

salão do *coffee break*.

— Eu sei, está na programação. — Balanço a folha para ela. — Por que você está tão nervosa hoje?

— Por que você está tão dispersa hoje? — Retorna com outra pergunta. — Vá avisar a equipe para se postar nos lugares, não adianta você ficar aqui comigo, Lena!

Reviro os olhos.

— Kyra, você me pediu para ficar aqui junto com o pessoal do áudio e vídeo, lembra?

Novamente, escuto o bufo dela.

— Não sei se você não percebeu, mas eles estão projetando o último vídeo! — Eu faço careta, pois realmente não tinha me dado conta. — Vai organizar a equipe!

Saio o mais rápido que consigo da cabine de som e desço as escadas até a porta de saída que dá acesso a outro salão onde toda nossa equipe está de

PERIGOSAS ACHERON

prontidão esperando para servir os coquetéis e quitutes para os convidados.

Evento corporativo!

Chamo a líder dos garçons, bem como as duas moças que sempre trabalham conosco na disposição de lugar nas mesas e dou os comandos da Kyra. Sigo para a cozinha e confirmo com a Mari se está tudo dentro do cronograma, e ela faz sinal de positivo, terminando de montar umas bandejas com deliciosos e lindos canapés.

Mais uma vez, olho para meu relógio, esperando que a hora tenha passado depressa e que já possa ir embora.

Sorrio ao pensar que hoje vou mais cedo, que não irei acompanhar o final do evento, pois vou me arrumar para sair com o Bernardo Novak. Quase dou pulinhos de excitação e ansiedade, parecendo uma adolescente apaixonada indo para seu primeiro encontro. Como isso é emocionante!

PERIGOSAS NACIONAIS

Como é bom sentir-me assim de novo!

Mais uma vez, a voz de Kyra ressoa em meus ouvidos avisando que a cerimônia de premiação havia acabado. Coloco-me a postos, olho o relógio pela última vez, conferindo que ainda estamos no meio da tarde e que vai dar tempo suficiente para eu me preparar para o jantar e tento me concentrar no trabalho.

O trânsito da cidade de São Paulo está cada vez mais difícil e, para piorar, um pedaço de um importante viaduto cedeu e tiveram que ser feitas várias alterações nos trajetos. Hoje, por causa do rodízio de placas, estou usando o carro da empresa, pois não é dia do meu nas ruas e, por isso, meu celular não está conectado por *bluetooth* no rádio, como no meu.

PERIGOSAS ACHERON

Escuto-o tocar várias vezes, mas não posso atender, porque não tenho onde encostar e o trânsito está devagar, mas andando.

Quando, por fim, consigo pegar o aparelho dentro da minha bolsa, já parada em um acostamento, sinto o corpo inteiro gelar ao reconhecer o número da escola do Heitor. Imediatamente, com as mãos tremendo, retorno para o número com inúmeras tragédias passando pela minha cabeça.

— Alô! — Falo rápido assim que sou atendida. — É a mãe do Heitor Santorini Marino.

— Ah, só um minuto. — Ela afasta o telefone da boca, mas, ainda assim, consigo ouvir seu grito. — É a mãe do menino doentinho!

Fecho os olhos contendo minha indignação ao ouvi-la rotular meu filho desse jeito, mesmo que saiba que muitas pessoas ainda o fazem pelas costas. “Doentinho”, “mongoloide”, “retardado”

são estigmas que uma criança especial carrega e que tiram a identidade e a individualidade de cada uma delas, além de serem extremamente pejorativas.

O nome dele é Heitor! Tenho vontade de gritar para ela, mas o medo pelo que possa ter acontecido é tão grande que simplesmente espero calada, sentindo um enorme bolo em minha garganta.

— Helena? — Ouço a voz da professora dele. — É a Glória, tudo bem?

— Sim, aflita. Estava dirigindo, por isso não atendi a ligação. — O nervosismo é tanto que minha voz sai trêmula. — O que houve?

— Fique calma. Você consegue vir até aqui buscá-lo?

Olho para o relógio e me assusto, pois, a essa hora, ele já deveria estar embarcando na van. Calculo uma rota, pois, por sorte, não estou muito

PERIGOSAS ACHERON

longe da escola.

— Sim, estou indo.

Algo sério aconteceu! Meu coração se aperta a cada quilômetro vencido, impaciente com qualquer obstáculo que encontro no caminho, como um farol fechado ou mesmo um trânsito mais intenso.

A vontade de proteger meu menino é enorme e já fiz terapia por causa disso também, porque precisava entender que ele tinha direito ao espaço dele, a se desenvolver naturalmente em seu tempo. Para mandá-lo à escola foi tão difícil, tão sofrido, eu tinha medo do que ele ia sentir, tinha medo de como iam tratá-lo, mas as sessões me ajudaram a compreender que meu medo não podia privá-lo de viver, de ser uma criança.

Estaciono de qualquer maneira próxima ao colégio, na vaga reservada para os escolares, pois, pelo horário, todos já foram. Toco o interfone

PERIGOSAS ACHERON

principal do colégio e me identifico, tendo a entrada liberada imediatamente, sinal de que eles já estavam me esperando.

Vou direto até a secretaria, mas, antes, a mediadora dele, Letícia, me chama.

— Helena! — Eu corro até ela.

— Cadê o Heitor? O que houve com ele?

Ela toca meu ombro.

— Calma, ele está bem, só um pouco mais agitado que o normal e se recusa a ser tocado, grita quando chegamos perto. — Fecho os olhos, sentindo uma enorme dor ao pensar o que desencadeou isso, pois ele está indo tão bem com as terapias. — Na saída, uns garotos de outra turma mexeram com ele.

— Mexeram? — Encaro-a. — Agrediram meu filho?

— Não, não chegaram a tanto! — Ela se apressa e aponta. — Ah, lá vem a Glória e a

PERIGOSAS ACHERON

Vanessa.

Viro-me para ver a professora e a diretora vindo em minha direção, mas as ignoro, pois sempre tenho melhor contato com a Letícia, que é a responsável exclusivamente pelo ensino do Heitor, embora não seja a professora, tem mais contato com ele porque o auxilia.

— O que fizeram?

Letícia respira fundo.

— Pegaram a lancheira dele e brincaram de bobinho, caçoando dele. — Sua voz é triste e sua expressão de indignação.

Heitor deve ter ficado apavorado por terem lhe arrancado algo seu, por terem tocado nele. Meu coração se aperta ao pensar em como ele está se sentindo.

— Merda! — Não contenho. — Quero ver meu filho!

Ela assente, mas não saímos do lugar, pois

Glória e Vanessa chegam.

— Oi, Helena! — A professora, que sempre foi muito simpática e prestativa, me cumprimenta.

— Letícia já adiantou a situação?

— Sim, onde está o Heitor?

— Ele está na sala de aula com o Henrique.

— Ela cita o professor de educação física, um dos heróis do meu filho. — Ele ficou muito alterado e se recusou a sair da escola...

— Com razão, não? — Interrompo-a. — Qualquer outra criança ficaria aborrecida por ser motivo de chacota e importunação.

— Concordo, por isso, repreendemos os alunos e fizemos anotações em suas cadernas, chamando os responsáveis — Vanessa afirma. — Nossa escola não é conivente com nenhum tipo de *bullying*.

— É mais do que bullying, Vanessa — tento explicar. — É não aceitar a diferença, é um

preconceito já germinando e isso não dá para aceitar, muito menos dentro de uma escola!

— Concordo, Helena, por isso tomamos providências e vamos intensificar as campanhas sobre o assunto. Isso não acontecerá mais aqui.

Eu assinto, notando a sinceridade dela e conhecendo os princípios da escola. Só eu sei o quanto foi difícil conseguir um lugar que, além de o acolher de verdade, ainda entendesse suas necessidades e que não o olhasse como uma despesa a mais por causa do mediador.

A adaptação dele também não foi fácil, foi um momento em que precisei estar 100% envolvida até que ele desenvolvesse confiança nos profissionais que o assistiam. Meu filho é inteligente, é uma criança muito dedicada aos estudos, mas já teve que enfrentar muito preconceito ao longo de sua curta existência, e sei que ainda há um longo caminho a percorrer nesse

PERIGOSAS ACHERON

sentido, mas eu tinha esperança de que pelo menos essa parte da escola estivesse vencida.

Vou, acompanhada das três profissionais de ensino, até a sala onde ele está, encolhido em um canto, balbuciando algo como sempre fica quando está muito ansioso.

— Heitor! — Chamo-o baixinho, me agachando a sua frente.

Meu pequeno nem mesmo me olha, apenas se adianta e me abraça apertado. Pego-o no colo, e Henrique segura seu material, indo conosco para fora do colégio.

— Mamãe está aqui! — Digo em seu ouvido. — Está tudo bem, foi só um susto, não vai voltar a acontecer.

Coloco-o no carro e passo o cinto de segurança.

— Quer que eu leve vocês? — Henrique se oferece. — Você pode ir com ele aí atrás, é melhor.

— Eu agradeço! — Digo aliviada. — Pago seu Uber de volta.

Ele assente e agradece, entrando no carro, e eu me sento ao lado do meu filho, querendo tê-lo dentro de mim para protegê-lo de tudo nesse mundo.

Estou sentada no sofá da sala, ouvindo minha mãe lavando a louça do lanche, tentando acalmar meu coração. Olho em direção ao corredor, pensando em meu filho que dorme agora, mas que esteve muito agitado durante todo o tempo, se recusando a comer e a fazer todas as tarefas que geralmente está acostumado a fazer sozinho.

Liguei para a terapeuta, contei a ela o que houve e ouvi calmamente todos os seus conselhos, bem como confirmei a consulta para depois de

PERIGOSAS ACHERON

amanhã. É preciso, sim, ter paciência com ele, mas também não posso deixar o medo e a vontade de protegê-lo prejudicarem todo o progresso dele.

Heitor amanhã voltará ao colégio, eu estarei lá caso precise, mas se não, irei trabalhar normalmente. Nós precisamos processar tudo o que houve hoje, e ele precisa lidar e enfrentar essas situações de frente.

Pego o celular lembrando do encontro de hoje à noite com Bernardo e escrevo uma curta mensagem para ele, avisando que não poderei encontrá-lo.

“Está tudo bem?”

Fico um tempo lendo sua pergunta sem saber se respondo o que aconteceu ou se invento algo. Decido que é preciso que ele saiba como é minha vida caso decida fazer parte dela em algum

momento. Não quero maquiar nada.

“Heitor teve um problema na escola, ficou nervoso e não acho conveniente deixá-lo sozinho com minha mãe.”

Acompanho a notificação de que ele está digitando apreensiva, sem saber o que esperar ou mesmo o que eu quero que ele me escreva.

“Você está certa, ele precisa de você! Foi muito sério?”

Um enorme alívio pela resposta dele me preenche.

“Ele vai ficar bem. Brincadeira boba de criança, infelizmente.”

PERIGOSAS NACIONAIS

Mamãe para perto de mim, e eu a olho.

— Você não vai mesmo? — Nego e aponto o celular. — Então vou para casa, precisa de mim?

— Não, mãe, obrigada — agradeço. — Vai descansar.

Levanto e a abraço, recebendo um beijo na testa.

— Se ele for um moço esperto, vai te convidar de novo! — Pisca antes de sair.

Sinceramente, não sei se ele deve! Penso desanimada. Bernardo é um homem solteiro, bonito, rico e pode ter a mulher que quiser. Por que ele iria querer uma que tem a bagagem e a complicação que eu tenho? Não digo isso por Heitor ter autismo, mas porque eu tenho um filho, um ex-marido complicado e muitos anos de falta de prática nessa coisa toda.

Foi bom não termos saído, afinal. Menos ilusão para eu criar.

PERIGOSAS ACHERON

Desbloqueio o celular e vejo suas últimas mensagens.

“Vocês já jantaram?”

“Helena? Tudo bem aí?”

Percebi que fiquei um tempo divagando depois que mamãe saiu e apresso-me em responder.

“Tudo bem. Heitor dormiu, e eu não estou com fome.”

Ele não visualiza.

“Boa noite!”

Despeço-me, coloco o celular sobre a bancada e vou para o banho, tento relaxar um pouco. Entro no quarto e a primeira coisa que vejo

é o vestido que separei para o jantar, um tubinho amarelo que, segundo a Kyra, ressaltava o bronzeado que peguei no Guarujá e me deixava sexy.

Suspiro e o guardo novamente no guarda-roupas, pensando seriamente em devolvê-lo, pois não tirei a etiqueta.

Fico um tempo no chuveiro deixando a água quente me relaxar, desejando ser mais forte contra meus receios, desejando ser uma mulher mais leve, mais divertida e sem tantos problemas. Balanço a cabeça, repreendendo-me pelos pensamentos. Eu nunca achei meu filho um problema e não será agora que começarei a achar. Heitor é minha vida, é meu pequeno príncipe e o amor que tenho por ele nunca poderá ser comparado a nenhum outro.

Saio do banho e visto um roupão, enrolando a toalha na cabeça para ajudar a secar os cabelos. Mal consigo pegar uma calcinha e já preciso sair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo do quarto para atender ao interfone que toca alto e pode acordar o Heitor.

— Oi! — Atendo apressada.

— Dona Helena, tem uma visita para a senhora.

Franzo o cenho pensando em Rubem. *Será que ele ficou sabendo e veio ver o filho?*

— É muito tarde, Pereira! Quem é?

— Bernardo Novak — ele fala baixinho, como se fosse para o visitante não ouvir. — E ele trouxe pizza. Deixo subir?

PERIGOSAS ACHERON

Vinte

Helena

Arranco a tolha da cabeça com o coração disparado e autorizo a subida do Bê ao meu apartamento. Olho em volta para saber se está tudo em ordem e corro para o quarto a fim de pentear os cabelos e colocar uma roupa.

A campainha toca enquanto estou com a calcinha na mão e a visto apressada, ainda de roupão, e corro até a porta para atendê-lo antes que acorde o Heitor.

Seguro o fôlego ao vê-lo, de camiseta e bermuda, segurando uma caixa de pizza gigante na mão. Bernardo sorri com aquele jeito tão dele, uma mistura de homem safado com garoto irresponsável, e agradeço mentalmente por ter

colocado a calcinha, porque senão estaria com a coxas todas meladas.

— Ei! Que surpresa! — Cumprimento-o, sem jeito.

Ele não fala nada, parado ainda no corredor do prédio, passeando os olhos sobre meu corpo coberto apenas com o roupão atoalhado — e nada sexy — e meus cabelos molhados. Vejo-o inspirar fundo várias vezes, como se tentasse captar cada nota do cheiro que exalo, resultante dos produtos de cabelos e do sabonete que usei.

Seu peito sobe e desce mostrando uma respiração pesada, mas ele mesmo não se move. Uma das mãos segura o batente da porta e a outra, a pizza.

— Vai entrar? — Pergunto sem saber o que está acontecendo.

— Vou — ele responde, balança a cabeça e sorri. — Eu só tive que me controlar um pouco

aqui. — Minhas bochechas queimam. — Minha vontade era mandar essa pizza pelos ares e comer você.

Ofego apenas com a imagem que se formou em minha mente e de como gostaria que isso acontecesse. Bernardo se aproxima, puxa-me pela cintura e cheira meu pescoço lentamente, roçando o nariz sobre a pele e meus cabelos.

— Porra, Helena, eu comeria você aqui mesmo na porta! — Sussurra e envia arrepios por toda minha pele. — Mas não vim para isso...

Franzo o cenho.

— Não?

— Não. — Ele me encara. — Fiquei preocupado com vocês, queria saber como estão e como não me respondeu sobre o jantar... — Levanta pizza. — Sei que você adora massa, espero que goste de pizza napolitana.

— Adoro! — Respondo sentindo o

cheirinho dela soltando de leve da caixa. — Heitor já está dormindo — informo quando ele entra, e eu fecho a porta.

— Sua mãe? — Bernardo olha em volta.

— Já foi para casa.

Novamente, ele respira fundo e solta o ar devagar.

— Estamos a sós? — Eu assinto, e ele fecha os olhos. — Não! Vamos comer e conversar.

Rio, pois sei que ele está falando consigo mesmo, porém a sensação de desnorteá-lo dessa forma é muito gostosa, é poderosa!

Pego os pratos, e ele tira o centro de mesa, colocando-o sobre o bufê e pergunta da toalha. Eu aponto uma gaveta do móvel que ele deixou o enfeite, e ele estende o tecido branco com arabescos vermelhos e verdes sobre o tampo.

— Toalha de Natal. — Sorri. — Mamãe também entra no clima quando essa época está

chegando.

Levo a louça para a mesa, gostando dessa sensação de estarmos falando da nossa vida pessoal, da família e nos conhecendo melhor. A vinda dele até aqui, mesmo depois que eu cancelei nosso encontro, foi uma surpresa linda e me enche de esperança em um relacionamento mesmo com toda a bagagem que possuo.

— Eu comemorei muito quando era criança, depois, não, mas faço questão de decorar tudo para o Heitor.

— Lá em casa, eles decoram tudo até hoje, ainda mais agora que tem criança lá. — Bernardo parece ter um enorme carinho pela sobrinha. — Mas louca por Natal mesmo é a sogra do meu irmão.

— A dona Silvia Villazza! Que mulher encantadora e detalhista. — Rio ao lembrar que ela me deixou de cabelos em pé durante o casamento.

— Imagino que o Natal deles seja um evento.

— É, sim! — Concorda.

Sentamo-nos à mesa, e ele faz questão de servir os pratos enquanto encho as taças de vinho. Com certeza, esse não é o jantar que ele programou, nem o que eu mesma tinha em expectativa, mas só de ter companhia nessa noite, só de ele ter vindo aqui para que eu não me sentisse só, já transformava esse momento em algo especial.

A pizza está deliciosa, e eu gemo de prazer ao colocar o primeiro bocado na boca, e Bernardo engasga, o que me faz gargalhar. Como pode eu me sentir tão poderosa com ele sem precisar fazer nenhum jogo, sem nenhum artifício, um simples gemido de satisfação o desestabiliza e me enche de segurança.

Conversamos sobre muitos assuntos enquanto comemos, rimos, trocamos olhares e fizemos desse improviso nosso primeiro encontro

oficial. Quando acabamos, Bernardo me auxiliou com a louça, lavou, e eu sequei e guardei, até sentarmos no sofá da sala com mais uma garrafa de vinho e nossas taças.

Ele elogia o apartamento e o bom gosto da decoração sem saber que nada disso é meu ou foi escolhido por mim. Na época do casamento, minha sogra contratou um designer de interiores e, quando me mudei, já estava decorado desse jeito. Alguns itens já estão velhos, afinal já faz mais de dez anos que casei, mas são bem conservados.

— Como estava o Heitor quando você chegou na escola? — Bernardo dispara a pergunta, e eu suspiro.

— Encolhido em um canto, como sempre faz quando se sente ameaçado.

Ele segura minha mão.

— O que houve?

Conto a ele tudo o que ocorreu, a posição

tomada pela escola e o medo que estou sentindo de o Heitor não querer mais ficar lá.

— Por que é tão difícil aceitar as diferenças? — Questiono. — São crianças, eu sei, mas convivem com ele há tantos anos que já deveriam ter entendido que, mesmo diferente, ele é um amiguinho também!

— Nós somos condicionados a um “padrão de normalidade” desde muito cedo e quem difere disso, infelizmente, enfrenta todos os preconceitos imagináveis. — Concordo. — Já não basta não termos representatividade, não pensarem em nós em coisas mínimas que garantam inclusão e acesso. É triste pensar que precisamos de leis que amparem esse mínimo e que, mesmo assim, elas são burladas e descumpridas.

Olho para baixo, para a prótese de metal que usa e me lembro que ele entende bem pelo que meu filho passa. Às vezes, eu me esqueço que

PERIGOSAS ACHERON

Bernardo perdeu parte da perna, esqueço da prótese e de como deve ter sido a aceitação disso.

— Foi difícil para você?

Ele ri e me dá um beijo na testa.

— Ainda é, Helena. — Ajeita-se no sofá. —

Eu tenho sorte, sabe? O dinheiro ajuda muito a “amenizar” as coisas. Tive acesso a ótimos profissionais desde o começo, às melhores próteses do mercado, mas, ainda assim, não tiram o estigma, a dor, e isso, no primeiro momento, me deixou perdido.

— Eu imagino e fico feliz de te ver assim, tão forte hoje.

— Eu preciso ser — confessei. — Como eu disse, sou sortudo demais! Convivendo com outros portadores de necessidade, entendi que a minha não é a realidade da maioria e me senti impelido a fazer algo. Isso é lamentável. — Arregalo os olhos, não entendendo. — Que eu tenha precisado passar por

PERIGOSAS ACHERON

tudo isso para entender, para querer mudança, para criar empatia.

— Cada coisa acontece como deve ser, Bê.

— Também penso assim e, se quer saber, prefiro quem sou hoje, a consciência que tenho hoje. — Sorrio orgulhosa. — Mas não me engano, o mundo não mudou, ainda não é como queremos que seja, sabe? Há muito preconceito disfarçado e direitos sendo negados. Pelas costas, eu ainda sou chamado de “aleijado”, ainda sentem pena de mim quando recordam meus feitos no surfe. — Ele ri. — Sabe o que mais me deixa irritado? É quando dizem: “Nossa, fulano é bom para quem não tem uma perna!” Isso me diminui como atleta, eu sou bom, porque sou bom, porra!

— O desempenho dos nossos paralímpicos é muito bom!

Concordo.

— Temos raça, vontade de superação e

somos atletas de alto nível! — Ele toca sua prótese. — Eu gosto de usar bermudas, de não esconder e sempre prefiro as que não imitem a perna. — Eu já havia percebido isso. — É meu jeito, no entanto, tem aqueles que preferam da outra forma. Eu tenho sorte, Helena, mas não quero disfarçar quem sou e a prótese faz parte disso, ela é só um meio para que eu possa caminhar sem dificuldade, não é ela quem me iguala ou me “normaliza”.

— Como diz Caetano: “Ninguém de perto é normal!”

— Sim. — Ele ri. — Somos diferentes, únicos, e não é a falta de uma perna, um cromossomo a mais ou alguma disfunção cerebral que nos torna anormais. Isso não existe! Somos todos iguais, respeitando nossas diferenças.

Não resisto a beijá-lo.

Sinto um enorme orgulho e um privilégio de tê-lo na minha vida nesse momento. Bernardo me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreende a cada dia mais, e eu penso em todo bem que a convivência dele com Heitor pode fazer pelo meu filho. Ele e eu lutamos pela mesma causa, a inclusão, e ter uma afinidade dessas é algo que vai muito mais além do que qualquer atração física.

Bernardo me segura com força e o beijo que esperava ser apenas uma carícia, se torna intenso, esfomeado. Seguro-o pela nuca, enfiando meus dedos no pé de seu cabelo, sentindo a maciez dos fios enquanto sua boca engole a minha como se quisesse me consumir inteira.

É maravilhoso sentir tesão em apenas um beijo, ter todos os sentidos despertos, aquele frio na barriga de antecipação e, ao mesmo tempo, uma queimadura descendo pela coluna e se concentrando nos quadris. Cada parte do meu corpo é explorada pelas mãos dele, primeiro por cima do roupão, até que puxa o cinto e abre a peça, tocando minha pele, fazendo-me arquear as costas de prazer.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se aproveita do movimento que faço e joga o peso de seu corpo sobre o meu. Esparramo-me no sofá, pressionada pelo seu corpo, enquanto subo sua camiseta para poder sentir sua pele e seus músculos.

Bernardo é quente!

Seu corpo parece estar em ebulição, transmitindo calor ao meu, e eu não resisto a arrastar minhas unhas pelas suas costas. Ele geme, separando a boca da minha, de olhos fechados. Nossos quadris estão encaixados a ponto de eu sentir o calor e o contorno de seu pênis entre minhas coxas.

— Eu quero você — ele diz, colocando sua testa na minha, arfando de tesão. — Preciso do seu corpo, Helena.

— Eu também preciso, Bernardo.

Ele abre os olhos.

— Onde fica seu quarto? — Sorrio,

nervosa, pois nunca tive um homem aqui desde que Rubem saiu de casa. Ele percebe que titubeio e respira fundo. — Eu espero, não precisa ser...

— A última porta do corredor — interrompo-o.

Sem nem mesmo me avisar, ele levanta e me pega no colo. O roupão escancarado, pendurado nos meus braços, meus cabelos todos bagunçados e tudo o que eu faço é rir, relaxada, adorando cada uma das ações dele.

Dou uma espiadinha em Heitor ao passar pela porta de seu quarto atestando que continua dormindo tranquilo, mas esqueço de tudo quando entramos na minha suíte e ele me coloca sobre a cama e começa a beijar meu corpo.

Fecho os olhos, sentindo a quentura dos seus lábios e a umidade deixada por sua língua. Bernardo segura meus seios com as duas mãos e começa a lamber um mamilo de cada vez,

excitando-o com a língua e, depois, chupando-o com vontade. Contorço-me na cama, seguro-o pelos cabelos e balbucio palavras que nem mesmo eu entendo.

Os beijos vão deixando rastros pela minha barriga, ele enfia sua língua safada dentro do meu umbigo e faz movimentos como se estivesse fodendo-o, ao mesmo tempo que sua mão invade meu sexo, explorando meus lábios à procura do ponto mais sensível escondido entre eles.

Ele volta para meus seios, mas, dessa vez, sem segurá-los, deixando sua mão no meio das minhas pernas, brincando com minha umidade, lambuzando tudo para facilitar seus carinhos.

É uma tortura deliciosa! O toque dele me acende de tal maneira que me sinto queimar, arder, desesperada pelo prazer.

— Porra... — Geme ao introduzir dois dedos em mim. — Molhada e quente... Muito,
PERIGOSAS ACHERON

muito quente!

Abro mais as pernas para permitir que ele tenha mais liberdade de movimentos e gemo, segurando seu lábio inferior entre os dentes e olhando-o nos olhos. Ele não é delicado comigo, entra e sai com rapidez e força, deixando-me cada vez mais molhada.

De repente, se levanta, ficando de joelhos no colchão, chupa os dois dedos que brincavam dentro de mim e arranca a camisa.

Deus do céu, o homem é um espetáculo aos olhos!

Ele leva a mão ao botão da bermuda, mas o impeço, sentando-me, querendo eu mesma desembrulhar o meu presente.

— Eu faço isso. — Ele ri e assente. — Aquela noite, não pude retribuir, então hoje é você quem começa recebendo.

— Recebendo o quê? — Provoca-me.

— Meus beijos...

— Não! Beijo seu recebi na boca. — Sorri malicioso. — O que você vai fazer em mim agora?

— Vou te chupar. — Tento ainda desviar da palavra, pois nunca fui muito de falar palavrões.

— A palavra, Helena!

Termino de tirar a bermuda e olho para seu pênis, reto, levemente curvado para cima, ponta mais vermelha que o corpo e pulsando. Salivo, louca para abocanhá-lo sem nenhum pudor, sentindo-me com a sensação poderosa de levá-lo à loucura.

Encaro-o, segurando firme em seu pau, fazendo-o gemer em antecipação.

— Vou te fazer um boquete, Bernardo. — Ajoelho-me. — Vou te chupar tão gostoso que vai me implorar para parar, senão vai gozar na minha garganta.

— Porra, Helena! — Ele fecha os punhos.

— Me chupa!

Não espero mais nenhum minuto para tê-lo na minha boca, tomando-o até o fundo e depois retirando com uma leve sucção. O jeito que ele geme em desespero me deixa ainda mais audaciosa, indo mais profundamente, usando a língua e, às vezes, até os dentes. Preciso me abaixar mais para poder ter total liberdade para lambê-lo, desde as bolas até a ponta tão rosada e inchada que treme quando encosto os lábios.

Bernardo é delicioso, o sabor da sua pele, o gosto de sua lubrificação levemente salgada, o incrível cheiro de mar que ele tem mesmo tão longe da praia.

Ele segura-me pelos cabelos, fazendo minha boca se afastar de seu corpo e me puxa para cima, para devorar meus lábios com sua boca nervosa.

— Você está me levando ao limite —
confessa enquanto arrasta a barba pelo meu
PERIGOSAS ACHERON

pescoço. — Seu boquete é delicioso, mas eu não pretendo gozar agora e muito menos na sua boca. — Ele enfia a mão entre minhas pernas. — Eu quero foder você! Quero sentir você gozando como louca e aí, sim, vou liberar meu próprio gozo.

Desce da cama e me chama para a beirada. Sorrio antevendo o que ele quer fazer, mas fico constrangida quando escancara minhas pernas, olhando detalhadamente toda minha anatomia feminina.

— Você é linda, Helena! — Abaixa-se a fim de ficar com os olhos na altura de meu sexo. — Perfeita!

O primeiro açoite com a língua é tão leve quanto as asas de uma borboleta, mas, ainda assim, envia descargas elétricas por todo meu corpo. Ainda estava a curtir a sensação quando sua boca tomou meus lábios íntimos por completo e sugou com força bem onde meu clitóris já estava

visivelmente duro.

Controlo meu gemido para não gritar e seguro na colcha sobre a cama com tamanha força que sinto o contorno das pontas das minhas unhas nas palmas das mãos. Isso foi o início de tudo para Bernardo, uma sutil provocação, pois, no instante seguinte, está lambendo cada recôndito, dobra e saliência, levando-me aos píncaros do prazer.

Uma leve camada de umidade cobre meu corpo em um suor contido, poros exalando tesão tal como minha vagina. Há uma força se apoderando de mim, alguma energia que começa a ser desencadeada desde a raiz dos meus cabelos e se acumula em meu ventre. Os músculos do meu corpo começam a se contrair, sinto espasmos no clitóris, e todos os pelos do meu corpo se eriçam.

Bernardo me toca com o dedo, desliza pela minha entrada e afunda-o dentro de mim. Arfo já não mais aguentando segurar a enorme vontade de

PERIGOSAS ACHERON

me libertar, preciso do êxtase, daquele nirvana muito louco que só é obtido em um orgasmo.

E ele vem quando os mesmos dedos que se lambuzaram dentro de mim começam a massagear o exato lugar que contém todas as terminações nervosas necessárias para fazer uma mulher explodir.

E é isso que acontece!

Eu explodo, implodo, derreto de tanto prazer. Não há pensamento lógico em mim, apenas uma única palavra é articulada enquanto vejo um verdadeiro show pirotécnico acontecendo por trás das minhas pálpebras fechadas: Bernardo!

— Isso, sereia gostosa, goza meu nome! — Ele geme e, ao mesmo tempo, sinto meu corpo sendo preenchido, esticado, forçado e isso só aumenta ainda mais as sensações de luxúria. — Porra, Helena...

Ele soca dentro de mim como um louco,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bufando como um animal no cio, gemendo a cada estocada profunda ou curta, rápida ou demorada. A cada movimento, tenho novas sensações, sou desperta para algo que nunca havia percebido, como por exemplo meus pés, que ele lambe dedo por dedo enquanto rebola seu pau dentro de mim.

A outra mão segura firme minha outra perna e o mantém equilibrado também enquanto só se preocupa em me foder mais e mais.

Novamente, a energia sexual que me fez gozar tão duro da primeira vez está de volta, porém ainda mais intensa. Bernardo percebe que eu estou pronta para gozar novamente, então solta minha perna e volta a brincar com meu clitóris.

Dessa vez, não há show pirotécnico, e sim a explosão de uma bomba atômica. Nossos gemidos se misturam, o dele é desesperado e dolorido, como se estivesse à beira da morte, mas indo feliz e isso me causa ainda mais prazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bernardo tomba em cima de mim, ainda no meio das minhas coxas, e sinto seus músculos tremendo, sua pele suada e o corpo fervendo. Sua respiração é ofegante, ruidosa e o coração parece que vai saltar do peito a qualquer momento.

— Nunca... — diz. — Nunca mais quero sair de dentro de você!

Gargalho com o exagero, mas concordo.

— Helena, você não tem noção do que foi isso... — Esfrega o rosto em meus seios. — Você é o mar, Helena. — Sorrio com a comparação, sabendo o quanto ele o ama. — Você é todo um oceano e é só minha.

Bernardo volta a ficar quieto, deitado sobre mim, mas as palavras dele ressoam em meus ouvidos o tempo todo, e eu me pergunto como pude achar que ia sair de uma relação com ele totalmente imune.

Não dá!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passo meus braços em volta dele, abraçando-o apertado.

Não sei como aconteceu, mas, depois de muitos anos, de achar que nunca mais aconteceria, eu me apaixonei. Suspiro e abro um sorriso de aceitação, lembrando-me da primeira vez que falamos há pouco mais de dois anos.

Estou apaixonada pelo surfista mauricinho!

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Um

Bernardo

Estou sobre a prancha, o mar está calmo, sem quase nenhuma onda e o sol começa a despontar no céu. Sinto-me em paz, pleno, completo como há muito não sentia. Deito-me de costas e remo com os braços devagar, guiando a prancha como se fosse um barco, navegando a esmo e sem preocupação no mar, na minha casa, o lugar que mais amo estar nesse mundo.

De repente, uma marola começa e meu corpo é sacolejado de forma violenta. As ondas, tão gigantes como eu perseguia, vêm em minha intenção com a firme intenção de se vingarem por eu tê-las derrotado, por ter ousado desafiá-las e vencer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bernardo! — Ouço a voz — ou seria um canto — de uma sereia ao longe, mas não consigo vê-la, o céu está chumbado, o dia escureceu e... — Bernardo, você precisa ir embora.

Abro os olhos assustado, ainda sem saber onde estou e como saí das águas turbulentas. Meu cérebro demora a registrar o quarto feminino, o cheiro de um perfume que tem perseguido meus dias e noites e o sabor do corpo de uma mulher em minha boca.

Helena!

Viro-me para encará-la e a vejo aflita.

— Bom dia, sereia! — Beijo-a. — O que está te mantendo tão angustiada logo cedo?

— Heitor vai acordar a qualquer minuto para ir à escola, você precisa ir!

Estico-me preguiçosamente, sentindo a maravilhosa sensação de ter passado a noite inteira acordado fazendo o melhor sexo do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Preciso mesmo ir? — Questiono, ainda com preguiça. — Heitor não pode me ver aqui com você?

— Está louco?! — Ela levanta e pega minha prótese. — Levanta!

Acho engraçado a naturalidade que ela lida com meu equipamento. Nessa madrugada, quando enfim estávamos exaustos demais para continuar a maratona sexual, eu a abracei na cama para dormir e ela, toda sem jeito, me perguntou se dormir com a prótese não me incomodava.

Fui sincero e respondi que sim, que sempre prefiro dormir sem ela para ter mais conforto, mas que estava tão cansado que não era necessário. Então, de repente, ela se sentou na cama, tirou o lençol que nos cobria e começou a pesquisar como a tirar.

Senti o peito aquecer com a demonstração de carinho e cuidado, mostrei a ela o botão de
PERIGOSAS ACHERON

despressurizar para que o encaixe soltasse do coto e a ensinei a tirar. Helena colocou-a do lado da cama e depois olhou para a liner — a proteção que uso que também ajuda na fixação —, e eu assenti, permitindo-a tirar também.

Uma cirurgia de amputação, por mais bem-feita que seja, não é algo bonito de ser ver para quem não tem costume, afinal, além das cicatrizes, falta um pedaço de carne e ossos no lugar, e foi aí que ela derreteu meu coração de vez.

Tocou reverente, com a ponta dos dedos, um leve roçar sobre o pedaço que foi poupado. Em seguida, me encarou, emocionada, provavelmente lembrando de tudo o que conversamos, tendo consciência de que, por mais que eu diga que sou sortudo, passei por muito sofrimento para chegar até aqui.

Dói!

Primeiro, na alma quando você percebe que

PERIGOSAS ACHERON

sua vida mudou. Mas a dor física é lancinante! Os exercícios, os testes, a adaptação com a primeira prótese. Como eu disse a ela antes, isso tudo faz parte de quem eu sou hoje, passei, superei e agora espero ajudar cada vez mais pessoas a superarem também.

Abracei-a forte, sentindo o perfume de seus cabelos e o aconchego do seu corpo junto ao meu. Deitamos juntos, ficamos a noite toda abraçados e, por fim, adormecemos.

— Ei, Bernardo Novak! — Ela me chama de novo, e eu paro de lembrar da perfeição da noite, encarando a realidade da manhã. — Levante-se!

Bufo e pergunto as horas resignado. É ainda muito cedo, muito mais do que o horário no qual estou acostumado a acordar quando estou aqui na cidade, mas eu a entendo.

— Precisamos conversar sobre como vamos fazer isso — comento já colocando minha prótese.

— Não vou ficar saindo com você às escondidas como dois adolescentes.

— Eu sei. — A voz dela transmite preocupação. — Eu só preciso saber como vou lidar com isso.

— Acha que Heitor não aceitará? —
Questiono.

Helena morde o lábio inferior e olha para baixo sem responder.

— Depois falamos sobre o assunto. —
Entrega-me a bermuda e a camiseta. — Fiz café, usei o pó que me presentou.

Abro um sorriso agradecido, mas ainda sem entender toda essa reticência com relação ao Heitor. Nós nos damos bem, eu realmente adoro aquele menino, então por que ela está com medo?

Sigo para a cozinha para o café e a abraço pelas costas.

— Ainda bem que tenho direito a um
PERIGOSAS ACHERON

cafezinho antes de ser escorraçado.

Helena sorri.

— Nunca nem imaginei você dormindo aqui.

— Não houve mais ninguém depois de seu divórcio? — Pergunto, e ela nega. — Por quê?

Estende a xícara de café em minha direção, aspiro o delicioso aroma por um momento e depois o provo, deliciando-me com a qualidade do pó e com o carinho que Helena demonstrou ao preparar a bebida para mim.

— Tinha muita coisa a ajustar na vida, não tinha tempo de construir um relacionamento.

Termino de beber antes de perguntar:

— Agora tem?

Não obtenho a resposta de imediato e fico olhando cada expressão no rosto da mulher que, mesmo com o rosto inchado de quem acabou de acordar, é a mais linda que já conheci.

— Agora quero.

Sua resposta me arranca um sorriso e não resisto a beijá-la. Helena se derrete em meus braços, e eu adoro essa sua reação. Ela se entrega para mim cada vez que a toco e isso é algo muito foda de sentir, porque requer confiança.

Olho-a antes de me despedir, com o coração retumbando e um leve fritar no estômago, tendo consciência de que essa não é mais uma mulher na minha cama, é muito provável que, a partir de hoje, seja a última.

Mal tive tempo de passar no meu apartamento, tomar um banho e trocar a roupa de ontem por uma nova. Não fui direto para a redação, pois tinha uma entrevista marcada para pegar detalhes das atividades de verão do pessoal do PERIGOSAS ACHERON

skate.

Encontramo-nos em um barzinho e me diverti bastante revendo alguns amigos de longa data com os quais aprendi muito. O bate-papo foi interativo para a *live* do programa no canal do YouTube. Era sempre assim que anunciávamos alguma reportagem especial, com interatividade com os expectadores e os fãs da galera que iam participar.

Fui desafiado a executar algumas manobras e aceitei, marcamos para gravarmos um pouco antes de começarmos a exibir a série.

Só consegui ficar sozinho perto da hora do almoço e a primeira coisa que fiz foi mandar uma mensagem para Helena.

“Ainda com todas as sensações da noite passada reverberando no meu corpo. Você me enlouquece, Helena!”

Fiquei por um momento esperando resposta, mas ela não veio, sinal de que estava muito ocupada no trabalho. Era de se esperar, afinal é o último mês do ano, com dias intensos de festas corporativas, casamentos e outro tipos de evento. Pelo o que eu entendi do trabalho dela, Helena não só cuidava da parte burocrática como ajuda na organização de tudo.

Almocei com dois amigos, Cadu e Luti, ambos músicos de uma banda de pop-rock da qual sou fã há muito tempo. Cadu, assim que Nick pôs o apartamento dele no Castellani à venda, comprou a cobertura do meu irmão para se estabelecer com a filha, uma menina pela qual lutava pela guarda.

Apesar de sermos vizinhos — meu apartamento é embaixo da cobertura dele —, eu quase não tenho mais contato com o Cadu, pois se casou há uns anos e vive com a esposa e a filhinha,

PERIGOSAS ACHERON

então, quando não está na estrada, está dando atenção a elas.

Já o Luti é porra louca como eu era. Roqueiro daqueles de raiz — inclusive se percebe isso nos cabelos longos, nos acessórios de couro e metal e nas roupas pretas — e, quando não está trabalhando, está enfiado em alguma boate pegando mulher. O cara é muito popular e, com o casamento do Cadu, se tornou uma lenda: o último solteiro da Off-Road.

— *Brou*, você anda muito desanimado ultimamente — ele diz, balançando seu copo de Coca-Cola. — Precisa ir comigo na boate nova que abriu...

— Ah, Luti, não tenho saco mais para isso, não! — Cadu concorda. — Não sei como você aguenta esse pique todo, sinceramente.

— Ele não tem mais o que fazer! — Cadu argumenta. — Insiste nessa história de ser o “lobo

PERIGOSAS ACHERON

solitário” e não se amarrar com ninguém. — Dá de ombros. — Ainda acho que ele ficou traumatizado com a mudança da minha irmã.

— Não fode, Cadu! — Luti fica visivelmente puto. — Milena e eu nunca tivemos nada além de amizade! — Até eu rio dessa afirmação, pois sei que ele come um caminhão de merda por causa da moça. — Ela está feliz nos Estados Unidos, namorando mais um nerd, e eu estou feliz por ela.

— Está feliz ou conformado de ter perdido aquela beldade com um cérebro genial? — Questiono.

Luti bufa, dá uma golada longa em seu refrigerante e só então é que resolve virar o jogo.

— E você, Bernardo Novak de Toledo? — Cadu gargalha. — Antes, quando a gente sentava para conversar, éramos nós dois contra o Cadu, esfregando nossas conquistas na cara dele e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ressaltando todas as delícias que perdeu ao se casar. Agora, fica aí, me zoando como se tivesse entrado pro time dele!

— Entrou? — Cadu pergunta, e Luti e eu arregalamos os olhos em reação à pergunta. — Ué, vai que ele está comprometido com alguém e não nos contou!

— Você está? — A expressão do Luti é de assombro, porque ele já me viu várias vezes em ação — antes e depois do acidente — e sempre soube que eu nunca tive a intenção de ter mais do que diversão e prazer.

— Talvez esteja começando algo...

Cadu gargalha e Luti xinga, lamentoso por perder o último dos seus amigos solteiros.

— É, mano, o cerco está se fechando contra você! — Cadu sacaneia.

— Nem fodendo! Mal fiz 30 anos, tenho muito pela frente ainda.

PERIGOSAS ACHERON

Continuamos conversando por mais algum tempo, munidos sempre com nossos refrigerantes, águas ou sucos, em respeito ao Cadu, que é um alcóolico em recuperação. Pergunto sobre seus projetos na área de recuperação de viciados, no apoio que ele dá no A.A. e também, claro, de sua doce e bela esposa que é uma musicista fenomenal.

Durante a conversa, lembro-me que Amanda, filha do Cadu, deve ser um pouco mais velha que Heitor, e eu fico imaginando como seria se os dois se conhecessem lá no prédio, já imaginado mãe e filho frequentando meu apartamento.

Saí do restaurante e passei numa floricultura, escolhendo um belo arranjo floral — que eu achei bonito e a florista me explicou o significado, pois não entendo muito de flores, como minha mãe o faz — e pedi que o entregasse no escritório da Αγάπη produções e eventos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Escrevi um cartão curto, mas direto, deixando claro a ela o quanto apreciei e espero mais momentos como os da noite passada.

Não chego nem na redação e recebo uma mensagem dela:

“Eu estou com um baita sorriso no rosto, e as meninas elogiaram até minha pele. Rs. Adorei as flores, não esperava, foi uma linda surpresa.”

Imediatamente retorno.

“Amanhã você estará livre? Quero levar vocês para jantar.”

Dessa vez, a resposta demora mais, mesmo que o status dela continue indicando que está online.

PERIGOSAS ACHERON

“Heitor e eu?”

Sorrio diante da pergunta, imaginando que ela tenha estranhado mesmo.

“Sim, vocês dois. Podemos descer os três juntos para o Guarujá no sábado.”

Novamente, ela não responde.

“Estou indo rápido demais?”

Resolvo perguntar sem medo, pois necessito que ela seja sincera comigo como estou sendo com ela.

Finalmente, ela começa a digitar.

“Não, eu estou só sem saber como responder.”

Penso em responder, mas ela continua a digitar, então espero.

“Heitor foi para o colégio hoje e, apesar de ter estado mais tenso que o normal na entrada, logo se soltou com a mediadora. Isso me deixou muito feliz, completou meu estado de felicidade junto com a nossa noite.”

Abro um enorme sorriso ao ler isso.

“Você tem certeza de que quer entrar na nossa vida assim?”

Não penso duas vezes ao responder:

“Helena, eu já entrei na vida de vocês, agora só desejo ficar.”

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Dois

Helena

“Helena, eu já entrei na vida de vocês, agora só desejo ficar.”

Chego a suspirar, sem deixar de sorrir para a tela do telefone em nenhum momento, quando leio a mensagem enviada pelo Bernardo. Todos esses sentimentos dentro de mim, reviver a paixão como se fosse minha primeira vez, trocar mensagens e ficar pelos cantos suspirando como uma louca são coisas incríveis que já havia esquecido.

Hoje acordei com um estalo, como se algo me despertasse, olhei para o relógio e ainda faltava mais de uma hora para o despertador tocar.

Tínhamos acabado de pegar no sono, essa é verdade, então eu deitei minha cabeça no travesseiro e fiquei olhando-o dormir.

Mesmo depois do divórcio, eu nunca dormi no meio da cama, espalhada, sempre deitei no mesmo cantinho. Troquei de cama, assim como a posição dos móveis no quarto, mas não deixei de deitar sempre do lado esquerdo do colchão. Talvez fosse pela praticidade de já estar perto da porta e assim ser fácil ir até Heitor quando precisasse de mim, ou mesmo fosse a força do hábito.

O fato era, naquela manhã, com o sol ainda para nascer, havia um homem do lado direito — aquele que sempre ficou vazio ou com, no máximo, Heitor deitado — da cama. Sorri com cada lembrança da nossa noite, não só as do sexo delicioso que fizemos, como também a dos momentos antes, da conversa que tivemos na sala, da pizza que comemos acompanhada de uma taça

PERIGOSAS ACHERON

de vinho.

Enquanto ele dormia ressonando baixinho, eu deslizei os dedos pelas mechas de seu cabelo castanho levemente descolorido de sol e admirei suas sobrancelhas grossas e cheias. O nariz era perfeito, como nunca vi igual e, finalmente, olhei aquela boca que me enlouqueceu a noite inteira.

Depois que os dois gozamos a primeira vez, fomos para o chuveiro. Fiquei preocupada com a prótese, porém Bernardo me acalmou explicando que, na maioria das vezes, usa a mecânica com pé em silicone, que pode molhar, a mesma que utiliza para surfar. Só quando é preciso andar muito é que usa a eletrônica e essa, sim, não é compatível com a água.

Eu tinha tanto a aprender com ele sobre sua condição, o que eram aqueles acessórios que usa, qual a diferença de uma prótese e outra. Estava muito curiosa, mas achei que não era o momento de

PERIGOSAS ACHERON

perguntar, afinal, se o relacionamento engrenasse, poderia conversar com ele aos poucos e ir aprendendo.

Adorei ser banhada por ele. Ensaboada, enxaguada, massageada e, claro, degustada.

Começamos de uma maneira bem tranquila. Bernardo pegou o sabão, fez bastante espuma com a mão, depois passou por todo meu corpo lentamente. Nos ombros, exercendo uma leve pressão como em uma massagem, nos braços, dando atenção a cada um deles com detalhes. Depois, se abaixou e lavou minhas pernas, subindo em direção aos quadris, chegando à minha barriga.

Dei um sorriso tímido, mas cheio de vontade quando começou a circular meus seios com a espuma, instigando os mamilos com os polegares. Arfei, fechei os olhos e gemi com a carícia até senti-lo entrando entre minhas nádegas.

Abri os olhos assustada, e ele deu um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso safado, semiabraçado comigo enquanto uma de suas mãos subia e descia no meu bumbum.

Ri nervosa ao lembrar da sensação de estranheza que senti, porque, além de nunca ter recebido um banho de alguém, ninguém jamais tocou aquela área com fins libidinosos.

Ah, mas Bernardo não só tocou, o safado brincou bem no meio, excitando um lugar que eu pensava que não sentia nada e me provou que, com o toque certo, poderia ser interessante.

Eu esperei que ele ensaboasse meu sexo, o que não ocorreu. Ele ensaboou bem minhas coxas, minha virilha e até minha pélvis, mas não chegou a usar suas mãos cheias de espuma onde eu já estava esperando.

Se fiquei decepcionada com isso? De jeito algum!

Bernardo me deu um banho de gato *lá!* O toque de sua língua substituiu o da mão, seus lábios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se movendo sem parar, a barba roçando cada ponto, deixando-os sensíveis ao toque. Fui encostada no azulejo frio e levemente levantada para que ele tivesse acesso a tudo de mim.

Gozei com ele ajoelhado aos meus pés.

Depois, já secos, fizemos sexo devagar, na cama, explorando um o corpo do outro de maneira carinhosa e cheia de tesão. Dormimos abraçados e foi muito boa a sensação de aconchego e segurança que seus braços em volta de mim me proporcionaram.

Mas precisava terminar o interlúdio antes que Heitor acordasse para a escola, e eu tivesse que explicar o motivo de ter Bernardo ali. Sinceramente, eu não faço ideia de qual seria a reação do meu filho, se iria demonstrar que percebeu ou não, mas como ele é muito perceptivo com relação ao homem que estava na minha cama, era melhor não arriscar.

PERIGOSAS ACHERON

Foi difícil acordar o Bernardo, o homem dormia como uma pedra! Depois, durante o curto café que tomamos juntos, deu vontade de pedir a ele que ficasse mais, que voltasse para a cama comigo, que ficasse para sempre.

Fiquei um bom tempo sentada na bancada da cozinha pensando sobre isso: em como me sentia com relação a ele, ao que estava acontecendo entre nós. Aí, quando Heitor acordou, eu esqueci todas essas questões e me concentrei em seguir os conselhos da terapeuta dele.

Cheguei devagarzinho e o chamei para um abraço. Heitor, quando fica muito agitado ou quando algo o tira da rotina, foge de contato físico. Ele não foi até mim no primeiro chamado, porém senti-me aliviada quando seus bracinhos envolveram meu pescoço em seu cumprimento de bom dia.

Aquele pequeno gesto me encheu de

PERIGOSAS ACHERON

esperança de que o que tinha acontecido na escola não o afetara a ponto de fazê-lo retroceder em tudo o que já havia avançado.

E não o fez!

Coloquei-o na van como todos os dias, mas segui o veículo, ficando a postos, próxima da escola, para vê-lo entrar. Assim que chegou, ficou parado na entrada como se estivesse decidindo o que faria. Então Letícia apareceu e o chamou com um livro na mão e isso foi o suficiente para que ele a acompanhasse, entretido com a história que ela lhe mostrara.

Da escola, segui direto para um ateliê na Zona Sul de São Paulo e esperei a noiva por quase uma hora. Os modelos selecionados por ela já haviam sido separados e uma sala de prova estava à sua espera, assim como eu. Apesar da demora, chegou em alto estilo, com suas madrinhas e portando champanhe. As moças fizeram uma

PERIGOSAS ACHERON

pequena festa no local e, além do vestido, encomendaram também os trajes, pois, seguindo a tradição americana, seriam todos iguais.

Tive que recusar a bebida várias vezes porque estava dirigindo, mas acabei provando um pouco dos canapés e do caviar que levaram, o que detonou meu apetite e eu ainda tinha uma prova de bolo lá no showroom da Αγάπη.

Mal tive tempo para passar em minha mesa, pois a outra noiva já estava à minha espera para a prova. Marília se esmerou nos bolos, cada um com um tipo de massa, textura e recheios diferentes, embora todos cobertos com glacê mármore como pediu a noiva que queria um bolo com aparência tradicional, como foi o dos pais dela.

O escolhido, no entanto, não tinha nada de tradicional. Massa de pão de ló de amêndoas com água de rosas e recheio de mousse de limão e tangerina. O bolo tinha uma suavidade na massa

que contrastava com o leve azedo dos recheios.

Demoramos horas com a família da noiva no *showroom* e só me dei conta de que o dia tinha passado quando, enfim, sentei à minha mesa para terminar de fechar alguns pedidos de orçamento abertos.

Foi nesse instante que, ao pegar o celular, vi as mensagens de Bernardo e é onde estou agora, olhando para a tela com um sorriso bobo no rosto e o coração palpitando.

— Definitivamente, é passarinho verde! — Kyra comenta de sua mesa. — E, se eu não me engano, conheço esse passarinho desde criança.

Rio e assinto.

— Ele nos convidou para jantar — comento com ela. — A mim e ao Heitor.

Ela desvia do monitor que atrapalha estarmos frente a frente e arregala os olhos.

— Está ficando sério assim? — Dou de

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros sem saber o que responder. — Helena, ele estar incluindo o Heitor nos programas significa que não quer somente umas noites de sexo sem compromisso, não é?

— Acho que sim — respondo ainda relendo a última mensagem.

— Eu espero que sim, porque, se aquele filho da puta magoar meu “Tor”, ele vai ter que se ver comigo!

— Pode deixar que vou dar o aviso. — Cruzo os braços. — Agora, quanto a mim, ele pode fazer o que quiser, não é?

— Lena, você sabe se cuidar e estava precisando mesmo tirar as teias de aranha daí de baixo. — Gargalho, e ela dá um sorriso. — Viu só? Você está tão feliz que me contagiou a fazer piadas!

— Que milagre!

Ela me mostra a língua.

PERIGOSAS ACHERON

— Viva São Bernardo! — Saúda, mas, logo após, cai na gargalhada ao lembrar que esse Santo existe de verdade.

O telefone vibra sem parar em cima da mesa da cozinha, mas, como estou com as mãos molhadas, decido deixar entrar na caixa postal e depois pegar o recado. Minha mãe acabou de sair daqui, pois jantou conosco hoje e foi para casa com mais duas amigas que vieram buscá-la para umas partidas de biriba.

Heitor já está de banho tomado, dentes escovados, lendo, deitado em sua cama. Bernardo me ligou mais cedo, assim que cheguei do trabalho, para combinarmos sobre o jantar de amanhã.

Eu ofereci meu apartamento, bem como meus dotes culinários para a ocasião, mas ele,

PERIGOSAS ACHERON

galanteador como sempre, recusou.

— É por causa do Heitor? Você se preocupa de ele não gostar do lugar?

— Sim, eu já passei algumas situações tensas em restaurantes, tanto de ele não se sentir bem com algo quanto das pessoas ficarem comentando e com cara de enterro para o nosso lado.

— Helena, caso ele não aceite, procuraremos outro até que goste. Essa noite é para Heitor também. — Eu concordei. — Quanto aos outros, que se fodam todos! — Ri ao ouvir sua explosão. — Estou cansado de ser condescendente com quem tem esse preconceito disfarçado de pena, mas que, na verdade, só quer constranger as pessoas.

— Eu também penso assim. Nunca vou isolar meu filho, as pessoas que precisam entender, de uma vez por todas, que ser diferente não é

PERIGOSAS ACHERON

nenhuma aberração!

— Exato! Mas eu acho que ele vai adorar a noite, confie em mim.

Respirei fundo, porque essa frase, vinda de um homem, sempre me causou problema. Meu primeiro namorado disse “confie em mim” e foi um cavalo comigo quando perdi a virgindade, deixando-me com trauma por bastante tempo. Rubem depois repetiu a mesma frase ao me pedir em casamento, ao solicitar uma segunda chance e quando descobri que estava grávida.

Balancei a cabeça e pensei em tudo o que Bernardo já tinha feito e dito até aquele momento.

— Eu confio — declarei antes de nos despedirmos.

Termino de lavar e secar toda a louça do jantar e, por causa do calor, decido tomar um pouco de água com gás, rodela de limão e gelo. Vou com a bebida que eu considero a mais refrescante de

todas até a sacada do apartamento que dá de frente para a área de *playground* do condomínio.

Moro aqui há quase dez anos, mas nunca me senti em casa realmente. É estranha essa sensação de não pertencimento, talvez seja pelo fato de Rubem estar sempre jogando na minha cara que o apartamento não é meu e que moro ali como um favor para nosso filho.

A verdade é que ele gosta muito de intervir na minha vida, mas nunca foi um apoio verdadeiro, nunca esteve minimamente interessado nos progressos do filho, apenas arcava com as despesas dos tratamentos mais caros e achava que fazia muito.

Pego o telefone celular e abro o pequeno site em que coloquei uns produtos de artesanato para vender. Tenho andado tão sem tempo que quase não costuro mais os mimos que faço, o que é uma pena, pois começava a ter uma aceitação muito

boa dos produtos e ficar famosa entre as mães de São Paulo.

Olho a notificação de ligação perdida e vejo o nome de Rubem.

Retorno sentindo meu corpo todo tenso, como se prenunciasse problemas, afinal o homem nunca ligava para saber do filho, mas sempre para exigir algo.

— Até que enfim, Helena! — Atende sem nem ao menos um cumprimento. — Você sabe que eu odeio ligar e não ter retorno.

— Estou retornando — digo sem paciência. — Pode dizer o que quer.

— Nossa, está impaciente a rainha das noivinhas! — Debocha, e eu rolo os olhos. — Amanhã meus pais serão homenageados por uma instituição de caridade e solicitaram que a família estivesse presente. — Fecho os olhos pensando no jantar com o Bernardo. — Já dei uma desculpa para

PERIGOSAS ACHERON

o não comparecimento do Heitor, mas acho que seria bom se você fosse, afinal é mãe do meu filho.

— O quê? — Sinto minhas mãos tremerem de revolta. — Você deu uma desculpa para não ter de levar o Heitor?

Ele bufa.

— Ei, baixa a bola! O garoto ia ficar todo nervoso e dando escândalo no meio dos outros, nós não precisamos disso. Sua mãe pode ficar com ele enquanto nós...

— Não! — Digo firme. — Eu não vou!

Meus olhos estão ardendo pela vontade de chorar, mas me seguro para não demonstrar a ele o quanto sua insensibilidade com seu próprio filho me afeta. Eu não posso exigir que ele ame Heitor como é, mas posso pedir respeito e me indignar com ele.

— Helena, seja razoável... Nós temos um acordo.

— Foda-se, Rubem! — Ele fica mudo, estranhando meu linguajar, mas é impossível controlar a raiva. — Se seu filho, que é sua carne e sangue, não é suficientemente bom para estar com o pai e os avós em um evento, eu também não sou! Sou sua EX — frisei bem alto para que ele entendesse. — Não temos mais nenhuma ligação a não ser nosso filho e, como você já deu “desculpas” para que ele não vá, estenda-as a mim!

— Você se engana! Você me deve, Helena! Mora de favor no meu apartamento, usa o carro que está em nome da minha empresa!

— A resposta continua sendo não, Rubem! Além do mais, temos compromisso para amanhã, Heitor e eu.

Ele xinga, contrariado.

— Vamos ter que conversar sobre isso, Helena. — Baixa o tom de voz e um frio cruza minha espinha. — Eu não gostaria de ter que rever
PERIGOSAS ACHERON

nosso acordo, acho que vai ser pior para você.

— A resposta está dada! É só isso ou quer saber um pouco mais sobre seu filho?

— É só isso.

Desliga rápido, e eu tomo um longo gole da minha água, engolindo com ela o choro de decepção e revolta. Rubem sempre foi um homem difícil, controlador e fez da minha vida um inferno durante um bom tempo. Com o divórcio, achei que conseguiria me libertar disso, mas não, ele continua sobre mim como uma sombra.

Vinte e Três

Bernardo

Trouxe trabalho para casa hoje. Uma revista famosa na cobertura de esportes me encomendou uma matéria sobre os desafios enfrentados por atletas portadores de necessidades especiais e meu prazo para entregá-la estava vencendo.

Reuni um material bem bacana de várias modalidades onde temos expressividade e algumas que temos promessas de altos desempenhos. Conversei com muitos desses atletas e a principal reclamação foi recorrente: a falta de visibilidade.

É, era de se esperar que fosse a falta de investimento, mas não foi. A falta de visibilidade reflete no dinheiro, no incentivo ao esporte e, principalmente, na motivação do atleta. Raramente,

temos grandes mídias cobrindo os eventos envolvendo paratletas. São atletas invisíveis à sociedade e, como não causam repercussão, o investimento para a estruturação e manutenção das equipes também não aparece.

É um efeito cascata que só tem alguma melhora durante o ciclo olímpico, onde todos lembram o quanto somos bons quando veem o Brasil lá no topo do quadro de medalhas.

Escrevi até às 3 da manhã e, como havia dormido pouco a noite passada — o que não estou lamentando, obviamente —, desmaiei no sofá com o computador no colo e acordei com torcicolo.

Desperto em um pulo e busco logo ver as horas, constatando que estou atrasado para o compromisso que havia marcado de manhã com um grande amigo que tem uma casa de festas temática.

Tomo banho enquanto meu café está passando e fico tentando antecipar a reação do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor quando chegarmos à noite para jantar no local que reservei. Tenho certeza de que ele irá gostar muito! Sorrio ao pensar no menino que não pude ver quando estive em seu apartamento, mas que gostaria muito de abraçar e demonstrar todo meu apoio ao que precisasse.

Mal engulo o café e já estou no trânsito, chateado demais por ter acordado tarde e atrasado tudo o que havia planejado para fazer hoje. Aproveito que estou parado em um engarrafamento e mando mensagem para Flávio, desculpando-me por ter pedido a hora e garantindo estar lá o mais cedo possível.

Não resisto também a mandar uma mensagem para Helena, desejando um bom dia e dizendo o quanto estou feliz por saber que os verei à noite.

Ela, ao contrário de ontem, responde-me minutos depois:

PERIGOSAS ACHERON

“Bom dia, Bernardo! Nós também estamos. Falei hoje com o Heitor e tenho certeza de que ele está ansioso para rever você.”

Vejo o trânsito ainda sem nenhum indício de movimento e decido provocá-la um pouco:

“Sentiu falta do meu abraço essa noite?”

Sorrio e ando um pouquinho, menos de dois metros, com o carro enquanto ela está digitando a resposta:

“Sim, não só dos abraços.”

Meu pau reage a essa resposta, e eu preciso me ajeitar no banco para que a ereção repentina não se torne dolorosa demais. Resolvo continuar a

PERIGOSAS ACHERON

brincadeira:

“Sim! Minha boca já acostumou com seus beijos, minha língua com o sabor do seu gozo. Não vejo a hora de ouvir seus gemidos chamando meu nome, sentir suas unhas nas minhas costas e suas pernas travadas nos meus quadris.”

Envio e fico esperando resposta, no entanto, o trânsito resolve fluir e não consigo ler o que escreveu de volta. Essa mulher mexe demais comigo! Algumas palavras já são o suficiente para me pôr de pau duro por um longo período. Ela me excita em pensamento, nas lembranças de como se entregou ao que estávamos sentindo, em cada toque daquela noite.

Eu sou a porra de um privilegiado por tê-la, por ser capaz de fazer com que Helena desfrute de toda a potência do seu tesão.

Dirijo impaciente para chegar e poder ler o que escreveu, já nem me importando mais com o atraso, apenas com a vontade de continuar sentindo o que uma troca de mensagens faz comigo.

Paro no estacionamento da BrinqMais — local escolhido para o jantar dessa noite — e, antes de sair do carro, leio sua reposta.

“Saudade de gozar com você.”

Porra!

Preciso fechar os olhos e respirar fundo para não sair do carro e entrar em um bufê infantil de “barraca armada”. As lembranças dos sons dela, de como a gente gozou e gemeu juntos, me acertam em cheio, e meu corpo inteiro responde a este estímulo.

Fico um instante no carro e saio somente quando sinto os batimentos cardíacos normais, e o

PERIGOSAS ACHERON

sangue volta a circular por todo meu corpo, não só no meu pau.

Flávio está à minha espera na porta da casa, que ainda está fechada, pois só abre próximo ao horário de almoço. Cumprimento esse velho amigo e ele me conduz até a área que reservei sem nem ao menos ver.

Sorrio encantado ao ver o lugar, muito melhor do eu imaginava.

— Vocês vão chegar por volta das 19 horas, certo? — Questiona, e eu confirmo. — Confere o cardápio e, se quiser, podemos incluir mais coisas a seu gosto.

Pego o impresso bem divertido que ele me passa e nego.

— Está ótimo! — Olho em volta deslumbrado. — Isso tudo aí acende?

Flávio me passa seu telefone onde um vídeo da sala ilustra bem como ficará aqui à noite. Ouço

os sons e me preocupo.

— Tem como tirar esse som?

— Tem, mas tira um pouco do charme —
justifica.

— Eu prefiro que não tenha quando chegarmos, depois, caso veja que não terá problema, peço para ligar. — Ele assente. — Isso aqui foi um achado, Flávio!

— Eu nunca pensei em chamar você para conhecer, porque, na teoria, fiz para os pequenos. — Ri. — Embora para galera que curte isso aqui é como estar em casa! — Só balanço a cabeça, extasiado demais com tudo. — Seu irmão de vez em quando vem até aqui com a menininha dele, mas ficam na outra sala, das princesas.

Rio ao imaginar o Nick vestido de príncipe e montado em um cavaleiro branco de madeira enquanto a Mia fica no alto de alguma torre cenográfica. *Eu preciso ver isso!*

Termino de ajustar os últimos detalhes com ele, conferimos juntos cada canto que eu ache que possa ser perigoso para o Heitor, mas depois relaxo ao ver que realmente Flávio pensou em tudo quando montou o lugar.

— Isso aqui lembra meu quarto quando eu era moleque — comento já saindo. — Eu tinha até uma luminária que girava.

— Ah, eu também, por isso montei essa sala. — Ri e chama um de seus funcionários. — A sala 3 está reservada com exclusividade para um jantar familiar hoje à noite. — A moça assente e marca em um tablet. — Aí estão todas as opções de cardápio que o cliente selecionou.

A moça vai embora, e Flávio me acompanha até o carro.

— Como está o projeto de surfe lá no Guarujá? — Pergunta.

— Indo muito bem! Amanhã irei descer

PERIGOSAS NACIONAIS

cedo para mais um final de semana de aulas.

— Você tem mais crianças ou adultos inscritos?

Encosto no carro e penso por um momento.

— Olha, isso é muito variável, mas posso dizer que a maioria é de crianças.

— Poderíamos fechar alguma parceria! — Sorrio. — Vou pedir ao meu pessoal de marketing entrar em contato, pode ser?

— Claro — digo animado. — Espera aí. — Abro o carro e pego um panfleto da WA. — Liga nesse número aí e fala com a Joana.

Nos despedimos, e eu sigo para a redação a fim de passar o dia em reunião com a equipe do *reality show* que iremos fazer mês que vem em Noronha.

PERIGOSAS ACHERON

— Bernardo Novak de Toledo! — Ouço a voz conhecida de Alicinha, uma velha amiga, e sorrio, mesmo com pressa.

Passei em uma floricultura para comprar um buquê de minigirassóis para Helena e mais um cenário do jogo de batalha com soldados de chumbo que o Heitor gosta. Não resisti quando vi o brinquedo e lembrei que observei algumas dessas pecinhas no apartamento deles, bem como de Helena ter comentado que ele fica traçando estratégias com os personagens.

Comprei soldados japoneses e vou aproveitar para presentear-lo no Natal, pois a data festiva já está se aproximando. Isso é muito louco para mim, fazer planos de fim de ano com eles dois, uma coisa que eu nunca pensaria ser capaz antes de eles entrarem em minha vida.

A verdade é que eu estou gostando muito de tê-los comigo. Claro que tem a ver com todo o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desejo que sinto pela Helena, mas o afeto que tenho pelo Heitor é profundo e verdadeiro, como sinto por exemplo pela minha sobrinha.

Penso no baile dos Villazzas no ano novo e lembro que ela estará lá a trabalho. Minha vontade é de tê-la ao meu lado, como minha namorada, companheira, em uma noite tão especial para a WA. Queria que Heitor estivesse também, afinal, além de aluno, ele também representa nossa luta e aí teríamos várias gerações — ele, Fran e eu — solicitando respeito e igualdade.

Contudo, não posso e nem devo querer expor Heitor a tantas pessoas, música alta e um ambiente fechado como será o baile dos Villazzas.

Uma imagem se forma em minha mente: Helena em um vestido branco, sua pele bronzeada de nossos finais de semana no Guarujá e Heitor e eu em smokings tradicionais e elegantes. Seríamos a imagem de uma família.

PERIGOSAS ACHERON

Uau! Eu nunca pensei que tivesse com tanta vontade de ter minha própria família e isso me surpreende.

Volto a atenção para a Alicinha, que matraca, como sempre, sem parar, sem nenhuma vontade de saber da vida alheia e muito menos de aceitar qualquer convite que ela queira me fazer, pois o que tivemos — uma aventura rápida — já passou e não há possibilidade de voltar a me interessar por ela.

— ... Então a gente pensou em fazer isso. Falei até com o Fernando e com a Paola.

Ela cita dois grandes amigos meus que não vejo há alguns anos e isso me interessa.

— Eles estão em São Paulo?

— Não! Vão vir somente para as festas de final de ano, porque os meninos ainda não entraram em recesso escolar lá na Inglaterra.

Assinto gostando da notícia e ansiando

poder revê-los enquanto estiverem aqui no Brasil. Eles se casaram há alguns anos e já têm dois menininhos, Luan e Diogo, com menos de um ano de diferença de idade entre eles. Fernando trabalha para uma empresa de tecnologia numa cidade nos arredores de Londres e vive com a família lá há uns três anos.

A última vez que nos vimos foi quando me acidentei e ele veio só para estar comigo no hospital. Nick e ele revezavam me fazendo companhia durante os dias em que fiquei internado.

— Então, Bê, topa ir conosco?

Eu dou um sorriso amarelo, pois não prestei a mínima atenção ao convite e não sei onde eles pretendem ir, então nego.

— Não vou poder, Alicinha, mas obrigada pelo convite.

Ela aponta para o buquê nos meus braços.

— Mandando flores... — Ri. — Bê Novak

em um relacionamento sério?

— A gente amadurece e, quando encontra alguém que sabe que é a pessoa certa, não podemos deixar escapar, não é?

Pisco para ela e me despeço, calculando que teria menos de meia hora para me arrumar e ir buscar Helena e Heitor para o nosso jantar.

Deixo o presente em casa, tomo uma ducha rápida, me visto informalmente como sempre ando: camisa de malha com algum tema esportivo na estampa, bermuda e um tênis e vou buscar as duas pessoas que mais me têm feito falta nesses dias.

Vinte e Quatro

Helena

Quando o interfone toca, Heitor dá um pulo do sofá e olha para a porta de entrada do apartamento, já na expectativa de ver o Bernardo. Nós não temos costume de sair à noite, então é uma ocasião diferente e, pelo que percebi de suas reações, muito especial. Meu filho realmente se sente ligado ao Bernardo, como nunca vi com mais ninguém.

É estranho isso, confesso. Eu sempre fui a receptora de todo carinho e afeto que ele demonstra e ter uma outra pessoa — que conheceu há pouco, por sinal — recebendo facilmente o que demorei anos para conseguir me dá um aperto no coração.

Não é só ciúmes, claro que tem um pouco

disso, mas também receio.

O interfone toca novamente, e eu, deixando de lado todas essas preocupações, vou até ele para confirmar a chegada do Bernardo.

— Dona Helena, há um moço aqui aguardando você.

Rio da descrição de “moço” do porteiro da noite e aviso que estamos descendo. Bernardo é mais novo que eu três anos, não é muito, mas seu estilo jovial e seu rosto não demonstram que ele já passou dos 30 anos e isso é mais uma coisa que teremos de enfrentar, os olhares das pessoas que julgam um relacionamento entre uma mulher mais velha, divorciada e com filho com um homem jovem e solteiro.

Já estou tão cansada de todos esses julgamentos, acho tão chato que o mundo tenha se tornado tão mesquinho e frívolo. Eu acredito numa evolução de pensamentos, em uma sociedade mais

PERIGOSAS ACHERON

tolerante, empática e sincera, mas ainda não chegamos nesse estágio, infelizmente.

Bernardo nos espera no portão principal do prédio e, quando nos vê, abre um enorme sorriso que agita cada molécula do meu corpo. Essa atração entre nós é muito poderosa e, além disso, ele tem conquistado meu coração a cada dia mais. Não há como negar o quanto já estou apaixonada por ele, é visível.

— Oi, campeão! — Abaixa-se para falar com o Heitor, e somos surpreendidos quando meu filho solta minha mão e abraça o Bernardo pelo pescoço.

Meu coração palpita, meus olhos marejam e uma sensação incrível de felicidade, de plenitude, me toma por inteira. Vejo Bernardo retribuindo o carinho do meu menino na mesma medida e me faz pensar na sorte que tive ao reencontrá-lo.

Por algum motivo, o homem que me atraiu

PERIGOSAS ACHERON

há alguns anos, mas que me repeliu com seu jeito convencido e irresponsável, voltou para minha vida completamente mudado, com cicatrizes profundas e muitos aprendizados, porém perfeito para mim. O antigo Bernardo Novak poderia até ter despertado meu tesão, mas esse, o homem que passou por uma amputação, que teve que se reinventar, despertou meus sentimentos, meu coração.

— Boa noite, Helena! — Ele me cumprimenta já com o Heitor ao seu lado, de mãos dadas com ele.

— Boa noite, Bernardo. — Sorrio.

Ele abre a porta de trás do carro — dessa vez, um carro de passeio, e não a tradicional caminhonete —, e eu avisto um assento de elevação já instalado. Suspiro ante a este pequeno detalhe, acompanhando-o colocar Heitor no lugar e afivelar o cinto de segurança.

Em seguida, estende a mão para mim e abre

a porta do carona, ajudando-me a entrar como um perfeito cavalheiro. Um enorme buquê de pequenos girassóis chama minha atenção no banco do motorista, e eu abro um enorme sorriso para recebê-lo assim que Bê toma assento.

— Que nossa noite seja tão especial quanto foi aquela outra — diz ao me entregar as flores. — Pronto para uma aventura, campeão?

Pergunta olhando Heitor no retrovisor e liga o carro.

— Esses girassóis estão lindos, e eu ainda tenho o arranjo de peônias que você me mandou. Estão na minha mesa do trabalho — comento acariciando cada uma das pequenas flores.

— Esse é um recente vício adquirido. — Bernardo ri. — Não posso passar em frente a uma floricultura e penso logo em comprar algo para você.

— Não precisa, você sabe!

— Essa é exatamente a graça, Helena. —
Pisca. — Você diz que não precisa, mas faz você
ficar com o rosto corado e um sorriso astronômico.
Então, ao meu ver, eu preciso lhe dar essas flores
sempre, porque adoro como você reage a elas.

— Eu reajo assim a você — confesso.

— Melhor ainda! — Põe uma mão em
minha coxa. — Você está linda!

Sinto-me sem jeito com seus elogios. Já
ouvi vários homens dizendo que me achavam
bonita, no entanto, ouvir isso do Bernardo sacode
meu corpo de uma maneira muito especial,
causando-me um misto de vergonha e poder,
elevando minha autoestima.

— Obrigada — digo sem olhá-lo. — Para
onde vamos?

Bernardo ri.

— É surpresa! Mas já adianto... — Olha
para Heitor pelo retrovisor. — Acho que um

campeão aí vai se esbaldar!

Franzo a testa com sua animação e espero realmente que Heitor desfrute do local escolhido, porque seria uma decepção para Bernardo caso contrário, já que está tão esperançoso.

É ainda mais espantoso perceber que ele não só quis que Heitor participasse do nosso encontro, mas que planejou tudo para o meu filho. A verdade é que eu estou participando de uma surpresa que Bernardo fez para Heitor e isso é muito divertido e novo para mim.

Tirando minha mãe e eu, Heitor nunca teve esse tipo de carinho de ninguém.

Chegamos em um famoso bufê infantil no qual vim em uma festa quando Heitor ainda era um bebê. Arregalo os olhos assustada, lembrando do barulho, da correria das crianças nos brinquedos e penso que Bernardo enlouqueceu ao trazer meu filho aqui.

Olho para ele preocupada, e ele aperta minha coxa, deligando o carro.

— Confie em mim!

Eu seguro o fôlego e assinto, descendo do carro enquanto ele ajuda Heitor a sair do assento de elevação e a descer também.

— Pronto para visitar um lugar surpreendente? — Pergunta animado.

— Sim! — Respondo, colocando as mãos para o alto, e Heitor repete o gesto.

Somos recepcionados por uma moça trajando o uniforme típico daqui: fantasia. No caso, ela é uma linda sereia e, assim que confirma o nome do Bernardo, nos conduz por um caminho que não conheço, para além do salão principal onde ocorreu a festa que vim.

— Senhoras e senhores, respirem fundo por um momento, em breve vocês entrarão no reino e poderão respirar normalmente. Não se preocupem,

temos sereias e tritões para cuidar de vocês. — Ela abre a porta. — Bem-vindos a Atlântida!

Mesmo sem querer, eu retenho o fôlego como ela sugeriu e olho de soslaio para meu filho, completamente encantado. O salão é bem menor que o principal, mas completamente temático, suas paredes pintadas em tinta azul neon brilham na luz negra, assim como os recifes de corais multicoloridos, peixes, crustáceos e outros animais marinhos que parecem flutuar à nossa volta.

Heitor segue uma bolha de sabão com a mãos e um enorme sorriso enfeita o rosto do meu filho. Olho para chão e vejo um tapete de lona macia reproduzindo areia e alguns corais, em uma pintura 3D perfeita. É realmente como estar no fundo do mar!

— Heitor — chamo meu filho assim que a projeção de uma arraia passa pelas paredes. — É igual aquele programa que vimos na TV esses dias,

PERIGOSAS ACHERON

lembra?

Eu sei que ele se lembra, mas não consegue deixar de olhar cada detalhe do lugar.

— Gostou? — Bernardo pergunta ao me enlaçar pela cintura.

— Se gostei? — Aponto meu filho. — É o melhor presente que eu poderia ter recebido! Como nunca soube desse lugar?

— É relativamente novo — explica. — Vamos nos sentar?

— E Heitor? — Vejo-o pegar uma boia colorida num canto onde outros brinquedos infláveis estão, além de alguns jogos eletrônicos.

— Deixo-o explorar um pouco. — Assinto, acompanhando-o até a mesa que parecia ser feita de pedras, seguindo a decoração do fundo do mar. — Vamos pedir nossa comida.

Olhamos o cardápio montado, em sua maioria, com comidas divertidas para crianças e

PERIGOSAS ACHERON

escolhemos uma barca de comida japonesa, que ambos somos muito fãs.

Heitor vem até nós animado demais, rindo e mostrando o brinquedo em sua mão, depois volta correndo para perto de onde estão saindo as bolhas de sabão.

Deus do céu! Como eu posso não amar esse homem?

Encaro o Bernardo, que está acompanhado a brincadeira de Heitor com um baita sorriso de satisfação, e penso em como posso, além de estar completamente apaixonada, não amar essa criatura tão especial à minha frente. *Impossível!*

Ele despertou um lado meu que estava adormecido há anos, me fez querê-lo em minha cama desesperadamente. Deu-me prazer como nunca tive igual, poder ao demonstrar que todas as escolhas estavam em minhas mãos e que eu era dona do meu desejo e, por fim, faz meu filho feliz

como se fosse um pai preocupado e zeloso.

Como não amar Bernardo Novak?

— Ele está radiante! — Comenta voltando a prestar atenção em mim. — Tudo bem? Você está com uma expressão estranha.

Solto o ar que nem percebi que retive e sorrio.

— Tudo ótimo! — Pego sua mão. — Obrigada por isso, eu nunca vou esquecer esse momento, a carinha de felicidade do meu filho ao entrar aqui.

Bernardo me puxa pela nuca para bem perto de seu rosto e depois prende uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Sou eu quem precisa agradecer por poder dividir esse momento contigo. — Roça o nariz no meu. — Obrigado por me deixar fazer parte da vida de vocês.

Nossos lábios se encontram suavemente,
PERIGOSAS ACHERON

um beijo terno, cheio de emoção e significados. Sinto-me tão bem nos braços dele, com sua boca na minha, respirando seu ar. Esquecemos por um momento onde estamos e nos entregamos à sensação dos nossos corpos juntos.

— Eu sou louco por você, Helena.

Arrepio-me inteira ao ouvir sua voz rouca de desejo e o que ele me diz.

— Eu também sou! — Respondo. — Completamente louca por você!

Sorrimos, e ele me dá um selinho.

— Temos expectador.

Fala olhando de esguelha, e eu me afasto dele, encarando Heitor.

Fico congelada no local, coração retumbando, corpo tremendo de emoção ao ver que meu filho não só estava nos olhando, como também exibe um sorriso feliz. Percebendo que eu não sei como reagir a isso, Bernardo se levanta, chamando-

PERIGOSAS NACIONAIS

o para brincar em um dos games.

Heitor nunca me viu beijar ninguém, nem mesmo seu próprio pai. Eu tinha muita preocupação de como seria sua reação ao compreender o que se passava entre mim e Bernardo, mas nada me preparou para isso.

Um alívio me invade e uma alegria tão forte que não consigo me conter sentada. Vou correndo até onde eles estão já propondo que eu entraria no jogo no lugar do perdedor.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Cinco

Bernardo

Carreguei Heitor no colo até seu quarto e ajudei Helena a colocar o pijama nele. Ela resmungou sobre o menino estar suado e sem escovar dentes, mas depois riu de si mesma ao perceber que essas pequenas transgressões não representavam grandes coisas diante do quanto ele se divertiu e estava feliz.

Dormiu, exausto, no caminho de volta para casa. A surpresa foi mil vezes melhor do que eu teria previsto. Nunca vi o pequeno tão solto, tão alegre e vibrante. Ele estava em seu ambiente, na sua água, brincando com todos os animais marinhos que sua imaginação já permitiu visualizar.

Comeu suas iscas de peixe com molho, batata frita e tomou muito refrigerante, se refastelando como uma criança gosta e deve fazer de vez em quando. Brincamos juntos em todos os jogos, dançamos entre as bolhas de sabão, e eu namorei a Helena em todos os momentos, sem nenhum grilo, nada clandestino e com a bênção de Heitor, que dava risadinhas quando eu a levantava e rodopiava com ela em meus braços.

Foi o melhor encontro que tive na vida, devo confessar. Nunca me diverti tanto, nunca me senti tão satisfeito e feliz. Aquele pequenino tomou meu coração de tal forma que eu seria capaz de fazer loucuras para lhe arrancar um sorriso.

E a mãe dele...

Bem, não fui sincero quando disse que era louco por ela. Sinto mais, muito mais do que isso, mas ainda não sei se ela está pronta para ouvir e acreditar em mim. Conhece aquele ditado? “Gato

escaldado tem medo de água fria.” Não sei bem o motivo pelo qual ela nunca mais se envolveu com alguém desde o divórcio, mas presumo que as coisas entre ela e seu ex não tenham terminado em bons termos.

Preciso ser paciente e ir conquistando sua confiança, seu afeto e, por fim, seu amor aos poucos. Não quero assustá-la, tampouco afastá-la de mim.

Fico um tempo parado na porta do quarto, acompanhando a rotina dela de cobrir o filho, beijá-lo algumas vezes repetidamente e verificar se está bem coberto — mesmo fazendo um calor de matar e com o ar-condicionado do quarto ligado — e, por fim, alisar seus cabelos e sair de fininho.

Agarro-a assim que encosta a porta do quarto de Heitor, deixando aquela brecha de segurança para ouvir caso ele a chame. Afasto seus cabelos da nuca, jogando-os por cima de seu ombro

PERIGOSAS NACIONAIS

e aspiro o perfume dela ali, uma mistura de sua fragrância natural, da colônia que usa e do xampu.

— Eu adoro seu cheiro — digo ao roçar o nariz. — Adoro sua pele. — Passo as mãos pelos braços desnudos, adorando senti-la toda eriçada. — Seu corpo. — Seguro seus peitos por sobre a blusa e fico ligeiramente decepcionado ao sentir o bojo do sutiã. Puxo a blusa para cima e enfio minhas mãos por baixo da peça íntima, deleitando-me com a maciez e o peso dos seios dela. — Adoro te tocar. — Helena geme quando provoco os seus mamilos com meus dedos. — Adoro seus sons. — Viro-a. — Contudo, o que mais gosto é do seu sabor.

Tomo sua boca devagar, sorvendo sua saliva, sentindo a textura dos seus lábios, e começando a explorar seu interior com minha língua. Helena se agarra em mim, sinto seus quadris ondulando em direção aos meus, buscando a confirmação de que meu corpo está desperto

PERIGOSAS ACHERON

como o dela, e eu não a deixo em dúvidas, seguro-a pelas nádegas e a pressiono contra mim para que possa sentir como estou duro.

Os gemidos são abafados pelas nossas bocas que não se desgrudam. Tudo em volta deixa de existir, apenas tenho a percepção do seu corpo contra o meu, seus músculos trêmulos, a quentura de sua pele e os movimentos dos seus quadris buscando sentir-me com mais precisão.

Helena aperta meus braços com tamanha força que sinto ardência por conta de suas unhas. Mordo seu lábio inferior e depois o sugo devagar, imitando o modo com que chupo seu clitóris, e ela parece reconhecer isso, geme e rebola.

Seguro-a pelos cabelos e a afasto de mim.

— Quero foder você, sereia. — Ela ri e assente.

— Vamos para o meu quarto. — Aponta, mas eu nego. — Onde?

Sorrio e pego-a pela mão, arrastando-a comigo até a sala onde uma enorme bancada divide o espaço entre o ambiente de jantar e a cozinha. Empurro alguns utensílios para o lado e a pego pela cintura, erguendo-a para que se sente no balcão.

— Bernardo...

— Vamos ouvir se ele acordar, não vamos?

— Ela assente. — Então não se preocupe. — Puxo uma cadeira e sento-me entre as pernas dela. — Você é meu prato principal hoje, e eu vou comer você até me saciar do seu gozo.

Helena suspira quando abro o botão do fecho de sua calça jeans. Não a retiro, indo até seus pés e livrando-os das sandálias, beijando-os em reverência, chupando seus dedões como irei fazer com sua boceta.

Ela geme, e eu aproveito para puxar a calça pela bainha. Helena se levanta um pouco para que ela passe pelos quadris e depois volta a se sentar

sobre a pedra fria da bancada.

Ponho a calça sobre outra cadeira e olho para a calcinha preta de renda louco para arrancá-la de seu corpo e deixar tudo à mostra para minha admiração. Não o faço, não tenho pressa, hoje a noite é toda dela, dedicada a ela, somente por ela. Massageio seus pés, um a um, depois sigo pelos calcanhares, panturrilhas e joelhos. Abro suas pernas ao máximo, até o limite que ela consegue sem estar desconfortável.

Helena mantém seus olhos abertos, acompanhando cada movimento das minhas mãos sobre suas coxas. Intercalo entre carinhos e apertos firmes, subo até sua virilha, depois desço para os joelhos novamente.

— Bernardo... — Geme. — Isso é torturante!

— Eu sei... — Dou um meio sorriso. — Apoie seus pés em mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela arregala os olhos, mas faz o que eu peço e, para isso, precisa se deitar mais sobre a bancada. Uso a língua para fazer o trajeto pela sua coxa até a virilha, mas não avanço mais, apenas troco de perna, fazendo o percurso inverso.

Preciso dela, preciso sentir sua boceta molhada em minha boca, a textura de seus lábios e o sabor de seus caldos. Sento-me na beirada da cadeira e cheiro profundamente seu sexo, reconhecendo o aroma de mulher excitada, pronta para ter prazer.

Fico louco ao pensar que existam homens que não reconheçam esse aroma, que não tenham a sensibilidade de perceber que ele clama por mais, por libertação, por orgasmos seguidos.

Abro totalmente minha boca e a encosto sobre o fundo de sua calcinha, fechando-a aos poucos, sorvendo através do tecido o líquido que já havia me inebriado pelo cheiro.

PERIGOSAS ACHERON

Ah, puta que pariu, que delícia!

Meu pau se contorce furioso na calça, reagindo a minha degustação. Ignoro, porque esse momento não se trata dele, apenas do prazer dela. Meu prazer é dar tantos orgasmos a Helena quanto ela se permitir ter. E, pelo nível de entrega que percebo nela, ela se permitirá todos.

Afasto-me, notando o tecido mais escuro, encharcado, e sorrio ao passar o dedo sobre ele, confirmando a temperatura elevada de sua boceta. Helena arfa, e eu aproveito para surpreendê-la. Sinto a delicadeza da renda entre meus dedos, assim como que a calcinha não tem elásticos ou forros e puxo-a com força, rasgando-a no meio, expondo para meu deleite o sexo molhado e inchado de uma mulher que geme pedindo mais.

Não a faço esperar e dou uma lambida forte e lenta, de baixo para cima, fazendo tremer levemente seu clitóris já duro e aparente. Separo

PERIGOSAS ACHERON

seus lábios e introduzo a língua nela, fodendo-a o máximo que posso enquanto seguro firme em suas pernas.

— Bernardo... — Ela geme em desespero.

Continuo explorando-a com minha língua, brincando com seus lábios, entrando para buscar mais o sabor de sua excitação, lambendo-a inteira. Sei que isso é deliciosamente torturante, mas que não é a forma que ela gosta de gozar. De todas as vezes que já fiz oral em Helena, ela gozou sempre que eu a chupei com fúria.

— Bernardo... — implora-me de novo.

— Como você quer? — Provoco-a.

— Sua boca... — arrasto a boca sobre ela, e seu gemido sai mais forte — no meu clitóris. — Faço o que ela manda, mas não me movo. — Agora, chupa com vontade.

O gemido alto na sala é meu e dura somente um instante, pois no seguinte estou seguindo suas

PERIGOSAS ACHERON

ordens, puxando aquele pequeno ponto sensível com toda vontade para dentro da minha boca, sentindo os pés dela pesarem mais nos meus ombros.

Insiro o dedo médio dentro dela, sem nunca parar de sugar, e depois junto o indicador. Sinto sua boceta encharcar meus dedos, ficar mais quente e mais apertada, sei então que ela irá explodir de prazer em breve.

Fecho os olhos quando ela goza, concentrando-me para não me deixar ir na cueca, seguindo-a em sua viagem ao prazer. Percebo que ela tenta se controlar, afinal, a porta do quarto do Heitor está aberta, mas não consegue se conter.

Bebo seu gozo, deliciado pela forma como ela se entrega a mim, ao prazer que sentimos juntos, adorando cada vez mais a mulher que ela tem mostrado a mim.

Levanto-me devagar, sorrio ao vê-la

espalhada sobre a bancada, olhos fechados, respiração rápida e, em sua mão, apertada com força, está uma colher de pau.

Gargalho.

— Mas e amanhã? — Helena pergunta-me assim que saímos do chuveiro.

Acabei de informar a ela que vou dormir aqui e que iremos juntos para Guarujá. Consultei sobre algum compromisso no domingo, o que ela, por sorte, negou, e a pedi para passar o final de semana comigo de novo, o que aceitou.

— Minhas coisas já estão na mala do carro.
— Ela cruza os braços, olhando-me acusadora. — Bom, mesmo que você não me deixasse ficar, já tinha adiantado pelo menos as coisas para amanhã.

— Sei... — Ela não se convence. — Você,
PERIGOSAS ACHERON

por algum momento, achou que não fosse passar a noite aqui comigo?

Rio.

— Na verdade, não.

— Arrogante! — Puxo-a para meu colo. —

Bernardo!

Ri quando a deito por cima de mim.

— Se eu pudesse e você permitisse, ficava aqui com vocês muito mais vezes.

Ela suspira e desvia os olhos.

— É complicado, Bê. — Toco seus cabelos molhados, e ela volta a me olhar. — O apartamento aqui não é meu.

— Você mora de aluguel?

— Não! — Ela rola para o lado, e eu me viro para ficar de frente para ela, ambos deitados, nus, na cama. — Esse apartamento é do pai do Heitor, meu ex-marido. Está no nome da empresa do pai dele. — Assinto, entendendo a situação. —

Ele permitiu que continuássemos aqui por causa do filho.

— Sim, mas o que isso tem a ver com minha presença aqui?

Helena suspira.

— Rubem é um tanto controlador. — Franzo o cenho. — Ele não iria gostar se soubesse que alguém tem dormido aqui comigo.

— Espera... — Sento-me de novo. — O fato de vocês morarem aqui não dá direito a ele de dizer como você deve viver! — Ela fecha os olhos e põe as mãos no rosto. — Helena, ainda existe algo entre vocês?

— Não! — Ela me encara e se senta também. — Nosso casamento já havia ruído bem antes de eu conceber o Heitor. Meu filho só veio numa tentativa ridícula de tentar consertar as coisas, mas depois percebi que não tinha conserto, então soube da notícia. Rubem não tem

absolutamente nada que me atraia, Bernardo. — Ela pega minhas mãos. — Eu nunca... — Fica sem jeito e olha para baixo. — Nunca senti com ele o que sinto com você.

Porra!

Abraço-a apertado ouvindo a verdade em sua voz, lamentando por tudo o que ela passou, por uma mulher tão sensual, tão cheia de tesão, ter vivido com um homem que nunca reconheceu isso.

— Vocês fizeram algum tipo de acordo, foi isso? — Pergunto.

— Sim. — Dá de ombros. — Eu não tinha para onde ir, fazia alguns bicos, pois, assim que me casei, parei de trabalhar e, segundo meu advogado na época, por causa da minha idade, eu iria conseguir apenas alguns meses de pensão dele e a quantia era tão irrisória que não daria para bancar um aluguel de jeito algum.

— E sua mãe?

Ela ri.

— Mamãe é maravilhosa! Morava no interior, mas voltou para a capital para me ajudar assim que me separei, mas mora em um quarto/sala em um bairro afastado daqui. Na época, Heitor estava ficando mais agitado e ainda não sabíamos o grau do autismo, iniciamos o tratamento com neurologista, fonoaudióloga e terapeuta para que pudesse se desenvolver, falar e interagir. — Seus olhos enchem de lágrimas. — Eu estava perdida, desesperada, então aceitei.

— Abriu mão de sua liberdade por causa do seu filho? — Assentiu. — Você é incrível, Helena! Olha só como Heitor é um ótimo garoto, você tem feito um trabalho primoroso na educação dele, tenha certeza.

— Não me arrependo de nada que tenha feito por ele, Bernardo. Seria capaz de qualquer coisa para protegê-lo.

Beijo-a com todo carinho e admiração que ela merece.

Não acho justo que eu chegue agora em sua vida e comece a dar pitaco, mas me indigna a forma com que o ex-marido a trata, controlando-a como se lhe pertencesse e usando o filho para isso. Assim como eu, ele sabe que ela faria qualquer coisa pelo menino.

Minha vontade é de dizer a ela para vir comigo, para morar comigo, mesmo achando isso completamente louco por estarmos juntos há uma semana. Mais do que qualquer coisa, eu quero proteger os dois, tirá-los da dependência desse homem tão egoísta que brinca com o sentimento dos outros. Contudo, sei que ela nunca aceitaria uma proposta dessas, afinal, é se livrar de uma dependência e cair em outra.

— Vocês são muito importantes para mim, Helena. — Ela sorri. — Eu sei que parece cedo, PERIGOSAS ACHERON

mas eu quero fazer parte da sua vida e da do Heitor.

— Você já faz, Bernardo. — Abraça-me muito forte. — E agradeço por estar aqui.

— O privilégio é todo meu.

Ela sorri e me empurra de costas na cama, montando em mim com os olhos brilhando. Fecho os olhos e tremo ao sentir suas mãos passando pelo meu peitoral, descendo pelo abdômen até interromper o contato. Abro os olhos e trinco os dentes para não gemer alto ao vê-la se masturbando em cima de mim.

— Helena... — Gemo quando ela se eleva um pouco e pega meu pau, usando-o para fazer os mesmos movimentos que sua mão fazia sobre seu clitóris. — Porra, Helena!

É uma delícia sentir e ver o que ela faz, como cada gesto dela mexe com meu corpo e acerta meu tesão de tal forma que ele reverbera sobre minha alma. É intenso demais o que sinto por ela e

PERIGOSAS NACIONAIS

como ela me faz sentir.

Arfo quando ela introduz meu pau devagar dentro de si, sentindo centímetro por centímetro dele preenchendo-a.

Ah, porra, eu amo essa mulher!

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Seis

Helena

Não tem como um dia ser mais perfeito que esse!

Penso assistindo Bernardo e meu filho na água depois da aula da WA. Como dormimos pouco — por causa das inúmeras posições sexuais que testamos — acabamos acordando um pouco mais tarde do que queríamos, na verdade, se não fosse pelo Heitor que invadiu meu quarto pela manhã, teríamos perdido a hora.

Fiquei um pouco constrangida por ele encontrar Bernardo dormindo comigo na cama, mas essa sensação durou até o momento que Bê o abraçou, e Heitor correspondeu, dando seu bom dia que até então era exclusivamente meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tomamos um rápido desjejum, os três juntos, sentados à mesa como em um comercial de margarina, e então pegamos estrada.

— Não vai fazer falta sua caminhonete lá?

— Questionei.

— Ela está lá, Fran mandou buscá-la na terça-feira porque iríamos receber um material de doação, e eles precisavam de mais carros. — Sorri, feliz com a notícia. — Estamos todos ansiosos pelo leilão dos Villazzas, sabe? Fran que levar a WA para Santos.

— Seria maravilhoso! — Animei-me. — Hoje quero trabalhar como voluntária. — Ele me olhou rapidamente, surpreendido com minha decisão. — Fico lá na praia à toa, só tomando conta do Heitor, mesmo que não precise, porque ele não desgruda de você nenhum instante.

— Tem certeza? Seria de muita ajuda para a Jo.

PERIGOSAS ACHERON

— Com certeza!

Foi desse jeito que, depois que chegamos, tive meu primeiro dia como voluntária, ajudando na identificação das crianças, no controle dos materiais e na inscrição de novos alunos. Confesso que, mesmo ainda dando uma olhadinha ou outra em Heitor, consegui me dedicar ao trabalho e ainda gostar muito.

A sensação de estar ajudando a colocar um pouco mais de alegria na vida daquelas crianças e jovens foi uma delícia, algo que preencheu minha alma, que me fez ter orgulho do meu papel naquele lugar.

Conversei bastante com a Jo, que insistiu em ler minha mão, pois, segundo ela, é uma estudante da quiromancia, e rebolei para desviar-me desses assuntos, pois tenho muito medo de saber do meu futuro e não gostar. Sabe aquela premissa que diz que o futuro a Deus pertence?

Sigo-a à risca!

François é um homem muito engraçado, mas um professor exigente para sua pequena turma de jovens e adultos. Jo me explicou que o marido é uma espécie de olheiro, que vê potencial em um futuro atleta de longe e, por isso, é tão duro com seus alunos.

Como chegamos tarde, Bernardo prometeu ao Heitor que iria para água com ele, somente os dois, depois da aula, e meu filho entendeu isso, cumprindo cada exercício proposto pelo seu professor em terra e acompanhando o ritmo das outras crianças no mar.

Agora, nesse momento, enquanto eu aguardo os dois surfarem juntos como da última vez, Fran e Jo seguiram para a casa do Bernardo a fim de adiantar o almoço para que possamos passar a tarde juntos.

As risadas de Heitor chegam até onde estou,

e meu coração entenece. Há muito não ouvia esse som e, ultimamente, com Bernardo, ele tem se tornado mais frequente. Meu menino é realmente apaixonado no Bernardo, e eu sinto que o sentimento é recíproco, uma amizade pura e incrível entre um homem que teve seu destino mudado após um acidente e um menino que já começou a vida tendo que romper barreiras.

— Eu nunca disse que iria cozinhar carne, François! — Jo grita do fogão, ouvindo os resmungos de seu marido sobre a lasanha de soja e berinjela que havia preparado. — Não dá esse vexame na frente da Helena de ficar reclamando feito um velho e depois raspar o prato!

— Ele faz isso! — Bernardo acusa-o, e Fran faz um muxoxo. — Meu amigo aqui está se

PERIGOSAS ACHERON

tornando um velho implicante, isso sim!

— Você está é puxando o saco, porque também detesta essas comidas veganas! — Fran delata, e Jo encara Bê do fogão com as mãos na cintura, esperando uma resposta.

— Bem... — Bernardo faz careta. — Eu confesso que preferia uma lasanha de macarrão com recheio de bolonhesa, mas como a de berinjela com soja numa boa, Jo.

Mentalmente, aplaudo sua astúcia, sendo sincero e tendo tato ao mesmo tempo. O casal mais velho é divertido demais, além de muito atencioso comigo e com Heitor. Olho para meu filho sentado na parte mais rasa da piscina, brincando com uns infláveis que Bernardo desencavou do depósito de coisas de piscina.

A casa é muito grande e não conheci nem metade dela da última vez em que estivemos aqui. Fran e Jo parecem frequentar bastante o lugar, pois

PERIGOSAS ACHERON

a mulher sabe onde encontrar cada coisa que precisa na cozinha da área de lazer e Bernardo não precisa auxiliá-la em nada.

A amizade entre eles é relativamente nova, quase dois anos, desde que Bê começou sua reabilitação e conheceu Fran em um grupo. Eles não moravam aqui no Guarujá, mas aceitaram vir para cá para fazer a WA acontecer. Ele é nascido na França, tem um leve sotaque, mas está há tantos anos no Brasil que mais parece daqui. Joana é de Recife, em Pernambuco, e ambos se conheceram quando o François ficou um tempo na pousada da família dela.

Eu adorei ouvir as divergências sobre sua história de amor, pois eles não paravam de implicar um com o outro nem para contar sobre o começo do relacionamento, contudo era mais claro que o sol o quanto eles se amavam. Uma relação assim acho que é o que todo mundo sonha em ter, cheia

de cumplicidade, de afeto, de risadas. O que meu casamento me deixou de aprendizado foi que quem ama de verdade não oprime, não subjuga, não impede a pessoa amada de crescer e ser livre.

Amor verdadeiro é aquele que respeita as diferenças sem que isso seja um peso, que entende que, mesmo em casal, ainda somos pessoas com individualidades. Olho para Bernardo que se levantou enquanto divagava e entrou na piscina com o Heitor. Amor verdadeiro é aquele que aceita o outro da forma que é.

Seguro o fôlego ao ver meu menino subir nas costas do Bernardo e os dois irem nadando para o fundo. O carinho evidente entre eles é inexplicável, indescritível e muito emocionante. Claro que, como mãe e a única a ter esse carinho, sinto um pouco de ciúmes, mas minha alegria é maior.

— Não precisa se preocupar por eles. —

Joana senta-se ao meu lado, ainda com seu avental posto e uma colher de pau na mão. — Deve ser estranho para você ter outra pessoa com vocês depois de tanto tempo sozinhos.

— É. — Admito. — Ao mesmo tempo que gera uma felicidade enorme, traz também medo de uma decepção.

— Não fique. — Ela dá uma batidinha na minha mão e se levanta. — Helena, vocês estarem juntos agora não é por acaso. E aquele... — Aponta. — É um reencontro. Não se preocupe!

De novo ela me deixa sem ar com seu jeito misterioso de falar sobre mim, Bernardo e Heitor. Nunca acreditei nessas coisas de destino, de ter algo já escrito sobre nosso futuro, nossas interações pessoais, no entanto, cada vez que ela fala sobre isso, meu corpo inteiro se arrepia, e eu penso em como tudo foi tão natural entre os dois, como Bernardo conquistou a confiança do meu pequeno

rapidamente.

Levanto da mesa e, ao invés de ficar pensando nessas coisas e temendo que algo possa atrapalhar a felicidade que está vindo ao nosso encontro, decido aproveitar o momento e curtir essa alegria de estar com alguém que, além de ser uma pessoa incrível, é um amante excepcional e tem um carinho enorme pelo meu filhote.

— Ei, também quero brincar! — Tiro o vestido que uso por cima do maiô que trouxe e, antes de entrar na parte rasa — a que chamamos de praia — da piscina, sinto os olhos famintos de Bernardo sobre mim.

— Vem, Sereia! — Bê sorri e estende os braços, ainda com Heitor nas suas costas, na parte mais funda da piscina.

Eu nego.

— Não, vou esperar vocês voltarem! — Sento-me no raso, deliciada com a água fresca em

PERIGOSAS ACHERON

contraste com o calor que faz. — Enquanto isso, vou pegar um pouco de sol...

— Vem, Helena, vamos nadar um pouco!

Fico sem jeito e rio, agitando os pés nas águas rasas.

— Aqui é mais divertido! — Finalmente, ele para de me chamar e vem ao meu encontro.

O beijo gelado é gostoso, e eu suspiro quando ele sorri para mim.

— Você fica linda de biquíni, mas esse maiô... — Olha tudo com muita atenção. — Porra, essa delícia de ver seus contornos, mas não ver sua pele; de, mesmo não podendo ver, saber que debaixo daquele tecido estão seus peitos pesados de bicos escuros...

— Bernardo... — Faço sinal na direção do Heitor.

Respira fundo e assente, deitando-se de bruços ao meu lado. Rio da pose, porque sei que

PERIGOSAS ACHERON

está tentando esconder sua excitação que deve estar bem evidente na sunga. É uma delícia a sensação de poder que tenho ao ter noção do quanto mexo com ele.

— Ei, crianças, temos almoço! — Jo anuncia e saio da piscina em busca de uma toalha, que está em cima de uma *chaz*.

Bernardo seca Heitor, sempre falando com ele sobre o que está acontecendo, paciente, explicando em detalhes para que meu filho não fique perdido por estar em um ambiente estranho e com pessoas estranhas. Viro de costas para pegar a toalha, mas, de repente, sou agarrada pela cintura e jogada na água.

O pânico toma conta de mim, me desespero para sair, querendo respirar, sem saber o que fazer. Debato-me sem parar e só me acalmo quando Bernardo me segura pelas costas.

— Helena! — Ouço sua voz preocupada. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena, calma! Te peguei! Te peguei!

Respiro bem fundo e procuro pelo meu filho na borda da piscina. Heitor está paralisado, olhando fixamente para água com uma expressão de medo. Tento sorrir para ele, visando acalmá-lo, mas estou tão assustada que não consigo.

Que merda foi essa?!

Bernardo coloca-me sentada na beirada e segura meu rosto. Vejo a mesma expressão assustada em seu rosto.

— Desculpa! Eu não fazia ideia que você não sabia nadar! Foi uma brincadeira idiota.

Assinto, mas não o encaro por muito tempo, buscando meu filho. Estendo a mão para o Heitor, e ele a pega, vindo rápido agarrar meu pescoço.

— Ei, foi só uma brincadeira. O Bernardo não sabia que mamãe tem medo da água. — Sorrio fraco, e ouço Bê xingando-se baixinho. — Está tudo bem!

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, campeão! — Bernardo toca nas costas do Heitor, mas ele repele o toque.

Sinto meu coração partir ao pensar que, por causa desse momento, Heitor possa isolar Bernardo do seu convívio. Será muito triste se isso acontecer, porque, pela primeira vez, meu filho tinha um amigo de verdade, alguém que ele deixou entrar.

— Calma... — Falo para Heitor, mas meus olhos estão fixos nos de Bernardo, que parece tão chateado quanto meu filho. — Foi só um susto, “Tor”. — Chamo-o pelo apelido de bebê. — Mamãe está ótima, e o Bernardo agora sabe que mamãe tem medo da água, ele não vai mais fazer isso, não é?

— Não, não vou! — Mais uma vez, ele busca o contato com Heitor e, dessa vez, meu filho o recebe e olha para ele. — Sabe de uma coisa, campeão? Acho que mamãe precisa de alguém para ensiná-la a nadar! — Arregalo os olhos. — O que
PERIGOSAS ACHERON

acha? Vamos ensiná-la a não ter mais medo da água?

Heitor se aperta mais a mim, porém pega a mão do Bernardo, funcionando como um elo entre nós. O corpinho tenso relaxa, e Bernardo abre um enorme sorriso ao perceber que ele entendeu e que concorda sobre as aulas de natação.

Tento ficar tranquila, até mesmo sorrio para demonstrar que gostei da ideia, mas a verdade é que estou apavorada!

— Por que você não me disse que não sabia nadar? — Bernardo pergunta mais tarde enquanto nós dois estamos deitados no enorme futon redondo no meio do jardim. — Eu quase morri de susto ao te ver se debatendo daquele jeito.

— Sei lá... — respondo. — Acho que não

PERIGOSAS ACHERON

tivemos uma oportunidade para essa conversa.

— Como não? — Ele me olha. — Eu convidei você para pegar onda na semana passada, lembra? Eu chamei você para nadar conosco na parte funda da piscina hoje.

— Eu sei... não foi proposital! Eu não pensei: “ah, não vou contar para o Bernardo que não sei nadar!”. Só não contei! — Encaro-o séria, com a mesma expressão que uso quando vou repreender o Heitor. — Mas aquilo também não é brincadeira que se faça!

Ele respira fundo.

— Eu sei! Só estava a fim de te dar uns amassos disfarçadamente dentro da água. — Sua cara é tão arrependida que eu não resisto, rio e seguro seu rosto para um beijo.

— Eu fiquei com medo que o Heitor te rejeitasse depois disso.

— Eu também, apavorado! — Confessa. —

Estávamos indo tão bem com Fran e Jo aqui. Tínhamos medo que ele ficasse agitado por ter pessoas estranhas conosco, mas estava muito tranquilo. Eu expliquei sobre o almoço, contei que eles eram grandes amigos e que também amavam a água.

— Sim! Eu gostei como eles não se alarmaram com o que aconteceu. Seria pior ter gente nervosa à nossa volta naquele momento.

— A Jo é muito experiente, é uma ótima TO^[4], especializada em esportes. Ela sabia que o que eu havia feito já era o suficiente para estressar o Heitor, por isso, segurou a onda do Fran quando ele quis correr até nós dois. — Assinto, lembrando de como ela sabia falar e atrair a atenção do meu filho para ela. Realmente, é uma mulher muito especial. — Tomei um esporro enorme. — Ri. — Mas merecido.

— O que ela disse? — Pergunto curiosa.

— Que se eu quero fazer parte da vida de vocês, tenho que ser menos impulsivo e pensar meus atos priorizando o Heitor.

Desvio os olhos dos deles pensando que era realmente isso. Tudo o que eu faço, preciso racionalizar antes, prevendo as consequências na vida do meu filho, suas reações e como lidar com cada uma delas. Faço isso com todo amor do mundo, mas sou a mãe dele, não sei se posso ou devo exigir que Bernardo viva dessa forma.

— Helena. — Sua voz baixinha tem um tom preocupado. — Eu quero fazer parte da vida de vocês e isso é muito pouco a ser feito diante do enorme bem que ele me faz.

Engulo com dificuldade, sentindo um bolo em minha garganta.

— Tem certeza? — Pergunto. — Não é fácil. Ele evolui a cada dia com as terapias, mas ainda se sabe pouco sobre sua condição.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não acho que seja fácil. Por isso mesmo quero estar contigo nessa, ajudando-a no que for preciso. — Respiro fundo. — Eu sei que você esteve sozinha com ele por muito anos e fez um ótimo trabalho! Mas eu estou aqui, voluntariamente, pedindo para que me deixe dividir com você os momentos pesados e as alegrias.

Bernardo limpa uma lágrima em meu rosto com um sorriso sincero e emocionado. Abraço-o com força, pois, mesmo me sentindo a mulher mais feliz desse mundo, ainda tenho medo.

— Confie em mim! — Pede. — Eu estou aqui de peito aberto, querendo muito vocês dois comigo.

— Eu confio — digo baixinho contra seu peito, ainda abraçada a ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Sete

Bernardo

O final de semana com Helena e Heitor, apesar dos contratempos de sábado, foi

o melhor que já tive em muitos anos. Depois da conversa no jardim, fizemos sexo por lá mesmo, sob as estrelas, com o cheiro do mar envolvendo o ar ao nosso redor. Ela, cansada com toda a agitação do dia e por não termos dormido bem na noite passada, dormiu ali mesmo e a carreguei no colo para o meu quarto.

Mano, foi uma delícia vê-la nua na minha cama!

Tomei uma ducha rápida para acalmar um pouco meu tesão, porque realmente queria que ela descansasse e não fosse acordada por um boçal de

pau duro no meio da madrugada, e deitei-me ao seu lado, abraçando-a gentilmente, sentindo o perfume de seus cabelos.

— Eu estou apaixonado por você, Helena — declarei covardemente enquanto ela dormia. — Só espero que eu seja digno de que você sinta o mesmo por mim. — Beijeí seu ombro e fechei os olhos.

Estava sonhando gostoso quando comecei a sentir uma excitação, senti o sangue correndo em direção ao meu pau, inchando-o, erguendo-o e tentei, ainda dormindo, impedir a ereção. Não teve jeito, estava lá, completa, deliciosa, molhada e quente...

Abri os olhos assustado com as últimas sensações e descobri minha sereia utilizando-se da melhor maneira de acordar um homem: com um boquete matinal! Fechei os olhos, curti a onda que era meu pau em sua boca, e depois puxei-a para

PERIGOSAS ACHERON

cima de mim.

Transamos sem camisinha por duas vezes, mas só no começo do ato, só aquela botadinha básica para meu pau sentir o cheiro, o sabor, a textura da deliciosa boceta de Helena. (Antes que me julguem, sei que o pênis não sente nada disso, mas, cara... que onda!)

— Abra a gaveta do criado — disse enquanto ela rebolava sentada no meu pau. — Helena! — Chamei-a, despertando-a do transe em que estava. — Camisinha!

Ela parou, ainda um pouco trêmula, excitada demais com o sexo matutino, e pegou um pacote. Acompanhei-a enquanto colocava o preservativo, um tanto chateado por perder o contato, mas consciente de que era melhor não abusar, afinal, como ela mesma me dissera, não utilizava nenhum método para evitar filhos. Então decidimos fazer exames e conversar sobre o melhor

PERIGOSAS ACHERON

método contraceptivo.

Foi uma verdadeira surpresa acordar assim e o dia começou mais azul e mais feliz para nós dois. Tomamos café da manhã juntos, ela, Heitor e eu. Fiz panquecas, jogando-as para ar enquanto o menino assistia admirado, Helena fez o café e o suco do filho. Coloquei mel nas minhas panquecas e nas dela, mas as do Heitor recheei com Nutella e Morango. O moleque devorou duas grandes sob olhares surpresos da mãe, que alegara que ele comia pouco de manhã.

Fiquei com medo de aquilo dar dor de barriga nele, mas passamos o dia sem nenhum inconveniente a estragá-lo.

Surfei com ele antes da aula e, mais uma vez, prometi ensinar minha sereia sem cauda a nadar. Pela expressão de Helena, era apavorante a ideia de entrar na água, mas eu tinha certeza de que, quando perdesse o medo, iria até querer

PERIGOSAS ACHERON

aprender o surfe.

Almoçamos na casa da Jo e do Fran e de lá subimos a serra em direção a São Paulo. Deixei-os no apartamento e, mesmo querendo ficar mais, fui embora dando espaço para que ela pudesse organizar sua semana com calma.

Nos falamos todos as noites antes de dormir, entre conversas longas e vídeochamadas safadas e cheias de gemidos. Foi então que minha mãe ligou avisando de um almoço na quinta-feira e eu, sem pensar duas vezes, pedi a ela que incluísse mais uma convidada.

Queria muito levar o Heitor também, mas era sua última semana de aula e Helena quis que ele participasse da confraternização com os amigos. Eu sei que teríamos mais oportunidades, no entanto queria mesmo apresentar o menino para os meus pais.

Helena estava uma pilha de nervos na noite

anterior, preocupada com o que vestir, se minha família iria gostar dela, se não achariam estranho eu estar namorando uma mulher divorciada e com um filho, e ela só relaxou quando contei a ela que meu pai se casou com mamãe na mesma condição. Nick já tinha três anos quando mamãe e papai se casaram e Gil sempre o tratou como filho, nunca fez nenhuma distinção entre mim e meu irmão.

Interrompo meus pensamentos quando a vejo sair da Αγάπη, lindamente vestida num tubinho claro, cor de areia, de alças finas e comprimento até os joelhos. O sapato de salto e bico fino dão um ar mais formal ao vestido tão simples, assim como seus cabelos soltos e brilhantes.

A mulher é linda demais!

— Uau! — Ela ri da minha exclamação, e eu a beijo sem medo de borrar o batom, não pude resistir. — Você está maravilhosa!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostou mesmo? — Olha para baixo e alisa o vestido que lhe assenta como uma segunda pele.

— Perfeita! — Abro a porta do carro. — Por favor!

— Nunca me acostumo a esse cavalheirismo todo! — Ela ri. — Não estou reclamando, não, pelo contrário.

— Ah, bom, porque, se incomodasse, deixava você abrir a porta sozinha. Sei que você é capaz disso, só o faço porque quero impressionar.

Helena sorri divertida e relaxada, e eu fico feliz ao vê-la sem aquela tensão toda.

Minha família é rica, importante, tem status, mas é muito acolhedora, composta por pessoas sinceras e educadas. Eles nunca a tratariam mal, ainda que não gostassem dela, o que, eu tenho certeza, não será o caso. É impossível não se apaixonar pela doçura e a força de Helena.

PERIGOSAS ACHERON

Sigo até a casa dos meus pais enfrentando o trânsito tedioso da hora do almoço, mas completamente satisfeito por tê-la ao meu lado. Nada poderia estragar meu bom humor. Helena cantarola uma música no carona, mas, ainda assim, aperta e contorce suas mãos sobre seu colo, demonstrando nervosismo.

Passo pelos portões de ferro da mansão onde nasci e cresci e estaciono junto ao carro do Nick e um outro que não reconheço, intrigado porque nunca temos convidados de fora da família nesses almoços semanais.

Como sempre, Marinete está à minha espera na porta da casa, com a mão na cintura e uma cara de brava, que muda completamente quando vê Helena.

— Oh, senhorita Santorini! — Reconhece-a e abre um enorme sorriso. — Quanto tempo!

— Sim, desde o casamento. — Helena a

PERIGOSAS ACHERON

cumprimenta. — Como está?

— Muito bem, embora um pouco contrariada porque esse menino aí nunca aprende a chegar no horário marcado! — Eu tasco um beijo estalado em sua bochecha e ela me dá um tapa no ombro. — Sossegue, menino, o que a moça vai pensar?

— É bom que ela saiba que você foi e sempre será meu primeiro amor, Mari! — Helena ri quando a governanta fica vermelha como um pimentão. Eu sempre amei mexer com a Marinete, e ela sempre devolveu as brincadeiras com tapas e safanões.

— É um descarado, mesmo! — Ri. — Entrem, já estão todos aguardando vocês! Seja bem-vinda, Helena Santorini.

— Obrigada!

Entramos de mãos dadas, as de Helena estão frias e suadas, e minha mãe, que conversava

alegremente com dona Silvia Villazza, para de falar e abre um enorme sorriso ao me ver chegar com Helena.

— *Dio santo, Helena!* — A mãe de Giovanna também reconhece a mulher ao meu lado e a mão de Helena aperta a minha, nervosa.

Olho em volta e percebo que o almoço semanal se transformou em uma pequena reunião, pois, além da dona Silvia, estão presentes o pai adotivo de Gio, Andreas Vilazza e o detestável primo dela, Guido Andretti, além, claro, de Nick, Gio e Mia.

— Boa tarde! — Meu pai vem até nós e pega a mão de Helena para beijar.

— Quanto tempo! — Ela sorri sem jeito e o cumprimenta. — Seja bem-vinda!

— Obrigada. — Ela me olha sem saber o que fazer.

Chegou a hora, Bernardo!

— Família, Vilazzas... — Olho para o ruivo com cara de poucos amigos. — Guido, essa é a Helena Santorini, minha namorada.

Giovanna abre a boca de tal maneira que parece que seu queixo, literalmente, caiu. Nick abre um sorriso e me cumprimenta erguendo seu copinho de pinga — tão dele beber aquilo! — Seguido por seu Andreas que apenas cumprimenta Helena com um sorriso e de dona Silvia que, pela expressão, já deve estar pensando nas vantagens de eu me casar com uma assessora de casamentos (que Deus me defenda de preparativos longos e tediosos quanto foram os do casamento do meu irmão!).

Mamãe se aproxima de nós e me abraça forte, seguindo logo para Helena. Rio ao notar que ela dá uma sufocada na minha sereia, que me pede ajuda com os olhos, mas eu, maldoso, só dou de ombros.

Ela estava preocupada de não ser aceita?

Agora lide com abraços apertados e perguntas sobre netos em breve, porque dona Cecília, com certeza, já está fazendo planos de outro bebê nessa casa.

Minha família é assim, gostam ou não logo à primeira vista, e não tem reservas para demonstrar afeto, pelo contrário, às vezes, exageram na dose.

— Ah, *più una donna italiana in questa famiglia*^[5]! — Dona Silvia a cumprimenta.

— Sou brasileira, só tenho ascendência italiana, dona Silvia. — Ela se explica.

— Eu também sou brasileira. — Giovanna ri da mãe e cumprimenta Helena. — É um prazer enorme revê-la.

Helena olha para o pequeno calombo na barriga de Gio e fica emocionada.

— *Uno bambino!* ^[6] — Helena usa seu

italiano perfeito para falar com minha irmã. —

Benedetti essere!^[7]

— *Amen!*

As duas se abraçam e Nick me puxa para um canto e oferece-me uma bebida, a qual dispenso, pois estou dirigindo.

— Então, resolveu investir e teve bons resultados! — Ri. — Sabe que vocês vão virar as costas e mamãe vai começar a traçar planos de casamento, não é? Ainda mais com minha sogra aqui em casa.

Rio e concordo.

— Eu não esperava tantos expectadores. — Olho a balbúrdia em volta de Helena, todos falando de uma só vez, apenas seu Andreas e Guido continuam sentados. — O que seus sogros estão fazendo aqui? E ele? — Faço sinal para o ruivo.

— Vocês ainda não superaram a briga que tiveram no meu casamento? — Dou de ombros, e

PERIGOSAS ACHERON

Nick gargalha. — Vieram para o Baile Branco e Preto, mas aproveitaram para passar o Natal conosco. Mamãe convidou o carcamano também, mas ele tinha uma reunião ou algo assim e Isabella estava finalizando uns processos no escritório antes do recesso de final de ano da justiça.

— Você fala de mim com o Guido, mas olha como fala do seu cunhado! — Sacaneio.

— Frank é uma figura única, Bê! — Ri de si mesmo. — A coisa entre vocês é para valer? — Aponta Helena.

— É — respondo, buscando, com o canto dos olhos, a mulher que chegou na minha vida e preencheu todos os espaços vazios, alguns que eu nem sabia que tinha. — Gostaria de ter trazido o Heitor, mas ele está no último dia de aula hoje.

— Sim, Mia chegou há pouco da escola também. Férias! — Comemora.

Mamãe nos chama para sentarmos à mesa e,
PERIGOSAS ACHERON

depois de uma prece feita pela dona Silvia, o almoço é finalmente servido. A conversa gira em torno das festas de fim de ano, do baile beneficente dos Villazzas no ano novo e do desempenho de Mia no balé, talento herdado da mãe.

— Helena, se não me engano, você tem um filho quase da idade da Mia, não tem? — Gio pergunta.

— Tenho — responde. — Um pouco mais de um ano mais velho, creio eu.

— O nome dele é Heitor. — Intrrometo-me na conversa. — Ele é meu aluno na WA, foi por causa dele que Helena e eu tornamos a nos encontrar.

— Ah, que maravilha! — Mamãe exulta. — Você precisa trazê-lo até aqui para que possamos conhecê-lo! — Diz animada. — Viu só, Mia, um amiguinho para brincar!

Helena fica tensa e me olha temerosa. Eu

PERIGOSAS ACHERON

sei o que ela está pensando. Minha família é completamente sem noção de ordem ou volume para falar. Quando não falam todos ao mesmo tempo, tem alguém gargalhando alto ou fazendo piadas. Sinceramente, não sei como Heitor lidará com nosso jeito, mas de forma alguma pretendo isolá-lo.

— Mia, ele está aprendendo a surfar com o tio, mas nada muito bem! — Seguro a mão de Helena por baixo da mesa. — Parece um peixe! E tem mais! — Olho para meu pai. — Acredita que ele me derrotou fácil no xadrez? Emprestei uns livros do Nick sobre o jogo que estavam lá no Guarujá para que ele lesse, e o danado me superou!

— Nossa, que inteligente! — Gilberto sorri, pois também adora jogar. — Quero conhecer esse meu mais novo oponente.

— Vocês vão! — Sorrio para minha sereia. — Vamos marcar para trazê-lo aqui ou podemos

nos encontrar em outro local, não é? — Helena puxa o ar profundamente e dá um sorriso, assentindo. Chego perto de seu ouvido e falo baixinho. — Não se preocupe com ele, vou preparar o terreno para que, quando venha, encontre um ambiente calmo, até se acostumar.

— Eu só não quero stressá-lo...

— Eu sei, sereia, nós vamos conseguir. Ele é um garoto muito especial e tenho certeza de que, assim como eu, todos aqui vão adorá-lo.

Ela sorri confiante e o assunto corre em outras direções, deixando-a mais solta e integrada a minha família.

Antes de voltarmos ao trabalho, depois de degustarmos a deliciosa sobremesa da Marinete, levei Helena para conhecer meu quarto. Ela, claro,

PERIGOSAS ACHERON

ficou horrorizada com a bagunça, mas eu tentei mostrar-lhe que, mesmo com tanto entulho, havia uma ordem ali.

Tinha dezenas de pranchas espalhadas, skates, equipamentos de mergulho, uma cesta de basquete na parede com uma bola no cesto que amarrei para funcionar como um suporte, vários posters colados na parede, a maioria de grandes surfistas e ondas, o violão jogado em um canto, o teclado no outro, assim como uma gaita que nunca aprendi a tocar direito.

— Você é um acumulador, Bernardo Novak! — Ela estava visivelmente apavorada. — Por que sua mãe já não se livrou dessa tralha toda ou a enviou para seu apartamento?

— Nem se eu quisesse! — Joguei-me sobre a cama, curtindo a sensação de estar de volta. — Se você for ao quarto do Nick, vai encontrá-lo exatamente como era antes que ele saísse de casa.

Dona Cecília se recusa a aceitar que seus meninos cresceram e voaram para fora do ninho.

Helena concordou.

— Não deve ser fácil mesmo! — Folheou algumas das minhas revistas esportivas que estavam em cima da escrivaninha. — Você sempre amou os esportes?

— Sempre! — Disse orgulhoso. — Mamãe diz que eu já devia surfar em sua barriga e que, quando vi o mar pela primeira vez, ainda era um bebê, mas fiquei parado olhando, admirado o vai-e-vem das ondas.

— Igual ao Heitor. — Sorriu. — Quem são? — Apontou para o único porta-retratos em cima do móvel.

— Meu amigo de infância, Fernando e sua esposa, Paola. — Fui até ela e peguei a foto, tirada no dia do meu aniversário lá no Guarujá há mais de seis anos. — Eles moram nos Estados Unidos, têm

dois meninos, gêmeos.

— É tão bom ter amigos de longa data! Eu nunca pude os ter, estava sempre mudando de colégio ou de cidade. — Deu um sorriso triste. — Você os vê com frequência?

— Não, infelizmente. O Fernando esteve comigo quando me acidentei, ficou no hospital, sabe? Ajudou o Nick a cuidar de mim como um verdadeiro irmão.

Helena me olhou de um jeito que eu soube que ela queria saber mais acerca do meu acidente, mas não tinha coragem de perguntar.

— Não tenho problema em falar disso, Helena. — Incentivei-a.

— Eu li alguma coisa na internet sobre seu acidente, mas não tinha muitos detalhes...

— É porque não tem mesmo! Eu estava voltando de uma festa de madrugada, tinha bebido, mas não estava bêbedo, ainda assim, hoje penso

que deveria ter ficado lá ou vindo de táxi... — Dei de ombros. Não posso mudar o passado, então ficar pensando nessas possibilidades é apenas para me causar sofrimento. — Enfim, parei em um cruzamento, o sinal abriu, avancei e só me lembro do estrondo e da dor lancinante, apaguei e acordei já no hospital sem parte da perna.

— E o outro motorista? — Perguntou.

— Ninguém sabe! Câmera com defeito e a outra só conseguiu gravar parte da lataria de uma caminhonete azul muito amassada.

— Ele foi embora sem prestar socorro? — Perguntou indignada.

— Foi. A rua estava deserta, fiquei lá desmaiado por bastante tempo até que passou um carro e os ocupantes ligaram para a emergência. Infelizmente, muitos agem assim, fogem sem querer saber se a pessoa ali ainda está viva. Eu poderia ter morrido sozinho naquele lugar, mas tive

sorte. — Beijo-a para afugentar um pouco as lembranças dolorosas. — Precisamos ir, tenho uma reunião daqui a uma hora.

— Eu também, uma degustação.

Apertei-a contra mim.

— Eu queria poder ter tempo para degustar você!

— Aqui?! — Ficou toda vermelha e meu pau subiu rápido em resposta.

— Sim! Qualquer dia vamos fazer isso! — Pisquei. — Viremos jantar, vamos escapulir e fazer uma rapinha aqui... — Toco a escrivadinha. — Em pé, você apoiada de costas, e eu indo fundo em você!

— Bernardo! — Ela tentou me repreender, mas senti sua pele se arrepiando toda, apenas com a imaginação da nossa transa.

Despedimo-nos de todos, mamãe reiterou o convite para que ela e Heitor fossem jantar com

PERIGOSAS ACHERON

eles qualquer final de semana, e deixei-a no *showroom* da Αγάπη para acompanhar a degustação de bolos de uma de suas noivas piradas.

Eu adoro quando ela me conta as histórias mais esdrúxulas de suas noivas, racho de rir!

— Bernardo, o que acha? — Balanço a cabeça para voltar a me concentrar na reunião de pauta, deixando para trás as memórias desse dia tão especial com Helena.

Na verdade, com ela, todos os dias se tornaram especiais.

Vinte e Oito

Helena

Bernardo me deixa na Αγάπη, e eu saio correndo para encontrar a noiva e sua mãe que vieram para uma degustação de bolos. Sinceramente, eu gosto dessa menina que vai casar, é doce, não é cheia de frescuras e muito coerente como o que deseja. Uma das noivas mais fáceis com quem já tive que lidar até hoje.

Entro no *showroom* e encontro a Marília recolhendo os pratinhos com os pedaços de bolo e tomo um susto, achando que perdi a hora.

— Errei o horário? — Pergunto para a Deia.
— Eu jurava que estava marcado para as quatro da tarde!

— Relaxa, estava, sim, mas a garota não

vem. — Ela se aproxima de mim. — Desmarcou o casamento ontem à noite, mas só contou para os pais pouco antes do horário da degustação. — Eu faço careta, imaginando a cena. — Ao que parece, o noivo querido já tinha começado a *despedida de solteiro* um ano antes do casamento e engravidou uma de suas *despedidas*.

— Puta merda! Coitada! — Fico realmente com pena, pois gostava mesmo da moça. — Ainda bem que ela descobriu antes, viu? Ninguém merece casar com um embuste desses!

— Hum, que mulher empoderada! — Marília chega debochando. — Está vendo aí, Andreia, voltou a usar a *pepeka* e está até mais confiante!

— Marília! — Deia repreende a esposa, mas cai na gargalhada junto com ela. — E como vão as coisas com o “surfistinha”?

— Muito bem! Acabei de almoçar com a

PERIGOSAS ACHERON

família dele.

— Hum, a coisa está ficando séria! —
Marília me abraça. — Se tem uma pessoa que
merece ser feliz, e digo isso independentemente de
ter um homem no meio ou não, é você, Leninha!

— Assino embaixo! Mas um *boy* gostoso é
sempre um *up*!

— Mas que merda é essa? — Marília põe as
mãos na cintura. — Está toda saidinha, hein, dona
Andreia!

Prevejo uma das discussões delas sobre
Deia ser bi e achar homens bonitos e Marília ter
ciúmes demais, então saio de fininho e subo para o
escritório, onde Kyra está falando ao telefone.

Aceno para ela e sento-me à mesa para
trabalhar, no entanto, mal consigo ligar meu
computador e o celular toca. Bufo ao ver o nome do
Rubem sem entender o que ele quer comigo dessa
vez.

— Oi, Rubem! — Atendo.

— Estou no carro, estacionado em frente ao seu trabalho. Saia, quero falar com você!

O quê?! O homem acha que me manda?

— Não! Estou ocupada, preciso terminar vários...

— Foda-se o que você tem que fazer! — Ele parece alterado. — Se você não quiser que entre aí e a arraste à força até aqui, venha por conta própria!

Dito isso, desliga o telefone.

Eu fico trêmula, branca como um lençol, coração disparado, lembrando sempre das ameaças e agressões que sofri ao longo dos anos nas mãos dele. Foram anos em um relacionamento abusivo e, mesmo quando me dei conta disso, não consegui sair, porque ele me fez tão dependente dele, que até hoje se acha no direito de me dar ordens.

— Lena, tudo bem? — Kyra pergunta

preocupada. — Você está sem cor! Seus lábios estão brancos... Alguma notícia ruim?

— Não. — Balanço a cabeça e levanto-me. Não posso me deixar intimidar por ele! Vou até a máquina de café e me sirvo de uma xícara. — Deve ter sido uma queda de pressão.

Volto a me sentar e consigo apenas abrir a primeira planilha, pois logo ouço a porta do escritório bater e sei que é ele.

— O que você está fazendo aqui? — Kyra o intercepta na porta. — Isso é propriedade privada, ponha-se daqui para fora, eu chamarei a polícia!

— Vá caçar um macho, mulher azeda! — E a empurra para o lado, vindo em minha direção. — Eu avisei, você acha que está lidando com um moleque? — Grita para mim. — Você pode até estar trepando com um, mas eu não sou, Helena! Se a mando sair, você sai!

— Lena, vou ligar para a polícia! — Kyra

PERIGOSAS ACHERON

avisa-me.

— Não, Kyra. — Respiro fundo. — Eu dou um jeito aqui. — Olho-a, desviando-me de Rubem. — Você pode nos dar licença?

Kyra arregala os olhos e nega.

— Tem certeza?

— Sim, por favor.

Ela respira fundo e pega o telefone.

— Eu estou aqui na porta, se ouvir qualquer tipo de ofensa ou mesmo sentir que você irá agredi-la, ligo para a polícia, seu monte de bosta!

— Vá te foder, mulher!

Rubem me enoja com seu desprezo para com as do meu sexo. Seu machismo é tão retumbante que me ensurdece, me tira do prumo, mas não posso fraquejar, não agora, não me frente dele, nunca mais!

— O que você quer falar? — Pergunto séria, encarando-o.

— Já estou sabendo que está usando o *meu* apartamento para suas putarias com um moleque!

— E o que você tem a ver com isso? Somos divorciados há muitos anos!

— Foda-se! O apartamento é meu, você mora lá de favor, me deve respeito! Quer foder com alguém, use algum motel de quinta na beira da estrada que é o que sua foda vale, não no meu imóvel, não com *meu filho* debaixo do mesmo teto!

— Ah, agora Heitor é *seu filho*? — Rio, sarcástica. — Engraçado você só lembrar disso agora.

— Eu sustento você por causa dele, sua idiota! — Grita. — Nunca deixei faltar nada pro moleque! — Chega perto de mim, mas não me movo, nem demonstro qualquer medo. — Pare já de entreter seus machos lá, senão, além de ficar sem casa e sem carro, vai perder também seu filho.

Seguro o fôlego ao ouvir a ameaça, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

sabendo que não é tão fácil assim como ele quer que pareça ser.

— Tente, Rubem! — Ameaço-o. — Tente tirar o Heitor de mim que todos nessa maldita cidade, inclusive seus amiguinhos de famílias tradicionais, vão saber que tipo de pai é você, que tipo de marido você foi!

Ele ri.

— Não blefa, você não sabe fazer isso! Você não tem prova nenhuma de nada durante nosso casamento e, quanto ao garoto, eu tenho todos os recibos de tudo o que já gastei com tratamento para o pequeno retardado. — Ouvi isso é pior do que tomar um soco, e eu fecho os olhos para amortecer a dor. — Eu não quero mais ter notícia de homem nenhum dentro do meu apartamento, ouviu?

— Você me enoja! — Falo entredentes, ainda absorvendo o impacto de suas palavras

PERIGOSAS ACHERON

pejorativas. — Eu não entendo como um dia pensei que amava você.

Rubem ri e se afasta, indo até a porta.

— Você sempre foi burra, Helena, não sei por que se surpreende!

Ele abre a porta, fala alguma gracinha escrota para a Kyra, que o ignora e entra correndo para me abraçar.

— Você não pode deixar isso continuar, Lena!

— Eu sei! — É a gota d'água, preciso dar um jeito de viver longe dele, das coisas dele. — Eu preciso...

— Espere um tempo e vá para casa. — Assinto. — Você não está em condições de trabalhar hoje. Descanse e pense, mas, por favor, não o deixe mandar em você desse jeito, ameaçar você desse jeito.

— Desculpe-me por isso, Kyra.

— Pare com isso! Você não tem nada a se desculpar, pelo contrário. — Limpa meu rosto e só então percebo que estou chorando. — Tome uma atitude, minha amiga, eu temo que isso não acabe bem, temos muitas estatísticas que provam isso.

— Eu vou. — Respiro fundo. — Eu vou.

Chego em casa e encontro mamãe já a preparar o lanche da tarde do Heitor, esperando-o chegar da escola. Assim que me vê, percebe que algo ruim aconteceu e corre em minha direção.

A princípio, ela pensa que foi alguma coisa com Heitor, mas a tranquilizo.

— Foi Rubem. — Minha mãe bufa de raiva. — Ele soube do meu namoro com o Bernardo e foi tirar satisfações no escritório.

— Filho da mãe! — Ela senta-se no sofá. —

Esses porteiros fofoqueiros, só pode!

— Não importa, o fato é que, enquanto eu viver sob a caridade dele, pensará que pode mandar e controlar minha vida.

— Caridade? Caridade?! — Dona Alda fica irritadíssima. — Ele é o pai do seu filho! Você esteve casada com ele por anos, aguentou muita merda dele, não é mais do que a obrigação dele ajudar nos cuidados do meu neto!

— Você conhece a cabeça dele, mãe — digo desanimada. — Inventou um contracheque fajuto para que a pensão fosse quase irrisória exatamente para me deixar na dependência dele. Não posso mais, mãe! Preciso ir para outro lugar com Heitor e arcar com as despesas sem nenhuma ajuda dele.

— Helena, isso é loucura, minha filha! Ele e a família são cheios da grana, vivem em luxos, e Heitor tem o direito de ter o mínimo conforto! Não

PERIGOSAS ACHERON

é favor, é direito dele!

— Ele nunca foi pai para meu filho, mãe. —
Solução. — Nunca! Heitor, a princípio, foi seu “troféu”, afinal o irmão só teve meninas, ele exibia o macho da família como se fosse filho de um rei. Depois, quando começamos a notar os sintomas do autismo, ele se afastou e o rejeitou como se fosse um objeto com defeito! — Mamãe concorda. — Ele nunca fez questão de estar presente!

— Eu sei, minha filha, mas...

— Lembra quando Heitor teve pneumonia há uns dois anos?

— Sim, como esquecer? Ligamos para ele a noite toda, mas estava em uma festa e não podia vir nos levar para o hospital.

— Sim. — Seco as lágrimas lembrando do doloroso momento de ver meu filho convulsionando por causa da febre alta, sem carro para levá-lo, chamei um táxi e liguei para o Rubem,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que só apareceu no hospital quase 5 horas depois que chegamos, bêbado e com o carro batido. — Nós quase o perdemos, e ele estava preocupado com o carro!

— Sempre foi um idiota! Um verdadeiro pavão como aquela cor ridícula daquele monstro que dirigia.

Concordo com a descrição, pois, na época, ele tinha uma Dodge Ram azul...

Paraliso no mesmo momento que lembro da caminhonete e da cor chamativa dela, lembrando-me inclusive que, depois do conserto, ele mudou a cor do carro para preto e logo a vendeu.

Minha mãe percebe que mal consigo respirar, estou trêmula e fria. *Não é possível, Helena! É só uma coincidência!*

— Filha, o que foi? Está sentindo algo?

— Você lembra da data exata, mãe? Que o “Tor” ficou internado?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dona Alda não entende a pergunta, mas, ainda assim, nega.

— Não, filha, faz tempo.

Levanto-me em desespero e corro até meu armário para pegar a pasta onde guardo todos os receituários dele e os boletos do plano de saúde. Olho um por um em desespero enquanto minha mãe pergunta o que está havendo.

Quando acho a guia de internação, pego meu celular e refaço a pesquisa que fiz assim que reencontrei Bernardo.

— Ah, meu Deus! — Fecho os olhos e sinto o mundo todo desmoronar.

As datas são as mesmas!

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Nove

Helena

— Mãe... — Minhas mãos estão trêmulas quando estendo a ela a guia de internação e o celular com a reportagem sobre o acidente de Bernardo. — Olhe as datas.

Com o cenho franzido, sem entender nada, ela coloca os óculos de leitura que estavam pendurados pelo cordão em seu pescoço e faz o que eu peço, primeiro lendo toda a matéria que dizia que um dos grandes nomes do surfe brasileiro havia tido parte da perna amputada depois de um acidente de trânsito, para, em seguida, olhar a data da internação do Heitor.

— Oh, meu Deus! — Dona Alda se senta ao meu lado na cama. — Filha, você acha que foi...

Não! — Nega, estarecida. — Seria coincidência demais!

— Bernardo me disse que o motorista fugiu e que só conseguiram pegar parte da lataria da caminhonete que abalroou seu carro. Azul, mãe, ele disse que a caminhonete era azul.

— Se for verdade, o que você pensa em fazer? Já se passaram dois anos!

Passo as mãos pelo rosto tentando clarear as ideias ou mesmo acordar daquele pesadelo sem fim. Rubem, meu ex-marido, pai do Heitor, foi o responsável por Bernardo ter interrompido sua carreira, seus sonhos! Rubem fugiu, foi atrás de mim no hospital onde estava com meu filho e inventou uma desculpa que, ao sair do estacionamento, tinha batido em outro carro e que por isso não podia ficar.

Na época, eu fiquei revoltada, achando que ele estava dando mais atenção ao carro do que ao

PERIGOSAS ACHERON

filho, o que eu não sabia era que queria esconder e apagar os vestígios do grave acidente que provocara.

— Eu não entendo de leis, mãe, não sei se o que aconteceu ainda pode gerar consequências. — Ela assente, concordando comigo. — Rubem abandonou um homem ferido à sorte, Bernardo quase morreu! Que tipo de monstro é esse homem com quem me casei?

— Oh, minha menina! — Mamãe me abraça apertado, chorando junto comigo.

Eu não sei o que fazer! Não possuo provas que liguem Rubem ao causador do acidente do Bernardo, não posso simplesmente acusá-lo por datas iguais e meu testemunho de que chegou ao hospital com o carro amassado, pois nem mesmo vi a caminhonete.

Para mim não há mais dúvidas, foi ele!

— O que eu faço, mãe? — Pergunto

desesperada. — Eu não posso acusá-lo, mas também não vou conseguir ficar ao lado do Bernardo sabendo da verdade!

— Não é justo o Rubem ter o poder de minar sua felicidade desse jeito, minha filha. Chega de deixar esse homem controlar e manipular sua vida, mesmo indiretamente. — Ela segura meu rosto e me faz encará-la. — Você é a mulher mais guerreira que eu tive o prazer de conhecer na minha vida, filha, mas sempre se diminuiu diante desse homem. É hora disso acabar!

Concordo que não posso deixar que Rubem continue intervindo na minha vida desse jeito, mas eu vou conseguir levar uma relação com Bernardo e não contar a ele o que eu descobri, mesmo não tendo provas suficientes?

Não, não vou!

— Será que ele não colocou o carro para arrumar na mesma oficina que vão todos os carros

PERIGOSAS ACHERON

da empresa? — Mamãe pensa alto. — Se ele tinha algo a esconder, duvido que tenha acionado o seguro.

Sim! Encho-me de esperanças de encontrar algo. Penso na Margareth, uma das meninas que trabalha no escritório da oficina, cujo casamento eu organizei quase de graça, pois fizemos amizade de tantas vezes que precisei reparar o carro antigo que Rubem havia me cedido.

Se Rubem realmente levou o carro até a oficina, com certeza eles terão algum registro por lá, e essa é minha chance de conseguir alguma prova de que era a mesma caminhonete e entregá-la ao Bernardo.

Essa possibilidade também não deixa de me apavorar, pois não sei como se sentirá ao saber que o meu ex-marido foi o causador do seu acidente. O pai do Heitor, meu Deus, o menino que ele tanto ama e admira.

Por que nossas vidas se cruzaram dessa forma?

As palavras da Jo dizendo que nosso encontro já estava predestinado a acontecer martela em minha mente sem parar. Só por causa daquele acidente que Bernardo usa prótese, e ele mesmo me disse que se tornou uma pessoa diferente, melhor, depois que isso aconteceu. E foi por ter se tornado essa pessoa que ele fundou a WA, onde levei meu filho e nos reencontramos.

Santo Deus, será possível?

Tento não pensar sobre isso, sobre esses desdobramentos da vida e das possibilidades de isso ser obra do destino ou não, e foco em achar uma forma de ir até a oficina conseguir o que quero.

Lembro então que o carro apresentou um problema lá no Guarujá na primeira noite em que dormi na casa do Bernardo e decido marcar uma

PERIGOSAS ACHERON

revisão amanhã. Vou ter que ir até o escritório e torcer para que a Margareth esteja lá e puxar o assunto da caminhonete do Rubem de maneira despretensiosa.

Mamãe confere as horas e se levanta, pedindo para que eu jogue uma água no rosto, pois está próximo do horário de Heitor chegar em casa. Meu filho, a partir de hoje, está de férias e, com isso, dona Alda praticamente se mudará para cá a fim de cuidá-lo enquanto eu trabalho.

Semana que vem, vou começar a buscar um apartamento para mudar-me com Heitor. Não poderei alugar nada novo, bem situado ou grande, mas, pelo menos, será nosso. Não sei como será a adaptação do Heitor a essa nova casa, esse sempre foi o principal motivo para que eu permanecesse aqui e aguentasse todas as interferências de Rubem, mas, nem que eu precise pagar aluguel antes de me mudar e ir levando-o de tempos em tempo para o

PERIGOSAS ACHERON

apartamento novo até que se acostume, preciso dar um basta nessa situação! Estou cansada e o que ele fez foi muito grave, ameaçando-me, invadindo meu trabalho. Isso não pode continuar assim.

Meu coração dispara quando fecho o portão do grande galpão onde funciona a oficina que faz os reparos nos carros da empresa da família de Rubem. Respiro fundo e entro com o veículo, cumprimentando um dos mecânicos e lhe entregando as chaves.

— Vim marcar manutenção. — Ele assente e aponta para o escritório, manobrando o carro para estacioná-lo em local que não atrapalhe os trabalhos.

Sigo diretamente para o mezanino onde funciona o escritório, recintando vezes seguidas o

PERIGOSAS ACHERON

mesmo mantra: “que ela esteja aqui!”, “que ela esteja aqui!”.

Dou umas batidinhas na porta antes de entrar, mas me decepçiono ao ver que Margareth está atendendo um senhor enquanto uma outra funcionária está sem ninguém e me chama.

Sorrio para a moça e sento-me na cadeira à sua frente.

— Trouxe o carro para manutenção preventiva. — Ele mexe no computador e me pergunta se já tenho cadastro do veículo.

— Lisa, ela tem, sim! — Margareth é quem responde. — Se quiser ir adiantando as coisas lá dentro, pode ir que já acabei aqui e atendo a Helena.

— Ah, a senhora não se importa? — A tal Lisa me pergunta.

— De jeito algum, eu conheço a Margareth, ela já tem meus dados, será mais rápido. Pode ir!

A moça se levanta ao mesmo tempo que o senhor que estava com Margareth, que vem, toda saltitante, me cumprimentar.

— Oi, Helena! É ótimo te ver! — Retribuo o abraço e o beijo no rosto, pois ela sempre foi muito simpática comigo. — Eu queria mesmo falar com você.

— É mesmo? Que bom então! — Sento-me agora na cadeira de frente à sua mesa. — No que posso ajudar você?

Ela bate palmas.

— Eu estou grávida! — Cumprimento-a, muito feliz, principalmente por ver que esse bebê a deixou radiante. — E queria que você organizasse um chá de revelação para mim!

— Ah, sim, isso está em alta! — Sorrio. — Para quando seria?

— Estou com sete semanas, a ultra para ver o sexo foi marcada para quando eu estiver com 16

PERIGOSAS NACIONAIS

semanas, mas sei que é pouco tempo, então, mesmo com muita curiosidade, o Pablo e eu decidimos fazer o chá apenas quando completarmos nosso oitavo mês.

— Então seria para daqui seis meses, certo?

— Isso!

Penso um pouco na agenda, lotada.

— Sabe para quantas pessoas? Quer uma festa grandiosa?

— Não, só algo bem decorado para as fotos.

— Assinto. — E, no dia, só irá a família e alguns amigos, umas 50 pessoas no máximo.

— Dá, sim! — Concordo, mesmo sabendo que terei que trabalhar nessa festa no meu horário de folga. — Depois você me manda todos os detalhes que eu monto um croqui e um orçamento.

— Ah, você é demais! — Margareth me manda um beijo. — Vamos lá, chega de falar dos seus serviços, vamos cuidar do meu!

PERIGOSAS ACHERON

— O carro apresentou defeito no final de semana retrasado e isso me despertou que há muito não faço revisão. — Ela assente e confirma os dados do carro.

— Se você quiser, posso te encaixar ainda hoje, mas só na parte da tarde, pode ser? — Concordo. — Ah, nossa! Estou muito feliz mesmo por você ter vindo aqui!

— Eu também... Ah, vê se você pode me ajudar em uma coisa. — Respiro fundo. — Minha mãe e eu apostamos sobre a cor de um carro que o Rubem tinha, sabe? Ela cismou que mudava de cor, mas eu realmente não...

— Ah, a Dodge Ram que ele destruiu, né? — Margareth ri e mexe no computador. — Eu sinto te informar, mas ela ganhou, era pintada com tinta camaleão. — Vira a tela para que eu veja a foto do carro. — Vê? Azul, ouro e verde.

— Como um pavão! — Finjo decepção. —

Ela me disse isso. Ainda não acredito que ele conseguiu vender tão rápido um carro com essas cores.

— Ele pintou depois da reforma. — Abre outra pasta, e eu fico sem fôlego ao ver o estado do carro. — Ele teve sorte de não ter dado PT, o carro que ele bateu no estacionamento devia ser pequeno. — Ela passa as fotos e, numa dela, riscos vermelhos.

— O que é isso? — Pergunto.

— A tinta do outro veículo, geralmente passa por transferência na batida. — Ela acha a foto da caminhonete já consertada e pintada de preta. — Aqui, ficou lindona, né? Pena que seu marido não quis mais.

Assinto sem conseguir falar nada.

Eu vi a foto do carro do Bernardo após o acidente na reportagem na qual confirmei a data. Parecia ser um carro esportivo vermelho. Não

PERIGOSAS ACHERON

restava mais dúvidas!

— Margareth, posso te pedir um imenso favor?

— Claro! — Ela nem titubeia.

— Eu poderia ter algumas dessas fotos?

A moça fica séria.

— Isso vai me pôr em encrenca?

— É um assunto muito sério, mas eu prometo que não vou dizer como consegui. — Respiro fundo. — Se você não quiser, não tem problema, eu entendo.

— Eu não posso passar para você, mas posso sair para pegar alguma coisa no arquivo, sabe? E deixar o computador sozinho por um instante. — Ela se põe de pé. — Já volto. Aceita um café?

Sorrio agradecida.

— Aceito, sim!

Ela mal sai da sala, e eu vou até o lado onde

estava sentada e insiro o pen-drive que trouxe no computador dela, passando uma cópia da pasta com todas as fotos para ele. Em menos de dois minutos, já estou sentada na mesa de volta, aguardando o café.

— Conseguiu tudo? — Pergunta assim que entrega a xícara.

— Sim, obrigada.

— Sem problema, só não me envolva, ok? Sei que, se não fosse importante, você não pediria, confio em você.

— Obrigada, Margareth, pode confiar, sim!

Fico mais uns minutos com ela, chamo um Uber, pois o carro ficaria para a revisão, e sigo para a Αγάπη.

Minha cabeça está a ponto de estourar, mal dormi de noite, ansiosa, temerosa e triste. Bernardo me ligou todo animado e, claro, percebeu que eu não estava como nos outros dias. Tive que mentir,

PERIGOSAS ACHERON

inventar uma desculpa tosca — TPM — para que não desconfiasse que algo mais grave tinha acontecido.

Olho para a minha bolsa e penso no pendrive cheio de fotos que provam que foi a caminhonete de Rubem que bateu no carro de Bernardo. Agora é pensar como devo agir, se entrego tudo para ele, ou se vou até a polícia.

Trinta

Bernardo

Helena está estranha e não é TPM!

Penso ajudando o Fran a guardar os equipamentos depois de mais uma aula no WA. Olho em volta, os alunos indo embora, alguns ficando para curtir mais a praia, os voluntários organizados desfazendo as estruturas, e Jo me olhando com pena.

Bufo, tentando focar no projeto e parar de pensar no que aconteceu para que ela não viesse hoje com Heitor.

A verdade é que Helena está estranha desde quinta-feira, dia que fomos almoçar com a minha família. Não sei se tem a ver com isso, ou se outro fato aconteceu, contudo, naquela noite, quando

liguei para falar com ela, saber como foi o resto do dia e do Heitor, ela já estava diferente.

Justificou que estava com dor de cabeça, causada pela TPM, tinha tomado um analgésico e iria dormir e desligou. Nunca convivi o suficiente com uma mulher em um relacionamento para saber como seria nesses casos, e mamãe nunca se queixou de nada, então não levei muito a sério.

Na sexta-feira, esperei o bom dia dela, pois acorda mais cedo que eu, e ele não veio. Não é que eu ache que temos que nos falar o tempo todo, mas estávamos fazendo isso desde que ficamos juntos lá no Guarujá, então era normal eu achar estranho.

Fui trabalhar e não pensei nisso até a hora do almoço, quando ela me mandou uma mensagem de “boa tarde!” e disse que tinha um dia cheio pela frente e que, por isso, poderia não responder mensagens.

Desejei um dia produtivo e convidei-a para

PERIGOSAS ACHERON

jantar mais tarde.

A resposta, negativa só veio à noite. Segundo ela, precisou trabalhar até mais tarde e, por isso, não viu o convite. Falei sobre o Guarujá, perguntei se viria comigo e ela disse que não poderia ficar o final de semana inteiro de novo, que precisava resolver umas coisas e que não iria descer comigo.

Entendi, claro, afinal ela tem uma vida em São Paulo e suas folgas — pelo menos nesse mês, como havia me explicado — eram nos finais de semana. Perguntei pelo carro e fiquei aliviado quando ela me disse que tinha pegado o veículo há pouco na oficina, pois o levou para revisão.

Senti falta das provocações na conversa, do pedido para me ver, das vídeochamadas e do sexo virtual, mas entendi que ela não estava no clima e dormi tranquilo, esperando vê-la na praia, conversar com ela e tentar descobrir o que

PERIGOSAS ACHERON

realmente estava acontecendo.

Será que Helena estava arrependida?

Fran me olha estranho depois que emito mais um suspiro e depois ri, balançando a cabeça.

— A primeira briga de casal já? —
Questiona.

— Não sei. — Sou sincero. — Ela me disse que viria hoje, mas que não poderia ficar o final de semana todo.

— Talvez venha amanhã! — Fran me anima. — Aconteceu alguma coisa?

Nego.

— Não que eu saiba. — Dou de ombros. — Ela não tem conversado muito comigo nesses últimos dois dias. Não é muito tempo para que eu esteja alarmado, mas, por algum motivo, estou.

— Acho que você deveria ouvir seus instintos, Bê — Jo declara atrás de mim e eu pulo de susto, pois não a ouvi se aproximando. — Vocês

dois criaram uma sintonia muito forte em pouco tempo, se você sente que algo está errado, talvez seja porque esteja.

Balanço a cabeça, negando.

— Não quero parecer inseguro ou desesperado, Jo. Muito menos sufocá-la. — Lembro-me do me contou do casamento e, definitivamente, não quero ficar em cima dela como o ex-marido. — Se Helena não quer falar agora, posso esperar até que esteja pronta.

— A questão talvez não seja “não querer falar”, Bernardo. — Paro de colocar as pranchas na carretinha e olho para ela, prestando atenção. Jo quase nunca me chama de Bernardo, só quando quer me chamar a atenção ou quando tem algo sério a contar. — Helena pode não saber como falar, meu filho. Acho que você deve ir até ela.

— Agora? — Fran questiona a esposa.

— Agora.

— Bê, eu não acredito nessas coisas todas que ela estuda, mas confio nos instintos da minha mulher. Se ela disse que você tem que ir agora, já perdeu tempo demais aí parado. Vai!

— Você tem certeza de que ela precisa de mim lá nesse momento?

— Tenho. — Ela me puxa para baixo pelo pescoço e beija minha testa. — Boa viagem.

Não penso duas vezes e, do jeito que estou, cheio de areia e sal, com a bermuda úmida do mar e vestindo a camiseta do projeto, entro no carro em direção a São Paulo. Tento manter a calma e não dirigir como um louco, prezando pela minha segurança e a dos outros motoristas, no entanto, minha vontade é sair costurando entre os carros, dirigindo acima da velocidade permitida para chegar o mais rápido possível até onde Helena mora.

Nunca essa estrada me pareceu tão

cumprida e a viagem tão cansativa, por isso, respiro aliviado quando chego na porta do prédio dela, fazendo sinal para o porteiro. O homem, já me reconhecendo, liga para o apartamento dela e então libera minha entrada.

Entro no elevador e aperto não só o botão do andar, como também o de fechar portas para não perder tempo.

Helena me espera na porta do apartamento e arregala os olhos ao me ver.

— O que aconteceu?

Eu rio, porque, provavelmente, sou e pareço um doido varrido, chegando do nada, sem avisar, todo sujo de areia e melado de sal.

Seguro-a pelos ombros e a abraço.

— Senti sua falta hoje. — Confesso.

Ela suspira e me abraça forte.

— Eu também, mas não deu para eu ir. — Encara-me. — Você veio até aqui só porque eu não

fui?

— Você não ligou, e eu fiquei preocupado...

Ela franze o cenho.

— Era só ter ligado. — Ri um pouco nervosa. — O que houve?

Bufo.

— Eu não sei, Helena. Aconteceu algo na quinta-feira e isso mexeu com você a ponto de me evitar e, por mais que possa estar fazendo papel de doido, senti que não era só aquilo que você me disse ao telefone. — Toco seu rosto. — Se abre comigo.

Pela sua expressão, meus instintos realmente estavam certos.

— É melhor você entrar. — Aponta a sala, e eu faço o que ela diz. — Quer comer algo? Tomar um banho?

Rio ao olhar meu estado, os chinelos cheios de areia sujando a sala dela.

— Seria bom, não é? — Fico sem jeito. — Não subi com minha sacola de roupas, então acho que vou ter que ficar assim mesmo, só não quero sujar sua casa.

— Posso buscar suas coisas enquanto você toma banho. — Aceito a oferta e entrego a chave do carro. — Use meu banheiro, você já sabe onde ficam as toalhas.

Sorrio com a lembrança dos nossos banhos.

— Onde está o Heitor?

— No play com minha mãe. — Ela desvia os olhos. — Ele ficou bem triste hoje por não ter ido.

— Por que, Helena? Por que vocês não foram?

— Porque eu queria conversar com você antes, longe dele. — Fecho os olhos, temendo que ela me dispense, que eu tenha que sair das suas vidas. — Vá pro banho, você está emporcalhando

tudo!

Ela tenta brincar, mas nem mesmo seu sorriso é alegre.

Merda! O que foi que houve?

Saio do chuveiro e encontro minha sacola sobre a cama. Visto bermuda e camisa limpas e vou descalço, pois meu chinelo ainda estava molhado, até a sala. Sou recepcionado por um aroma delicioso e meu estômago ronca alto, lembrando-me de que não como há horas.

— Espero que goste de estrogonofe de camarão. — Chego perto dela e a abraço pela cintura. — Bernardo...

— Agradeço a comida, mas estamos sozinhos, vamos conversar.

— Você deve estar com fome e...

— Helena. — Interrompo-a. — Eu vim porque a Jo me disse que talvez você não soubesse como me dizer algo. — Ela arregala os olhos. — Ela disse que eu precisava vir para você me contar. Fale.

Sinto-a trêmula em meus braços e, quando uma lágrima desce entre sua pálpebra fechada, prendo a respiração para suportar o baque de um término. Afasto-me dela para dar espaço sem saber o que fazer nessas circunstâncias, afinal nunca estive em um relacionamento.

— Não era não saber como contar, era medo da sua reação ao saber. — Seca a bochecha e sai da sala, deixando-me sem saber o que fazer. — Acho melhor você sentar, Bernardo.

Volta com uma pasta na mão e isso aguça minha curiosidade. Sento-me em uma das cadeiras de mesa de jantar e vejo-a apoiar a pasta sobre o tampo, mas não se senta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Rubem descobriu que você dormiu aqui alguns dias. — Ela começa, e eu xingo, imaginando que ele tenha feito uma cena por causa disso. Crispo as mãos para segurar a vontade de ir atrás dele e enchê-lo de porrada se magoou a Helena. — Ele foi me ver na quinta-feira no trabalho e exigiu que eu me afastasse de você.

— Helena, você não pode deixar que ele...

— Não! Eu nunca deixaria de te ver por causa dele. Não quero mais que ele controle minha vida, Bernardo. Ele nunca participou da vida do filho, acha que nos faz um favor ajudando a pagar as despesas das terapias, remédios e a educação do Heitor. Além do mais, vive jogando na minha cara que moro de favor no apartamento dele. — Sinto meu sangue ferver ao ouvi-la dizer isso. — Decidi que vou tomar as rédeas da situação, vou procurar um lugar para mim e para meu filho e parar de depender dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele é um imbecil! — Vocifero. — Como pode tratar assim um filho? Eu não entendo isso, Helena.

Ela respira fundo.

— Naquela noite, eu fiz uma descoberta. — Abre a pasta e tira um papel de hospital e me entrega. — Estava conversando com minha mãe e lembramos do dia que Heitor foi internado por causa de uma pneumonia. — Eu leio a guia de internação sem entender. — Rubem apareceu quase de manhã, alcoolizado e disse que não podia nos acompanhar porque tinha ocorrido um acidente com seu carro e que precisava resolver. — Franzo a testa, ainda não vendo onde ela quer chegar. — Olhe a data da internação.

Meu corpo inteiro se arrepia e gela ao ver a data do meu acidente. Aquela madrugada que mudou toda minha vida.

— O que você quer me contar, Helena? —

Pergunto sem desviar os olhos do documento.

— Rubem tinha uma caminhonete bem grande, uma Ram, azul. — Fecho os olhos e solto o fôlego como se tivesse tomado um soco na boca do estômago. — Foi ele o causador do seu acidente, Bernardo.

Eu solto o papel que ela me deu e ponho as mãos no rosto sem entender como isso é possível? Procuramos o condutor da caminhonete azul, olhamos câmeras de vários locais onde ele possa ter passado, um amigo do Nick invadiu o sistema do DETRAN para levantar veículos que pudessem se encaixar no pouco de imagem que tínhamos e nada!

Como, de repente, eu o acho? Olho para Helena e meu coração se aperta ao vê-la chorando calada, apenas lágrimas escorrendo sem parar. Ela sabe disso há dias e não teve coragem de me contar com medo da minha reação? Ela acha que vou culpá-la ou ao Heitor pelo o que um irresponsável

bêbado fez?

Levanto-me e a puxo para meus braços em um abraço apertado, dividindo com ela a dor. Saber quem foi o causador de todas as dores, físicas e emocionais, que passei na vida é como remexer todas essas feridas, mas não muda nada, apenas irá aliviar a sensação de impunidade que sinto cada vez que penso que o filho da puta me deixou lá para morrer, fugiu como um cuzão e nem pensou que poderia haver pessoas gravemente feridas no veículo.

— Você tem certeza? — Pergunto baixinho enquanto ela soluça no meu peito.

— Tenho. — Afasta-se um pouco e pega umas fotos impressas. — A caminhonete.

Vejo fotos do veículo bastante amassado na frente, mesmo para um veículo tão robusto quanto aquele. A cor era estranha, não era toda azul, parecia ter sido pintada com tinta usada para

PERIGOSAS ACHERON

tunning de veículos.

— Está vendo aqui. — Helena aponta. —
Tinta vermelha.

Eu assinto não tendo mais dúvidas. Tenho o dia certo, o carro certo, a cor certa e um vestígio de tinta do meu carro. Eu só não entendo como esse carro voltou a rodar sem que soubéssemos.

Helena, como se adivinhasse meus pensamentos, disse:

— Ele consertou, pintou de outra cor e vendeu. Provavelmente, você nem tinha saído do hospital quando fez tudo isso. — Assinto. — Ele estava bêbado, mas fugiu e fez tudo isso porque lembrava do que tinha feito.

— Sim. — Deixo a foto sobre a mesa. —
Isso não muda nada, Helena.

Ela nega.

— Como não? Eu pesquisei, você ainda pode entregar essas provas e ele ser processado por
PERIGOSAS ACHERON

lesão corporal gravíssima ou tentativa de homicídio e ainda tem a omissão de socorro. Não sou advogada, apenas pesquisei na internet e...

— Helena. — Paro-a. — Eu sei disso, mas não muda nada entre a gente. — Ela segura o fôlego. — Não muda o que sinto por você e pelo Heitor.

— Mas ele precisa pagar, Bernardo. Não pode ficar impune.

— Sim, mas se isso significar que terei que abrir mão de vocês, não farei nada.

— Eu nunca pediria para que você não o denunciasse — Helena esclarece. — E quanto ao Heitor, ele nunca foi pai do meu filho de verdade, meu menino não vai sentir nada por causa disso.

— E você? — Ela estranha a pergunta. — O que você sente com relação a isso tudo?

— É inacreditável! — Concordo. — Parece coisa de novela.

Rio da definição dela.

— A Jo diria que é o nosso destino e esse foi o ponto em que se cruzou e que ligou nossas vidas para sempre.

— Estou começando a acreditar nessas teorias da Jo — brinca, limpando um pouco o rosto, secando suas lágrimas.

— Eu amo você — disparo, e ela fica paralisada. — Sei que estamos juntos há pouco tempo e que você pode precisar de mais um...

— Psiu... — Helena põe a mão sobre meus lábios, impedindo-me de continuar. — Não estraga esse momento. — Sorri e me beija. — Apenas diga de novo.

Respiro fundo e olho-a intensamente.

— Eu amo você!

— Eu também amo você, Bernardo!

Seguro-a firme contra mim, nossos corações batendo juntos, fortes, cheios de emoção. A
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

declaração dela é como um bálsamo em todas as feridas que abri hoje. Helena tem esse poder, de mudar minha vida, minhas perspectivas, de curar a minha alma. Nunca entendi o motivo pelo qual nunca me apeguei a ninguém, mas agora, sentindo o que sinto por ela e pelo Heitor, eu entendo que nada no mundo seria parecido com isso.

Essa sereia que não sabe nadar mergulhou fundo dentro de mim e alcançou lugares que eu nem sonhava que existiam. Foi na escuridão, talvez guiada por seu instinto, sua intuição, que conseguiu dar vida a um coração que nunca bateu por amor.

Não sei se acredito totalmente nas teorias da Jo, mas de uma coisa tenho certeza: eu esperei por ela a vida toda!

PERIGOSAS ACHERON

Trinta e Um

Helena

Minhas pernas doem, meu corpo inteiro está moído, mas nada consegue tirar ou minar a felicidade que trago dentro de mim. Por causa do Bernardo? Vocês podem estar se perguntando. Também, é minha resposta.

O momento mais emocionante da minha vida, sem dúvidas, foi o nascimento do Heitor. Quem é mãe (seja biológica ou de coração) sabe que quando um filho entra em nossas vidas, tudo muda, tudo se transforma e aquele pequeno ser se torna o centro do nosso universo. O segundo momento, com certeza, são esses dias que passaram desde que contei ao Bernardo sobre Rubem.

Naquele mesmo dia, minha mãe conheceu

PERIGOSAS NACIONAIS

esse homem tão especial que, em pouquíssimo tempo, conquistou o meu coração e o coração do meu filho de maneira irrevogável. Dona Alda se derreteu ao ver como Heitor interagia com o Bernardo e isso seria o suficiente para ela tê-lo em alta conta, porém ainda teve mais!

No domingo de manhã, descemos todos — sim, inclusive mamãe — para o Guarujá e ela, além de aproveitar um pouco da praia (coisa que não fazia há anos), ainda assistiu o neto aprendendo a se equilibrar sobre a prancha e desfrutou de um delicioso churrasco feito pelo Bernardo e pelo François.

Ah, nem preciso dizer que mamãe e Jo se tornaram as melhores amigas, né? Subimos a serra com ela a tagarelar todas as previsões que Joana fez para o ano de 2019 ao ler sua mão e ao tirar cartas. Mamãe estava igual pinto no lixo, se esbaldando, pois sempre amou astrologia e esoterismo.

PERIGOSAS ACHERON

Embora tenha sido um final de semana memorável, não consegui dormir de domingo para segunda, pensando em o que Bernardo iria fazer com as provas que lhe entreguei e como Rubem iria reagir.

Fui trabalhar nervosa, olhava para o telefone à espera de mensagem a todo instante, pensava em ligar, mas desistia, porque sabia que ele me informaria assim que resolvesse tudo.

E Bernardo o fez!

Foi me buscar no final do expediente e conversamos dentro do carro.

— Achei melhor procurar um advogado antes de tomar qualquer providência. — Bernardo me contou. — A cunhada da minha irmã, doutora Isabella Villazza, é uma das grandes advogadas aqui de São Paulo, mas não trabalha mais nessa área, então me indicou um advogado criminalista do escritório dela e passamos a tarde conversando.

— A situação é séria, não é?

— Sim, mas eles estão receosos com as provas, Helena, são circunstanciais demais.

— E meu testemunho?

Bernardo respira fundo.

— Você tem certeza? — Concordei. — Se você testemunhar sobre o dia e horário em que ele apareceu, vai ajudar, sim, porém por causa do nosso envolvimento...

— Mas não temos dúvida de que foi ele! — Disse indignada.

— Eu sei. — Ele segurou minha mão. — Isabella falou que, além do processo criminal, há também o cível, de indenização. — Assenti. — Bom, o acidente encerrou minha carreira, além de ter gerado muitos custos, e eu poderia processá-los para receber esse montante. — Respirou fundo. — Sinceramente, não me interessou, mas então o doutor Edgar, o advogado criminalista, me fez

PERIGOSAS ACHERON

pensar que esse dinheiro poderia ser revertido para alguma causa em que eu acredito.

— É verdade, Bê! O que você pensa fazer?

— Acho que a demanda criminal será longa demais. — Ele parecia cansado. — Eu queria muito que ele pagasse e servisse de exemplo, mas as perspectivas pela lei do nosso país não são boas. Marcamos uma reunião e vamos tentar um acordo.

— Bernardo, você acha isso seguro?

— Sim, temos provas para uma briga longa e, como o doutor Navega, que é o sócio da Isabella que também estava presente, afirmou, a família é conhecida por gostar de manter a pose.

— Isso é verdade! Eles tentaram abafar nosso divórcio na época, pediram-me para continuar casada mesmo com separação de corpos, mas não aceitei. Só consegui o divórcio consensual porque Rubem estava louco para se livrar de nós.

Bernardo bufou e me abraçou.

— Vou destinar a indenização, caso tenhamos acordo, a instituições que auxiliam na reabilitação de acidentados e as que ajudam na conscientização de trânsito seguro. — Sorri orgulhosa.

A cada dia, eu via mais o homem maravilhoso que ele era e essa atitude me deixou muito emocionada, e eu creio que não poderia ter pensado em coisa melhor. Sim, seria exemplar se Rubem fosse preso, mas isso se ele realmente pagasse pelo que fez, o que poderia não acontecer. A solução que eles acharam, de doar o dinheiro para apoiar projetos, foi com certeza melhor e mais benéfica.

Como o sócio do escritório e eu mesma previmos, a família de Rubem logo se ofereceu a indenizar para abafar o escândalo de ter o filho envolvido em um caso que pudesse gerar uma enorme repercussão, afinal Bernardo, além de ser

PERIGOSAS ACHERON

herdeiro de uma das maiores *holdings* do Brasil, era também um surfista consagrado.

Concordaram em doar — sem abatimento em impostos — para as entidades apontadas pelo Bernardo e, para minha surpresa, passaram o apartamento onde moro para o nome do Heitor.

Sim! O danado do Bernardo exigiu isso do próprio Rubem, e eu, juro, queria muito ter estado lá para ver isso!

Eu quase não acreditei quando minha ex-sogra me ligou para pedir nossos documentos, afinal eu sou a representante legal do neto dela, para que fizessem a doação e lavrassem a escritura. Não precisaria me mudar, nem pagar aluguel e, muito menos, ficar dando satisfação a ninguém!

Verônica ainda tentou se justificar dizendo que não sabia que o filho tinha forjado um comprovante de salário tão baixo e que, dali em diante, eles mesmos (ela e o marido) iriam arcar

com todas as despesas do tratamento do Heitor.

Foi aí que eu pude comemorar a outra grande notícia da semana: minha promoção no trabalho!

Kyra finalmente decidiu aumentar nossa equipe fixa e contratou mais três pessoas para o escritório, cinco ajudantes para a Mari e Deia na cozinha e dois para ela mesma. Dez pessoas empregadas nesse país e só com isso eu já estava feliz, e então, veio a surpresa. Eu fui promovida a gerente e meu salário apertado teve uma folga boa!

Os negócios haviam crescido, tínhamos eventos marcados para pelo menos mais três anos e a procura por nosso serviço não parava a ponto de recusarmos.

— É hora de sair do casulo e aprender a voar! — Ela disse brindando uma Moët Chandon conosco.

Foi tomada por esse pensamento que eu,
PERIGOSAS ACHERON

humildemente, neguei a ajuda dos meus ex-sogros, rompendo de vez qualquer tipo de amarra que pudesse gerar algum tipo de cobrança no futuro. Eu tinha um teto garantido sobre a cabeça do meu menino, a pensão seria reajustada conforme ela mesma me garantiu e meu salário aumentou.

Era tempo de alçar voo e ser dona da minha vida pela primeira vez.

Assim que vi o Bernardo, depois dessa conversa com Verônica, o acusei:

— Foi você o responsável por tudo isso, não foi?

Ele, com um enorme buquê de lírios nos braços, apenas sorriu e entrou no meu apartamento.

— Não fiz nada além do que vocês mereciam! — Declarou ao me entregar as flores e me puxar para um beijo. — Eles nunca foram presentes na vida do Heitor, eu sei que bens materiais e apoio financeiro não substituem afeto,

como também percebi que aquela família nunca seria capaz de proporcionar carinho a ele. — Bernardo riu sarcástico. — Você tinha que ver como Rubem me olhou! Como se eu fosse lixo só porque usava uma prótese! Ainda teve a audácia de me chamar de aleijado, depois pediu desculpas, dizendo que não foi em tom pejorativo. Ele acha que eu já não passei por isso, o idiota!

— Ele é que é um aleijado! Falta caráter, amor e, acima de tudo, falta humanidade!

— Sim, foi por isso que pensei em proteger vocês, em garantir que Heitor tivesse o que é seu por direito, ainda que não tivesse o principal, o carinho do pai e dos avós.

— Ele tem a mim e a mamãe...

— E a mim, Helena. — Abri um enorme sorriso ao ouvir isso. — Eu amo aquele menino como se fosse meu filho, ele é meu amigo, eu quero ser para ele um porto seguro, um apoiador, alguém

que ele sempre poderá confiar.

— Você já tem sido, Bernardo! — Disse emocionada. — Ver vocês dois juntos é...

Não pude terminar de falar porque Heitor correu pela sala e abraçou o Bernardo com força, como se tivesse escutado o que estávamos conversando. Meu filho estava agradecendo da forma mais sincera e natural do mundo, através de um abraço.

Bernardo não se fez de rogado e ergueu-o para apertá-lo forte também. Heitor gargalhou, o som se espalhando pela sala, tão raro, tão desejado, tão perfeito. Fui chamada pelo Bê para um abraço coletivo e senti o coração enternecer com a imagem que fazíamos.

Eu não tinha dúvidas de que seríamos uma família um dia.

A semana das festas passou rapidamente, mas do que é o habitual para mim. Além de
PERIGOSAS ACHERON

resolver os últimos ajustes do baile de ano novo dos Villazzas, ainda passei pelo nervosismo de uma ceia de Natal com a família Novak de Toledo.

Bernardo e eu conversamos com dona Cecília e Gilberto e eles, para conforto do meu filho, decidiram fazer uma reunião pequena, um jantar familiar. Eu insisti que não precisava, mas eles fizeram questão, alegando que preferiam assim.

Então, na noite do dia 24 de dezembro, Bernardo levou mamãe, Heitor e eu, para cearmos com sua família.

A casa estava decorada como um sonho, parecendo aqueles filmes de Natal que vemos na Netflix. Além da enorme árvore, cheia de presentes embaixo, tinha guirlandas, meias, bengalas, além do próprio bom velhinho com suas renas.

Na sala principal da mansão, apenas um presépio, antigo e com cara de muito valioso,

PERIGOSAS ACHERON

enfeitava o ambiente com sua manjedoura vazia. Os pais de Bernardo, bem como seus irmãos, Nicholas e Giovanna, nos receberam com muito carinho e fizeram de tudo para que a noite fosse memorável.

Mia, sobrinha de Bernardo, chegou de mansinho perto de Heitor, tentando envolvê-lo com suas brincadeiras, porém foi só quando Bê entregou seu presente que meu filho foi brincar com a menina. Um enorme cenário com soldadinhos de chumbo! Agradei o presente e a sensibilidade dele ao se lembrar que é o brinquedo preferido do Heitor, e ele apenas estendeu uma sacolinha em minha direção.

Era uma joia, um colar de ouro com pingente de água marinha em formato de coração. Um coração azul, cheio de significados! Nunca senti tanta emoção com um presente, mas aquele trazia nossa história, a sua própria e a do meu filho.

— Feliz Natal! — Desejou-me assim que colocou o colar em mim. — Amo você!

— Você é meu presente, Bernardo! — Ele me beija na testa e, em seguida, nos lábios. — Te amo demais!

Acabamos dormindo por lá mesmo, minha mãe e Heitor em um dos quartos de hóspedes enquanto Bernardo realizava sua fantasia comigo em seu quarto de solteiro. Ele nunca namorou, então nunca levou uma garota para transar na casa dos pais. Sinceramente, eu fiquei bem tensa, mas depois do primeiro beijo — vocês sabem onde — tudo o que eu queria era dar e sentir prazer.

Passamos o resto da noite assim, nus, entre beijos, tapinhas, mordidas e gemidos. Foi uma verdadeira loucura, e eu amei cada momento insano que tivemos.

No dia seguinte, a casa encheu mais, porém Heitor estava tão entretido jogando xadrez com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gilberto de Toledo que nem se incomodou com a algazarra dos três filhos de Frank Villazza, o CEO da rede de hotéis para qual estávamos organizando o baile beneficente, e os dois filhos do outro irmão, Tony, que junto com a Mia quase puseram a casa abaixo.

O sexteto arrancou risadas de todos com suas brincadeiras, apresentações teatrais e musicais, todas organizadas pela mais esperta do grupo: Laura Villazza, a filha mais velha de Frank, embora fosse gêmea de Lucca, um menino doce e muito inteligente, que acabou indo jogar com Heitor, substituindo Gilberto.

Revi cada um deles e fiquei feliz que eles não só se lembraram de mim, mas também elogiaram muito meu trabalho no casamento de Nick e Gio. Frank anunciou a todos que eu trabalhava agora com Kyra Karamanlis e estava organizando o baile de fim de ano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dona Silva e o senhor Andreas já sabiam, pois comentamos isso no almoço em que estavam presentes, mas foi uma surpresa para Marina e Isabella, esposas de Tony e Frank, respectivamente.

Pelo o que eu pude entender, esse ano, todos decidiram passar o Natal no Brasil, pois, daqui a alguns meses, o patriarca da família Villazza iria completar 80 anos e seus filhos e netos iriam passar uns dias com ele na Itália. Eu confesso que me diverti muito com eles ali, podia ver o quanto eram unidos e quanto amor envolvia aquela família.

Os Villazzas e os Novak pareciam uma só família e nos integraram de forma tão especial que fizeram com que mamãe e eu sentíssemos que éramos parte dela também.

Aquele foi meu último dia de descanso!

Do dia 26 até hoje, dia 31 de dezembro, eu mal tive tempo de falar com Bernardo ao telefone.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Chegava em casa tão cansada que só tomava um banho para relaxar e dormir, saindo de manhã bem cedo e recomeçando a correria para os preparativos do baile.

Sorrio ao olhar em volta, tudo nos seus devidos lugares, cada fornecedor cumpriu seu prazo e o salão nobre do Villazza SP está irreconhecível! A imponência de um circo vintage de luxo transformou o salão em um picadeiro. As mesas, os arranjos de flores, tapetes, cortinas, enfim, tudo tem muita cor, principalmente tons de vermelho e dourado. A roupa obrigatória é: branco para mulheres e o tradicional smoking preto para os homens.

Vou até a recepção do evento, montada como se fosse uma bilheteria antiga, e confiro as pulseiras e as máscaras que serão trocadas pelos convites. Somente ali temos 10 pessoas trabalhando essa noite, a fim de evitar filas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Helena, você conseguiu verificar com o pessoal da TrackSound se eles trouxeram o repertório selecionado?

A voz de Kyra ressoa no meu comunicador.

— Fiz isso ontem e há alguns minutos, Kyra — respondo, conferindo todos os itens da minha planilha. — A decoração ficou esplêndida, acabei de sair do salão, você se superou!

— É tão diferente ver pronto, não é? Por mais que o projeto tenha sido feito em 3D, não é a mesma coisa que sentir a atmosfera do lugar.

— Não, mesmo! Está lindo demais!

— Você verificou a banda? — Rolo os olhos, mas relevo porque sei que ela é controladora por natureza.

— Encontrei com eles na suíte que reservamos e posso garantir que já estão prontos e muito elegantes, como sempre, pare de me aporrinhar, vai dar tudo certo.

PERIGOSAS ACHERON

Ela respira fundo.

— Você sabe que ele virá essa noite, não sabe?

Ah, Kyra! Quando ouço sua voz tão sentida, tenho vontade de colocá-la no colo.

— Eu sei, minha amiga, e acredite em mim quando digo que se sentirá orgulhoso de você!

— Foda-se ele, Helena! — Tenta disfarçar sua fragilidade momentânea. — Eu só quero mostrar que venci, sozinha, sem precisar dele para nada!

Eu sei que não é isso! Penso. Nunca entendi direito essa “relação” de amor e ódio que ela tem com o irmão mais velho. Os dois não se falam há anos, mas, vez ou outra, Kyra o traz a nossas conversas e é um dos poucos momentos que vejo algum sentimento naquela mulher tão jovem e tão dura.

— Você vai! — Encorajo-a. — Essa vai ser
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua noite, Kyra!

PERIGOSAS ACHERON

Trinta e Dois

Helena

Assim que termino de falar com Kyra, sigo para a cozinha principal do hotel onde Mari e Deia acompanham a execução do jantar — assinado por um chef internacional que não cobrou cachê em prol do baile.

Encontro-as embasbacadas com o homem — que deve ter pouco mais de 1.50m de altura, mas que tem um espírito de liderança nato.

— Tudo certo por aqui, meninas? —
Pergunto a elas.

Apesar de estarmos acompanhando, nenhuma das duas trabalha ou mesmo pode interferir no trabalho da equipe. Kyra sempre que faz festa sem que esteja incluída a comida e bebida,

faz questão de conhecer a equipe ou empresa que fará essa parte. Porém, como o tal chefe só chegou ao Brasil ontem à noite e Kyra nunca viu suas criações, escalou nossas chefs para observar e alertar caso algo precise ser resolvido com urgência.

— Bem? O homem é uma máquina de organização! — Marília parece encantada. — Sem contar... — Ela aspira fundo. — Sente isso! — Eu faço o mesmo e chego a gemer ao sentir o aroma do que eles estão fazendo. — Já virei fã do cara!

— Ele é um pouco arrogante. — Deia complementa. — Mas é fera!

Observo mais um pouco e depois saio da cozinha, indo até outra suíte para falar com o pessoal do teatro que estava já se preparando para ir para o salão. Suspiro satisfeita ao ver o nível das fantasias, o capricho de cada maquiagem. Sei o quanto demorou para conseguir achar uma

PERIGOSAS ACHERON

companhia que estivesse apta a esse evento, e ter contratado atores que também são circenses foi nosso maior acerto. O espetáculo ia ser lindo!

Lindos arlequins, malabares e contorcionistas se agrupavam com colombinas, mágicos ilusionistas e equilibristas. O mestre de cerimônias vestido com seu fraque listrado, usando bengala, monóculo e cartola era uma atração à parte.

Olho minha lista e confirmo que já está tudo em ordem. Ajusto o relógio do celular para a primeira contagem regressiva da noite: a abertura oficial do evento. A cada coisa programada, farei o mesmo ao longo da noite, para que sempre possa controlar o tempo e não ter nenhum atraso. O celular vai emitindo um som a cada meia hora e, com isso, não preciso ficar olhando-o.

— Helena? — Ouço a voz da Kyra. — Preciso que você vá até a suíte Roma, temos um

PERIGOSAS ACHERON

problema lá.

Olho para minha planilha, mas não encontro a tal suíte listada entre as que reservamos.

— Tem certeza que é a Roma? — Inquiro, indo em direção aos elevadores. — Temos reservada a Sienna, Venice e Verona.

— Tenho, sim, o chamado veio da Roma.

O primeiro bipe é disparado no meu ouvido, e eu fico tensa.

— Kyra, falta meia hora pra abertura oficial, o que foi que deu errado?

— Não sei, vai lá!

As suítes nomeadas com cidades italianas são as que ficam abaixo das superluxo, porém não encontro a Roma. Encontro uma camareira no corredor e peço informação e ela me explica que essa é uma das luxuosas suítes do andar de cima.

— Lá ficam as suítes Napoli, Roma e Milão, são as cidades berço dos Villazzas.

Agradeço a informação e subo mais um andar, achando finalmente o lugar indicado, porém achando muito estranho que tenhamos reservado suítes daquele nível para nossos apoios, fico tensa só de imaginar ter que pagar a diferença, pois não estava incluída no nosso orçamento. Essas benditas suítes são só mais baratas que as da cobertura!

Bato à porta e pasmo ao ver Kyra com um sorriso bobo no rosto. Não tenho tempo nem para o clichê: “o que você está fazendo aqui?”, pois sou puxada para dentro de uma só vez.

Mais uma vez, meu queixo cai.

— Kyra, o que é isso? — Pergunto, olhando dois profissionais de salão com uma enorme parafernália.

— Essa é sua programação? — Toma o tablet da minha mão. — Ah, ótimo! Me dá o comunicador e o celular.

— Kyra... — Ainda não entendo o que está

acontecendo.

— A Jacqueline vai te substituir hoje. — Arregalo os olhos ao pensar na novata conosco há pouco mais de uma semana. — Eu já treinei algumas coisas com ela e sei que dá conta. — Sacode meu tablet. — Você é muito detalhista, graças a Deus!

— O que está acontecendo? — Refaço a pergunta mais uma vez.

— Seu namorado queria você no baile com ele, sabia?

— Claro que sim, mas, como expliquei, não posso!

— Pode! Está sendo dispensada do trabalho. — Arregalo os olhos. — Ou melhor, seu trabalho agora é deixar que Luíza e Ramon a deixem ainda mais linda para essa noite. — Abraça-me. — Você merece por tudo o que passou e tudo o que conquistou esse ano, Lena! — Sorrio emocionada,
PERIGOSAS ACHERON

secando as lágrimas dos olhos. — Eu espero que o vestido sirva! — Pisca para mim e sai da suíte, deixando-me nas mãos dos profissionais.

Entro no elevador apressada, pois estou quase uma hora atrasada. O baile já começou e eu, que estava louca para ver tudo funcionando, não vi o número de abertura, os malabares com balizas de fogo recebendo os convidados.

Olho-me no espelho e suspiro mais uma vez, reconhecendo-me, mas sem poder acreditar que sou eu mesma. Ajeito o vestido mais uma vez querendo matar a Kyra por tamanha ousadia, rezando para que a iluminação do local esteja a meu favor.

Paro no saguão e vejo a escada, linda e opulenta, que dá acesso ao salão nobre. Subo-a com

PERIGOSAS ACHERON

cuidado, desviando-me de hóspedes e convidados que aproveitam a decoração para tirar fotos. Sinto olhares sobre mim e meu rosto queima, porém tento não pensar nisso, querendo chegar o mais rápido possível como a Cinderela, para aproveitar o baile ao lado do meu príncipe.

A recepção faz meu corpo inteiro arrepiar, pois, quando estava aqui, horas atrás, não imaginava que eu seria uma das convidadas a trocar convite por pulseira e máscara. Confirmo que não há filas, mas lembro-me do adiantado da hora e que então eu não poderia saber o que houve na abertura. Espero que tudo tenha corrido bem.

Sinto um olhar intenso sobre mim e encaro a pessoa, retendo o fôlego ao reconhecer o irmão mais velho de Kyra, Theodoros Karamanlis. Ele cumprimenta-me com a cabeça, parecendo levemente surpreso ao me reconhecer como parte da equipe da empresa da irmã, afinal, ano passado,

PERIGOSAS ACHERON

trabalhei na festa de final de ano da sua empresa aqui mesmo nesse hotel, só que no outro salão.

Entrego meu convite e recebo os itens obrigatórios da festa. Ponho a máscara rendada de cor preta, achando incrível esse efeito de homens com máscara branca e mulheres com a escura.

Entro no salão e meu coração dispara ao ver, com as luzes especiais ligadas e todas as velas dos candelabros acesas, a perfeição da decoração da Kyra. O ar-condicionado deu conta de refrescar o ambiente, mesmo tendo suas saídas de ar parcialmente bloqueadas pelos tecidos de brocado vermelho e dourado que imitavam a lona de um circo.

É, com certeza, o trabalho mais primoroso da Kyra!

Um garçom passa por mim, oferecendo champanhe e eu, pela primeira vez, bebo em uma festa que organizei, sem nenhuma preocupação.

Olho em volta em busca do Bernardo, mas não o acho em lugar nenhum. A iluminação ainda está baixa e, com todos de máscaras, é difícil encontrá-lo.

— Precisa de ajuda? — Ouço sua voz às minhas costas enquanto sinto seus dedos deslizarem pela pele exposta pelo decote, seguindo da nuca até a cintura.

— Não encontro meu par dessa noite — falo baixinho, deleitando-me com a sensação dos dedos quentes sobre minha pele gelada.

— Hum, talvez ele a encontre... — Sua boca desliza pelo meu pescoço, livre por causa dos cabelos presos. — Uma mulher como você, eu encontraria até com os olhos vendados.

Rio, adorando a sedução.

— Eu não sei se ele sabe que estou aqui...

— Ele sabe, participou de tudo. — Ri. — Queria muito dançar com você essa noite, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que fosse de terninho preto, mas sua chefe se compadeceu daquela pobre alma e o ajudou a deixar você ainda mais deslumbrante do que já é.

Ele morde minha orelha, se encosta mais em mim e desliza a mão por dentro do meu vestido até alcançar minha nádega direita e apertá-la.

— Bernardo... — Gemo.

— O vestido foi um erro de cálculo... — Sua mão desliza mais para baixo e entra no meio das minhas pernas. — Eu só penso em foder você agora, Helena!

— Está cheio de gente aqui... — advirto-o como se não estivesse vendo.

Ele puxa minha calcinha e brinca na minha entrada já levemente molhada.

— Deliciosa! — Tira a mão rápido e me vira. — Estou morrendo de saudades!

Sorrio.

— Eu também!

PERIGOSAS ACHERON

Beijamo-nos com intensidade, atracados um no outro ao som de um repertório francês antigo, envolvidos pelos perfumes das flores e o sabor do champanhe em nossas línguas.

— Adorei a surpresa! — Confesso, abraçada com ele.

— Era impossível ter você aqui tão perto, porém longe dos meus braços. — Cheira meus cabelos. — Você está linda!

— Obra da Kyra — digo sem jeito. — O vestido é...

— Perfeito! — Ele se afasta para olhar-me com detalhes.

O decote arredondado do tomara-que-caia, a cauda ao estilo sereia que se abre aos meus pés e, claro, o decote drapeado nas costas, profundo e revelador. Mas o mais impressionante ele ainda não viu.

Mal acabo de pensar nisso e as luzes todas

PERIGOSAS ACHERON

se acendem e, como sei da programação de cor, espero a voz do mestre de cerimônias ecoar nos alto-falantes. Bernardo parece extasiado, o olhar fixo em mim.

— Uma sereia! — Sorri. — Você disse a ela que eu...

Fico vermelha e assinto.

Sim, eu comentei com minha amiga que Bernardo me chama de sereia, e ela, propositalmente, escolheu um vestido branco, modelo sereia, todo cravejado de cristais furta-cor, que brilham em vários tons de azul e verde, em um degradê que começa leve no busto e se acentua na cauda.

É uma tonalidade muito fugaz, dependendo do jeito em que a luz incide nos cristais, porém com todas as lâmpadas acesas, mostra-se intensamente.

— É perfeito, Helena! — Bernardo sorri. — Você é perfeita!

— Não está muito chamativo? — Ele ri e me puxa para seus braços de novo.

— Dança comigo?

Gargalho.

— Não temos música!

Mal acabo de falar e soam os primeiros acordes da música de abertura, cantada originalmente por Tony Bennett, mas brilhantemente interpretada pelo cantor da orquestra. Bernardo me estende a mão e, nervosa como em um primeiro baile, aceito-a.

— Danço mal — avisa-me. — E tem pouco a ver com a perna. — Ri. — Era obrigado a dançar com mamãe nos bailes da FIN e odiava cada segundo.

— Se não quiser...

— Eu convidei! — Interrompe-me. — Quero dançar com você, Helena. — Olha-me. — Quero com você coisas que não quis com mais

ninguém. — Meu coração dispara. — Quero te amar, te proteger, te respeitar. — Sua mão na minha cintura me puxa para mais perto. — Quero ser seu e que você seja minha.

— Eu sou...

— Eu sei! — Sorri. — Eu cheguei a questionar o tempo. Há menos de um mês, nos encontramos lá na praia, mas todas as certezas que nunca tive em toda minha vida, tenho agora. Eu quero ser parte da sua vida, quero ser o pai do Heitor... — Seguro o fôlego. — Quero ser seu companheiro, amigo, amante e, quando você estiver pronta, quero ser seu marido.

— Bernardo...

Meus olhos estão cheios de lágrimas, e eu tenho que me esforçar para não as verter, tamanha emoção.

— Eu amo você, tenha certeza disso, e posso esperar o tempo que for até que vocês dois

PERIGOSAS ACHERON

estejam prontos para me aceitar, para seremos uma família.

A sensibilidade dele com relação ao meu filho, ao tempo de adaptação às mudanças que um casamento trará ao Heitor me comovem e fortalecem meu amor por Bernardo.

Fecho os olhos e encosto-me em seu peito, embalada não mais pelo som da orquestra, mas pela batida de seu coração. Agradeço silenciosamente por tê-lo ao meu lado, feliz por ser amada e pelo privilégio de amá-lo também.

Epílogo

Bernardo

Um ano depois

O sol já está alto no céu, mas eu continuo sentado sobre minha prancha, esperando o momento certo, aguardando aquela onda perfeita que virá e transformará meu dia. Abaixo de mim, no meu pé, sinto a corrente marinha passar, às vezes quente outras, geladas, mas não me apresso, conheço essas águas, sei que falta pouco.

Ao longe, ouço os sons da praia, vozes dos expectadores, do narrador saindo no alto-falante, organizando os competidores.

E lá, junto com a multidão que acompanha o campeonato mundial, estão minha esposa e meu

filho. Abro um sorriso de satisfação pensando nos dois, na minha família, a razão dos meus dias.

O baile dos Villazzas foi um marco, não só para a WA, pois nos possibilitou expandir o projeto para Santos, mas principalmente para mim. Depois do que disse a Helena, começamos a construir as bases para que pudéssemos ficar juntos.

O namoro era gostoso, ficava cada vez melhor, nossas transas eram espetaculares! Eu fazia amor com ela e agora sabia a diferença, não eram trepadas apenas, era amor! Havia carinho, cumplicidade, sacanagem, cuidado, safadeza. Tudo isso misturava-se com um sentimento tão forte que não conseguia explicar de onde vinha.

Eu passei a dormir alguns dias da semana no apartamento deles para que Heitor se acostumasse a me ver mais por ali, a tomar café da manhã comigo e até que eu o arrumasse para ir ao colégio. Eu queria fazer parte de tudo o que dizia

PERIGOSAS ACHERON

respeito a eles.

Comecei a ir em algumas de suas sessões de terapia, conversei com a professora e com a mediadora para entender o processo educacional, no que eu poderia ajudar principalmente e o acompanhei ao seu primeiro torneio de natação.

A primeira noite em que dormiu no meu apartamento, Helena e eu acordávamos a cada barulho, preocupados de ele estranhar o lugar, mas, assim como no Guarujá, dormiu feito uma pedra e de manhã éramos nós, os adultos, a bocejar o dia todo.

Estive presente quando teve uma crise gerada pela frustração de não conseguir avançar em um jogo. Contive-o, conversei com ele, recebi pontapés e mordidas e retribui com carinho e palavras de conforto.

Heitor ficou aquela semana toda agitado, mas sem agressividade. Conversamos com a
PERIGOSAS ACHERON

terapeuta, que suspendeu jogos eletrônicos, e continuamos sua rotina até que se acalmasse.

Nunca o tinha visto em crise e isso despertou em mim a vontade de saber mais, de ter meios para ajudá-lo. Conversei com a Jo, e ela me passou uma lista de livros interessantes, os quais li e reli várias vezes. Passei a assistir documentários, a ler relatos de famílias e me inteirar cada vez mais do assunto.

Helena teve anos de vivência, e eu, mesmo tendo chegado há poucos meses, queria ser apoio para ela, alguém em quem confiasse para dividir as responsabilidades de criar um filho especial.

Tive que viajar por duas semanas, a fim de cobrir um campeonato no Havaí, mas ligava por vídeo todos os dias para que Heitor me visse, ouvisse minha voz e que acompanhasse todas as coisas maravilhosas que eu estava vendo.

— Um dia você virá comigo, campeão! —

Prometi. — Esse aqui é o lugar onde o mar é especial, é o berço do surfe!

Nas férias de julho, Nick nos convidou a passar uns dias com ele no Haras. Helena ficou encantada com o convite, pois estava apaixonada pelo Lorenzo, meu sobrinho que na época tinha pouco mais de dois meses. O haras foi uma surpresa para nós!

Heitor se soltou naquele lugar, se divertiu como nunca na companhia de Mia, andou a cavalo, pescou nos açudes, brincou no meio das pastagens. Ele estava demais! Meu coração se enchia de esperança e alegria a cada progresso, mesmo que pequeno. Pouco se sabe sobre o autismo, nem como ocorre e nem se é possível a cura, mas é fato que há progressos com as terapias, acompanhamento médico e, principalmente, o carinho, respeito e a paciência da família.

Outra coisa que se desenvolveu, e muito,
PERIGOSAS ACHERON

durante nossa estada no haras foi a vontade de me casar com Helena. Não queria mais dormir alguns dias da semana no seu apartamento e outros no meu. Queria minha família comigo, debaixo do meu teto. Cada vez que a via paparicar Lorenzo, me vinha a vontade de fazer o pedido e de conversar sobre filhos.

Eu quero ter mais um filho, mas nunca tinha perguntado o que ela pensava sobre a possibilidade de ser mãe novamente.

Estávamos os dois trabalhando muito. Ela fazendo eventos atrás de eventos, e eu com algumas viagens ocasionais para cobrir campeonatos, fazer matérias, além dos compromissos da WA.

No último dia no haras, depois de termos transado loucamente, provido de coragem talvez pelas pingas do Nick, fiz meu pedido:

— Helena, quer casar comigo?

Ela riu no começo, achando que estava

PERIGOSAS ACHERON

bêbado, mas, quando percebeu que eu falava sério, começou a chorar. Eu, claro, entrei em pânico, achando que ela me rejeitaria e soltei o ar igual a um balão furado depois de ouvir seu sim.

— Eu pensei que você nunca fosse pedir — confessou debochando, depois que terminamos mais uma rodada de orgasmos.

O casamento aconteceu no primeiro sábado de primavera, em setembro, à tarde, na mesma praia onde nos conhecemos. Ela estava linda em um vestido que na verdade era um maiô de renda branca com uma saia longa de tecido fino, transparente e esvoaçante. Eu estava de bermuda branca e camisa de linho azul-claro. Helena tinha os cabelos trançados com flores, e eu usava chapéu.

Apenas nossos familiares e amigos íntimos participaram da cerimônia e do jantar oferecido por dona Cecília na casa do Guarujá. Tudo foi perfeito, exatamente do jeito que planejamos. Passamos a

PERIGOSAS ACHERON

lua-de-mel em Angra, na ilha particular dos Villazzas, pois não queríamos nos afastar muito de casa.

Fomos para lá no iate do Nick, novinho, e desfrutamos muito!

Rio ao lembrar do susto que ela tomou ao descobrir a gravidez, exatamente um mês depois. Isso acontece quando se esquece de tomar a pílula por alguns dias, ela explicou-me constrangida.

Peguei-a no colo e disse que estava muito feliz com o esquecimento dela. Porra, eu estava feliz demais! A primeira pessoa para quem contamos a novidade, claro, foi Heitor, depois para minha sogra e, enfim, contei aos meus pais. Mamãe não se coube de alegria e organizou uma festa para comemorar, apenas entre nós, mas, ainda assim, foi um festão! Seu filho rebelde, o caçula irresponsável, iria ser pai!

Acho que a gravidez da mulher que amamos

causa algum distúrbio sério nos futuros papais, porque comecei a falar com sua barriga e, pasmem, com uma voz irreconhecível que arrancava risadas de Helena. Só não parei com essa coisa estranha, porque, sem querer, trouxe um resultado surpreendente!

Heitor começou a fazer o mesmo!

Tocava levemente a barriga da mãe e falava baixinho, fazendo tanto eu quanto Helena chorarmos de emoção. Era a coisa mais linda que alguém podia fazer, um gesto tão imenso de amor que não sabíamos como agradecer pelo privilégio de assistir a isso.

Quando saiu a lista dos classificados para o campeonato mundial de surfe adaptado, eu não tive dúvidas! Queria minha família comigo.

Conversamos com a terapeuta do Heitor, que ficou preocupada com as muitas horas de voo até os Estados Unidos e, de lá, até o Havaí, mas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda assim, decidimos arriscar e deu tudo certo. Meu filho ficou encantado com isso aqui, com a beleza da ilha de Oahu.

De repente, alguma coisa me deixa alerta, meu corpo inteiro sente, e as lembranças se dissipam, dando lugar a total concentração no movimento do mar. Abro um sorriso, sei que é agora, ela veio, a onda que esperava chegou!

Deito-me sobre a prancha e acompanho o ritmo, até que começo a remar o mais rápido que consigo e, quando ela bate na prancha e tudo fica leve, levanto-me, já calculando o tempo para todas as manobras que preciso executar para pontuar bem nessa fase.

A onda é perfeita demais e tudo sai como planejado. Jogo-me no mar, curtindo ainda a excitação de ter cumprido meu desafio pessoal de ter tido paciência para aguardar o momento certo de surfar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto ando em direção à praia, ouvindo as congratulações dos meus companheiros, enxergo a mulher que transformou minha vida, que deu sentido ao que antes era vazio e frio e preencheu minha alma com alegria e cor. De mão dada com ela está o menino que tocou meu coração, que entrou nele sem pedir licença e me concedeu a alegria de ser seu pai.

Abro um sorriso quando vejo Helena repousar a mão sobre sua barriga, levemente inchada, carregando nossa pequena princesa Vitória, que chegará para adicionar mais amor e união à nossa família.

— Ei, Bê! — Renato, um companheiro de equipe, me chama. — Com suas notas, é bem capaz de sair daqui com o prêmio, *brou!*

Ah, ele não sabe, mas estou olhando para o maior prêmio que já conquistei nessa vida!

PERIGOSAS ACHERON

Fim.

[1] Manobra onde se entra num tubo segurando na borda da prancha (rail) ficando assim de costas para a onda (backside).

[2] Lê-se Agápi (amor, em grego).

[3] Uma das marcas mais famosas desse tipo de cafeteira.

[4] Terapeuta ocupacional.

[5] Ah, mais uma mulher italiana nessa família!

[6] Uma criança!

[7] Bendita seja!